

PATRICIA D. CORNWELL

CONTÁGIO CRIMINOSO



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PATRICIA D. CORNWELL

Contágio criminoso

Título original americano

Unnatural exposure

1997

Tradução

CELSONO Nogueira

Companhia das Letras

2001

Sinopse

Um cadáver apareceu no meio do lixo, num aterro sanitário da Virgínia. Detalhes como a amputação habilidosa da cabeça e dos membros lembram casos que a Dra. Kay Scarpetta examinou na Irlanda, onde esteve recentemente para pronunciar uma série de conferências. As vítimas lá eram de várias raças e idade estimada entre dezoito e 35 anos; em nenhum dos casos a cabeça foi encontrada.

A investigação se tornará um inferno, um jogo macabro em que o assassino fará contato pela internet e assinará as mensagens com um apelido adequado: Deadoc – Doutor Morte. Na tela do computador da médica-legista surgirão imagens nauseantes: fotos tiradas por Deadoc para mostrar até que ponto é dotado da mais alta competência para o assassinato.

Scarpetta descobre que pode ter sido contaminada por um vírus, pois a vítima sofria de varíola ou algo similar. O homicida que está enfrentando, diferente de todos, é certamente um psicopata com acesso a armas biológicas letais e sofisticadas. E Deadoc parece disposto a fazer o que for preciso para vê-la sofrer – como se fosse impulsionado por motivos muito pessoais.

Considerado um dos livros mais eletrizantes de Patricia D. Cornwell, *Contágio criminoso* desenvolve-se num ritmo preciso, tensionado ao máximo, com detalhes intrincados e personagens meticulosamente construídas. A Dra. Kay Scarpetta, como sempre, dá um verdadeiro show como especialista em medicina legal, mostrando tudo o que sua ciência pode oferecer quando se trata de solucionar um crime.

Mas Kay Scarpetta é muito mais do que uma excelente legista e uma detetive de inteligência finíssima. Patricia Cornwell lhe deu uma humanidade que faz o leitor virar as páginas não apenas para descobrir o assassino, mas para acompanhar, fascinado, os conflitos dessa mulher corajosa e, a seu modo, extremamente feminina.

A jornalista americana Patricia D. Cornwell deixou a reportagem policial para se tornar escritora e, a partir daí, especializou-se em acumular prêmios e frequentar listas de best-sellers. Dela a Companhia das Letras já lançou *Post-mortem*, *Corpo de delito*, *Restos mortais*, *Desumano e degradante*, *Lavoura de corpos*, *Cemitério de indigentes* e *Causa mortis*.

Para Esther Newberg

Visão, Sem Medo

*Veio, depois, um dos sete anjos que tinham as sete ampolas,
cheias dos sete últimos flagelos...*

APOCALIPSE 21:9

1

A noite fria e límpida envolvia Dublin; lá fora o vento gemia como um milhão de gaitas de fole a tocar no firmamento. Rajadas chacoalhavam as folhas da janela do quarto ancestral, como se espíritos alados o sobrevoassem enquanto eu ajeitava os travesseiros outra vez até encontrar uma posição confortável, deitada de costas entre os lençóis de linho da cama revirada. Mas o sono não queria vir e as imagens do dia retornavam. Via corpos sem cabeça nem membros e me sentei na cama, suando.

Acendi a luz e de repente o hotel Shelburne me recebeu com seu brilho aconchegante de madeira velha e xadrez vermelho-escuro. Vesti o robe e olhei para o telefone ao lado do leito onde mal dormira. Quase duas da madrugada. Em Richmond, Virgínia, eram cinco horas mais cedo. Pete Marino, comandante da divisão de homicídios da polícia local, ainda devia estar acordado. Provavelmente assistia televisão e fumava, comendo alguma porcaria. Isso, caso não tivesse saído.

Disquei o número e ele atendeu o telefone na hora, como se esperasse a ligação.

"Gostosuras ou travessuras?" Dava para perceber que estava meio alto. "Ainda faltam duas semanas para o Dia das Bruxas", falei, já arrependida de ter ligado.

"Doutora?" Ele fez uma pausa, confuso. "É você? Já voltou para Richmond?" "Continuo em Dublin. Resolveu dar uma festa?" "Estou com uns amigos tão feios que aqui todo dia é Dia das Bruxas, e eles nem precisam de máscaras. Ei! Bubba está blefando!" "Você sempre acha que todo mundo blefa", respondeu uma voz ao fundo. "Passou tempo demais na polícia." "Deixa de falar besteira! O Marino não consegue detectar nem o próprio budum." Gargalhadas etílicas entremeavam comentários debochados, ao fundo.

"Estamos jogando pôquer", Marino explicou. "Mas, afinal, que horas são aí?"

"Nem queira saber", respondi. "Tenho notícias desagradáveis, mas acho melhor não tocar no assunto agora."

"Nada disso. Pode contar. Espere só até eu levar o telefone para o outro lado. Droga, odeio quando o fio fica todo enrolado, entende? Puxa vida."

Ouvi passos pesados e uma cadeira sendo arrastada. "Pronto, doutora. Então, mas que diacho aconteceu aí?"

"Passei a maior parte do dia discutindo os casos dos aterros sanitários com o patologista forense do governo. Marino, cada vez suspeito mais que os esquartejamentos em série na Irlanda são obra da mesma pessoa que andou atacando na Virgínia."

Ele levantou a voz. "Ei, vocês, esperem um pouco que eu já volto."

Marino afastou-se mais dos amigos, notei pelo barulho, enquanto eu me cobria melhor com a colcha. Tomei o último gole do Black Bush que levava para a cama. "A doutora Foley cuidou dos cinco casos de Dublin", prossegui. "Repassei todos eles. Torsos. Colunas seccionadas horizontalmente no lado posterior da quinta vértebra cervical. Braços e pernas cortados nas juntas, o que é inusitado, como já ressaltai. Vítimas de várias raças, idades estimadas entre dezoito e trinta e cinco. Todas não identificadas e registradas como homicídios por meios inespecíficos. Em nenhum dos casos a cabeça foi encontrada, os restos mortais estavam sempre em aterros sanitários pertencentes a particulares." "Caramba, isso me parece bem familiar", ele disse.

"Há outros detalhes. Mas as semelhanças são mesmo profundas."

"Quer dizer que o maníaco pode estar nos Estados Unidos, a esta altura", ele disse. "Acho que foi uma boa ideia você ter ido até aí, afinal de contas."

Sua opinião inicial não fora essa. Na verdade, ninguém me apoiara. Eu chefiava o Departamento de Medicina Legal da Virgínia, e quando o Royal College of Surgeons me convidou para uma série de conferências na faculdade de medicina de Trinity, não pude deixar escapar a oportunidade de investigar os crimes de Dublin. Marino

achou que era perda de tempo, enquanto o FBI considerou a pesquisa valiosa somente do ponto de vista estatístico.

As dúvidas eram compreensíveis. Mais de dez anos se passaram desde os homicídios na Irlanda, e, como nos casos da Virgínia, havia raríssimas pistas. Nada de impressões digitais, dentição, conformação craniana ou testemunhas para identificar cadáveres. Não tínhamos amostras biológicas das pessoas desaparecidas para comparar com o DNA das vítimas. Desconhecíamos a causa da morte. Portanto, seria muito difícil afirmar qualquer coisa a respeito do assassino, exceto que em minha opinião ele tinha experiência com serra de cortar carne e provavelmente usava uma profissionalmente, ou pelo menos usara durante algum tempo.

"O último caso conhecido na Irlanda ocorreu há uma década", disse a Marino. "Nos últimos dois anos tivemos quatro na Virgínia."

"Então você acha que ele passou oito anos inativo?", ele disse.

"Por quê? Estaria cumprindo pena por algum outro crime?"

"Não sei. Talvez tenha matado em outro lugar e ninguém tenha sido capaz de relacionar os casos", retruquei enquanto ouvia os sons sobrenaturais do vento.

"Houve mortes em série na África do Sul", ele pensou em voz alta, pastosa. "E também em Florença, na Alemanha, na Rússia e na Austrália. Merda, se a gente começa a pensar, crimes assim estão acontecendo em qualquer lugar. Ei!" Ele cobriu o bocal do telefone. "Por que você não fuma seu próprio cigarro? Está pensando que isto aqui é a casa da mãe joana?" Vozes masculinas urraram ao fundo; alguém pôs um disco de Randy Travis.

"Pelo jeito vocês estão se divertindo bastante", falei secamente. "Por favor, não me convide no ano que vem."

"Bando de animais", ele resmungou. "Não me pergunte por que faço essas coisas. Eles sempre bebem tudo o que eu tenho em casa e trapaceiam com o baralho."

"O modus operandi nesses casos é bem específico." Usei um tom de voz duro, para ver se ele ficava mais sóbrio.

"Concordo", Marino disse. "Então se o cara começou em Dublin, talvez seja bom procurar um irlandês. Acho melhor você voltar logo para casa." Ele arrotou. "A gente precisa ir a Quantico e discutir tudo isso. Já falou com Benton?"

Benton Wesley comandava a Unidade de Investigação de Crimes em Série e Sequestros de Crianças, conhecida como CASQU. Marino e eu éramos consultores. "Ainda não tive oportunidade", respondi hesitante. "Talvez seja melhor você passar as informações a ele. Voltarei para casa assim que for possível."

"Amanhã seria uma boa ideia."

"Ainda não terminei a série de conferências aqui", falei.

"Querem conferências suas no mundo inteiro. Aposto que você poderia passar o resto da vida fazendo isso", ele disse, e intuí que pretendia me dar um sermão.

"Exportamos nossa violência para outros países", falei. "O mínimo que podemos fazer é contar a todos o que sabemos, o que aprendemos em muitos anos investigando esse tipo de crime..."

"As conferências não são o motivo para sua demora na terra dos duendes, doutora", ele me interrompeu enquanto abria um maço de cigarro. "Não são, e você sabe disso muito bem."

"Marino", preveni, "não comece."

Mas ele insistiu. "Desde o divórcio de Wesley você arranja uma desculpa atrás da outra para cair fora, sair da cidade. E não quer voltar para casa agora, dá para perceber pelo seu tom de voz, porque não consegue enfrentar a situação, usar seu cacife e correr o risco. Se você quer mesmo saber, tem hora em que a gente precisa pôr as fichas na mesa..."

"Já entendi." Fui gentil ao cortar seus conselhos bem-intencionados e inconvenientes. "Marino, não passe a noite em claro."

A repartição da legista situava-se no número 3 de Store Street, na frente da Alfândega e da estação rodoviária central, perto das docas e do rio Liffey. O prédio de tijolo era antigo e baixo, havia um

portão preto e pesado, de chapa de ferro, fechando o beco que dava para os fundos, com a palavra morgue pintada em letras brancas e garrafais. Galguei os degraus até a entrada georgiana, toquei a campainha e aguardei na neblina.

As árvores começavam a amarelar, quase outonais naquela manhã fria de terça-feira. Tendo dormido mal, eu sentia o corpo pesado. Os olhos ardiam, a cabeça doía e o que Marino me dissera antes de eu quase bater o telefone na cara dele me afligia.

"Bom dia." O administrador me cumprimentou animado, ao abrir a porta. "Está tudo bem com a senhora, doutora Scarpetta?" Chamava-se Jimmy Shaw aquele jovem bem irlandês de cabelo vermelho como o fogo e olhos azuis como o céu.

"Na medida do possível", confessei.

"Chegou bem na hora, eu estava fazendo chá", ele disse, fechando a porta antes de seguir pelo corredor estreito e mal iluminado que conduzia a sua sala. "Pelo jeito, uma xícara vai lhe fazer muito bem." "Seria ótimo, Jimmy", falei.

"A doutora está terminando um inquérito." Ele consultou o relógio enquanto entrávamos em seu escritório diminuto e lotado. "Chegará a qualquer momento." Cobrindo a mesa vi o grande livro preto destinado aos relatórios do legista, encadernado em couro grosso. Antes de eu chegar ele estava lendo uma biografia de Steve McQueen e comendo torradas. Logo me ofereceu uma caneca de chá, sem perguntar como eu gostava, pois àquela altura já sabia.

"Quer uma torrada com geleia?", perguntou, como fazia todas as manhãs. "Já comi no hotel, obrigada", eu disse, dando a resposta de sempre. Ele se sentou na escrivaninha.

"Isso nunca me impediu de comer de novo." Ele sorriu, pondo os óculos. "Vamos repassar sua agenda. A primeira conferência começa às onze da manhã, depois temos outra à uma da tarde. Ambas na faculdade, no prédio antigo da patologia. Calculo cerca de setenta e cinco estudantes em cada uma, mas pode haver mais. Não sei. A senhora é muito popular por aqui, doutora Kay Scarpetta", ele disse,

simpático. "Ou talvez a violência americana seja algo exótico para nós." "Seria o mesmo que chamar uma praga de exótica", falei.

"Bem, não podemos negar o fascínio pelas coisas que a senhora vê." "Acho que isso me incomoda", falei de modo amigável mas sombrio. "Vocês não deveriam se fascinar demais." Fomos interrompidos pelo telefone, que ele atendeu com a impaciência de quem faz isso com frequência excessiva.

Após ouvir um pouco, ele retrucou bruscamente: "Está certo. Bem, não podemos fazer uma encomenda desse porte por enquanto. Ligo para você mais tarde". "Estamos esperando um computador há anos", ele se queixou a mim após desligar. "O dinheiro é difícil de sair quando se tem um governo socialista." "Nossas verbas serão sempre insuficientes. Mortos não votam." "É mesmo. Que azar. Bem, qual será o assunto do dia?", ele quis saber. "Homicídios sexuais", respondi. "Especificamente, o papel desempenhado pelo DNA." "E os esquartejamentos que a interessam tanto?" Ele bebeu um pouco de chá. "A senhora acha que têm um caráter sexual? Quero dizer, seria essa a motivação de quem cometeu os crimes?" Seus olhos brilhavam de curiosidade. "Sem dúvida esse é um dos elementos", respondi.

"Mas como a senhora pode saber disso, se nenhuma das vítimas foi identificada? Não poderia ser alguém que mata apenas por esporte? Como o Filho de Sam, por exemplo?" "Os atos do Filho de Sam tinham uma conotação sexual", falei, olhando em torno à procura de minha amiga patologista. "Você acha que ela ainda vai demorar muito? Estou com muita pressa, infelizmente." Shaw consultou o relógio outra vez. "Pode procurá-la. Suponho que tenha ido ao necrotério, acabamos de receber um corpo. Rapaz jovem, suspeita de suicídio." "Vou ver se consigo encontrá-la." Levantei-me.

Perto da entrada, na ponta do corredor, ficava a sala de audiências onde se realizavam os inquéritos sobre mortes não naturais. Isso incluía acidentes de trabalho e de trânsito, homicídios e suicídios. Corria tudo em segredo, *in camera*, pois a imprensa irlandesa era proibida de divulgar muitos detalhes. Entrei num salão

austero, frio, onde entre bancos envernizados e paredes nuas alguns homens guardavam documentos em suas maletas.

"Estou procurando a legista", falei.

"Ela saiu há uns vinte minutos. Creio que surgiu um caso", um deles explicou.

Deixei o prédio pela porta dos fundos. Atravessei o pequeno pátio do estacionamento e me dirigi ao necrotério, de onde saía um senhor idoso. Parecia desorientado, quase cambaleava enquanto olhava para um lado e para outro, confuso. Por um instante ele me encarou como se eu tivesse alguma resposta e meu coração se condoeu.

O assunto que o trouxera ali não poderia ser agradável. Observei-o cruzar apressado o portão quando a Dra. Margaret Foley surgiu subitamente, correndo atrás dele com os cabelos grisalhos despenteados.

"Meu Deus!" Ela quase trombou comigo. "Foi só eu lhe dar as costas por um minuto e ele fugiu." O homem saiu, deixando o portão escancarado na fuga. Foley atravessou o estacionamento correndo para passar o trinco no portão. Quando se aproximou de mim novamente estava sem fôlego e quase tropeçou numa saliência do piso. "Kay, você chegou muito cedo", ela disse.

"Parente?", perguntei.

"O pai. Saiu sem identificá-lo, antes mesmo que eu pudesse cobrir o corpo com o lençol outra vez. Isso vai me ocupar o dia todo." Ela me levou até o pequeno prédio de tijolo do necrotério, com mesas de autópsia de porcelana que estariam melhor num museu de medicina e um antigo aquecedor de ferro que não esquentava nada. O ar era gelado e não existiam equipamentos modernos, com exceção das serras elétricas para autópsia. Uma luz cinzenta e fraca entrava pelas claraboias leitosas, mal iluminando o lençol branco a cobrir o corpo que o pai não suportara ver.

"Esta sempre é a pior parte", ela dizia. "Ninguém deveria ter de olhar os corpos que estão aqui." "Enforcou-se na viga do celeiro", continuou contando enquanto trabalhava. "Sofria de alcoolismo e

depressão, mas estava fazendo terapia. O de sempre. Desemprego, mulheres, drogas. Ou eles se enforcam ou pulam da ponte." Ela me olhou de relance enquanto recarregávamos um carrinho hospitalar. "Graças a Deus não há muitas armas de fogo. Não possuímos nem aparelho de raios X aqui." Foley era uma mulher esguia, usava óculos de aro grosso antiquados e adorava tweed. Conhecêramo-nos alguns anos antes em Viena, num congresso internacional de medicina forense, na época em que patologistas forenses do sexo feminino eram raridade, especialmente na Europa. Rapidamente nos tornamos amigas. "Margaret, vou ter de voltar aos Estados Unidos antes do que imaginava", falei, respirando fundo, olhando em volta, constrangida. "Não consegui pregar o olho na noite passada." Enquanto acendia o cigarro ela me observava atentamente. "Posso conseguir cópias de todo o material que você precisar. Qual é a urgência? As fotografias demoram uns dias, mas posso mandá-las pelo correio." "Sempre há uma certa urgência quando alguém assim está solto por aí", falei. "Não me agradaria nada saber que ele se tornou um problema seu, agora. Eu esperava que ele tivesse desistido, depois de tantos anos." Ela bateu a cinza do cigarro, irritada, exalando a fumaça forte do tabaco popular inglês. "Vamos parar um pouco. Já sinto os sapatos apertados, meus pés incharam. É duro envelhecer caminhando neste piso duro." No saguão havia duas poltronas baixas de madeira, num canto, e uma maca, onde Foley apoiava o cinzeiro. Colocou os pés sobre uma caixa e deleitou-se com o vício.

"Nunca vou me esquecer daqueles pobres coitados." Ela voltou a comentar a série de assassinatos. "Quando o primeiro chegou aqui, pensei que fosse coisa do IRA.

Nunca vira gente retalhada daquele jeito, exceto em atentados a bomba." O comentário me fez lembrar de Mark de um modo que eu não queria. Minha mente divagou para o tempo em que ele ainda vivia e nós nos amávamos. De repente, ele invadiu meus pensamentos, sorrindo com seus olhos radiantes e maliciosos, olhos eletrizantes que valorizavam ainda mais seu riso solto. Foi quase o tempo todo assim durante o curso de direito em Georgetown, farras

e rugas, noites em claro, impossível saciar a sede de um pelo outro. Com o tempo, casamos com outras pessoas, nos divorciamos e tentamos ficar juntos outra vez. Ele marcava o ritmo da minha vida; vinha, ia, depois telefonava ou batia na porta para partir meu coração e quebrar minha cama.

Eu não conseguia tirá-lo da cabeça. Ainda não me parecia possível que uma bomba numa estação de trem em Londres tivesse posto fim ao nosso tempestuoso relacionamento.

Não conseguia imaginá-lo morto. Não era possível visualizá-lo, faltava uma última imagem capaz de me apaziguar. Eu não vira o corpo, fugira de qualquer contato, como o velho dublinense que não quis olhar o filho. Percebi que Foley estava me falando alguma coisa.

"Lamento", ela repetiu com tristeza no olhar, pois conhecia bem meu passado. "Eu não pretendia evocar recordações dolorosas. Você já parece estar sofrendo muito, esta manhã." "Você levantou uma questão interessante." Tentei bancar a corajosa. "Suspeito que o assassino que procuramos tenha muito a ver com um terrorista que usa bombas.

Não se importa com quem morre. As vítimas são pessoas sem rosto nem nome. São apenas símbolos em sua maligna crença pessoal." "Você ficaria muito sentida se eu fizesse uma pergunta a respeito de Mark?", ela disse.

"Pergunte o que quiser", sorri. "Você faria isso de qualquer jeito." "Você já esteve lá, onde tudo aconteceu? Visitou o lugar em que ele morreu?" "Não sei onde foi", respondi imediatamente.

Ela me encarou, fumando.

"Quero dizer, não sei qual foi o local exato, na estação ferroviária." Quase gaguejei, na evasiva.

Ainda sem dizer nada, ela esmagou o cigarro com o sapato.

"Na verdade", prossegui, "não me lembro de ter ido à Victoria Station depois da morte dele. Acho que não passei por aquela estação específica, não precisei pegar nenhum trem que saísse de lá. Nem que chegasse. Pelo que me recordo, na última vez desci em

Waterloo." "A única cena de crime que a grande doutora Kay Scarpetta se recusa a visitar." Ela tirou outro Consulate do maço. "Quer um?" "Só Deus sabe quanto. Mas não posso." Ela suspirou. "Eu me lembro de Viena. Aquele monte de homens e nós duas fumando mais do que eles." "Provavelmente o motivo para fumarmos tanto fosse aquele monte de homens." "Talvez fosse a causa, mas para mim duvido que haja cura. Isso apenas prova que as coisas que fazemos não guardam relação com o que sabemos, pois os sentimentos não possuem cérebro." Ela acendeu o fósforo. "Já vi pulmões de fumantes. E um bocado de fígados cheios de gordura." "Meu pulmão melhorou desde que parei. Mas não posso garantir nada sobre o fígado", falei. "Ainda não larguei o uísque." "Não faça isso, pelo amor de Deus. Você ia virar uma chata", ela fez uma pausa e acrescentou, enfática, "mas claro que os sentimentos podem ser orientados, educados para não conspirarem contra nós." "Provavelmente vou embora amanhã." Retomei a questão.

"Você precisará ir a Londres primeiro, trocar de avião." Ela me encarou.

"Passe um dia lá." "Como?" "A história não terminou, Kay. Sinto isso há muito tempo. Você precisa enterrar Mark James." "Margaret, por que você resolveu insistir nisso de repente?" As palavras me traíram novamente.

"Sei quando alguém está fugindo de alguma coisa. É o que acontece com você, assim como com esse assassino." "Puxa, que reconfortante saber disso", retruquei, irônica, pois não queria continuar a conversa.

Mas ela não pretendia deixar que eu escapasse, dessa vez. "Por motivos muito diferentes e muito semelhantes. Ele é mau, você não. Mas nenhum dos dois quer ser apanhado." Eu estava encurralada, e ela sabia disso. "E quem ou o que está tentando me pegar, na sua opinião?" Adotei um tom leve, mas sentia os olhos úmidos.

"A esta altura, calculo que seja Benton Wesley." Desviei a vista para além da maca e do pé pálido que saía para fora do lençol, com uma etiqueta de identificação pendente. A luz do teto mudava

conforme as nuvens passavam pelo sol, e o cheiro de morte nos ladrilhos e pedras datava de um século.

"Kay, o que você quer fazer?", ela perguntou carinhosamente, enquanto eu enxugava os olhos.

"Ele quer casar comigo", falei.

Tomei o avião de volta para Richmond, os dias formaram semanas e o tempo esfriou. A geada embranquecia as manhãs e eu passava as noites na frente da lareira, pensando e remoendo. Tanta coisa a ser dita e resolvida, mas eu me comportava como sempre, mergulhando cada vez mais fundo no labirinto do trabalho, até não achar mais a saída. Estava deixando minha secretária louca.

"Doutora Scarpetta?", ela chamou; seus passos ressoavam estridentes no piso frio da sala de autópsia.

"Aqui", respondi, elevando a voz acima do ruído da água corrente. Eu me lavava com sabonete antisséptico no vestiário da morgue, naquele 30 de outubro.

"Por onde você andou?", Rose perguntou ao entrar.

"Trabalhando num cérebro. A morte súbita do outro dia." Ela consultava minha agenda, virando as páginas. Usava o cabelo grisalho cuidadosamente preso atrás e um conjunto bordo que parecia apropriado a seu estado de espírito. Rose andava furiosa comigo desde que eu viajara a Dublin sem me despedir. Depois de voltar me esqueci de seu aniversário. Fechei a torneira e enxuguei as mãos.

"Inchaço, com aumento da saliência sinuosa na superfície cerebral e estreitamento das cissuras, tudo compatível com encefalopatia isquêmica provocada pela aguda hipotensão sistêmica", citei.

"Estive à sua procura", ela disse, prestes a perder a paciência.

"O que foi que eu aprontei desta vez?", perguntei, erguendo as mãos.

"Você deveria ter ido almoçar com Jon no Skull and Bones."
"Minha nossa." Sofri ao pensar nele e nos outros residentes médicos

com quem raramente conversava, por falta de tempo.

"Eu a lembrei do compromisso, hoje de manhã. Você se esqueceu dele na semana passada, também. Ele precisa muito conversar sobre a residência, sobre a Clínica Cleveland." "Eu sei, eu sei." Consultei o relógio, sentindo uma culpa enorme. "Uma e meia. Talvez ele ainda possa passar na minha sala para tomar um café." "Você tem depoimento às duas, conferência telefônica às três sobre o caso Norfolk-Southern. Preleção a respeito de ferimentos por arma de fogo na Academia de Ciência Forense às quatro e reunião às cinco com o investigador Ring, da polícia estadual." Rose prosseguiu com a lista.

Eu não gostava de Ring e muito menos do seu modo agressivo de tratar os casos policiais. Quando o segundo torso foi encontrado, ele se meteu na investigação e parecia pensar que sabia mais do que o FBI.

"Posso dispensar Ring", falei secamente.

Minha secretária estudou meu rosto por um longo tempo, enquanto ouvíamos o barulho da água e das esponjas na sala de autópsia vizinha. "Vou cancelar o encontro com ele, assim você poderá receber Jon." Ela me olhou por cima dos óculos, como uma professora severa. "Depois, vá para casa descansar. Isso é uma ordem. Amanhã, doutora Scarpetta, não me apareça por aqui. Não quero ver nem sua sombra passar pela porta." Tentei protestar, mas ela me cortou.

"E nem adianta argumentar", prosseguiu com firmeza. "Você precisa de uma folga por uma questão de sanidade mental. Um fim de semana prolongado. Eu não sugeriria isso se não fosse indispensável." Ela tinha razão, e a ideia de passar um dia cuidando de mim melhorou meu ânimo.

"Não há nada que não possa ser adiado", acrescentou. "Além disso", disse sorrindo, "o tempo melhorou e vai fazer calor, mais de vinte graus, com direito a céu azul e tudo o mais. As folhas estão lindas, os álamos atingiram o tom de amarelo mais perfeito. Os bordos parecem ter pegado fogo. Além do mais, é Dia das Bruxas.

Você pode recortar uma careta na abóbora." Peguei o casaco e os sapatos no armário. "Você deveria ter sido advogada", falei.

2

Acordei animada no dia seguinte, com o tempo bom previsto por Rose. Assim que as lojas abriram saí para comprar balas e doces para as crianças e os ingredientes do jantar, seguindo depois de carro até Hull Street, meu centro de jardinagem predileto. As plantas de verão haviam secado no jardim e eu não suportava a visão dos talos ressequidos nos vasos. Almocei e fui para a frente da casa, carregando sacos de terra vegetal, caixotes de mudas e regador.

Abri a porta para permitir que o som de Mozart me alcançasse e cuidadosamente plantei os amores-perfeitos nos canteiros bem adubados. A massa de pão crescia, um ensopado caseiro cozinhava no fogão e o odor de alho, vinho e terra úmida penetrava minhas narinas enquanto eu trabalhava. Marino vinha jantar comigo, depois distribuiríamos barras de chocolate às crianças fantasiadas da vizinhança. O mundo foi um lugar agradável de se viver até as três e trinta e cinco, quando o pager vibrou em minha cintura.

"Droga", resmunguei, vendo o número de meu serviço de mensagens. Corri para dentro, lavei as mãos e peguei o telefone. O serviço me deu o número do detetive Grigg no departamento de polícia da comarca de Sussex. Liguei imediatamente.

"Grigg", respondeu um sujeito de voz grave.

"Aqui é a doutora Scarpetta", falei, olhando desanimada através da janela para os grandes vasos de barro que continham hibiscos mortos.

"Que bom. Obrigado por ligar tão depressa. Estou aqui, no telefone celular, não posso contar muita coisa." Ele falava no ritmo do antigo Sul, sem pressa. "Onde exatamente você está?", perguntei.

"No aterro sanitário Atlantic, em Reeves Road, perto da 460 East. Encontraram uma coisa em que a senhora vai querer dar uma espiada, acho." "É o mesmo tipo de coisa que já apareceu antes, em

locais semelhantes?", perguntei, mantendo o tom obscuro conforme o dia parecia escurecer. "Infelizmente, leva jeito", ele disse.

"Explique como se chega aí, estou a caminho." Eu estava de calça comprida suja de terra e com uma camiseta do FBI que minha sobrinha Lucy me dera, mas não daria tempo de trocar de roupa. Se eu não examinasse o corpo antes de escurecer ele teria de permanecer onde estava até o dia seguinte, o que seria inaceitável. Peguei a valise médica e corri para a porta, deixando sacos de terra, mudas e gerânios espalhados pela entrada. Claro, o tanque do meu Mercedes preto estava quase vazio. Primeiro parei no posto Amoco e pus gasolina, depois fui para o local.

O percurso deveria exigir uma hora, mas eu pisei fundo. A luz diminuía, refletindo na face inferior das folhas, e as roças de milho já estavam amarelo-escuras nos quintais e sítios. Os campos eram mares verdes encrespados de soja, cabras pastavam soltas nos quintais de casas descuidadas. Havia para-raios espalhafatosos enfeitados com bolas coloridas em esquinas e elevações. Eu sempre pensava no vendedor que passara por ali feito um vendaval, usando o medo alheio para empurrar o equipamento.

Avistei os silos de grãos para os quais deveria estar atenta, segundo as instruções de Grigg. Entrei em Reeves Road, passei por casinhas de tijolo aparente, trailers com caminhonetes velhas e cães sem coleira. As placas anunciavam Mountain Dew e Virgínia Diner, atravessei trilhos ferroviários e levantei poeira vermelha como se fosse fumaça. Na frente, os urubus bicavam animais atropelados e o lugar parecia pleno de maus presságios.

Reduzi a marcha na entrada do aterro sanitário Atlantic e parei, olhando a paisagem lunar desolada, onde o sol se punha como um planeta pegando fogo. Caminhões de lixo refletiam a luz nas partes cromadas enquanto se arrastavam morro acima, rumo ao topo da montanha de lixo. Escavadeiras Caterpillar amarelas pareciam escorpiões prontos a dar o bote. Vi uma nuvem de poeira vindo na minha direção, do depósito de lixo, e quando se aproximou em alta velocidade reconheci um Ford Explorer vermelho e sujo a chacoalhar

no caminho esburacado. O jovem que o dirigia parecia se sentir em casa naquele lugar.

"Em que posso ajudá-la, senhora?", ele disse, com sotaque sulista carregado, traindo ansiedade e excitação.

"Sou a doutora Kay Scarpetta", esclareci, mostrando o distintivo dourado na carteirinha de couro preto que sempre exibia nas cenas de crime onde não conhecia ninguém.

Ele examinou a credencial e seus olhos se fixaram nos meus, sombrios. Sua camisa de brim estava encharcada de suor, o cabelo molhado na nuca e nas têmporas.

"Disseram que o legista estava a caminho, e que era para eu esperá-lo", ele me disse.

"Pois bem, sou eu mesma", respondi delicadamente.

"Sim, senhora. Não quis insinuar nada..." Sua voz sumiu enquanto seus olhos se desviavam para o Mercedes, completamente coberto por uma camada fina e persistente de poeira. "Sugiro que deixe o carro aqui e venha comigo", acrescentou. Percorri com a vista o depósito de lixo, vi as escavadeiras com suas pás e caçambas imóveis ao crepúsculo. Dois carros de polícia sem identificação e uma ambulância me esperavam no local da ocorrência, os policiais parecendo bonequinhos perto da traseira de um caminhão um pouco menor do que os outros. Alguém cutucava o solo com uma vara, ao lado, e eu sentia crescer a impaciência de ver logo o corpo.

"Tudo bem", falei. "Vamos lá." Estacionei o carro, apanhei a valise médica e o traje usado nas cenas de crimes no porta-malas. O rapaz me observava em curioso silêncio. Sentei-me no banco do motorista com a porta escancarada, calcei as botas de borracha marcadas e foscas de anos de serviço em florestas e brejos, atrás de pessoas assassinadas e afogadas. Vesti a camisa de brim confiscada de meu ex-marido, Tony, durante um casamento que presentemente não me parecia real. Depois entrei no Explorer e protegi as mãos com duas camadas de luvas. Enfiei a máscara cirúrgica na cabeça, deixando-a pender em volta do pescoço.

"Acho que faz muito bem em usar isso", o motorista falou. "O cheiro aqui é terrível. Eu que o diga." "Não é por causa do cheiro", expliquei. "Os micro-organismos me preocupam muito mais." "É mesmo", ele disse, inquieto. "Talvez eu devesse usar uma máscara, também." "Você provavelmente não chegará perto o bastante para correr risco de contaminação." Ele não respondeu, mas não tive dúvida de que já se aproximara mais do que o indicado. Resistir à tentação de olhar estava além da capacidade da maioria das pessoas. Quanto mais repugnante o caso, mais isso era verdade.

"Peço desculpas pela poeira", ele disse, quando passamos por um lagoinho rodeado de varas de ouro floridas, no qual alguns patos nadavam. "Sabe, espalhamos lascas de pneu por todo lado, para manter a poeira baixa, e um caminhão-tanque esguicha água por cima. Mas no fundo não resolve muito." Nervoso, ele fez uma pausa antes de continuar. "Recebemos três mil toneladas de lixo por dia, aqui." "De onde?" "Littleton, Carolina do Norte, Chicago." "E quanto a Boston?", perguntei, pois os quatro primeiros casos poderiam ter origem em locais mais distantes.

"Não, senhora." Ele balançou a cabeça. "No futuro, pode ser. Cobramos muito menos por tonelada, aqui. Vinte e cinco dólares, enquanto em Nova Jersey cobram sessenta e nove e em Nova York, oitenta. Além disso, fazemos reciclagem, teste de resíduos tóxicos e coletamos gás metano do lixo em decomposição." "Funciona o dia inteiro?" "Vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana", declarou, orgulhoso.

"Existe alguma maneira de saber de onde vêm os caminhões?" "Sim, pelas coordenadas do sistema de localização por satélite que usamos. No mínimo, dá para dizer quais caminhões descarregaram o lixo durante um determinado período, na área onde o corpo foi encontrado." Passamos por uma poça funda perto de Porta-Johns e o lava-rápido, onde os caminhões eram limpos com mangueiras possantes antes de retornar às vias e auto-estradas do mundo normal.

"Acho que nunca tivemos nada do gênero por aqui", ele disse. "Bem, ouvi dizer que encontraram pedaços de gente no lixão de

Shoosmith. Pelo menos, é o que corre por aí." Ele me olhou de esguelha, achando que eu poderia confirmar a veracidade do boato. Mas não comentei suas palavras enquanto a Explorer enfrentava a lama misturada às lascas de pneu e o cheiro acre do lixo em decomposição tomava conta de tudo. Minha atenção se concentrava num caminhão pequeno que eu vinha observando desde que chegara ali, enquanto meus pensamentos voavam em mil direções diferentes. "Sabe, meu nome é Keith Pleasants." Ele limpou a mão na calça e a estendeu para mim. "Prazer em conhecê-la." Cumprimentei-o com a mão enluvada num ângulo esquisito, enquanto sujeitos com os narizes tapados por lenços e panos observavam nossa aproximação. Conteí quatro homens reunidos em volta de um equipamento que agora eu reconhecia, um compactador hidráulico usado para esvaziar caminhões e comprimir o lixo. Na porta haviam pintado os dizeres Cole's Trucking Co. "Aquele ali, que está revirando o lixo com uma vara, é o investigador de Sussex", Pleasants me disse.

Era um sujeito de meia-idade, em mangas de camisa, que usava o revólver na cintura. Achei que já o conhecia de algum lugar.

"Grigg?", tentei adivinhar, lembrando o nome do detetive com quem conversara pelo telefone.

"O próprio." O suor escorria pela cara de Pleasants, que parecia cada vez mais tenso. "Sabe, nunca tivemos problemas com a polícia por aqui, nem mesmo uma multa por excesso de velocidade." Reduzimos a marcha e paramos. Eu mal enxergava através da poeira espessa.

Pleasants segurou a maçaneta da porta.

"Espere um instante antes de sair", eu disse a ele.

Aguardei até a poeira baixar, olhando pelo para-brisa, examinando os arredores do local como costumava fazer ao me aproximar de onde jazia um cadáver. A pá da escavadeira parara no ar, a meio caminho do alto, o compactador sob ela quase lotado. Por todos os lados do aterro sanitário sons e cheiros dos motores a diesel mostravam que o serviço não parava nunca. Só ali o trabalho

fora interrompido. Por um momento, observei os caminhões brancos a subir a ladeira, as máquinas removendo o lixo das caçambas, os compactadores comprimindo o solo com seus rolos dentados. O corpo seria transportado pela ambulância, e os paramédicos me olhavam pelas janelas empoeiradas, protegidos pelo ar condicionado no interior do veículo, esperando para ver o que eu ia fazer. Quando me viram posicionar a máscara cirúrgica sobre o nariz e a boca e abrir a porta, resolveram descer também. As portas foram fechadas com estrondo. O detetive veio imediatamente em minha direção.

"Detetive Grigg, do Departamento de Polícia de Sussex", ele se apresentou. "Liguei para a senhora."

"Você esteve aqui o tempo todo?", perguntei.

"Desde que recebemos o aviso, por volta da uma e meia. Fiquei aqui para garantir que ninguém mexesse em nada, doutora." "Com licença", disse um dos paramédicos. "Vai precisar de nós agora?" "Só daqui a uns quinze minutos. Alguém irá chamá-los", falei. Eles resolveram não perder tempo voltando à ambulância. "Preciso de espaço para trabalhar", avisei aos restantes.

Os pés rangeram quando eles se afastaram para abrir caminho, revelando o que estavam observando boquiabertos. A pele parecia anormalmente pálida na luz fraca da tarde outonal, o torso não passava de uma saliência medonha que rolara de uma pilha de lixo e parara de costas. Calculei que fosse caucasiano, mas não tinha certeza, e os vermes que cobriam a área genital dificultavam determinar o sexo de imediato. Não poderia nem afirmar com certeza se a vítima era adolescente ou adulta. A quantidade de gordura no corpo era anormalmente reduzida, as costelas se projetavam na pele lisa do peito chato, que poderia ou não ser feminino. Agachei-me ao lado do corpo e abri a valise médica. Recolhi vermes com a pinça e os guardei num jarro para que o entomologista os examinasse depois. Inspecionando melhor a vítima, concluí que se tratava de uma mulher. Fora decapitada no início da espinha dorsal e tivera braços e pernas amputados. Os tocos haviam escurecido e secado com o passar do tempo, e vi logo de cara que havia uma diferença entre aquele caso e os outros.

Aquela mulher fora desmembrada por cortes retos diretamente através dos ossos fortes do úmero e do fêmur, e não nas juntas. Peguei o bisturi e notei que os homens me olhavam fixamente enquanto eu fazia uma incisão de um centímetro no lado direito do torso para inserir um termômetro clínico comprido. Posicionei o segundo termômetro em cima da maleta. "O que você está fazendo?", perguntou um homem de camisa xadrez e boné de beisebol que parecia a ponto de vomitar.

"Preciso saber a temperatura do corpo para determinar a hora da morte. A temperatura interna do fígado é a mais precisa", expliquei com paciência. "Além disso, preciso saber a temperatura ambiente, para efeito de cálculo." "Faz calor, disso eu sei", falou outro homem. "Parece que é uma mulher." "Seria prematuro afirmar isso", retruquei. "Aquele compactador é seu?" "Sim." Era jovem, de olhos escuros e dentes muito brancos, com tatuagens nos dedos que eu normalmente associo a ex-presidiários. Usava uma bandana suada em volta da testa, amarrada atrás. Não conseguia manter os olhos no torso por muito tempo sem desviá-los.

"No lugar errado e na hora errada", ele acrescentou, balançando a cabeça numa demonstração de hostilidade.

"O que você quer dizer com isso?" Grigg pregara os olhos nele. "Não veio no meu caminhão. Tenho certeza", o motorista afirmou, como se essa fosse a questão mais importante de sua vida. "A escavadeira o tirou do fundo, quando estava espalhando a minha carga." "Então não sabemos quando o corpo foi jogado aqui?", perguntei, perscrutando os rostos que me rodeavam.

Pleasants se encarregou de responder: "Vinte e três caminhões descarregaram neste local desde as dez da manhã, sem contar este último aqui". Ele olhou para o veículo.

"Por que dez da manhã?", perguntei, considerando a hora um tanto arbitrária para iniciar a contagem dos caminhões.

"Porque foi quando pusemos a última camada de lascas de pneu. Seria impossível o corpo estar aí antes disso", Pleasants explicou, olhando para o cadáver. "Na minha opinião, ele não deve estar aí há

muito tempo, de qualquer maneira. Se tivesse sido esmagado por um compactador de cinquenta toneladas com rodas dentadas, ou por um caminhão, a aparência dele não seria essa." Ele olhou para outros pontos nos quais o lixo compactado era retirado dos caminhões para ser espalhado e comprimido por tratores enormes. O motorista do caminhão estava ficando cada vez mais agitado e contrariado.

"Temos máquinas de grande porte circulando pelo local", Pleasants acrescentou.

"E elas praticamente não param." Olhei para o caminhão e para a retroescavadeira com sua caçamba vazia. Um pedaço de saco de lixo preto esvoaçava na caçamba erguida. "Onde está o operador da escavadeira?", perguntei.

Pleasants hesitou antes de responder. "Era eu. Um dos operadores ficou doente.

Aí me pediram para trabalhar na máquina." Grigg aproximou-se da escavadeira, olhando para o que restava do saco de lixo agitado pelo vento quente e fedorento.

"Conte o que você viu", ordenou a Pleasants.

"Não vi quase nada. Estava descarregando o caminhão dele." Apontou para o motorista. "E minha pá pegou o saco de lixo, aquele ali pendurado. O saco rasgou e o corpo caiu aí onde está agora." Ele parou de falar, limpou o suor do rosto na manga da camisa e espantou as moscas.

"Mas você não tem certeza de onde veio o saco", tentei novamente, enquanto Grigg escutava, embora certamente já tivesse tomado os depoimentos de todos. "Talvez eu tenha puxado o saco do chão", Pleasants admitiu. "Não estou dizendo que seria impossível. Só acho que não foi nada disso." "Só porque você quer." O motorista o encarou, furioso.

"Eu sei muito bem o que aconteceu", Pleasants retrucou, sem se intimidar. "A pá pegou o saco no seu caminhão quando eu estava descarregando."

"Cara, você não pode afirmar que foi assim", o motorista teimou.

"Não posso afirmar, é verdade. Só que faz bastante sentido, só isso." "Só se for para você." O motorista fechou a cara, ameaçador. "Acho que já chega de discussão, pessoal", Grigg interveio, aproximando-se novamente para lembrar a todos que era grande e estava armado. "Como quiser", o motorista falou. "Eu já estou de saco cheio. Posso ir embora? Estou atrasado." "Essas coisas atrapalham a vida de todo mundo", Grigg disse, encarando o sujeito com firmeza.

Erguendo os olhos enquanto resmungava um palavrão, o motorista afastou-se e acendeu um cigarro.

Retirei o termômetro do corpo e o consultei. A temperatura do corpo era de vinte e nove graus, igual à temperatura ambiente. Virei o torso para examinar o outro lado e notei uma curiosa formação de vesicopústulas cheias de líquido na região inferior das nádegas. Examinando o restante do corpo com mais atenção, identifiquei empolas semelhantes nas coxas e nos ombros, nas proximidades dos cortes. "Usem dois sacos", ordenei. "Quero que o saco de lixo siga junto com o corpo, além do que estiver na caçamba. Recolham o material que estiver em volta do corpo e também sob ele. Mandem tudo para o necrotério." Grigg abriu um saco para corpos com uma sacudidela. Tirou um par de luvas do bolso, agachou-se e começou a recolher o lixo com as mãos, enquanto os paramédicos abriam a porta traseira da ambulância. O motorista do caminhão ficou encostado no veículo. Sua fúria era perceptível, como uma onda de calor. "De onde veio seu caminhão?", indaguei.

"Veja a placa", ele respondeu, emburrado.

"De que lugar da Virgínia?" Eu não pretendia permitir que ele me intimidasse.

Pleasants deu a resposta. "Da área de Tidewater, senhora. O caminhão de lixo pertence a nossa empresa. Temos muitos rodando por aí, alugados." A sede administrativa do aterro sanitário destoava do ambiente ruidoso e empoeirado. O prédio era rebocado e pintado de um tom pêssego claro, com flores em vasos nas janelas e

arbustos aparados nas margens do acesso. As janelas haviam sido pintadas de creme e havia uma aldrava de latão na porta da frente. Lá dentro o ar gelado e límpido me fez sentir um tremendo alívio; entendi o motivo de o investigador Percy Ring ter escolhido o local para realizar os interrogatórios. Eu podia apostar que ele nem se aproximara da cena.

Encontrei-o na sala de estar, sentado com um sujeito mais velho em mangas de camisa, tomando Coca diet e examinando folhas impressas por computador. "Esta é a doutora Scarpetta. Desculpe", Pleasants acrescentou para Ring, "não sei seu primeiro nome." Ring abriu um sorriso enorme para mim e piscou. "A doutora e eu já nos conhecemos de longa data." Loiro, usava terno azul impecável e exalava uma inocência juvenil tão pura que seria fácil acreditar nele. Mas nunca me enganara. Era um sedutor de mão-cheia, mas basicamente não passava de um preguiçoso. Além disso, desde que se envolvera naquele caso começaram a ocorrer vazamentos de informações para a imprensa. "E este é o senhor Kitchen", Pleasants disse, "proprietário do aterro sanitário." Kitchen parecia ser um sujeito simples, de calça jeans e bota Timberland, com olhos cinzentos e tristes. Ele estendeu a mão enorme e calejada. "Por favor, sente-se", disse, puxando uma cadeira. "Este é um dia muito ruim, muito ruim mesmo. Principalmente para quem está lá fora."

"O dia ruim daquela pessoa aconteceu antes", Ring disse. "Agora, ela não sente mais dor nenhuma." "Você esteve lá?", perguntei a ele. "Cheguei não faz nem uma hora. E lá não é a cena do crime, só o lugar onde encontraram o corpo", acrescentou. "Número cinco." Ele abriu uma embalagem de goma de mascar. "Ele não esperou muito, desta vez. Só dois meses de intervalo." Senti a costumeira onda de irritação. Ring adorava tirar conclusões precipitadas e exibí-las com a certeza típica de quem não sabe o suficiente para perceber que pode estar redondamente enganado. Isso se devia, em parte, a seu desejo de obter resultados sem fazer esforço.

"Ainda não examinei o corpo nem determinei o sexo", falei, esperando que ele se lembrasse da presença de outras pessoas no

recinto. "Ainda não é hora de afirmar nada." "Bem, eu já vou", Pleasants disse, nervoso, dirigindo-se para a porta.

"Volte daqui a uma hora, preciso de seu depoimento", Ring ordenou em voz alta. Kitchen manteve-se em silêncio, consultando os diagramas. Grigg entrou, acenou de leve com a cabeça e sentou-se.

"Não creio que seja prematuro afirmar que ocorreu um homicídio aqui", Ring disse, dirigindo-se a mim. "Isso você pode afirmar com segurança." "E é igual aos outros casos." "Não há como garantir. Ainda não examinei o corpo", ressaltai. Kitchen ajeitou-se na cadeira, desconfortável. "Quem quer um refrigerante? Ou café?", perguntou. "O banheiro fica no corredor." "Igualzinho", Ring insistiu, como se já soubesse de tudo. "Mais um torso num depósito de lixo." Grigg observava tudo inexpressivo, tamborilando no bloco distraidamente.

Abrindo e fechando a caneta duas vezes, ele disse a Ring: "Concordo com a doutora Scarpetta. Creio que por enquanto não devemos vincular o caso a nenhum outro. Principalmente em público". "Que Deus me ajude. Eu não preciso desse tipo de publicidade", Kitchen disse, suspirando fundo. "Sabe, no meu ramo de atividade a gente sabe que essas coisas podem acontecer, principalmente quando recebe lixo de lugares como Nova York, Nova Jersey e Chicago. Mas a gente nunca acha que vai acontecer bem na nossa frente." Ele olhou para Grigg. "Gostaria de oferecer uma recompensa para ajudar a pegar quem cometeu esse ato terrível. Dez mil dólares por informações que resultem numa detenção." "Uma oferta generosa", Grigg disse, impressionado.

"Isso inclui os investigadores?" Ring sorriu.

"Não me interessa quem resolva o caso." Kitchen não sorria quando se voltou para mim. "Por favor, diga o que podemos fazer para ajudá-la, doutora." "Pelo que eu soube, vocês usam um sistema de rastreamento por satélite", falei. "Esses são os diagramas?" "Eu estava justamente explicando isso", Kitchen disse.

Ele me passou alguns diagramas. Os padrões das linhas ondulantes pareciam cortes de uma cúpula geodésica, e estavam marcados com coordenadas. "Essa é a imagem da superfície do depósito de lixo", Kitchen explicou. "Podemos puxar um relatório a cada hora, dia, semana, sempre que desejarmos, para saber onde o lixo se originou e onde foi depositado. As localizações no mapa podem ser determinadas usando essas coordenadas." Ele apontou para o papel. "É um procedimento semelhante ao usado em gráficos geométricos ou em álgebra." Olhando para mim, acrescentou: "Calculo que você tenha sofrido isso na escola". "Sofrido é a palavra exata." Sorri para ele. "Então o caso é que se pode comparar essas imagens para ver como a superfície do depósito muda a cada carga recebida." Ele fez que sim. "Exatamente, doutora. Em resumo, é isso aí."

"E o que vocês determinaram?" Oito mapas foram colocados lado a lado por ele. As linhas onduladas de cada um eram diferentes, como rugas no rosto da mesma pessoa.

"Cada linha, basicamente, representa uma camada", explicou. "Portanto, podemos saber quase com certeza qual é o caminhão responsável por qual camada." Ring esvaziou a lata de Coca e a jogou no lixo. Folheou o bloco de anotações, como se procurasse algo.

"Este corpo não podia estar enterrado muito fundo", falei. "Estava bem limpo, considerando as circunstâncias. Não há danos causados após a morte e a julgar pelo que andei observando aqui, as pás carregadeiras retiram o lixo dos caminhões e o espalham no chão, para que os compressores possam passar por cima com os rolos dentados, quebrando e compactando o material." "A descrição está correta." Kitchen me olhou com interesse. "Quer trabalhar aqui?" Eu me ocupava com a imagem das máquinas que faziam o movimento de terra, parecidas com gigantescos dinossauros mecânicos cujas garras destruíam as cargas dos caminhões. Estava intimamente familiarizada com os danos nos casos anteriores, com os restos mortais esmagados e fragmentados. Exceto pela ação do assassino, aquela vítima estava intacta.

"É difícil achar mulheres competentes", Kitchen dizia.

"Você deve estar brincando, cara", Ring disse, enquanto Grigg o observava cada vez mais irritado.

"Creio que se trata de uma observação importante", Grigg argumentou. "Se o corpo tivesse passado algum tempo no solo, teria sido esmigalhado." "Com os quatro primeiros aconteceu isso", Ring disse. "Pareciam carne moída." Ele olhou para mim. "Esse aí foi compactado?" "O corpo não parece ter sido esmagado", falei.

"Isso é muito interessante", ele zombou. "Por que não seria?"

"Ele não passou por uma estação intermediária, para ser compactado e embalado", Kitchen disse. "Estava numa lixeira e foi jogado no caminhão de lixo, diretamente." "E o caminhão não comprime o lixo?", Ring perguntou, teatralmente. "Pensei que a função deles era essa." Ele deu de ombros e sorriu para mim, irônico. "Tudo depende da posição em que o corpo se encontrava em relação ao resto dos detritos quando ocorreu a compactação", falei. "Na verdade, depende de uma série de fatores." "Talvez nem tenha sido compactado, se o caminhão não estava muito cheio", Kitchen disse. "Na minha opinião, veio no caminhão que está aqui. No máximo, num dos dois que o antecederam, se levarmos em conta as coordenadas exatas do ponto onde o corpo foi encontrado." "Acho melhor levantar os dados a respeito dos caminhões anteriores e de sua origem", Ring disse. "Precisamos interrogar os motoristas." "Então você considera os motoristas suspeitos", Grigg disse a ele, friamente. "Sou forçado a reconhecer, essa foi muito criativa. Na minha opinião, eles não são a origem do lixo. A origem é o sujeito que o jogou fora. E acho que precisamos achar o elemento que jogou o lixo, e não quem o transportou." Ring o encarou sem perder a pose. "Só quero descobrir o que os motoristas têm a declarar. A gente nunca sabe. Seria um modo muito esperto de despistar a polícia. Jogar o corpo num lugar que fica na sua rota de coleta e você mesmo levá-lo para o lixão. Já pensou, carregar o corpo no seu próprio caminhão? Ninguém suspeitaria de você, certo?" Grigg se recostou na cadeira, afrouxando a gravata, e massageou o maxilar, como se sentisse dor. Estalou o pescoço e depois os nós dos dedos.

Finalmente, jogou o bloco de anotações em cima da mesa e todos o observavam quando ele encarou Ring.

"Você se importa se eu conduzir esta investigação?", indagou ao jovem policial. "Sou pago pela prefeitura para cuidar disso, e não gosto de ganhar sem trabalhar. Não se esqueça de que o caso é meu, e não seu." - >,. "Estou aqui para ajudar, só isso", Ring retrucou com ar inocente, dando de ombros mais uma vez.

"Eu não sabia que estava precisando de ajuda", Grigg disse. "A polícia estadual formou uma força-tarefa com ampla jurisdição quando o segundo torso foi encontrado numa comarca diferente da do primeiro", Ring disse. "Você chegou tarde para a festa, meu chapa. Peto jeito, precisa de uma força de quem estava na história desde o início." Mas Grigg já o havia descartado e disse a Kitchen: "Gostaria de obter as informações sobre os veículos".

"Acho melhor recolher os dados sobre os cinco últimos caminhões que descarregaram ali, por via das dúvidas", Kitchen disse a todos. "Isso vai ajudar bastante", falei ao me levantar da mesa. "E quanto antes, melhor." "A que horas você pretende começar a trabalhar no caso, amanhã?", Ring indagou, ainda sentado, como se tivesse pouco a fazer na vida e muito tempo disponível.

"Você está se referindo à autópsia?" "Acertou." "Talvez eu nem mexa no corpo nos próximos dias." "E por que não?" "A parte mais importante é o exame externo. Dedicarei muito tempo a isso." Pude perceber que seu interesse diminuía. "Serei obrigada a examinar o lixo, em busca de indícios, desengordurar e limpar a carne dos ossos, descobrir a idade dos vermes com ajuda do entomologista para ter ideia de quando o corpo foi jogado no lixo e outras coisas mais." "Talvez seja melhor você me avisar quando descobrir algo", ele concluiu.

Grigg me acompanhou até a porta e balançou a cabeça ao dizer, com seu jeito plácido e lento: "Quando saí do exército, faz muito tempo, entrar para a polícia estadual era meu grande sonho. Não dá para acreditar que eles aceitam palhaços como esse aí". "Felizmente, nem todos são assim", ponderei.

Sáímos enquanto a ambulância lentamente descia o morro envolta numa nuvem de pó. Os caminhões aguardavam a vez de passar pela lavagem, formando fila, enquanto mais uma camada da vida norte-americana moderna era acrescentada ao monte. Estava escurecendo quando chegamos aos nossos carros. Grigg parou ao lado do meu, espantado.

"Fiquei pensando de quem poderia ser", disse, admirado. "Um dia desses gostaria de guiar um assim, só para* saber como é." Sorri para ele ao abrir a porta. "Não tem equipamentos importantes, como sirene e luz que pisca." Ele riu. "Marino e eu jogamos boliche no mesmo clube. O time dele é o Balis of Fire e o meu, o Lucky Strike. O cara é o pior perdedor que eu já vi na vida. Enche a cara de cerveja e não para de comer. Aí acha que todo mundo está roubando. Levou uma mulher com ele, da última vez." Ele balançou a cabeça. "Ela jogava como os Flintstones, até se vestia como eles. Com um vestido imitando pele de leopardo. Só faltava o osso no cabelo. Diga a ele que depois eu telefono." Ele se afastou, balançando o chaveiro.

"Detetive Grigg, obrigada pela colaboração", falei.

Ele acenou e entrou no Caprice.

Quando projetei minha casa fiz questão de que a lavanderia ficasse ao lado da garagem, pois após voltar de lugares como aquele eu não queria deixar vestígios de morte nos espaços destinados a minha vida particular. Desci do carro e em poucos minutos as roupas estavam dentro da máquina de lavar e os sapatos e botas na pia industrial em que eu os esfregava com detergente e escova dura.

Enrolada num robe que deixava pendurado atrás da porta, segui para a suíte principal e tomei um banho bem quente e demorado. Estava exausta e desanimada. Naquele momento, não tinha energia para imaginar quem era aquela mulher, seu nome ou quem fora. Expulsei as imagens e odores da mente. Preparei uma bebida e uma salada, olhando desolada para a enorme tigela de doces do Dia das Bruxas sobre o balcão, pensando nas plantas esperando a vez de irem para o vaso no terraço.

Liguei para Marino.

"Oi", falei quando ele atendeu o telefone. "Acho melhor Benton vir para cá amanhã de manhã." Seguiu-se uma longa pausa. "Tudo bem", ele disse. "Isso significa que você quer que eu telefone para ele, em vez de ligar pessoalmente." "Prefiro, se você não se importa. Estou exausta." "Nenhum problema. A que horas?" "Assim que ele puder. Vou passar o dia inteiro em casa." Voltei ao escritório que mantinha em minha casa para verificar os e-mails antes de ir me deitar. Lucy raramente telefonava, preferia usar o computador para dizer onde e como estava. Minha sobrinha era agente do FBI, especialista técnica do Grupo de Resgate de Reféns, ou hrt. Poderia ser mandada a qualquer parte do mundo, sem aviso prévio.

Como uma mãe preocupada, eu vivia conferindo se havia mensagens de Lucy, temendo o dia em que seu pager tocasse, convocando-a para a base da Força Aérea de Andrews, juntamente com os outros membros da equipe, para embarcar mais uma vez no avião de carga C-141. Dando a volta na pilha de publicações que aguardavam leitura e nos grossos volumes sobre medicina que comprara mas ainda não havia arrumado na estante, sentei-me à mesa. Quando estava em casa, passava a maior parte do tempo no escritório, que tinha lareira e janela panorâmica com vista para uma curva rochosa do rio James.

Acessei a America Online, ou AOL, e ouvi uma voz masculina artificial anunciar que havia correspondência para mim. Recebi e-mails a respeito de diversos casos e processos em curso, avisos de congressos médicos e artigos de revistas, além de uma mensagem de alguém que não conhecia. O nome do remetente era Deadoc. Imediatamente, soou meu alarme interno. Não havia indicação do assunto abordado pela pessoa, e quando abri a mensagem vi que tinha uma única palavra, dez. Notei que havia um anexo, baixei o arquivo e o descomprimi. Uma imagem colorida começou a se materializar na tela. As faixas de pixels se formaram pouco a pouco. Percebi que estava olhando para a fotografia de uma parede da cor de massa de vidraceiro e da beirada de uma mesa coberta por um material azul-claro, manchado e sujo de vermelho-escuro. Depois

uma ferida rubra, rasgada, surgiu na tela, seguida por tons de carne que formaram tocos de membros e mamilos. Mantive os olhos fixos na imagem inacreditável, completamente horrorizada, e agarrei o telefone.

"Marino, acho melhor você vir para cá", pedi, apavorada.

"Aconteceu alguma coisa?", ele perguntou, preocupado.

"Você precisa ver uma foto que recebi." "Mas está tudo bem?" "Não sei." "Fique calma, doutora." Ele assumiu o controle da situação. "Estou a caminho." Imprimi o arquivo e o salvei no drive A, temendo que desaparecesse de minha vista de repente. Enquanto aguardava Marino, reduzi as luzes do escritório para ver melhor os detalhes e as cores. Minha mente dava saltos incríveis enquanto eu observava a carnificina, o sangue a formar uma cena medonha que, para mim, normalmente, não era rara. Outros médicos, cientistas, advogados e policiais frequentemente me mandavam fotos do gênero pela internet. Fazia parte de minha rotina receber por e-mail pedidos para examinar a cena do crime, órgãos das vítimas, ferimentos, diagramas e até mesmo reconstituições de casos antes que fossem a julgamento.

Aquela fotografia poderia facilmente ter sido enviada por um detetive, um colega legista. Poderia ter vindo de um promotor estadual ou da CASKU. Mas uma coisa não batia, obviamente. Até o momento não tínhamos a cena do crime em nenhum dos casos, apenas os depósitos de lixo onde as vítimas apareciam e o saco de lixo rasgado que as envolvia. Só o assassino ou alguém envolvido no crime poderia ter mandado aquele arquivo para mim.

Quinze minutos depois, quase meia-noite, saltei da poltrona quando a campainha tocou. Atravessei o corredor apressada e abri a porta para Marino. "O que foi, desta vez?", ele disse, sem rodeios.

Seu corpo enorme transpirava através de uma camiseta da polícia de Richmond, grudada em volta da barriga, e ele usava calção esportivo e tênis com meia grossa até a altura do tornozelo. Cheirava a suor e cigarro.

"Entre", falei.

Ele me seguiu pelo corredor até o escritório, e quando viu o que havia na tela do computador sentou-se na minha cadeira, de queixo caído com o que estava vendo.

"Caramba, isso aí é mesmo o que estou imaginando?", ele disse.

"Tudo indica que a fotografia foi tirada no momento do esquarteramento do corpo." Eu não estava acostumada a receber ninguém no meu escritório particular, onde trabalhava sozinha. Senti subir o nível de ansiedade.

"É o corpo que vocês encontraram hoje." "A imagem que você está vendo foi feita logo depois da morte", falei. "E é isso mesmo, é o torso encontrado hoje no depósito de lixo." "Como você sabe?", Marino perguntou.

Seus olhos continuavam fixos na tela, e ele se ajeitou na minha cadeira. Os pés enormes pisavam nos livros espalhados pelo chão, conforme se punha mais à vontade. Quando pegou uma pilha de pastas e a passou para o outro lado da mesa, não consegui mais me conter. "Por favor, deixe as coisas onde estão", falei, agressiva, devolvendo as pastas ao lugar de origem.

"Ei, calma aí, doutora", disse, como se aquilo não fosse importante. "Como podemos saber que não é mais uma gozação?" Ele tirou outra vez as pastas do lugar e me deixou profundamente irritada. "Marino, acho melhor você se levantar", falei. "Não gosto que ninguém se sente no meu lugar. Você está me pondo louca." Ele me olhou contrariado e se levantou da cadeira. "Então me faça um favor. Da próxima vez em que tiver um problema, chame outra pessoa." "Por favor, seja compreensivo..." Ele me cortou, perdendo a paciência. "Nada disso! Seja você compreensiva e deixe de bancar a melindrosa à toa. Não admira que você e Wesley tenham tantos problemas." "Marino", alertei, "você já foi longe demais e acho bom parar por aí." Ele se calou, olhou para o lado. Suava profusamente.

"Vamos voltar ao que interessa." Sentei-me em minha cadeira e a reajuste. "Não creio que seja uma brincadeira, acho que é mesmo o torso encontrado no aterro sanitário." "Por quê?" Ele se recusava a olhar para mim e mantinha as mãos nos bolsos. "Os braços e as

pernas foram serrados através dos ossos longos, e não separados pelas juntas." Toquei na tela. "Há outras semelhanças. É mesmo ela, a não ser que outra vítima com o mesmo tipo físico tenha sido morta e desmembrada do mesmo modo, e ainda não a tenhamos localizado. Não sei como alguém poderia montar uma farsa do gênero sem saber o modo como a vítima foi desmembrada. E não se esqueça de que o caso ainda não chegou aos jornais."

"Merda." Seu rosto ficou vermelho. "Tem remetente?" "Sim, alguém na AOL que usa o nome d-e-a-d-o-c." "Quer dizer, doutor morte?" O ar amuado deu vez à curiosidade.

"Foi o que imaginei. A mensagem continha apenas uma palavra: dez." "Só isso?" "Em letras minúsculas." Ele me encarou, pensativo. "Se contarmos os casos da Irlanda, este é o número dez. Você copiou esse negócio?" "Sim. E os casos de Dublin e sua possível conexão com os quatro primeiros daqui foram explorados pelos jornais", comentei, passando a imagem impressa para ele. "Qualquer pessoa poderia saber disso." "Isso não faz diferença. Presumindo que o mesmo assassino tenha atacado novamente, ele sabe muito bem quantas pessoas já matou. Só não entendo como conseguiu remeter a imagem para o seu computador." "Meu endereço eletrônico na AOL não é difícil de descobrir. Uso o meu nome." "Meu Deus, não acredito que você aprontou uma dessas", ele disse, descontrolando-se. "É como escolher a data de nascimento para a senha do banco." "Uso e-mail exclusivamente para me comunicar com legistas, pessoal do Departamento de Saúde, policiais. Eles precisam se lembrar do endereço eletrônico sem dificuldade. Além disso", acrescentei, enquanto seu olhar de censura continuava cravado em mim, "nunca tive problemas assim." "Bom, agora você arranhou um", ele disse, olhando para a imagem impressa. "A boa notícia é que a gente pode encontrar algo útil aqui. Quem sabe ele deixou uma pista no computador." "Na web", falei.

"Sim, é isso aí. Acho melhor chamar Lucy." "Benton deve fazer isso", opinei. "Não posso pedir ajuda dela num caso só porque sou sua tia."

"Então acho melhor ligar para ele e contar isso, também." Ele deu a volta pelo escritório desorganizado, rumando para a porta. "Espero que você tenha cerveja em casa." Parando, voltou-se para mim. "Sabe, doutora, isso não é da minha conta, mas você vai ter de conversar com ele, mais dia menos dia." "Tem razão", respondi. "Não é da sua conta."

3

Na manhã seguinte acordei com o barulho abafado da chuva pesada no teto e o som persistente do despertador. Era cedo para um dia que eu pretendia tirar de folga, e me dei conta de que durante a noite começara o mês de novembro. Logo chegaria o inverno, outro ano terminaria. Abri a janela e observei o dia. As pétalas das minhas roseiras estavam caídas no chão, o rio subira e batia nas pedras, que de longe pareciam negras.

Senti remorso em relação a Marino. Havia sido descortês com ele, ao mandá-lo de volta para casa sem oferecer nem uma cerveja, na noite anterior. Mas eu não queria conversar sobre assuntos que ele não podia entender. Para Marino, era tudo muito simples. Eu era divorciada, a mulher de Benton Wesley o abandonara por causa de outro homem. Tínhamos um caso, então o melhor seria casar logo de uma vez. Por algum tempo, aceitei a ideia. No outono anterior Wesley e eu tínhamos esquiado, mergulhado, feito compras, cozinhado e até trabalhado juntos no jardim. Mas nosso relacionamento era complicado.

No fundo, eu não o queria em minha casa, tanto quanto não queria Marino sentado em minha cadeira. Quando Wesley mudava uma peça da mobília de lugar ou guardava pratos e talheres nos armários e gavetas errados, eu sentia uma raiva secreta, que me surpreendia e consternava. Jamais aceitara que nosso relacionamento fosse correto, quando ele estava casado, mas naquela época aproveitávamos mais a companhia um do outro, principalmente na cama. Temia que minha incapacidade de sentir o que deveria sentir revelasse uma condição que eu preferia não encarar.

Segui para o trabalho com os limpadores na velocidade máxima, para enfrentar a chuva que batia forte também no teto do carro. O trânsito estava bom porque ainda nem eram sete horas e a vista dos prédios do centro de Richmond foi surgindo lentamente, aos poucos,

através da névoa chuvosa. Pensei de novo na fotografia. Revi sua progressiva aparição na minha tela e meus pelos do braço se arrepiaram conforme o pavor tomava conta de mim. Estava perturbada de um modo indefinível e me ocorreu pela primeira vez que o remetente da mensagem poderia ser alguém conhecido. Peguei o acesso para a Seventh Street, dei a volta por Shockoe Slip, com suas ruas calçadas com pedras e seus restaurantes chiques com as luzes apagadas àquela hora. Passei por estacionamentos praticamente vazios e entrei no espaço que havia atrás do prédio de quatro andares onde trabalhava. Mal pude acreditar quando vi uma perua de reportagem de televisão estacionada na minha vaga, identificada claramente por uma placa que dizia Chefe do Departamento de Medicina Legal. A equipe sabia que a recompensa por esperar ali quanto fosse necessário seria me encontrar. Parei o carro bem perto e gesticulei para que saíssem quando as portas da perua deslizaram e se abriram. O câmara de capa de chuva saltou e veio em minha direção, seguido por uma repórter com microfone na mão. Abri uma fresta na janela.

"Saíam", disse, sem me preocupar em ser gentil. "Vocês estão na minha vaga." Eles não deram importância às minhas palavras e alguém acendeu o refletor. Por um momento permaneci sentada, olhando para fora, sentindo a raiva me queimar como brasa. A repórter bloqueava minha porta e enfiou o microfone pela fresta na janela.

"Doutora Scarpetta, pode confirmar que o Açougueiro atacou outra vez?", ela perguntou em voz alta, enquanto a câmara registrava tudo e as luzes me cegavam. "Tirem a perua de vocês daí", falei com raiva contida, olhando diretamente para ela e para a câmara.

"É verdade que outro torso foi encontrado?" A chuva escorria pelo capuz de sua capa, enquanto ela empurrava o microfone mais para dentro. "Vou pedir pela última vez que retirem o carro de vocês da minha vaga", falei, como se fosse um juiz a ponto de decretar desrespeito à corte. "Isso é invasão." O câmara achou um novo

ângulo, acionou o zoom e o iluminador aproximou a luz dos meus olhos.

"O corpo foi desmembrado, como os outros...?" Ela tirou o microfone bem a tempo, quando subi o vidro da janela. Engatei a ré e comecei a recuar o carro. A equipe saiu do caminho enquanto eu dava uma volta de trezentos e sessenta graus. Os pneus cantaram e espirraram água quando parei bem atrás da perua, prendendo-a entre meu Mercedes e a parede do prédio. "Espere um pouco!" "Ei! Você não pode fazer isso!" Os rostos traíam incredulidade, quando desci. Não me dei ao trabalho de pegar o guarda-chuva. Corri para a porta e a destranquei para entrar. "Ei!" Os protestos exacerbaram-se. "Assim não podemos sair." Dentro da garagem a água acumulada na imensa perua castanha pingava no piso de concreto. Abri outra porta e atravessei o corredor, olhando em torno para ver quem estava por ali. Os ladrilhos brancos permaneciam imaculados, o ar impregnado pelo cheiro de desodorante industrial. Entrei no escritório do necrotério e a imensa porta de aço inoxidável do compartimento refrigerado se abriu sibilando.

"Bom dia!", Wingo disse, estampando um sorriso de surpresa. "Chegou cedo."

"Obrigado por tirar a perua da chuva", falei.

"Não teremos mais nenhum caso hoje, que eu saiba, por isso achei melhor guardá-la na garagem." "Você viu alguém lá fora quando saiu para pegar a perua?", perguntei.

Ele ficou intrigado. "Não. Mas isso já faz mais de uma hora." Wingo era o único membro de minha equipe que rotineiramente chegava ao necrotério antes de mim. Era esguio e atraente, o cabelo escuro desalinhado emoldurava bem suas feições delicadas. Obsessivo-compulsivo, passava o avental de trabalho a ferro, lavava a perua e as viaturas da anatomia várias vezes por semana, vivia polindo tudo que tivesse aço inoxidável até que brilhasse feito espelho. Seu serviço era cuidar do necrotério, e ele o desempenhava com a precisão e o orgulho de um comandante militar. Descuidos e negligências não eram permitidos ali, nem por ele nem por qualquer

um de nós, e ninguém deixava material contaminado jogado pelos cantos nem fazia piadas de mau gosto a respeito dos mortos.

"O caso do aterro sanitário continua na geladeira", Wingo avisou. "Quer que eu tire o corpo para fora?" "Vamos esperar até a reunião da equipe", falei. "Quanto mais tempo ela ficar na geladeira, melhor, não quero curiosos vindo aqui para espiar." "Isso não seria possível", ele disse, como se eu houvesse insinuado a possibilidade de ele negligenciar sua tarefa.

"Não quero nem que o pessoal da nossa equipe venha aqui ver o corpo, por curiosidade." "Ah, sei." Um lampejo de raiva passou por seus olhos. "Nunca entenderei as pessoas." Não mesmo, pois não era igual à maioria.

"Acho melhor alertar o pessoal da segurança", falei. "A imprensa já está no estacionamento." "Está brincando? Tão cedo?" "A equipe do Canal 8 me aguardava quando cheguei." Entreguei-lhe a chave do meu carro. "Espere alguns minutos e deixe-os ir embora." "Como assim, deixe-os ir embora?" Ele franziu o cenho, olhando para a chave com controle remoto em sua mão.

"Eles pegaram a minha vaga." Segui na direção do elevador.

"Como é?" "Você vai ver." Entrei. "Se eles ousarem tocar em meu carro, serão acusados de invasão e destruição dolosa de propriedade alheia. Depois pedirei que o Departamento de Saúde Pública entre em contato com a diretoria da emissora. Pensei até em processá-los." Sorri para ele enquanto as portas se fechavam. Minha sala ficava no segundo andar do prédio dos Laboratórios Reunidos, construído nos anos 70. Logo o abandonaríamos, assim como as equipes científicas dos andares superiores. Finalmente teríamos instalações espaçosas no novo Biotech Park municipal, perto de Broad Street, a uma distância razoável do Marriott e do Coliseum.

A construção já chegara à fase final e eu gastava muito tempo discutindo detalhes, plantas e orçamentos. Aquele que fora meu local de trabalho durante muitos anos agora se tornara uma confusão, pilhas de caixas no corredor, funcionários que se recusavam a arquivar a papelada pois tudo ia ser encaixotado

mesmo. Desviando o olhar das caixas, segui o corredor até minha sala, onde a mesa dava a eterna impressão de iminência de avalanche.

Conferi o e-mail novamente, talvez por esperar outro arquivo anônimo como o primeiro, mas só as mensagens anteriores continuavam lá. Aproveitei para responder a elas laconicamente. O endereço Deadoc permanecia em minha lista; não pude resistir e abri o arquivo novamente para rever a foto. Concentrei-me tanto na imagem que nem ouvi Rose entrar.

"Acho melhor Noé construir outra arca", ela disse.

Assustada, ergui a vista e a vi na soleira da porta que unia nossas duas salas. Estava tirando a capa de chuva e parecia preocupada.

"Não quis assustá-la", disse.

Hesitante, ela entrou e me examinou detidamente.

"Tinha certeza de que a encontraria aqui, apesar de todos os conselhos", disse. "E você até parece que viu um fantasma." "O que você veio fazer aqui tão cedo?", perguntei.

"Tive a intuição de que você precisava de ajuda." Ela tirou o casaco. "Viu o jornal de hoje?" Ela abriu a bolsa e apanhou os óculos. "Outra vez a história do Açougueiro. Dá para imaginar a comoção popular. Enquanto vinha para cá, escutei no rádio do carro que desde o início dos casos as vendas de armas de fogo dispararam. Chego a me perguntar se as lojas de armas não estão por trás disso tudo. Para nos apavorar e induzir a sair correndo atrás do primeiro trinta-e-oito ou pistola semi-automática que houver no balcão." Rose usava cabelo cor de aço, sempre preso, a emoldurar seu rosto nobre e arguto. Já vira de tudo na vida, não temia ninguém. Eu vivia assombrada pela perspectiva de sua aposentadoria, pois sabia quantos anos tinha. Ela não precisava mais trabalhar. Fazia isso só por se importar comigo e não ter ninguém a esperá-la em casa.

"Dê uma olhada", falei, recuando minha cadeira.

Ela deu a volta pela lateral da mesa e parou tão perto que pude sentir o perfume de White Musk, a fragrância com um pouco de tudo que ela inventara na Body Shop, onde se recusavam a realizar testes em animais. Rose adotara recentemente o quinto galgo aposentado. Criava gatos siameses, tinha vários aquários e tornara-se praticamente uma ameaça a quem usasse peles. Ela olhava para a tela do computador e não parecia estar entendendo o que via. De repente, seu corpo se retesou. "Meu Deus", murmurou, olhando para mim pela parte superior dos bifocais. "Isso é o que está lá embaixo?"

"A versão inicial, digamos", falei. "Mandaram para mim por e-mail." Ela não falou nada.

"Nem preciso dizer", prossegui, "que você tem de ficar de olho na minha sala enquanto eu estiver lá embaixo. Se alguém aparecer no saguão e não for conhecido ou esperado, deve ser detido pela segurança. Você nem pense em descer para descobrir o que desejam." Olhei com intensidade para ela, pois a conhecia bem demais.

"Acha que ele teria coragem de vir até aqui?", ela perguntou, imperturbável. "Não sei bem o que pensar, exceto que o sujeito obviamente sente necessidade de entrar em contato comigo." Fechei o arquivo e me levantei. "E já fez isso pela primeira vez." Por volta das oito e meia Wingo posicionou o corpo na balança de plataforma e eu dei início ao que antecipava ser um exame longo e penoso. O torso pesou vinte e três quilos e tinha cinquenta e três centímetros e meio de comprimento. A lividez cadavérica foi pouca, posteriormente, indicando que o sangue se acumulara conforme a gravidade quando a circulação cessou; portanto, ela permanecera de costas por horas ou mesmo dias, após a morte. Eu não conseguia olhar para ela sem ver a imagem grotesca na tela do meu computador, acreditando que o torso de lá e aquele ali na minha frente eram o mesmo.

"Qual você acha que seria o tamanho dela?" Wingo me olhou de relance ao encostar a maca na primeira mesa de autópsia.

"Vamos usar as alturas das vértebras lombares para calcular a altura, uma vez que obviamente não temos tíbias nem fêmures", falei, prendendo um avental plástico por cima do traje médico. "Mas ela parece pequena. Frágil, até." Pouco tempo depois os raios X foram revelados e os distribuímos nas caixas de luz. O que vi contava uma história que não fazia sentido. As faces da sínfise pubiana, ou seja, as superfícies onde um púbis se une ao outro, não eram mais rugosas e ásperas, como na juventude. Em vez disso, havia erosão profunda na ossatura, que exibia margens irregulares, labiadas. Novos raios X revelaram extremidades das costelas com protuberâncias ósseas irregulares, enquanto o osso propriamente dito se revelava fino, com bordas afiadas. Adicionalmente, percebi mudanças degenerativas nas vértebras lombossacrais. Wingo não era antropólogo, mas também viu o óbvio.

"Se eu não tivesse cuidado de tudo pessoalmente, diria que os filmes dela foram trocados com os de outra pessoa", comentou.

"Trata-se de uma senhora idosa", falei.

"Dá para calcular a idade?" "Não gosto de dar palpites", eu disse, estudando os raios X. "Mas suponho que tivesse no mínimo setenta anos. Em termos de intervalo, o que é mais seguro, algo entre sessenta e cinco e oitenta anos. Vamos. Precisamos examinar o lixo também." Passamos as duas horas seguintes peneirando um enorme saco de lixo vindo do aterro sanitário, pois continha os detritos que estavam sob o corpo e ao lado dele. O saco de lixo em que ela fora colocada inicialmente era preto, creio, com capacidade para cento e cinquenta litros, e fora atado com uma fita plástica amarela. Usando máscaras e luvas, Wingo e eu reviramos as lascas de pneu e os restos de estofamento de sofá usados como cobertura no aterro. Estudamos incontáveis amostras de papel e plástico pegajosos, recolhemos vermes e moscas mortas em caixas de papelão.

Encontramos poucos tesouros, um botão azul que provavelmente não estava relacionado ao caso e o mais esquisito: um dente de criança, na minha imaginação saído de sob o travesseiro para o lixo, trocado por uma moeda. Havia um pente em que faltavam dentes, uma pilha achatada, diversos fragmentos de louça, um cabide de

arame retorcido e uma tampinha de caneta Bic. Em geral era tudo lixo, felpa, plástico despedaçado e papel molhado; jogamos tudo no latão. Depois acendemos as luzes em torno da mesa e a depositamos no centro de um lençol branco limpo. Usando uma lente, comecei a examiná-la centímetro por centímetro, como se a pele fosse um microscópico depósito de lixo. Com a pinça, recolhi fibras claras do toco escurecido pelo sangue que um dia fora o pescoço. Encontrei três fios de cabelo grisalhos, quase brancos, com cerca de trinta centímetros de comprimento, que haviam aderido ao sangue posteriormente.

"Preciso de mais um envelope", pedi a Wingo ao encontrar algo inesperado. Encravados nas pontas de cada úmero, o osso superior do braço, e também nas margens dos músculos que o rodeavam, havia mais fibras e pequenos fragmentos de tecido de aspecto azul-claro; isso queria dizer que a serra cortara através do pano. "Ela foi desmembrada enquanto ainda usava roupa ou estava enrolada em um pano qualquer", eu disse, surpresa.

Wingo parou o que fazia e me olhou. "E os outros não." As outras vítimas provavelmente estavam nuas quando foram serradas. Ele tomou outras notas conforme eu prosseguia, examinando tudo com a lente de aumento. "Fibras e fragmentos de tecido encravados nos dois fêmures", falei, olhando mais de perto.

"Ela também estava coberta da cintura para baixo?", ele disse.

"Ao que tudo indica, sim." "Então alguém esperou até depois de ela ter sido desmembrada para tirar-lhe as roupas todas?" Ele me encarou e seus olhos traíam a emoção de imaginar a cena.

"Ele não queria que pegássemos as roupas. Haveria muitas informações nelas", falei.

"Então por que não a despiu, desencapou ou seja lá o que for?" "Talvez não quisesse olhar para ela enquanto estivesse fazendo o serviço." "Puxa, quer dizer então que agora o sujeito resolveu bancar o sensível", Wingo ironizou, como se odiasse o autor do crime.

"Anote as medidas", pedi. "Corte da coluna cervical, na altura de C-5. Fêmur residual na direita mede cinco centímetros abaixo do trocanter inferior, e na esquerda seis centímetros e meio, exibindo marcas de serra. Segmentos direito e esquerdo do úmero medem dois centímetros e meio, marcas de serra visíveis. Na parte superior da nádega direita há uma marca antiga de vacinação, cicatrizada, medindo cerca de dois centímetros." "E quanto a isso?" Ele se referia às inúmeras vesículas cheias de líquido espalhadas sobre as nádegas, ombros e parte superior das coxas. "Não sei", eu disse ao pegar a seringa. "Suponho que seja vírus de herpes-zoster." "Uau!" Wingo afastou-se da mesa num pulo. "Você podia ter me contado antes." Ele estava apavorado.

"Cobreio." Etiquetei o tubo de ensaio. "Talvez. Confesso, é um tanto inusitado."

"O que você quer dizer com isso?" Seu nervosismo crescia. "Quando há herpes-zoster", expliquei, "o vírus ataca os nervos sensoriais. Quando as vesículas estouram, fazem isso numa fileira ao longo da distribuição dos nervos. Sob uma costela, por exemplo. E as vesículas têm idades diferentes. Neste caso, porém, há um número grande e simultâneo delas. Parecem ser da mesma época."

"O que mais poderia ser?", ele perguntou. "Catapora?"

"É o mesmo vírus. Crianças pegam varicela. Adultos têm herpes-zoster."

"E se eu pegar?", Wingo disse.

"Você teve catapora quando pequeno?"

"Não faço a menor ideia."

"E tomou a vacina antivaricela?", perguntei. "Lembra-se disso?"

"Não."

"Bem, se você não tiver anticorpos contra o vírus, deve ser vacinado. Você tem problemas de imunossupressão?" Ele não disse nada, afastou-se na direção da maca, tirando as luvas de látex, que jogou na lata vermelha destinada ao lixo hospitalar. Contrariado,

pegou um novo par de luvas de Nitrile, mais resistentes. Parei o que estava fazendo e o observei até que retornasse à mesa.

"Só acho que você deveria ter avisado antes", ele disse, segurando o choro. "Sei muito bem que não se pode tomar todas as precauções num lugar como este, como vacinas, exceto para hepatite B. Por isso eu dependia de você me dizer o que estava acontecendo."

"Tente se acalmar." Fui carinhosa com ele. Wingo era sensível demais, chegava a se prejudicar com isso, na verdade esse era o único problema que ele me causava. "Seria impossível que você pegasse varicela ou herpes-zoster dessa senhora, a não ser que houvesse troca de fluidos corporais", expliquei. "Portanto, enquanto você estiver usando luvas e cuidando de tudo conforme os procedimentos de rotina, tomando cuidado para não se cortar ou se espetar com uma agulha, não estará exposto ao vírus."

Por um momento, seus olhos brilharam, mas ele logo os desviou.

"Vou tirar as fotos", disse.

4

Marino e Benton Wesley chegaram no meio da tarde, quando a autópsia já passava da metade. Eu não poderia fazer mais nada, no que dizia respeito ao exame externo. Wingo demorara a sair para almoçar e eu estava sozinha. Os olhos de Wesley pousaram sobre os meus quando atravessou a porta, e pude notar pela capa que ainda chovia. "Caso você não saiba", Marino disse de supetão, "temos um alerta de enchente." Como não havia janelas na morgue, eu nunca sabia como estava o tempo. "É algo sério?", perguntei, enquanto Wesley se aproximava do torso e começava a olhá-lo.

"Se a coisa continuar assim, acho melhor a gente começar a empilhar uns sacos de areia", Marino retrucou ao apoiar o guarda-chuva num canto. Meu prédio situava-se a poucas quadras do rio James. Havia alguns anos o andar inferior fora inundado, cadáveres doados à ciência boiaram nos tanques que transbordaram, a água envenenada se tingiu de rosa pela formalina e acabou vazando para o necrotério e para o estacionamento nos fundos.

"Acham que devo me preocupar?", perguntei, assustada. "A chuva vai parar logo", Wesley disse, como se também fosse capaz de decifrar o perfil psicológico do tempo.

Sob a capa de chuva que tirou ao entrar ele usava um terno azul tão escuro que mais parecia preto, acompanhado de camisa branca engomada e gravata de seda discreta. Deixara crescer um pouco o cabelo grisalho bem cortado e suas feições carregadas o tornavam ainda mais alerta e intimidador do que já era. Naquele dia, porém, o rosto severo não era só por minha culpa. Marino e ele se aproximaram da maca enquanto punham as luvas e as máscaras.

"Lamento a demora", Wesley disse para mim, enquanto eu continuava trabalhando.

"Sempre que eu tentava sair de casa, o telefone tocava. Isso é um problema sério." "Para ela, com certeza", falei.

"Droga." Marino olhou para o que restava de um ser humano. "Como alguém consegue fazer uma coisa dessas, diacho?" "Eu explico", falei, cortando amostras do baço. "Primeiro você pega uma velha e a deixa passar fome e sede; quando adoecer, negue-lhe cuidados médicos. Depois basta dar um tiro ou uma paulada na cabeça dela." Levantei a vista para encará-los. "Meu palpite é que a vítima sofreu uma fratura na base do crânio ou outro tipo de trauma."

Marino demonstrou surpresa. "Ela não tem cabeça. Como você pode supor isso?"

"Há sangue nas vias respiratórias."

Eles se aproximaram para ver o que eu queria mostrar. "Uma explicação para isso", prossegui, "é que ela tenha sofrido uma fratura na base do crânio e o sangue tenha escorrido para o fundo da garganta, sendo aspirado em seguida." Wesley examinou minuciosamente o corpo, com o ar de quem já vira morte e mutilação um milhão de vezes. Olhou longamente para o espaço onde deveria estar a cabeça, como se a imaginá-la.

"Ela teve hemorragia nos tecidos musculares." Parei, para que registrassem a informação. "Ainda estava viva quando os membros começaram a ser removidos." "Meu Deus do céu", Marino exclamou revoltado, acendendo o cigarro. "Só faltava essa." "Não quero dizer que estivesse consciente", acrescentei. "Muito provavelmente, isso ocorreu na hora da morte, ou pouco antes. Mas ainda havia pressão sanguínea, por mais fraca que fosse. Refiro-me à região do pescoço, notem bem. Não vale para os braços e as pernas." "Então ele cortou primeiro a cabeça", disse Wesley para mim.

"Sim." Ele começou a estudar as chapas de raios X penduradas nas paredes. "Isso não combina com o que foi feito nos casos anteriores", comentou. "De jeito nenhum."

"Nada neste caso combina", respondi. "Exceto que, mais uma vez, uma serra foi empregada. Também encontrei cortes nos ossos que podem ter sido provocados por uma faca." "O que mais você pode nos dizer a respeito dela?", Wesley perguntou, e pude sentir

seus olhos fixos em mim quando guardei mais uma amostra de tecido num frasco com formalina.

"Ela sofreu uma série de erupções que podem ser do tipo herpes-zoster, apresenta duas marcas no rim direito que indicam pielonefrite, ou infecção no rim. O colo do útero era alongado e radiado, sugerindo que teve filhos. O miocárdio, ou músculo do coração, estava flácido."

"Isso significa o quê?"

"Toxinas provocam este efeito. Toxinas originárias de micro-organismos." Olhei para ele. "Como já mencionei, ela estava doente."

Marino andava de um lado para o outro, olhando o torso de diferentes ângulos. "Você tem alguma ideia do que poderia ser?"

"Com base na secreção dos pulmões, sei que sofria de bronquite. No momento, não posso afirmar mais nada, exceto que o fígado estava em péssimas condições."

"Então ela bebia muito", Wesley disse.

"Sim, estava amarelado e nodular", confirmei. "E provavelmente ela foi fumante em algum momento da vida."

"Ela é só pele e osso", Marino comentou.

"Ela não estava comendo", eu disse. "O estômago tem forma tubular, está limpo e vazio." Mostrei a eles.

Wesley foi até a mesa mais próxima e puxou uma cadeira. Ficou olhando para o alto enquanto eu puxava o fio de um cabo suspenso e ligava a serra Stryker na tomada. Marino, que não gostava nada daquela parte dos procedimentos, afastou-se da mesa de autópsia. Ninguém falou nada enquanto eu serrava as extremidades dos braços e pernas e o pó dos ossos enchia o ar. O ruído da serra era mais alto do que o som de uma broca de dentista. Coloquei cada pedaço numa caixa etiquetada e disse o que pensava.

"Duvido muito que desta vez tenha sido o mesmo assassino." "Não sei o que pensar", Marino disse. "Mas temos dois fatos importantes em comum."

Um torso, e ele foi jogado num lixão na região central da Virgínia." "Desde o início ele mostrou uma variedade de procedimentos", Wesley ponderou, baixando a máscara cirúrgica até deixá-la pendurada no pescoço. "Uma mulher negra, duas mulheres brancas, depois um homem negro. Os cinco de Dublin são bem diferentes, também. No entanto, eram todos jovens." "Então poderíamos esperar que ele escolhesse alguém idoso?", perguntei.

"Francamente, acho que não. Mas essa gente não se comporta de modo coerente, Kay.

Trata-se de um sujeito que faz o que lhe dá na telha na hora em que bem entende." "O desmembramento não é igual, ele não cortou pelas juntas", insisti. "E acho que ela estava vestida ou coberta." "Este caso pode ter perturbado mais o sujeito", Wesley disse, tirando de vez a máscara, que jogou em cima da mesa. "Seu desejo de matar talvez tenha sido avassalador, e ela era uma vítima fácil." Ele olhou para o torso. "Então atacou, mas seu modo de agir mudou porque o perfil da vítima se alterou repentinamente, e ele não gostou. Deixou-a vestida ou parcialmente coberta porque estuprar e matar uma senhora idosa não o excitava tanto. E cortou primeiro a cabeça, para não ter de olhar para ela." "Você encontrou algum sinal de estupro?", Marino quis saber. "Raramente se encontra", respondi. "Estou quase terminando. Ela vai para a geladeira, junto com os outros casos, na esperança de conseguirmos uma identificação. Tenho amostras de tecido muscular e da medula para testes de DNA, para podermos comparar materiais na eventualidade de haver uma pessoa desaparecida." Não conseguia esconder meu desânimo. Wesley apanhou a capa no gancho atrás da porta, que deixara uma pequena poça no piso.

"Gostaria de ver a foto que você recebeu pela AOL", ele me disse. "Por falar nisso, trata-se de um ato que também não combina com o modus operandi", comentei ao iniciar a sutura da incisão em Y. "Nada foi enviado, nos casos anteriores." Marino demonstrava pressa, como se tivesse outro compromisso. "Preciso ir até Sussex", disse, dirigindo-se para a saída. "Vou encontrar o Rei das Pradarias para ele me dar umas aulas sobre investigação de homicídios." E

saiu abruptamente. Eu sabia muito bem qual era a razão. Apesar de seus sermões sobre o casamento, meu relacionamento com Wesley inconscientemente incomodava Marino. Um lado seu sempre sentiria ciúme.

"Rose pode lhe mostrar a foto", dirigi-me a Wesley, enquanto lavava o corpo com esponja e mangueira. "Ela sabe a senha para minha caixa postal." A decepção relampejou em seu olhar antes que pudesse disfarçá-la. Carreguei as caixas de ossos para um balcão mais distante, onde seriam fervidos numa solução fraca de alvejante para soltarem completamente os restos de carne e gordura. Ele permaneceu onde estava, esperando, observando, até eu voltar. Eu não queria que ele fosse embora, mas não sabia o que fazer com ele.

"Podemos conversar um pouco, Kay?", ele disse, finalmente. "Faz tempo que não a vejo. Passaram-se vários meses. Sei que estivemos ocupados demais, que não é o momento apropriado. Mesmo assim..." "Benton", interrompi-o energicamente. "Aqui, não." "Claro que não. Minha sugestão não era conversarmos aqui." "Vai ser a mesma coisa de sempre." "Prometo que não." Ele consultou o relógio da parede. "Bem, já é tarde. Acho melhor eu passar a noite na cidade. Vamos jantar juntos." Hesitei, a ambivalência fazia com que ora um lado de meu cérebro se agitasse, ora outro. Temia ficar com ele, temia não ficar.

"Está bem", falei. "Passe na minha casa às sete horas. Vou fazer qualquer coisa para nós. Não espere muito." "Podemos sair. Não quero dar trabalho para você." "A última coisa que eu desejo no momento é ir a um lugar público", falei. Seus olhos se mantiveram fixos em mim por mais algum tempo, enquanto eu etiquetava os tubos e vários tipos de frascos. O estalar dos seus saltos ecoou agudo no piso quando ele saiu, ouvi sua voz, falava com alguém quando a porta do elevador se abriu, no hall. Segundos depois, Wingo entrou.

"Eu não consegui voltar antes." Ele se aproximou de um carrinho e apanhou a proteção para o sapato, a máscara e a luva. "Mas a

coisa lá em cima está preta." "O que você quer dizer com isso?", perguntei, tirando o traje médico enquanto ele punha o seu.

"Repórteres." Ele colocou a proteção para o rosto e me olhou através do plástico transparente. "No saguão. Cercaram o prédio com as peruas das emissoras de televisão." Ele me olhou, tenso. "Lamento dar a notícia, mas agora o pessoal do Canal 8 bloqueou sua saída. A perua deles está bem atrás do seu carro, e você não pode manobrar. Pior, a perua está vazia. Não há ninguém dentro." Senti a raiva subir como uma onda de calor. "Chame a polícia e mande guinchar", falei de dentro do vestiário. "Mas primeiro termine o serviço aqui. Vou subir para resolver esse caso." Atirei o avental no cesto de roupa, depois tirei a luva, o protetor do sapato e a touca. Lavei as mãos com sabonete bactericida e abri meu armário, sentindo-me desajeitada. Aquele caso, Wesley e a imprensa me perturbaram.

"Doutora Scarpetta?" Wingo surgiu de repente na soleira da porta enquanto eu abotoava a blusa, mas sua entrada enquanto eu me vestia não chegava a ser novidade. Nunca incomodou nenhum de nós dois, pois eu me sentia à vontade com ele como me sentiria na companhia de uma mulher.

"Queria saber se a senhora teria tempo..." Ele hesitou. "Sei que está muito ocupada hoje..." Joguei o tênis Reebok sujo de sangue no armário e calcei o sapato com que fora trabalhar. Em seguida, pus o jaleco de laboratório.

"A bem da verdade, Wingo", falei, contendo a raiva para não descarregá-la em cima dele, "eu estava querendo conversar com você também. Quando terminar, passe na minha sala." Ele não precisaria me contar nada. Eu já havia percebido. Peguei o elevador para o andar superior num estado de espírito sombrio como o céu antes da tempestade. Wesley ainda estava em meu escritório, estudando a imagem na tela do computador, mas passei reto sem diminuir o passo. Era Rose quem eu buscava. Quando cheguei à sala da frente, os funcionários atendiam às ligações freneticamente. Os telefones não paravam de tocar. O administrador e minha secretária olhavam pela janela para o estacionamento.

A chuva não diminuía, mas aparentemente não incomodava nenhum dos repórteres, câmeras ou fotógrafos da cidade. Pareciam alucinados, como se a história fosse tão importante que todos devessem suportar estoicamente a tempestade.

"Onde estão Fielding e Grant?", perguntei, querendo saber o paradeiro de meu assistente e seu residente.

O administrador era um delegado aposentado que adorava perfume e ternos modernos.

Ele se afastou da janela, enquanto Rose continuava olhando para fora. "O doutor Fielding está no fórum", ele disse. "O doutor Grant precisou ir embora porque o porão da casa dele inundou." Rose virou-se com ar de quem estava pronta para brigar, como se houvessem invadido sua casa. "Pedi a Jess para ficar na sala do arquivo", disse, referindo-se à recepcionista.

"Quer dizer que não há ninguém lá na frente?" Olhei na direção do saguão. "Sim, há um monte de gente lá, sim", minha secretária disse, furiosa, enquanto os telefones tocavam sem parar. "Mas eu não queria ninguém sentado com um monte de urubus em volta. Não importa se o vidro é à prova de balas." "Quantos repórteres há no saguão?" "Quinze, talvez vinte, segundo minha última estimativa", respondeu o administrador. "Fui até lá uma vez e pedi que saíssem. Eles disseram que só iriam embora depois de obter uma declaração sua. Então pensei que poderíamos redigir um comunicado e..." "Vou fazer uma declaração, pode deixar comigo", falei rispidamente.

Rose segurou meu braço. "Doutora Scarpetta, não sei se é uma boa ideia..." Eu a interrompi, também. "Vou resolver do meu jeito." O hall de entrada era pequeno e a divisória de vidro grosso impossibilitava que qualquer pessoa não autorizada entrasse. Ao virar no corredor mal pude acreditar na quantidade de gente amontoada no saguão, cujo piso estava imundo de pés cheios de barro e poças d'água. Assim que me viram, os refletores foram acesos. Os repórteres começaram a gritar, aproximando microfones e gravadores com petulância enquanto os flashes espocavam na

minha cara. Ergui a voz acima do alarido. "Silêncio! Por favor!" "Doutora Scarpetta..." "Silêncio!", gritei, olhando ofuscada para pessoas que não conseguia enxergar direito. "Gostaria de solicitar educadamente que vocês se retirassem." "O Açougueiro atacou outra vez?", uma mulher disse, erguendo a voz acima das outras.

"Tudo ainda está dependendo de novas investigações", falei.

"Doutora Scarpetta." Com esforço consegui distinguir a repórter Patty Denver, da televisão. Seu rosto bonito aparecia nos outdoors espalhados pela cidade inteira. "Minhas fontes afirmam que a senhora está considerando que se trata de mais uma vítima dos assassinatos em série", ela disse. "Pode confirmar isso?" Não respondi.

"É verdade que a vítima é de origem asiática, provavelmente pré-adolescente, e veio num caminhão de lixo local?", ela insistiu, provocando minha irritação. "Pode-se dizer que o assassino agora está na Virgínia?" "O Açougueiro está matando na Virgínia agora?" "É possível que tenha deliberadamente feito com que os outros corpos fossem jogados aqui?" Ergui a mão para aquietá-los. "Ainda é cedo demais para tirar conclusões", falei. "Só posso afirmar que estamos tratando o caso como homicídio. A vítima é uma mulher branca não identificada. Não se trata de uma pré-adolescente, mas de uma pessoa de idade relativamente avançada. Estamos solicitando que as pessoas entrem em contato com o Departamento de Polícia da comarca de Sussex se tiverem informações a respeito."

"E quanto ao FBI?"

"O FBI está colaborando", falei.

"Então vocês acham que é mesmo o Açougueiro..." Dei meia-volta, digitei o código no painel e a fechadura se abriu. Ignorei as vozes agressivas, fechando a porta ao passar. Meus nervos zumbiam de tanta tensão enquanto eu atravessava o saguão em passo acelerado. Quando entrei em minha sala Wesley tinha ido embora; sentei-me à mesa e disquei para o número do pager de Marino, que ligou de volta em seguida.

"Pelo amor de Deus, esses vazamentos de notícias precisam parar imediatamente!", exclamei ao telefone.

"Você sabe muito bem quem anda fazendo isso", Marino retrucou, irritado.

"Ring." Eu tinha certeza, mas não podia provar nada.

"O cretino deveria ter ido ao aterro sanitário encontrar-se comigo há uma hora", Marino prosseguiu.

"Pelo jeito, a imprensa não tem nenhuma dificuldade para localizá-lo." relatei a ele o que as tais fontes divulgaram para a repórter da televisão.

"Idiota desgraçado!", ele disse.

"Encontre-o e diga-lhe para ficar de boca fechada", falei. "Os repórteres praticamente nos passaram a perna hoje, e agora a cidade inteira vai achar que há um assassino solto por aí, cometendo crimes em série." "Sim, e infelizmente essa parte pode ser verdade", ele disse. "Não acredito no que está acontecendo", falei, cada vez mais zangada. "Fui obrigada a fornecer informações para corrigir as mentiras. Não posso ficar numa posição dessas, Marino." "Não se preocupe, vou dar um jeito nisso e também num monte de outras coisas", ele prometeu. "Aposto que você ainda não sabe." "Não sei o quê?" "Corre o boato de que Ring anda saindo com Patty Denver."

"Pensei que ela fosse casada", falei, e o rosto que eu vira havia pouco voltou-me à memória.

"Ela é", ele confirmou.

Comecei a ditar o caso 1930-97, tentando concentrar minha atenção no que estava dizendo e consultando as anotações.

"O corpo foi recebido num saco lacrado", falei ao gravador, ordenando os papéis sujos do sangue das luvas de Wingo. "A pele estava flácida. Seios pequenos, atrofiados e enrugados. Dobras na pele do abdome indicavam perda de peso anterior..." "Doutora Scarpetta?" Wingo enfiou a cabeça pelo vão da porta. "Ah, me desculpe", ele disse quando notou o que eu fazia. "Posso voltar mais tarde." "Entre", falei, com um sorriso desolado no rosto. "Feche a

porta e sente-se." Ele fez isso, fechando também a porta que ligava minha sala à de Rose. Nervoso, puxou uma cadeira para perto da minha mesa, sentindo dificuldade para me olhar de frente.

"Antes de você começar, gostaria de dizer uma coisa", falei com firmeza, porém gentil. "Eu o conheço há muitos anos, e sua vida não é segredo para mim. Não julgo ninguém. Não me prendo a estereótipos. Em minha opinião, há apenas dois tipos de pessoas no mundo. As que são boas e as que não são. Contudo, eu me preocupo, pois sua opção o coloca em posição de risco." Ele balançou a cabeça. "Sei disso", falou, com os olhos brilhantes de lágrimas. "Se você sofre de imunossupressão", prossegui, "precisa me dizer. Provavelmente não deveria frequentar a sala de autópsia, pelo menos em alguns casos." "Sou hiv positivo." Sua voz tremia e ele começou a chorar. Esperei um pouco, enquanto ele chorava cobrindo o rosto com as mãos, como se não suportasse que o vissem assim. Os ombros balançavam, as lágrimas escorriam e o nariz também. Apanhei uma caixa de lenços de papel e me aproximei. "Tome." Deixei os lenços a seu lado. "Está tudo bem." Passei o braço em volta dele e deixei que chorasse. "Wingo, tente se controlar um pouco para que possamos conversar a respeito, está bem?" Ele fez que sim, assoando o nariz e limpando as lágrimas. Por um momento, descansou a cabeça em meu colo e eu o embalei como se fosse um filho. Aguardei até que se recuperasse para encará-lo, segurando-o pelos ombros. "Agora chegou a hora de mostrar um pouco de coragem, Wingo", falei. "Vamos ver o que podemos fazer para lutar contra isso." "Não posso contar para minha família", ele disse, soluçando. "Meu pai me odeia, de qualquer jeito. E minha mãe, quando tenta entender, só faz piorar as coisas, sabe como é?" Aproximei a poltrona. "E quanto a seu amigo?" "Não estamos mais juntos." "Mas ele sabe." "Eu só descobri há poucas semanas." "Você precisa contar a ele, e a todos com quem manteve relações íntimas", falei. "É o mais justo. Se alguém tivesse lhe contado, talvez você não estivesse sentado aqui agora, chorando." Ele se calou, olhando fixamente para as mãos. Respirou fundo e disse: "Vou morrer, não é?".

"Todos nós vamos morrer", falei com delicadeza.

"Mas não assim." "Pode ser assim, também", falei. "Sempre que faço um exame, incluo teste de hiv. Você sabe os riscos que corro. O que está acontecendo com você pode acontecer comigo também." Ele ergueu os olhos e me encarou, com o rosto avermelhado. "Se eu ficar com aids, vou me matar." "Não vai, não." Ele começou a chorar de novo. "Doutora Scarpetta, não aguento isso! Não quero acabar num daqueles asilos, num hospício, numa clínica Fan Free, morrendo deitado na cama ao lado de outras pessoas que nem conheço!" As lágrimas rolaram no rosto trágico e desafiador. "Ficarei sozinho, como sempre fiquei." "Escute bem", falei, esperando que se acalmasse um pouco. "Você não vai passar por tudo isso sozinho. Tem a mim." Os soluços retornaram, enquanto ele cobria o rosto com as mãos, e tive a impressão de que seriam ouvidos no corredor.

"Tomarei conta de você", prometi ao me levantar. "Agora vá para casa. Faça o que é certo e conte tudo a seus amigos. Amanhã, conversaremos outra vez e pensaremos na melhor maneira de lidar com o caso. Preciso do nome de seu médico e de sua permissão para conversar com ele." "Doutor Alan Riley. Do hospital da Faculdade de Medicina da Virgínia, a mcv." "Eu o conheço, e gostaria que telefonasse para ele amanhã logo cedo. Avise-o que entrarei em contato e que está autorizado a discutir seu caso comigo." "Tudo bem." Ele me olhou furtivamente. "Mas você não vai... contar para ninguém?" "Claro que não", respondi com firmeza.

"Não quero que ninguém saiba. Nem Marino. Principalmente ele." "Ninguém vai ficar sabendo", falei. "Pelo menos, não por mim." Ele se ergueu lentamente e dirigiu-se para a porta com o passo cambaleante de um bêbado ou drogado. "Você não vai me despedir, não é?" Seus olhos vermelhos se fixaram em mim quando a mão pousou na maçaneta.

"Wingo, tenha paciência", falei decepcionada. "Pensei que seu conceito sobre mim fosse um pouco melhor." Ele abriu a porta. "Respeito você mais do que qualquer outra pessoa." As lágrimas voltaram a rolar, ele as limpou com a manga, expondo a barriga. "Sempre respeitei." Os passos pelo corredor foram rápidos, ele

praticamente saiu correndo. A campainha do elevador tocou. Fiquei ali parada, ouvindo sua saída do prédio em direção a um mundo que não dava a mínima para nada. Apoiei a testa no punho e fechei os olhos.

"Meu Deus", murmurei, "por favor, ajude."

5

Ainda chovia forte quando voltei para casa, o trânsito estava terrível em consequência de um acidente que interrompera as duas pistas da 1-64. Havia caminhões de bombeiros e ambulâncias, o pessoal do resgate abrindo portas e correndo com padiolas e macas. Vidro estilhaçado reluzia no piso molhado, motoristas reduziam a marcha para espiar os feridos no desastre. Um dos carros capotara várias vezes antes de se incendiar. Vi sangue no para-brisa quebrado de outro e notei o volante retorcido. Sabia o que significava aquilo tudo e fiz minhas orações pelas vítimas, fossem quem fossem. Esperava não encontrar nenhuma delas no necrotério. Em Carytown, parei na P. T. Hasting's. Decorada com redes de pesca e boias, vendia os melhores frutos do mar da região. Ao entrar senti o odor pungente de peixe e especiarias de Old Bay.* Os filés grossos e apetitosos enfeitavam os balcões frigoríficos envidraçados. Lagostas com suas garras fechadas arrastavam-se pelo tanque de água salgada, sem ser ameaçadas por minha presença. Eu seria incapaz de cozinhar um bicho vivo e não tocaria em carne se bois e porcos desfilassem pela mesa antes de morrer. Até os peixes que pescava eu jogava de volta na água.

(*) Old Bay — Tempero para frutos do mar típico da área de mesmo nome, na região de Baltimore, Maryland, composto de uma mistura de aipo, pimenta-do-reino, louro, noz-moscada, cardamomo, mostarda, páprica, cravo, gengibre e outras especiarias que variam conforme a receita. (N. T.)

Estava tentando escolher algo quando Bev surgiu, vinda dos fundos da loja.

"O que há de bom hoje?", perguntei.

"Vejam só quem resolveu aparecer", ela exclamou carinhosamente, limpando as mãos no avental. "Acho que você é a única pessoa no mundo com coragem para enfrentar esta

chubarada. Portanto, o que não falta são boas opções." "Tenho pouco tempo, preferia algo fácil e leve", expliquei.

Uma sombra passou por seu rosto quando ela abriu um vidro de molho de raiz-forte. "Dá para imaginar o que você estava fazendo", ela disse. "Ouvi as notícias no rádio." Meneou a cabeça. "Você deve estar um trapo. Nem sei como consegue dormir. Mas vamos escolher algo bem gostoso para você comer esta noite." Ela se aproximou de uma caixa de carne de caranguejo gigante. Sem dizer nada, colocou meio quilo numa embalagem.

"Fresquinha, veio da ilha Tangier. Eu mesma separei a carne, e duvido que encontre um pedacinho sequer de cartilagem ou casca. Você não vai jantar sozinha, calculo." "Não." "Fico contente em saber", disse, piscando para mim. Eu já estivera ali com Wesley.

Em seguida ela selecionou seis camarões pistola já limpos e os embrulhou. Acrescentou uma dose de molho coquetel caseiro ao restante, em cima do balcão, ao lado da caixa registradora.

"Caprichei na raiz-forte", ela disse. "Vai fazer você lacrimejar um pouco, mas está uma delícia." E fechou a conta. "Refogue o camarão, mas bem depressa, não deixe nem que a bunda deles esquente na frigideira, tá? Guarde na geladeira até a hora de servir como entrada. Os camarões e o molho são por conta da casa." "Você não precisa..." Ela me calou com um gesto. "No caso do caranguejo, preste atenção. Bata um ovo de leve, acrescente meia colher de chá de mostarda, algumas gotas de molho inglês e quatro biscoitos tipo água e sal esmigalhados. Pique bem uma cebola, de preferência Vidalia, se você conseguiu guardar alguma do verão passado. Ponha um pimentão pequeno picado, um pouco de salsa e tempere com sal e pimenta a gosto." "Soa maravilhoso", falei, agradecida. "Bev, o que seria de mim sem você?" "Misture tudo e forme bolinhos achatados." Ela mostrou o processo com um gesto. "Frite com pouco óleo em fogo médio, até dourar. Sirva com uma salada, ou leve um pouco do meu coleslaw", sugeriu. "E isso seria o máximo que eu faria por qualquer homem." Foi o máximo que fiz, mesmo. Comecei a preparar o jantar assim que cheguei em casa, e o camarão já estava gelado quando liguei o som e entrei na

banheira. Despejei sais de aromaterapia que supostamente reduziam o stress e fechei os olhos, deixando que o vapor levasse os odores benfazejos às minhas narinas e poros. Pensei em Wingo, meu coração doeu e pareceu perder o ritmo como um pássaro agitado. Chorei por um momento. Ele começara a vida nesta cidade trabalhando comigo, saíra para retomar os estudos. Agora estava de volta e ia morrer. A ideia era insuportável. Voltei para a cozinha às sete da noite, e Wesley, sempre pontual, estacionou a bmw prateada na entrada de casa. Ainda usava o mesmo terno e trazia numa das mãos uma garrafa de Chardonnay Cakebread e na outra um litro de uísque irlandês Black Bush. Pelo menos a chuva cessara e as nuvens voavam para outras paragens. "Oi", ele disse quando abri a porta.

"Você acertou a previsão do tempo." Beijei-o.

"Eles não me pagam uma fortuna a troco de nada." "A fortuna é de família." Sorri enquanto ele me acompanhava para dentro. "Sei que o FBI paga mal." "Se eu fosse esperto como você em questão de dinheiro, não precisaria nem tocar na minha herança."

Havia um bar na sala de jantar, e fui para trás do balcão preparar a bebida de que ele gostava.

"Black Bush?", perguntei, só para confirmar.

"Se você for tomar também. Muito esperta: acabei me viciando nisso, graças a você." "Sempre que trazer uma garrafa de Washington eu o servirei, na hora que quiser." Preparei as bebidas com gelo e um pouquinho de club soda. Em seguida fomos para a cozinha e nos acomodamos na mesa aconchegante que havia sob a janela panorâmica que dava para o quintal arborizado e o rio. Sentia vontade de conversar com ele sobre Wingo e como eu me sentia a respeito. Mas não poderia trair a confiança do rapaz.

"Podemos falar um pouco de trabalho, primeiro?" Wesley tirou o paletó e o pendurou nas costas da cadeira.

"Claro, eu também quero dizer umas coisas." "Você primeiro", ele disse, fixando os olhos em mim enquanto tomava um gole.

Contei-lhe a respeito do vazamento de informações para a imprensa, acrescentando: "Ring está se tornando um problema cada

vez maior".

"Se ele for o responsável, pois não podemos garantir que seja. A dificuldade está em conseguir provas." "Eu não tenho a menor dúvida de que seja ele." "Kay, isso não basta. Não podemos expulsar alguém de uma investigação com base apenas na nossa intuição." "Marino ouviu rumores de que Ring está tendo um caso com uma repórter local muito conhecida." E acrescentei: "Ela trabalha na emissora que divulgou as informações falsas sobre o caso, dizendo que a vítima era uma pré-adolescente de origem asiática".

Ele passou um tempo em silêncio. Eu sabia que ele estava novamente pensando na necessidade de obter provas, e tinha razão. Os indícios pareciam todos circunstanciais e insuficientes.

Então, ele disse: "O sujeito é muito arguto. Conhece a história dele?".

"Não tenho a mínima ideia de quem seja", respondi.

"Formou-se com distinção na William and Mary, diplomando-se em psicologia e administração pública. O tio dele é secretário de Segurança Pública." Aquelas informações só dificultavam tudo. "Harlow Dershin, que é um sujeito honrado, por falar nisso. Mas não preciso nem dizer que seria má ideia fazer acusações sem ter cem por cento de certeza do que estamos dizendo." O secretário de Segurança Pública da Virgínia era o superior imediato do superintendente da polícia estadual. O tio de Ring só conseguiria ser mais poderoso se fosse governador do estado.

"Ou seja, você quer dizer que Ring é intocável", falei.

"Só estou dizendo que sua formação acadêmica revela claramente que ele tem ambições maiores. Sujeitos como ele aspiram a cargos como chefe de polícia, secretário, deputado. Não querem ser meros investigadores de polícia." "Sujeitos como ele só estão interessados em si mesmos", falei, impaciente. "Ring não liga a mínima para as vítimas nem para as pessoas que não fazem a menor ideia do que aconteceu com seus entes queridos. Ele não se importa se alguém é assassinado." "Provas", ele insistiu. "Para

sermos justos, há muita gente — inclusive o pessoal que trabalha no aterro sanitário — que pode ter passado informações para a polícia." Eu não tinha bons argumentos para refutar o que ele dizia, mas nada seria capaz de afastar minhas suspeitas.

"O mais importante é resolver os casos", ele prosseguiu. "É a melhor maneira de fazer isso para todos nós é continuar as investigações, ignorando o sujeito, como Marino e Grigg já estão fazendo. Seguir todas as pistas que surgirem, superar os obstáculos." Seus olhos eram quase cor de âmbar sob a luz suave do teto, e suaves ao cruzar com os meus.

Empurrei a cadeira para trás. "Vamos para a outra mesa." Pegamos os pratos, abrimos a garrafa de vinho, pusemos os camarões gelados nos pratos e despejamos o Bev's Kicked by a Horse Cocktail Sauce na molheira. Parti uns limões ao meio e os envolvi com gaze. Preparei os bolinhos de caranguejo. Wesley e eu saboreamos o coquetel de camarão enquanto a noite caía, lançando sua sombra sobre o leste.

"Senti saudade de tudo isto", ele disse. "Não sei se é o que você quer ouvir, mas é a verdade." Não falei nada, pois não pretendia iniciar outra discussão que se estenderia por várias horas, deixando nós dois exaustos.

"Tudo bem." Ele colocou o garfo sobre o prato do modo como as pessoas bem-educadas fazem quando terminam de comer. "Obrigado. Senti saudade de você, doutora Scarpetta." E sorriu.

"Estou contente por recebê-lo em minha casa, agente especial Wesley." Sorri também ao me levantar. Fui para o fogão, esquentei o óleo na frigideira e ele tirou os pratos da mesa.

"Eu gostaria de falar o que penso sobre a fotografia que lhe mandaram. Em primeiro lugar, precisamos confirmar se é, realmente, a vítima que você examinou hoje." "Isso será confirmado na segunda-feira", falei.

"Presumindo que seja", ele continuou, "trata-se de uma mudança radical no modus operandi do assassino." "Isso e muitas outras

coisas." Os bolinhos de caranguejo foram para a frigideira e começaram a fritar.

"Certo", Wesley disse.. "Tudo é muito escandaloso, como se ele realmente quisesse esfregar o caso no nosso nariz. E o perfil da vítima também não confere. Isso aí deve ser delicioso", disse, referindo-se aos bolinhos. Quando nos sentamos novamente, falei com confiança: "Benton, não se trata do mesmo sujeito".

Ele hesitou antes de responder. "Não creio que seja, também, se quer saber minha verdadeira opinião. Mas ainda é cedo para descartar qualquer hipótese. Ignoramos o tipo de jogo que o sujeito aprecia." Sentia novamente a frustração. Nada podia ser provado, mas minha intuição, meus instintos gritavam comigo.

"Bem, não creio que o homicídio dessa senhora idosa tenha algo a ver com os casos anteriores, aqui ou na Irlanda. Alguém pretende nos levar a acreditar nisso, apenas. Aposto que estamos lidando com um imitador." "Vamos levar a questão ao grupo, na quinta-feira. Pelo que me lembro, foi o dia combinado." Ele experimentou o bolinho de caranguejo. "Está incrivelmente gostoso. Puxa vida!" Seus olhos se umedeceram. "Nossa, que molho forte!" "Encenação. Para disfarçar um crime cometido por algum outro motivo", falei. "E não encha muito minha bola. O molho é uma receita da Bev." "A fotografia me intriga", ele disse.

"A mim também." "Conversei com Lucy a respeito." Com isso, ele conquistou minha atenção absoluta.

"Basta você dizer quando quer que ela venha para cá." Ele serviu o vinho. "Quanto antes, melhor." Fiz uma pausa, acrescentando: "Ela vai bem? Só sei o que ela me conta, e gostaria de ouvir o que você tem a dizer". Lembrei-me de que não pusera água na mesa e me levantei para pegar. Quando voltei, ele me olhava de modo pensativo. Por vezes, eu sentia dificuldade em encará-lo, minhas emoções entravam em conflito como instrumentos desafinados. Amava seu nariz bem cinzelado, com a ponte retilínea, e os olhos que me atraíam a profundezas desconhecidas. Além da boca, na

qual se destacava o lábio inferior, tão sensual. Olhei pela janela, mas não consegui ver o rio.

"Lucy", insisti. "Que tal uma avaliação de sua performance, para a tia?" "Ninguém se arrependeu de tê-la contratado", ele disse secamente a respeito de uma pessoa que todos sabíamos ser um gênio. Depois acrescentou: "Acho que esse foi o elogio mais mesquinho do século. Ela é simplesmente incrível. A maioria dos agentes já aprendeu a respeitá-la. Sempre a solicitam. Não estou dizendo que não haja problemas, claro. Nem todos gostam de uma mulher no Grupo de Resgate de Reféns, o hrt".

"Sempre me preocupo com a possibilidade de ela extrapolar os próprios limites." "Bem, Lucy está muito bem preparada fisicamente, sem dúvida. Eu não seria páreo para ela." "É isso que estou querendo dizer. Ela faz tudo para se igualar aos homens, mas é impossível. Sabe como ela é." Olhei-o novamente. "Sempre precisa provar sua capacidade. Se os agentes estão subindo pela corda e correndo nas montanhas com uma mochila de trinta quilos nas costas, ela acha que tem de fazer o mesmo, quando deveria se contentar com sua capacidade técnica, os robôs, computadores e outras coisas." "Está deixando de lado sua maior motivação, ou seu demônio mais forte", ele disse.

"Qual?"

"Você. Ela acha que precisa provar sua capacidade a você, Kay."

"Ela não tem razão para se sentir assim." O que ele disse foi doloroso. "Não quero sentir que sou o motivo para ela levar uma vida repleta de perigos, como tem feito e acha que tem de fazer."

"Não é uma questão de culpa", ele disse, levantando-se da mesa. "É uma questão da natureza humana. Lucy a venera. Você é a única figura materna decente que ela já teve. Ela quer ser como você, e acha que as pessoas comparam vocês duas. E competir com você é jogo duro. Além disso, ela quer que você a admire, Kay."

"Mas eu a admiro, meu Deus." Levantei-me também e começamos a tirar a mesa. "Agora você me deixou preocupada de verdade."

Ele enxaguava os pratos e travessas e os passava para mim, que os ajeitava na máquina de lavar louça.

"Acho bom que se preocupe." Ele me olhou de soslaio. "Sabe de uma coisa? Ela é do tipo perfeccionista, que não escuta ninguém. Depois de você, é a pessoa mais teimosa que já conheci na vida." "Obrigada."

Ele sorriu e me abraçou, sem se importar com as mãos molhadas. "Vamos sentar e conversar um pouquinho?", ele disse, aproximando o rosto e o corpo do meu. "Eu preciso ir embora logo."

"E depois?"

"Vou conversar com Marino logo de manhã. Na parte da tarde, tenho outro caso para tratar, do Arizona. Sei que é domingo, mas não dá para esperar." Ele continuou a falar enquanto íamos para a sala, levando o vinho. "Uma menina de doze anos, sequestrada no caminho da escola para casa. O corpo foi abandonado no deserto de Sonora", ele disse. "Achamos que o mesmo sujeito já matou mais três crianças."

"É difícil ficar otimista, não acha?", falei com amargura quando nos sentamos no sofá. "Isso nunca acaba."

"Não", ele concordou. "E pelo jeito infelizmente não vai acabar nunca. Enquanto houver gente neste planeta. O que você vai fazer neste final de semana?" "Preencher formulários." Uma das laterais da sala grande tinha portas de vidro de correr, e lá fora estava escuro apesar da lua cheia que parecia feita de ouro, pela qual passavam nuvens esvoaçantes e finas.

"Por que você está tão brava comigo?" Sua voz era gentil, mas ele não escondia a mágoa.

"Não sei." Faltou-me coragem para encará-lo.

"Claro que sabe." Ele segurou minha mão e passou a acariciá-la com o polegar. "Adoro suas mãos. Parecem mãos de pianista, porém mais fortes. Como se seu trabalho fosse artístico."

"E é", respondi simplesmente. Ele sempre falava sobre minhas mãos. "Acho que você tem algum fetiche. Como psicólogo, isso

deveria preocupá-lo." Ele riu, beijando os nós dos dedos, suas pontas, como costumava fazer. "Admito, tenho um fetiche por você inteira, não só pelas suas mãos." "Benton." Olhei para ele. "Estou contrariada porque você está arruinando minha vida." Ele ficou imóvel, tenso, chocado.

Levantei-me do sofá e comecei a andar de um lado para o outro. "Eu havia organizado minha vida exatamente do jeito que eu queria", falei, sentindo que as emoções ganhavam força. "Estou terminando de construir um prédio novo para o departamento. Sou mesmo boa em matéria de dinheiro, fiz investimentos que me garantiram tudo isso." Fiz um gesto que abrangia a casa. "Minha própria residência, projetada do jeito que eu desejava. Para mim, tudo estava no seu devido lugar, até você..." "Estava mesmo?" Ele me observava intensamente; raiva e mágoa se misturavam em sua voz. "Você achava melhor quando eu era casado e nos sentíamos sempre culpados? Quando tínhamos um caso e mentíamos para todo mundo?" "Claro que eu não preferia nada daquilo!", exclamei. "Só queria que minha vida fosse minha." "Seu problema é ter medo de assumir compromissos. No fundo, é só isso. Quantas vezes serei forçado a insistir nesse ponto? Acho que você deveria se tratar. Procurar a doutora Zenner, talvez. Vocês são amigas. Pode confiar nela." "Quem anda precisando de psiquiatra não sou eu", falei, lamentando as palavras no instante em que as pronunciei.

Ele se ergueu furioso, como se pretendesse ir embora. Ainda não eram nem nove horas.

"Puxa, estou velho demais para tudo isso", ele resmungou.

"Benton, me desculpe. Eu não devia ter dito isso. Por favor, sente-se, fique mais um pouco." Ele não se sentou, de início, parando na frente da porta de vidro de costas para mim. Aproximei-me.

"Não quero magoar você, Kay", ele disse. "Não vim aqui para ver se consigo arruinar sua vida, sabe? Admiro profundamente o que você faz. Só queria que me deixasse participar de tudo um pouco mais." "Sei disso. Lamento muito. Por favor, não vá embora."

Piscando para afastar as lágrimas, sentei-me e olhei para o teto, cujas vigas de sustentação e marcas da colher de pedreiro no reboco eram perceptíveis. Para onde quer que olhasse, eu via detalhes decididos por mim. Por um momento, fechei os olhos e as lágrimas correram pela face. Não as enxuguei, e Wesley sabia quando não devia me tocar. Ele também sabia a hora de permanecer calado. Sentou-se ao meu lado, em silêncio.

"Sou uma mulher de meia-idade, cheia de manias", falei com a voz embargada. "Não posso evitar isso. Só tenho o que construí durante a vida. Não tenho filhos. Não suporto minha única irmã e ela não me suporta. Meu pai passou minha infância inteira na cama, morrendo as poucos, e se foi quando eu tinha treze anos. Minha mãe é impossível e agora está morrendo de enfisema. Não posso ser o que você deseja, a boa esposa. Nem sei direito o que é isso. Só sei ser Kay. E consultar um psiquiatra não mudaria uma vírgula." Ele disse para mim: "Estou apaixonado por você, quero que se case comigo. E eu também não posso evitar isso".

Não respondi.

Ele acrescentou: "E acredito que você esteja apaixonada por mim também".

As palavras não vieram, nem assim.

"Pelo menos, acho que estava", ele falou com a voz toldada pela amargura. "Acho melhor ir embora." Ele tentou se levantar novamente, mas segurei seu braço.

"Não faça isso", falei, encarando-o. "Não faça isso comigo." "Com você?" Ele parecia incrédulo.

Diminuí as luzes até deixar a sala praticamente escura, e a lua era uma moeda polida no céu escuro pontilhado de estrelas. Peguei mais vinho e acendi a lareira, enquanto ele me observava.

"Sente-se aqui do meu lado", pedi.

Ele obedeceu, e foi minha vez de pegar sua mão.

"Benton, seja paciente. Não me pressione", falei. "Por favor, não sou igual a Connie. Nem como as outras pessoas." "Não estou

pedindo que você seja", ele retrucou. "Nem quero que seja. Eu também não sou como as outras pessoas. A gente sabe o que o outro está passando. O resto do mundo jamais poderia entender. Jamais poderia conversar com Connie a respeito do meu dia no trabalho. Mas com você eu posso." Ele me beijou com doçura, e nos abraçamos com força. Nossos rostos e línguas se tocaram, tiramos a roupa rapidamente e fizemos o que antes sabíamos fazer de melhor. Ele me envolveu com suas mãos e me tocou com a boca e continuamos no sofá até o início da madrugada, quando o luar se tornou frio e tênue. Depois que ele pegou o carro e foi embora perambulei pela casa com a taça de vinho na mão, ouvindo a música que saía das caixas acústicas espalhadas por todos os ambientes. Cheguei ao escritório, onde conseguia me esquecer de tudo.

Comecei pelos periódicos especializados, recortando artigos que desejava arquivar. Comecei a trabalhar num artigo que precisava escrever. Mas não me sentia disposta a redigir e resolvi conferir o correio eletrônico para ver se Lucy avisara quando chegaria a Richmond. Na AOL vi o aviso de mensagem para mim e quando cheguei a caixa de correio foi como se tivesse levado um soco. O remetente Deadoc me aguardava, feito uma pessoa desconhecida e sinistra.

Sua mensagem veio em letras minúsculas, sem pontuação alguma, só com os espaços. Dizia, você se acha tão esperta. Abri o arquivo anexo e mais uma vez observei a imagem colorida se formar na minha tela, pés e mãos amputados dispostos sobre o que parecia ser o mesmo pano azulado. Por um tempo meus olhos grudaram na foto, enquanto eu pensava no motivo que levava aquela pessoa a fazer aquilo comigo. Torcia para que tivesse cometido um erro enorme e peguei o telefone.

"Marino!", exclamei quando ele atendeu.

"Hã? O que aconteceu?", ele respondeu, sonolento.

Eu lhe disse.

"Merda. São três da manhã, cacete. Você não dorme nunca?" Ele parecia contente, e suspeitei que deduziu que eu não telefonaria

para ele se Wesley ainda estivesse comigo.

"Você está bem?", ele perguntou.

"Quer saber? As mãos estão com as palmas para cima", falei. "A fotografia foi tirada bem de perto. Consigo distinguir muitos detalhes." "Como assim, detalhes? De que tipo? Ela tem uma tatuagem ou algo parecido?" "Detalhes das impressões digitais", falei.

Neils Vander era o chefe da seção de exame de impressões digitais, um senhor idoso de cabelo ralo e jaleco folgado eternamente manchado de roxo e negro de ninhydrin e outros reagentes. Sempre apressado e preocupado, era de uma família tradicional da Virgínia. Vander nunca me chamara pelo primeiro nome ou fizera referência a qualquer questão pessoal nos muitos anos em que trabalhávamos juntos. Mas encontrava maneiras de demonstrar seu carinho. Por vezes, um pão doce em minha mesa pela manhã, ou tomates Hanover de sua horta no verão.

Famoso pelo olho de lince capaz de relacionar curvas e saliências num segundo, ele era também o especialista local em tratamento de imagem, tendo feito um estágio na NASA. Com o passar dos anos, ele e eu materializamos um sem-número de rostos a partir de borrões indistintos encontrados em fotos. Fizemos aparecer textos praticamente invisíveis, lemos impressões digitais e restauramos outras que foram apagadas. Os conceitos eram simples, embora nem sempre sua execução o fosse.

Um sistema de processamento de imagem de alta resolução pode ver duzentos e cinquenta e seis tons de cinza, enquanto o olho humano percebe no máximo trinta e dois. Portanto, é possível escanear uma imagem no computador e ver coisas que não somos capazes de enxergar. Deadoc podia ter mandado mais informação do que pretendia. A primeira tarefa daquela manhã seria comparar a foto do torso tirada no necrotério com a que ele mandara pela internet.

"Vamos acentuar os tons de cinza aqui", Vander disse, trabalhando no teclado do computador. "E acho bom focar um pouco

melhor esta parte." "Está ficando melhor", concordei.

Estávamos sentados lado a lado, debruçados sobre o monitor de dezenove polegadas. Ali perto, as duas fotografias estavam no scanner, e uma câmera de vídeo nos passava as imagens ao vivo.

"Só mais um pouco de cinza." Outra tonalidade cobriu a tela. "Agora quero excluir umas coisas." Ele se aproximou do scanner e reposicionou uma das fotos. Em seguida, instalou outro filtro na lente da câmera.

"Não sei bem", falei ao olhar para a tela. "Creio que antes estava vendo melhor. Sugiro mover a imagem um pouco para a direita", acrescentei, como se estivéssemos pendurando quadros na parede.

"Melhorou mesmo. Mas ainda resta muita interferência de fundo, e eu preciso me livrar dela." "Seria ótimo se tivéssemos o original. Qual é a resolução radiométrica do equipamento?", perguntei, referindo-me à capacidade do sistema de diferenciar tons de cinza.

"Muito maior do que era antes. Desde que começamos a usá-lo, acho que dobramos o número de pixels que podem ser digitalizados." Pixels, como os pontos numa fotografia, são os menores elementos de uma imagem que podem ser vistos, como se fossem suas moléculas ou os pontos coloridos que formam a imagem num quadro impressionista. "Recebemos algumas verbas, sabe? Mas um dia ainda vamos chegar às imagens ultravioleta. Você nem imagina o que poderíamos fazer com cianoacrilato", prosseguiu, referindo-se à Super Glue, que reagia aos componentes da transpiração humana e era excelente para obter impressões digitais invisíveis a olho nu.

"Boa sorte", falei, pois o dinheiro era sempre curto, qualquer que fosse o partido no poder.

Reposicionando a foto novamente, ele usou um filtro azul na lente da câmera, dilatou os pixels dos elementos mais claros, aumentando o brilho da imagem. Realçou os detalhes horizontais, removendo os verticais. Os dois torsos agora estavam lado a lado. Surgiram sombras, detalhes macabros mais nítidos e contrastantes.

"Você já pode ver as extremidades dos ossos", mostrei. "Perna esquerda cortada bem perto do trocanter menor. "Perna direita" - movi o dedo na tela - "cerca de dois centímetros e meio mais para baixo, já na seção média do osso." "Gostaria de poder corrigir o ângulo da câmera, a distorção causada pela perspectiva", ele murmurou, falando consigo mesmo, o que fazia com frequência. "Mas não tenho as medidas de nada. Uma pena que o sujeito que fez isso não tenha incluído uma régua como gabarito." "Se fizesse, aí eu ficaria realmente preocupada com o tipo de criminoso com que estamos lidando", comentei.

"Era só o que faltava. Um criminoso que fosse como nós." Ele tornou mais nítidas as bordas e reajustou a posição das fotos mais uma vez. "Vamos ver o que acontece na sobreposição das imagens."

Ele sobrepôs as imagens e foi surpreendente. As extremidades dos ossos e até mesmo a carne dentilhada em volta do pescoço cortado eram idênticas. "Na minha opinião, é o suficiente", proclamei.

"Para mim também não resta nenhuma dúvida", ele concordou. "Vamos imprimir o resultado." Ele clicou com o mouse e a impressora laser zumbiu.

Removendo as fotos do scanner, ele as substituiu pela foto dos pés e das mãos, movendo-a até centralizá-la perfeitamente. Conforme ampliava a imagem, a visão tornava-se mais grotesca. O sangue manchava o lençol de vermelho-vivo, como se tivesse sido derramado naquele momento. O assassino pusera os pés lado a lado, como se fossem um par de sapatos, e as mãos como luvas.

"Ele deveria ter deixado as palmas para baixo", Vander comentou. "Por que será que não fez isso?" Usando um filtro tridimensional para preservar detalhes importantes, ele passou a eliminar interferências, como o sangue e a textura do tecido azul que cobria a mesa.

"Você consegue ressaltar os detalhes dos sulcos e saliências?", perguntei, aproximando tanto o rosto que pude sentir o perfume de sua colônia pós-barba.

"Acho que sim", respondeu.

Sua voz ganhou um tom animado de repente, pois não havia nada que o estimulasse mais do que ler os hieróglifos dos pés e das mãos. Por trás da postura cordial e distraída daquele senhor havia um técnico que mandara milhares de pessoas para a penitenciária e dúzias para a cadeira elétrica. Ele ampliou a foto e escolheu cores arbitrárias para as diversas nuances de cinza, para que pudéssemos ver melhor os detalhes. Os polegares eram pequenos e pálidos como pergaminho velho. Havia sulcos e saliências visíveis.

"Não vai dar certo com os outros dedos", ele disse, olhando fixamente para a tela, como num transe. "Estão fechados demais para que se possa ver algo. Mas os polegares me parecem muito bons. Vamos gravar isso." Clicando no menu, salvou a imagem no disco rígido do computador. "Vou querer trabalhar nisso com mais calma." Era o sinal para que eu fosse embora. Afastei a cadeira.

"Se conseguir algo, vou passar a imagem imediatamente pelo AFIS", disse, referindo-se ao Sistema Automático de Identificação de Impressões Digitais, capaz de comparar impressões desconhecidas com um banco de dados contendo milhões de outras.

"Seria ótimo", falei. "Eu vou começar pelo HALT." Ele me olhou, curioso, pois o Sistema de Localização e Identificação de Homicidas era um banco de dados da Virgínia mantido pela polícia estadual em conjunto com o FBI. Quando suspeitávamos que o caso era local, começávamos por ali.

"Mesmo que haja motivos para suspeitar que os outros casos não são daqui", expliquei-lhe, "creio que devemos realizar uma busca em todos os lugares possíveis. Incluindo os bancos de dados da Virgínia." Vander continuava fazendo ajustes, com os olhos fixos na tela. "Tudo bem, desde que eu não tenha de preencher os formulários", ele retrucou.

No corredor havia mais caixotes e caixas brancas, empilhados até o teto, com os dizeres provas nos dois lados. Os cientistas passavam por eles, preocupados e apressados, levando nas mãos papéis e amostras que poderiam significar o julgamento de alguém por

assassinato. Cumprimentávamo-nos sem reduzir o passo, eu queria chegar logo ao laboratório de fibras e vestígios microscópicos, um local amplo e silencioso. Outros especialistas, de jaleco branco, se debruçavam sobre microscópios ou trabalhavam em suas mesas, que não passavam de balcões escuros cobertos de pacotes misteriosos embrulhados em papel pardo.

Encontrei Aaron Koss de pé na frente de uma lâmpada ultravioleta que lançava sua luz vermelho-arroxeadada sobre uma lâmina que ele examinava com lupa para descobrir o que os longos e reflexivos cumprimentos de onda poderiam lhe revelar. "Bom dia", falei.

"Bom dia", Koss respondeu, sorridente.

Moreno e atraente, parecia jovem demais para um especialista em fibras, resíduos, tintas e explosivos. Naquela manhã, usava jeans desbotados e tênis.

"Hoje você não vai ao fórum", comentei, pois sabíamos disso pelo modo como nossos colegas se vestiam.

"Não. Sorte minha", ele disse. "Aposto que você está curiosa para saber algo a respeito das fibras que mandou." "Eu estava perto daqui", falei. "Resolvi passar para perguntar." Minhas rondas atrás das pistas já eram famosas, mas em geral os cientistas aturavam minha ansiedade com resignação, e no final acabavam me agradecendo. Eu sabia que os pressionava muito, embora já tivessem um volume de serviço exagerado. Mas quando as pessoas estão sendo mortas e esquartejadas as pistas precisam ser examinadas imediatamente. "Bem, você conseguiu que eu fosse liberado de trabalhar no caso das bombas caseiras", ele disse, sorrindo novamente.

"Uma pena", assumi a responsabilidade.

"Houve outra explosão ontem à noite. Na 1-195, ao norte, perto de Laburnum, bem debaixo do nariz das Operações Especiais. Sabe, no lugar onde ficava o Terceiro Distrito antigamente? Dá para acreditar?" "Vamos torcer para que o sujeito continue explodindo apenas sinais de trânsito", falei.

"Vamos mesmo." Ele se afastou da lâmpada de uv e assumiu um ar muito sério. "Eis o que descobrimos no material que você mandou. Resíduos de fibras de tecido incrustados nos ossos. Cabelo. Vestígios microscópicos grudados no sangue."

"Cabelo dela?", perguntei, perplexa, pois não enviara os fios longos e grisalhos a Koss. Não eram sua especialidade.

"Pelo que pude observar no microscópio, não parecem humanos", ele respondeu. "Podem ser de dois animais de tipos diferentes. Já os despachei para Roanoke." O estado possuía apenas um especialista em cabelos, e ele trabalhava no laboratório forense do distrito Oeste.

"E quanto aos vestígios microscópicos?", perguntei.

"Meu palpite é que sejam detritos do aterro sanitário. Mas quero examiná-los no microscópio eletrônico. O que apareceu na uv foram as fibras", ele prosseguiu. "Na verdade eu deveria chamá-las de fragmentos, que passaram por um banho de ultra-som na água destilada para remoção do sangue. Quer dar uma olhada?" Ele saiu de lado para que eu espiasse pelas lentes, e senti a fragrância da colônia Obsession. Não pude evitar um sorriso, pois me lembrei de quando tinha sua idade e energia suficiente para me arrumar. Vi três fragmentos fluorescentes como filamentos de néon. O tecido era branco ou esbranquiçado, um dos fragmentos era salpicado do que parecia ser lascas brilhantes de ouro.

"O que é isso, afinal?", perguntei, erguendo os olhos para ele. "A julgar pelo estereoscópio, trata-se de material sintético", ele respondeu. "Os diâmetros são constantes, como no caso de fios produzidos por uma fiandeira de extrusão, e não naturais e irregulares como ocorre com o algodão, por exemplo." "E as partículas fluorescentes?" "Essa é a parte mais interessante", disse. "Embora eu ainda não tenha realizado testes adicionais, à primeira vista parecem ser tinta." Parei por um momento, tentando imaginar aquilo. "De que tipo", perguntei.

"Não fina e chata como tinta automobilística. Trata-se de um material mais grosseiro, granular. Aparentemente, de cor clara, casca de ovo. Creio que seja estrutural." "E esses foram os únicos

fragmentos e fibras que você analisou?" "Estou apenas no começo." Ele seguiu até outro balcão e puxou uma banqueta. "Examinei todos eles na uv, e eu diria que cerca de cinquenta por cento apresentam essa substância assemelhada a tinta embebida no material. Embora não possa afirmar com certeza qual é o tecido, sei que todas as amostras enviadas são do mesmo tipo, e provavelmente da mesma origem." Ele posicionou uma lâmina no microscópio polarizador, que reduzia o brilho como fazem óculos Ray-Ban, separando a luz em diferentes ondas, com valores de índice de refração distintos, o que nos daria mais uma pista para identificar o material.

"Bem", ele disse, ajustando o foco enquanto espiava pelas lentes, sem piscar, "este é o maior fragmento recuperado, do tamanho de uma moedinha. Tem dois aspectos interessantes." Ele se afastou e eu olhei para as fibras, que lembravam cabelos louros com brilhos rosa e verdes salpicados ao longo de sua extensão. "Tem tudo a ver com poliéster", Koss explicou. "Os salpicados podem ser fosqueadores usados na manufatura, para evitar o brilho do tecido. Creio também que haja um pouco de raiom misturado, e com base nisso concluí que temos aqui um tecido muito comum, usado em quase tudo. De blusas a colchas de cama. No entanto, há um problema sério." Ele abriu um vidro de solvente líquido usado em lâminas temporárias, com pinças removeu a cobertura da lâmina e cuidadosamente virou o fragmento do outro lado. Pingou xileno e cobriu a lâmina novamente, gesticulando para que eu me aproximasse.

"O que você vê?", perguntou, orgulhoso de sua descoberta.

"Algo cinzento e sólido. Não é o mesmo material do outro lado." Olhei para ele, surpresa. "O tecido tinha um forro?" "Uma espécie de forro termoplástico. Provavelmente tereftalato de polietileno." "E onde se usa isso?", eu logo quis saber.

"Principalmente em garrafas de refrigerante, em filmes. Ou em plástico-bolha." Encarei-o atônita, pois não via como aqueles produtos poderiam ter algo a ver com o caso.

"E o que mais?", perguntei.

Ele meditou por algum tempo. "Fitas de amarração. E parte dos materiais, como as garrafas, pode passar por reciclagem, e são então usados como fibras para carpete, enchimento, chapas plásticas. Praticamente qualquer coisa." "Mas não tecidos para roupas." Ele balançou a cabeça negativamente, como quem tem certeza. "De jeito nenhum. O tecido em questão é muito comum, um tipo grosseiro de poliéster misto revestido com material plástico ordinário. Francamente, nunca ouvi falar de roupas feitas com isso. Ademais, parece saturado de tinta." "Obrigada, Aaron", falei. "Isso muda tudo." Quando retornei a minha sala, fiquei surpresa e contrariada por encontrar Percy Ring sentado na poltrona na frente da minha mesa, consultando um bloco de anotações.

"Precisei vir a Richmond para uma entrevista com o pessoal do Canal 12", ele disse, inocentemente. "Aí pensei em dar uma passada por aqui para vê-la. Querem entrevistar você também." Ele sorriu.

Não respondi, mas meu silêncio foi gritante quando me sentei na cadeira. "Não achei que você ia dar a entrevista. E foi isso que disse a eles", prosseguiu, com seus modos afáveis, descontraídos.

"Conte-me: o que foi que você disse exatamente, desta vez?" Meu tom não era amigável.

"Como é?" O sorriso sumiu e sua fisionomia endureceu. "O que você está querendo insinuar com isso?" "Você não é investigador? Então deduza." Enfrentei seu olhar petulante sem hesitar.

Ele deu de ombros. "Disse o de costume. Só as informações básicas a respeito do caso e das semelhanças com os anteriores." "Investigador Ring, faço questão de deixar uma coisa muito clara, mais uma vez", eu disse, sem procurar disfarçar meu desprezo por ele, "este caso não é necessariamente igual aos anteriores e nós não devemos discuti-lo com jornalistas." "Bem, creio que você e eu temos perspectivas diferentes em relação a isso, doutora Scarpetta." Elegante, de terno escuro, com suspensório e gravata xadrez, ele parecia completamente sincero. Não pude evitar de pensar no que Wesley dissera a respeito das ambições e dos contatos de Ring, e a possibilidade de um idiota egoísta como ele um dia comandar a

polícia estadual ou se eleger para o Congresso era insuportável para mim.

"Creio que o público tem o direito de saber que há um psicótico à solta", ele disse.

"E foi isso que você disse na televisão." Minha irritação inflamou-se.

"Que há um psicótico à solta entre nós." "Não me recordo das palavras exatas. A verdadeira razão para eu ter vindo aqui foi ver se consigo uma cópia do relatório da autópsia." "Ainda pendente." "Preciso do relatório quanto antes." Ele me encarou. "O procurador-chefe quer saber o que está havendo." Não pude crer no que acabara de ouvir. Ele não teria contatado o procurador se não houvesse um suspeito.

"Aonde você está querendo chegar?", perguntei.

"Estou concentrando a atenção em Keith Pleasants." Era inacreditável.

"Há uma série de elementos circunstanciais", prosseguiu, "a começar pelo fato de que ele era o operador da retroescavadeira quando o torso foi encontrado. Sabe, ele normalmente não opera o equipamento pesado, e de repente ei-lo ao volante bem na hora em que tudo acontece." "Eu diria que isso faz dele uma vítima, não um suspeito. Se ele fosse o assassino", prossegui, "era de se esperar que procurasse estar a cem quilômetros do local onde o corpo seria encontrado." "Psicopatas adoram estar presentes no local", ele disse, como se soubesse tudo a esse respeito. "Eles fantasiam sobre como seria estar lá no momento da descoberta da vítima. Isso os excita, como o motorista de ambulância que matava mulheres e as deixava na área em que atendia aos chamados. Quando chegava seu turno, ligava para a polícia e avisava, para ser o responsável pelo recolhimento do cadáver." Além de formado em psicologia, ele indubitavelmente frequentara algum curso de perfis psicológicos criminosos. Sabia de tudo.

"Keith mora com a mãe, por quem tem muito ressentimento", prosseguiu, alisando a gravata. "Ele nasceu quando ela já era bem

madura, deve ter mais de sessenta agora. O rapaz cuida da velha." "Então a mãe continua viva e goza de boa saúde", falei.

"Certo. Mas isso não significa que ele não possa descarregar seu instinto agressivo em outra pobre velha. Além disso - você não vai acreditar no que descobri -, ele trabalhou num supermercado na época em que cursava o colegial. Era assistente de açougueiro." Não lhe contei que a serra usada no caso não era uma serra de açougueiro, deixei que continuasse falando.

"Ele nunca foi muito sociável, o que confirma seu perfil psicopata." O sujeito continuou desfiando sua teia fantástica. "E corre entre o pessoal que trabalha no lixão o boato de que ele é homossexual." "Com base em quê?"

"No fato de que não sai com mulheres nem se mostra interessado pelo assunto quando o pessoal faz comentários ou piadas. Você sabe como são as coisas nessas turmas só de homens rudes."

"Descreva a casa onde ele mora." Pensei nas fotos que havia recebido por e-mail.

"Sobrado, três quartos, cozinha, sala. Classe média baixa, quase pobre. Talvez no passado, quando o pai ainda vivia com eles, tivessem mais recursos." "O que aconteceu com o pai?" "Deu o fora antes de Keith nascer." "Ele tem irmãos ou irmãs?"

"Mais velhos, saíram de casa faz muito tempo. Creio que ele foi uma surpresa. E suspeito que o senhor Pleasants não era o pai, o que explica sua partida antes mesmo que Keith nascesse."

"E no que baseia suas suspeitas?", perguntei, algo ferina.

"Intuição."

"Entendo."

"Eles vivem num local ermo, a cerca de quinze quilômetros do aterro sanitário, no meio do mato", disse. "Têm um quintal imenso, e a garagem é fora da casa." Cruzando as pernas, fez uma pausa como se o que tivesse a acrescentar em seguida fosse importante. "Há muitas ferramentas, e uma bancada grande. Keith se gaba de

ser hábil e usa a garagem como oficina quando precisa consertar coisas da casa. Vi uma serra de cortar cano pendurada num gancho, e o facão que ele alega usar para roçar o mato e as ervas daninhas." Após tirar o paletó ele o ajeitou cuidadosamente no colo, continuando a excursão pela vida de Keith Pleasants.

"Você conseguiu acesso a muitos lugares sem mandado", comentei, cortando sua narrativa.

"Ele resolveu cooperar", respondeu sem se perturbar. "Vamos falar agora no que vai pela cabeça daquele sujeito." E bateu na sua. "É inteligente, muito esperto, há livros, revistas e jornais por todos os lados. E tem mais. Ele gravou em vídeo as reportagens sobre o caso, além de guardar os recortes de jornais e revistas." "Provavelmente a maioria do pessoal que trabalha no aterro sanitário fez o mesmo", apontei.

Mas Ring não se interessava por uma só palavra pronunciada por mim. "Ele lê livros policiais. Sobre crimes. O silêncio dos inocentes, O dragão vermelho, Tom Clancy, Ann Rule..."

Interrompi-o novamente, pois não suportaria ouvir sua voz nem mais um segundo. "Você acaba de descrever a lista de leitura típica de um americano. Não posso lhe dizer como deve conduzir uma investigação, mas gostaria de ter a oportunidade de persuadi-lo a procurar pistas e provas..."

"Mas é o que estou fazendo", ele me cortou. "É exatamente isso que estou fazendo."

"Isso é exatamente o que não está fazendo. Você nem mesmo sabe quais são as pistas existentes. Não recebeu relatórios meus, nem do laboratório. Não tem um perfil feito pelo FBI. Pelo menos chegou a conversar com Marino ou Grigg?"

"Temos tido desencontros." Ele se levantou e vestiu o paletó. "Preciso dos relatórios." Falava como se pudesse me dar ordens. "O procurador vai entrar em contato com você. E aí, como vai Lucy?" Eu não queria nem que ele soubesse o nome de minha sobrinha, e isso ficou claro pelo olhar surpreso e furioso que lancei.

"Não sabia que vocês se conheciam", falei friamente.

"Fiz um curso com ela, sabe, faz alguns meses. Ela falou a respeito da CAIN." Apanhei uma pilha de atestados de óbito na caixa de entrada e comecei a assiná-los.

"Depois ela nos levou para o HRT para uma demonstração com os robôs", disse, já na porta. "Ela está namorando alguém?"

Eu não tinha nada a dizer.

"Eu soube que ela mora com outra agente. Mas elas são apenas amigas, certo?"

Sua insinuação era clara, e me fez gelar. Olhei para cima enquanto ele ia embora, assobiando. Furiosa, juntei uma pilha de papéis e estava me levantando da mesa quando Rose entrou.

"Esse poderia deixar o sapato na beira da minha cama quando quisesse", comentou a respeito de Ring.

"Faça-me o favor!" Eu não aguentava mais. "Pensei que você fosse uma mulher inteligente, Rose."

"Acho melhor você tomar um chá bem quente", ela disse.

"Tem razão." Suspirei.

"Antes, porém, precisamos conversar", ela falou em tom profissional.

"Conhece um sujeito chamado Keith Pleasants?"

"O que tem ele?" Por um instante, minha mente se confundiu. "Ele está no saguão", ela disse. "Muito irritado. Recusa-se a ir embora sem falar com você. Eu ia chamar a segurança, mas achei melhor conferir primeiro..." A expressão em meu rosto fez com que se calasse.

"Ai, meu Deus", falei desanimada. "Ele e Ring se encontraram?"

"Não tenho a menor ideia", ela disse, sem ocultar sua perplexidade. "Algum problema sério?"

"Muito sério." Devolvi a pilha de papéis à mesa.

"Então, devo chamar a segurança ou não?"

"Não." Passei por ela, a passos rápidos.

Os saltos dos meus sapatos tamborilaram rápidos e ritmados enquanto eu percorria o corredor até o saguão, um local que nunca conseguira tornar aconchegante, por mais que tentasse. Nenhuma mobília de bom gosto nem quadros poderiam disfarçar a terrível verdade que obrigava as pessoas a cruzar aquelas portas. Como Keith Pleasants, elas se sentavam tensas e empertigadas no sofá estofado que deveria ser macio e gostoso. Em choque, olhavam para o vazio ou choravam.

Abri a porta e ele se levantou num pulo, com os olhos congestionados. Eu não saberia dizer se ele sentia raiva ou pânico quando praticamente avançou em minha direção. Por um instante, pensei que ia me agarrar ou querer dançar comigo. Mas ele baixou as mãos ao longo do corpo, desajeitadamente, e olhou para mim com o rosto sombrio de quem está revoltado contra a injustiça.

"Você não tem nenhum direito de dizer aquelas coisas a meu respeito!", ele exclamou, cerrando os punhos. "Você nem me conhece! Não sabe nada sobre minha vida!"

"Calma, Keith", falei com gentileza, mas firme.

Fiz um gesto para que ele se sentasse novamente e puxei uma cadeira, para ficar de frente para ele. Ele ofegava, tremia, seus olhos revelavam mágoa e lágrimas furiosas.

"Você só me viu uma vez." Ele apontou o dedo para mim. "Uma única vez, e saiu dizendo aquelas coisas." Sua voz tremeu. "Estou quase perdendo o emprego." Ele cobriu a boca com a mão, desviando os olhos enquanto tentava recuperar a compostura.

"Para começo de conversa", falei, "eu não disse nem uma única palavra a seu respeito. A ninguém." Ele olhou para mim.

"Não tenho a menor ideia do que você está falando, aliás." Meus olhos se fixaram nele, e falei com calma e segurança, fazendo com que se aquietasse. "Gostaria que me explicasse." Ele me estudava, desconfiado. As mentiras que lhe contaram a meu respeito desfilavam perante seus olhos.

"Você não conversou com o investigador Ring a meu respeito?", ele disse.

Controlei a raiva. "Não." "Ele foi até minha casa hoje de manhã, quando minha mãe ainda estava dormindo." Sua voz era trêmula. "Começou a me interrogar como se eu fosse o assassino, sei lá. Disse que você havia descoberto provas contra mim, que era melhor eu confessar logo de uma vez."

"Provas? Que provas?", falei, sentindo crescer a revolta. "Fibras que, segundo você, eram iguais às das roupas que eu estava usando no dia em que nos conhecemos. Ele disse que meu tamanho combinava com o tamanho da pessoa que esquartejou o corpo, segundo suas deduções. Disse que você poderia provar que o assassino tinha a mesma força que eu, pela pressão usada na hora de serrar o corpo. Disse que você ia pedir um monte de coisas minhas, para fazer todos os testes, DNA. E que você me achou meio maluco quando eu a levei até o lugar..."

Interrompi-o. "Meu Deus, Keith. Nunca ouvi tanta bobagem na vida. Se eu tivesse dito qualquer uma dessas coisas seria despedida por incompetência."

"E tem mais." Pleasants levantou-se abruptamente de novo, com os olhos em fogo. "Ele andou falando com todo mundo que trabalha comigo! Estão todos se perguntando se eu não sou o maníaco do machado ou coisa pior. Percebo isso pelo modo como olham para mim." Ele debulhou-se em lágrimas quando as portas se abriram e diversos policiais militares estaduais entraram. Não nos deram a menor atenção, seguindo direto para a morgue, onde Fielding trabalhava num pedestre atropelado. Pleasants estava nervoso demais para que eu pudesse continuar a conversa, e eu estava tão revoltada com Ring que nem sabia mais o que dizer.

"Você tem advogado?", perguntei.

Ele balançou a cabeça.

"Acho melhor arranjar um." "Não conheço ninguém." "Posso lhe dar alguns nomes", falei, enquanto Wingo abria a porta e se deparava com a cena de Pleasants chorando no sofá.

"Hã... doutora Scarpetta?", Wingo disse. "O doutor Fielding quer saber se pode encerrar o caso e enviar os objetos pessoais para a

funerária." Dei um passo na direção de Wingo, pois não queria que Pleasants ficasse ainda mais abalado ouvindo conversas sobre as atividades do local. "A polícia já está descendo", sussurrei. "Se eles não quiserem levar os objetos pessoais, então mande-os para a funerária." Wingo olhava fixamente para Pleasants, como se o conhecesse de algum lugar.

"Por favor", pedi a Wingo, "dê ao rapaz os nomes completos e os números telefônicos de Jameson e Higgins." Eles eram ótimos advogados locais, e eu os considerava amigos.

"Depois, por gentileza, acompanhe o senhor Pleasants até a saída." Wingo continuava olhando, como se estivesse hipnotizado.

"Wingo?", insisti, olhando bem para ele, pois tive a impressão de que não me escutara.

"Sim, senhora", ele disse, virando-se para mim.

Passei pelos dois e segui em direção ao elevador. Precisava conversar com Wesley, mas talvez fosse melhor contatar Marino primeiro. Peguei o elevador para baixo, ponderando se deveria telefonar para a procuradora de Sussex e alertá-la a respeito de Ring. Enquanto isso me passava pela cabeça, sentia uma pena enorme de Pleasants. Temia por sua segurança. Por mais incrível que pudesse parecer, ele era bem capaz de acabar sendo acusado de assassinato.

No necrotério, Fielding e os policiais olhavam o atropelado na mesa 1 sem fazer os gracejos de costume porque a vítima era a filha de nove anos de um vereador local. Estava a caminho do ponto de ônibus pela manhã quando alguém saiu da pista em alta velocidade. A julgar pela ausência de marcas de frenagem, o motorista atingira a menina pelas costas sem nem mesmo reduzir a velocidade.

"Como vão indo?", perguntei ao me aproximar deles.

"Temos um caso difícil aqui", disse um dos policiais militares estaduais, com ar sério.

"O pai está fora de si", Fielding me contou enquanto examinava com uma lupa o corpo ainda vestido, em busca de vestígios e pistas.

"Tinta?", perguntei, pois uma lasca de tinta automotiva poderia revelar a marca e o modelo do carro.

"Até agora, nada." Meu assistente-chefe estava de mau humor. Odiava trabalhar com crianças.

Examinei a calça jeans rasgada e empapada de sangue, atenta à marca da grade no tecido, na altura das nádegas. O para-choque dianteiro a atingira na altura do joelho, por trás, e a cabeça batera no para-brisa. Ela usava uma mochilinha vermelha. O lanche, os cadernos e as canetas retirados dela me partiram o coração. Senti um peso enorme por dentro.

"As marcas da grade parecem bem altas", comentei.

"Era isso que eu estava pensando também", disse outro policial. "Do tipo que a gente vê em picapes e jipes de passeio. No momento da ocorrência um Jeep Cherokee foi visto na área, trafegando em alta velocidade." "O pai está telefonando de meia em meia hora." Fielding ergueu a vista para mim. "Acha que pode não ser um simples acidente." "O que ele está sugerindo, exatamente?" "Acha que é um crime político." Ele retomou o trabalho, recolhendo fibras e detritos minúsculos. "Homicídio." "Tomara que não seja", comentei ao me afastar. "Do jeito que está já é ruim demais." Na bancada de aço inoxidável, num canto remoto da morgue, havia um ebulidor elétrico portátil que usávamos para desengordurar e remover a carne dos ossos. O processo era indubitavelmente repugnante, exigia que partes do corpo fossem fervidas numa solução de água sanitária a dez por cento. A panela de aço enorme e o cheiro eram terríveis, e eu costumava deixar a atividade para as noites e os finais de semana, quando dificilmente havia visitantes.

Na véspera eu deixara as extremidades dos ossos do torso fervendo a noite inteira. Não foi preciso muito tempo, e pude desligar o ebulidor. Despejei a água quente e fétida na pia e esperei até que os ossos esfriassem o suficiente para manipulá-los. Estavam limpos e claros, tinham cerca de cinco centímetros de comprimento e as marcas da serra e os cortes podiam ser vistos nitidamente. Conforme examinava cada segmento cuidadosamente, fui tomada

por uma sensação de incredulidade assustadora. Não conseguia distinguir quais marcas haviam sido feitas pelo assassino e quais eram as de minha autoria.

"Jack", chamei Fielding. "Você pode vir até aqui um minuto?" Ele interrompeu o exame e seguiu até o canto do salão.

"O que foi?", perguntou.

Entreguei-lhe um dos ossos. "Você consegue dizer qual lado foi cortado com a serra Stryker?" Ele virou o osso de um lado para o outro, olhou uma ponta e a outra, franzindo a testa. "Você não marcou o lado?" "Fiz as marcas para esquerda e direita", falei. "Fora isso, não. Deveria ter marcado. Mas normalmente é tão óbvio qual lado nós cortamos que não há necessidade de marcar." "Não sou especialista no assunto, mas se você quer minha opinião, eu diria que todos os cortes foram feitos com a mesma serra." Ele me devolveu o osso e eu comecei a guardá-lo num saco destinado às provas. "Você ia levá-los a Canter de todo modo, não ia?" "Ele vai me odiar por isso", falei.

6

Minha casa era feita de pedra, num canto remoto de Windsor Farms, bairro antigo de Richmond onde as ruas tinham nomes ingleses e havia residências imponentes, nos estilos georgiano e Tudor, que alguns chamavam de mansões. Ao passar, vi luzes nas janelas e, através dos vidros, móveis finos e candelabros, além de pessoas assistindo televisão. Pelo jeito, além de mim, ninguém fechava as cortinas naquela cidade. As folhas começavam a cair das árvores. O céu estava nublado e a noite fria. Quando entrei no acesso de casa vi fumaça saindo da chaminé e a velha perua Suburban de minha sobrinha estacionada na frente. "Lucy?", chamei ao fechar a porta e desligar o alarme.

"Estou aqui", ela respondeu do canto da casa onde costumava ficar. Segui para o escritório para deixar a valise e a pilha de papéis com o serviço que levava para casa e pretendia fazer naquela noite. Ela saiu do quarto vestindo um agasalho esportivo cor de laranja berrante da uva.

"Oi." Sorrindo, ela me abraçou. Poucas partes de seu corpo eram macias. Segurando-a com o braço estendido, olhei detidamente para ela, do modo como costumava fazer ao encontrá-la.

"Oops", ela zombou, "hora da vistoria." Ergueu os braços e virou-se, como se eu pretendesse revistá-la.

"Engraçadinha", falei.

Na verdade, eu teria preferido que ela estivesse pesando um pouco mais. De todo modo, era indubitavelmente saudável e bonita. Usava o cabelo castanho curto, mas o corte valorizava seu rosto. Depois de tanto tempo, eu ainda não conseguia olhar para ela sem ver a menina precoce e geniosa de dez anos que, no fundo, não tinha ninguém no mundo além de mim.

"Passou no exame", falei.

"Desculpe-me por ter chegado tão tarde." "Conte-me o que andou fazendo", indaguei, pois ela me telefonara durante o dia para avisar que só chegaria na hora do jantar.

"Um assessor do procurador-geral resolveu nos visitar, acompanhado de comitiva. Como de hábito, queriam ver um show do HRT." Fomos para a cozinha.

"Então mostrei-lhes Totó e Tin Man", ela acrescentou.

Eram seus robôs.

"Exibimos fibras ópticas, realidade virtual. O de sempre, só que é muito bacana. Eles deram um salto de paraquedas de um helicóptero Huey e depois arrombaram uma porta de aço com lasers." "Nada de helicópteros de verdade, espero", falei.

"Os rapazes cuidaram disso. Eu atuei no solo." Esta parte não lhe agradava muito.

O problema era que Lucy queria participar das exposições com helicópteros reais. Havia cinquenta agentes no Grupo de Resgate de Reféns, o HRT. Ela era a única mulher e costumava se melindrar excessivamente quando não a deixavam participar das demonstrações mais perigosas, nas quais, na minha opinião, ela não deveria mesmo estar. Claro, eu não julgava a questão com muita objetividade.

"Por mim está ótimo se você se restringir aos robôs", falei quando já estávamos na cozinha. "Sinto um cheiro muito bom. O que andou preparando para sua velha tia comer?" "Espinafre fresco sauté no azeite de oliva com um pouquinho de alho para acompanhar os filés que vou grelhar agora mesmo. Este é o meu dia da semana de comer carne, azar se não for o seu. Trouxe uma garrafa de um vinho ótimo, que Janet e eu descobrimos." "Desde quando agentes do FBI podem comprar ótimos vinhos?" "Ei", ela disse, "não ganho tão pouco assim. Além disso, vivo ocupada demais para gastar meu dinheiro." Com certeza ela não o gastava em roupas. Sempre que eu a via ela estava de calça caqui tipo militar e moletom. De vez em quando vestia calça jeans e jaqueta ou blazer, e sempre zombava de mim quando eu lhe oferecia roupas que não

queria mais. Jamais poria conjuntos de executiva ou blusas de gola alta. E, francamente, eu era mais corpulenta do que aquela moça esguia e atlética. Provavelmente nada meu lhe serviria. A lua estava imensa e baixa naquela noite nublada e escura. Vestimos agasalhos e fomos para o terraço beber o vinho enquanto Lucy cozinhava. Ela havia posto batatas para assar na brasa, e isso nos deu algum tempo para conversar. Nos últimos anos nosso relacionamento evoluíra do mãe-e-filha para uma amizade entre colegas. A transição não foi fácil, pois ela tinha muita coisa a me ensinar e chegou a trabalhar em alguns dos meus casos. Eu me sentia meio perdida, sem muita certeza do papel e da influência que poderia ter na vida dela.

"Wesley quer que eu vá atrás do material que chegou pela AOL", ela disse. "Sussex sem dúvida quer ajuda da CASKU, a Unidade de Investigação de Crimes em Série e Sequestros de Crianças." Você conhece Percy Ring?", perguntei, pensando no que ele me dissera no escritório e sentindo a raiva retornar.

"Ele frequentou um de meus cursos; era um sujeito arrogante, incapaz de ficar calado." Ela pegou a garrafa de vinho. "Um pavão." Lucy encheu nossas taças. Levantando a tampa da grelha, espetou as batatas com o garfo.

"Acho que já estão prontas", disse, contente.

Pouco depois ela veio para fora com os filés. Eles chiaram quando foram para a grelha. "Não sei como ele descobriu que você era minha tia." Falava de novo em Ring. "Não que isso seja segredo. Mas ele veio fazendo perguntas a seu respeito certo dia, depois da aula. Queria saber se você me ensinava coisas, me ajudava nos casos, como se eu não fosse capaz de fazer nada sozinha. Insinuações maldosas, em geral. Pensei que ele estava pegando no meu pé porque eu era mulher e nova como agente." "Talvez tenha sido o maior erro de cálculo da vida dele", falei. "E ele queria saber se eu era casada." Uma sombra perpassou seus olhos, quando ficou de lado para a luminária do terraço.

"Fico preocupada em saber qual é o verdadeiro interesse dele", comentei. Ela me olhou de esguelha, enquanto cuidava da carne. "O de sempre." Deu de ombros, pois vivia rodeada de homens e ignorava seus comentários e olhares.

"Lucy, ele falou em você quando foi ao meu departamento", falei. "Fez uma alusão velada." "A quê?" "A sua condição. A sua colega de apartamento." Por mais delicada ou rara que fosse uma conversa sobre isso, ela sempre se mostrava frustrada e impaciente.

"Quer seja verdade quer não", ela disse, e a carne chiando na grelha parecia combinar com seu tom de voz, "sempre haverá comentários porque sou agente do FBI. Isso é ridículo. Conheço mulheres casadas, com filhos, e os caras também pensam que todas são gays só por serem agentes, guardas, policiais ou membros do serviço secreto. Tem gente que acha o mesmo de você. Pelos mesmos motivos. Por causa de sua posição, de seu poder." "Nosso problema não são as acusações", ponderei com calma. "A questão é se o sujeito pode prejudicá-la ou não. Ring é muito ladino. Ele transmite uma impressão de credibilidade. Suponho que sinta inveja por você ser do FBI e do hrt e ele não." "Acho que ele já mostrou isso", ela falou com dureza.

"Espero que o cretino não a convide para sair." "Ah, ele já fez isso. Pelo menos meia dúzia de vezes." Ela se sentou. "Convidou até a Janet para sair, dá para acreditar?" E riu. "Esse aí vive por fora de tudo." "O problema é ele acreditar que está por dentro de tudo", falei, temerosa. "Creio que ele pretende aprontar alguma contra você, e está juntando provas." "Bem, ele que junte o que quiser." Ela encerrou nossa discussão abruptamente. "Então, conte-me o que mais aconteceu hoje." Contei-lhe o que havia sido descoberto no laboratório e falamos sobre fibras grudadas nos ossos e as análises de Koss, enquanto ela levava o vinho e os filés grelhados para dentro. Comemos na mesa da cozinha, à luz de velas, digerindo informações que poucas pessoas serviriam com a comida.

"Uma cortina de motel bem vagabunda teria um forro daquele tipo", Lucy disse.

"Concordo. Mas poderia ser um pano para forrar o chão, considerando a tinta presente", argumentei. "O espinafre está uma delícia. Onde você o conseguiu?" "Na Ukrop. Eu daria tudo para ter uma loja assim perto de casa. Então quer dizer que o assassino embrulhou a vítima num pano e depois a serrou, por cima do tecido?", ela perguntou, cortando a carne. "Ao que tudo indica, foi o que aconteceu." "O que Wesley acha disso?" Lucy me encarou.

"Ainda não tive oportunidade de conversar com ele a respeito." Não era exatamente a verdade. Eu nem mesmo telefonara.

Por um momento, Lucy ficou em silêncio. Depois levantou-se para pegar uma garrafa de Evian, que trouxe para a mesa. "E por quanto tempo você pretende ficar fugindo dele?" Fingi não escutar, torcendo para que ela não insistisse.

"Você sabe o que está havendo. Você está com medo." "Acho que não devemos discutir esse assunto", falei. "Principalmente numa noite agradável como esta." Ela pegou mais vinho.

"Bom vinho, realmente", falei. "Gosto de pinot noir porque é leve. Não tem o peso de um merlot. E meu humor no momento dispensa qualquer peso. Foi uma ótima escolha." Ela levou outro pedaço de carne à boca, como quem entende meu recado. "E como vai a vida para Janet?", prossegui. "Continua investigando crimes de colarinho-branco em Washington? Ou passa mais tempo no ERF?" Lucy olhou através da janela para a lua, enquanto girava o vinho lentamente na taça. "Acho melhor começarmos a trabalhar no seu computador." Enquanto eu tirava a mesa ela foi para meu escritório. Não a incomodei por um longo tempo. Entre outros motivos, por ela estar magoada comigo. Ela esperava sinceridade total, e nunca fui muito de me abrir completamente com ninguém. Sentia-me mal, como se tivesse deixado na mão todas as pessoas que amava. Passei um momento sentada à mesa da cozinha, conversando com Marino pelo telefone. Depois, liguei para saber de minha mãe. Preparei um pouco de café descafeinado, servi duas canecas e segui pelo corredor.

Encontrei Lucy entretida com meu teclado, de óculos, com uma ruguinha na testa jovem e lisa, prova de sua concentração. Pus a caneca de café a seu lado e espiei por cima da cabeça o que estava digitando. Não fazia o menor sentido para mim. Como sempre, aliás.

"Como vai indo?", perguntei.

Via meu rosto refletido na tela do computador, enquanto ela teclava Enter mais uma vez, acionando um comando UNIX.

"Bem, mas não muito", respondeu com um suspiro impaciente. "O problema dos programas de provedores como AOL é que não se pode localizar arquivos sem entrar na linguagem de programação original. É o que estou fazendo agora. É como seguir uma trilha de farelo de pão num universo que tem mais camadas que uma cebola." Puxei uma cadeira e sentei-me a seu lado. "Lucy", falei, "como alguém mandou fotos assim para mim? Você pode me descrever o processo, passo a passo?" Ela parou o que estava fazendo, tirou os óculos e os colocou em cima da escrivaninha. Esfregou o rosto com as mãos e massageou as têmporas, como se sentisse dor de cabeça.

"Você tem Tylenol?", perguntou.

"Nada de acetaminofen com álcool", retruquei. Abri a gaveta e ofereci-lhe um frasco de Motrin.

"Para começo de conversa", ela disse, tomando dois comprimidos, "não teria sido tão fácil se você não escolhesse como endereço eletrônico seu nome verdadeiro: KSCARPETTA." "Fiz isso deliberadamente, para que meus colegas pudessem enviar mensagens facilmente", expliquei mais uma vez.

"E facilitou a vida de todos que desejassem mandar mensagens para você." Ela me olhou, acusadora. "Você nunca tinha recebido e-mails desagradáveis antes?" "Acho que neste caso desagradável é pouco." "Por favor, responda a minha pergunta." "Uma coisa ou outra. Nada que desse motivo a preocupações." Fiz uma pausa. "Geralmente, após casos de grande repercussão, julgamentos famosos, reportagens sensacionalistas." "Acho melhor mudar seu e-mail." "Não", falei. "Deadoc pode querer mandar mais alguma foto.

Não posso alterá-lo por enquanto." "Beleza." Ela pôs os óculos de volta. "Então agora você quer se corresponder com ele." "Lucy, por favor", falei pausadamente, pois também estava começando a ficar com dor de cabeça. "Cada uma de nós tem de cumprir sua missão." Ela permaneceu em silêncio por algum tempo. Depois desculpou-se. "Acho que sou superprotetora com você, como você sempre foi comigo." "Ainda sou." Toquei seu joelho. "Bem, ele conseguiu meu e-mail na lista de assinantes da AOL, certo?" Ela fez que sim. "Vamos falar a respeito de seu perfil na AOL." "As únicas informações que forneci foram profissão, cargo que ocupo, telefone e endereço do serviço", falei. "Nunca dei detalhes pessoais, como estado civil, data de nascimento, passatempos etc. Tenho um mínimo de bom senso." "Já tentou checar o perfil dele?", Lucy perguntou. "O de Deadoc?" "Francamente, jamais me ocorreu que ele pudesse ter um", confessei. Deprimida, pensei nas marcas de serra que não conseguia distinguir, sentindo que cometera mais de um erro naquele dia.

"Ah, ele tem um perfil, sim, sem dúvida", Lucy disse, digitando novamente. "Ele quer que você saiba quem ele é. Por isso deu as informações." Ela clicou na lista de assinantes, e quando abriu o perfil de Deadoc não pude acreditar no que surgiu perante meus olhos. Concentrei-me nas palavras-chave que poderiam facilitar a busca de qualquer pessoa interessada em usuários com aquele perfil.

Advogada, autópsia, Chefe do Departamento de Medicina Legal, Cornell, cadáver, morte, desmembramento, FBI, forense, Georgetown, italiana, Johns Hopkins, judicial, assassino, procuradora, médica, patologista, doutora, mergulho, Virgínia, mulher.

A lista ia longe, e tudo, informações profissionais e pessoais, além dos passatempos, dizia respeito a mim.

"Parece que Deadoc está querendo dizer que é você", Lucy comentou.

Fiquei atônita e de repente senti um frio na espinha. "Isso é loucura." Lucy empurrou a poltrona para trás e olhou para mim. "Ele conseguiu seu perfil. No ciberespaço, na world wide web, vocês são a mesma pessoa, com diferentes endereços eletrônicos." "Não somos a mesma pessoa. Não acredito que você esteja dizendo isso." Olhei para ela, chocada.

"As fotografias são suas, você as mandou para si mesma. Foi fácil. Você as escaneou em seu computador. Nenhum mistério. Hoje em dia se compra um scanner colorido portátil por quatrocentos ou quinhentos dólares. Anexe o arquivo à mensagem dez, que você envia a kscarpetta, em outras palavras, para você mesma..." "Lucy", interrompi, "pelo amor de Deus, já chega." Ela ficou quieta, sem que seu rosto revelasse suas emoções.

"Isso me ofende. Não posso acreditar no que você está dizendo." Levantei-me da cadeira, revoltada.

"Caso suas impressões digitais fossem encontradas na arma do crime", ela retrucou, "não gostaria que eu lhe contasse?" "Minhas digitais não estão em lugar nenhum." "Tia Kay, estou só mostrando que alguém a investiga, a segue e tenta se passar por você na internet. Claro que você não fez nada. Mas estou fazendo o possível para enfiar na sua cabeça que uma pessoa qualquer, sempre que inicia uma busca por assunto, pois precisa de um especialista com suas características, obtém também o nome de Deadoc." "Como ele pode ter tantas informações a meu respeito?", indaguei. "Nada disso consta em meu perfil na rede. Não há nada na internet sobre eu ser de família italiana, onde fiz os cursos de direito e medicina, nada." "E o que escreveram a seu respeito nos jornais e revistas ao longo dos anos?"

"Suponho que haja alguns dados." Para mim já era o bastante. "Quer tomar algo antes de dormir? Estou exausta." Mas ela já se perdera novamente no espaço negro do ambiente unix, com seus símbolos e comandos estranhos, como cat, :q! e vi.

"Tia Kay, qual é sua senha na AOL?", ela quis saber.

"A mesma que uso para tudo", confessei, sabendo que ela ia ficar zangada outra vez.

"Droga. Não me diga que está usando Sinbad." Ela olhou para mim. "O estúpido gato da minha mãe nunca foi mencionado em artigos ou reportagens a meu respeito", defendi-me.

Observei-a enquanto teclava o comando senha e depois Sinbad.

"Você faz troca periódica de senha?" "Não tenho a menor ideia do que você está falando." "A gente precisa mudar a senha pelo menos uma vez por mês." "Não faço isso", falei.

"E quem mais conhece sua senha?" "Rose conhece. E, claro, agora você também", falei. "Mas Deadoc jamais poderia sabê-la." "Há sempre um jeito. Ele pode usar um programa unix de decifração de senhas que testa todas as palavras do dicionário, comparando-as com a sua senha..." "Não pode ser tão complicado assim", falei com convicção. "Aposto que o autor disso tudo não sabe nada de UNIX." Lucy interrompeu o que estava fazendo, olhou curiosa para mim e girou a poltrona. "Por que você acha isso?" "Porque ele teria lavado o corpo primeiro, para evitar que vestígios microscópicos aderissem ao sangue. Ele não deveria ter mandado a foto das mãos dela. Agora podemos conseguir as digitais." Parei na soleira da porta, estourando de dor de cabeça. "Ele não é tão esperto assim." "Talvez pense que as impressões digitais dela não fa- 111 çam a menor diferença", Lucy disse, levantando-se. "E por falar nisso", ela disse ao passar por mim, "qualquer manual de computação lhe dirá que é estupidez escolher como senha o nome de parentes, amigos ou animais domésticos." "Sinbad não é o meu gato. Eu nunca teria um siamês nojento que me olha feio e me arranha sempre que entro na casa da minha mãe."

"Bem, você deve gostar um pouco dele, senão não aceitaria pensar em Sinbad toda vez que acessa a internet", ela disse, já no corredor.

"Não gosto dele nem um pouco", falei.

No ar fresco e fragrante como uma maçã no outono, o céu na manhã seguinte ainda exibia algumas estrelas quando saí,

encontrando no trajeto principalmente caminhões que empreendiam longas jornadas. Saí no acesso para a rua 64 East, que peguei pouco depois do parque estadual de exposições, e em alguns minutos já estava procurando um lugar no estacionamento de curta permanência do aeroporto internacional de Richmond. Escolhi uma vaga na rua S por ser mais fácil de lembrar, e novamente me recordei da senha e de outros descuidos óbvios, resultado do excesso de trabalho.

Quando tirava a bagagem do porta-malas escutei passos atrás de mim e virei-me instantaneamente.

"Não atire." Marino ergueu os braços. Fazia frio o suficiente para ver o ar esbranquiçado saindo de sua boca.

"Gostaria que assobiasse ou falasse algo quando se aproximasse de mim por trás, no escuro", eu disse, batendo a tampa do porta-malas. "Oh. Bandidos nunca assobiam. Só caras legais como eu." Ele pegou minha mala. "Quer que eu leve aquilo também?" Ele estendeu o braço para apanhar a mala Pelican preta e rígida que eu levava naquele dia para Memphis, onde ela já estivera inúmeras vezes. Dentro dela havia vértebras humanas e outros ossos, provas que eu não podia entregar a ninguém. "Essa vai comigo", falei, pegando a mala e minha pasta. "Lamento envolvê-lo nisso, Marino. Você tem certeza de que é absolutamente necessário me acompanhar?" Havíamos discutido a questão várias vezes, e eu não concordava com a necessidade de ser escoltada. Não via razão para tanto.

"Como eu já disse antes, algum engraçadinho anda zombando de você", ele falou. "Eu, Wesley, Lucy e o FBI inteiro achamos que eu precisava vir junto, caramba. No mínimo porque você já fez essa mesma viagem em todos os casos anteriores desta série, o que a tornou previsível. Além disso, saiu nos jornais que você consulta o tal sujeito da Universidade do Tennessee, a UT." Os estacionamentos bem iluminados estavam cheios de carros, e não pude deixar de notar as pessoas passando lentamente, procurando um lugar que não estivesse a quilômetros de distância da entrada do terminal. Fiquei imaginando o que mais Deadoc saberia a meu respeito, e

lamentei não estar usando nada além do sobretudo. Fazia frio e eu havia esquecido as luvas.

"E tem mais", Marino prosseguiu, "eu nunca estive em Graceland." A princípio, achei que estava brincando.

"Faz parte da minha lista", ele completou.

"Que lista?" "A lista que mantenho desde quando era menino. Alasca, Las Vegas e Grand Ole Opry",* ele disse, como se a ideia o excitasse muito. "Você não tem uma lista dos lugares para onde gostaria de ir, se pudesse fazer o que bem entendesse?" Chegamos ao terminal e ele abriu a porta para mim. (*) "Grand Ole Opry", inicialmente o nome de um programa de rádio que estreou em 1925, tornou-se referência básica para Nashville, capital da música country norte-americana. (N. T.)

"Sim", falei. "Com só um lugar, minha cama em minha casa." Seguimos para o balcão da Delta, pegamos os cartões de embarque e subimos. Como era típico naquela hora, não havia nada aberto, fora a segurança. Quando coloquei a caixa rígida na esteira de raios X já sabia o que ia acontecer.

"Senhora, vai ser preciso abrir esta mala", disse a moça da segurança. - Destranquei a maleta e abri os fechos. Dentro, protegidos por espuma de borracha, havia sacos plásticos contendo ossos. A policial arregalou os olhos.

"Já passei aqui com esse tipo de material", expliquei pacientemente.

Ela estendeu o braço para pegar um dos sacos plásticos.

"Por favor, não toque em nada", alertei. "Trata-se de material para exame, relacionado a um homicídio." Havia outros passageiros atrás de mim, ouvindo cada palavra que eu dizia.

"É, mas eu preciso dar uma olhada nisso." "Você não tem permissão." Puxei a carteira de chefe do Departamento de Medicina Legal e mostrei a ela. "Se tocar em qualquer coisa serei forçada a incluí-la na lista das pessoas que manipularam o material, quando o

caso for a julgamento. Você será convocada a depor." A explicação foi mais do que suficiente para ela, que me mandou prosseguir.

"Estúpida feito uma mula", Marino resmungou quando nos afastamos.

"Ela só estava fazendo o serviço dela", retruquei.

"Escute", ele disse, "nós só vamos pegar o avião de volta amanhã de manhã. A não ser que você passe o dia inteiro examinando esses ossos, teremos algum tempo livre." "Você pode ir a Graceland sozinho. Tenho muito serviço que posso fazer no quarto do hotel. E eu vou me sentar na ala dos não fumantes." Acomodei-me numa poltrona da sala de espera. "Se quiser fumar, você vai ter de ir para lá", apontei.

Ele examinou os outros passageiros que aguardavam para embarcar no mesmo voo. Depois olhou para mim.

"Sabe de uma coisa, doutora?, ele disse. "O problema é que você odeia se divertir." Tirei o jornal da pasta e o abri.

Ele sentou-se a meu lado. "Aposto que você nunca ouviu Elvis." "Como eu poderia nunca ter ouvido Elvis? Ele toca no rádio, na tevê, no elevador." "Ele é o rei." Espiei Marino por cima do jornal.

"A voz e tudo o que diz respeito a ele. Nunca existiu ninguém parecido." Marino continuou falando como um fã. "Sabe, é como música clássica e os pintores de que você tanto gosta. Creio que gente assim só aparece uma vez a cada duzentos anos." "Então você o compara a Mozart e a Monet." Virei a página, entediada com a política e os negócios locais.

"Às vezes você é esnobe pra cacete." Ele se levantou, amuado. "E pelo menos uma vez na vida você poderia considerar a hipótese de ir a algum lugar aonde eu gostaria de ir. Já me viu jogando boliche?" Olhou para mim, puxando um cigarro. "Alguma vez você elogiou minha picape? Já foi pescar comigo? Jantar na minha casa? Não, tem de ser na sua, porque você mora na parte boa da cidade." "Se você fizer o jantar eu vou", falei enquanto lia.

Ele se afastou, furioso, e senti os olhos dos curiosos fixos em nós. Suponho que eles pensavam que Marino e eu formávamos um casal, daqueles que não se entendem há anos. Sorrindo para mim mesma, virei a página. Além de acompanhá-lo a Graceland, eu pretendia convidá-lo para jantar numa churrascaria à noite, por minha conta.

Pelo jeito não se podia voar direto de Richmond para nenhum lugar, exceto Charlotte. Portanto, fomos até Cincinnati e trocamos de avião. Chegamos a Memphis na hora do almoço e nos instalamos no Peabody Hotel. Eu havia conseguido um desconto como representante do governo e a diária seria de apenas setenta e três dólares. Marino olhou em volta, boquiaberto com o monumental saguão envidraçado, no qual havia até uma fonte com patos selvagens.

"Puxa vida", ele falou. "Nunca vi um hotel com patos Mallard. E tem um montão." Fomos para o restaurante, apropriadamente chamado de Mallards, que tinha vitrines contendo esculturas de patos. Havia quadros de patos nas paredes e patos estampados no tecido dos coletes e nas gravatas verdes dos garçons.

"Tem um palácio dos patos no teto", expliquei. "E eles estendem um tapete vermelho duas vezes por dia, quando eles chegam e quando saem, ao som de John Philip Souza." "Tá bom." Eu disse à recepcionista que desejávamos uma mesa para dois. "Na área dos não fumantes", acrescentei.

Percebemos no restaurante lotado que homens e mulheres usavam crachás com nomes em letras grandes, pois participavam de um congresso imobiliário no hotel. Ficamos sentados tão perto dos outros hóspedes que eu podia ler os relatórios que eles consultavam e ouvir suas conversas. Pedi frutas frescas variadas e café, enquanto Marino pedia o costumeiro hambúrguer com fritas no prato.

"Malpassado", ele pediu ao garçom.

"Ao ponto", falei, olhando para Marino.

"Tudo bem, pode ser." Ele deu de ombros.

"Intoxicação alimentar por E. coli", argumentei quando o garçom se afastou. "Vá por mim, não vale a pena." "Você nunca sente vontade de fazer coisas que são ruins para a saúde?", ele disse.

Ele me pareceu deprimido e repentinamente velho, sentado à minha frente naquele lugar maravilhoso onde as pessoas se vestiam muito melhor e ganhavam muito mais do que um capitão da polícia de Richmond. O cabelo de Marino rareava, restava apenas uma faixa grisalha irregular em torno da parte superior da orelha, como uma auréola de prata velha enterrada na cabeça. Não perdera um único quilo desde que eu o conhecesse, a barriga saltava por cima do cinto e batia na beira da mesa. Diariamente, eu temia por sua saúde. Era incapaz de imaginar que um dia teria de trabalhar sem a ajuda dele.

Saímos do hotel à uma e meia, num carro alugado. Ele dirigia, nem aceitava discutir isso, e pegamos a Madison Avenue no sentido leste, para o lado oposto do rio Mississippi. Os prédios de tijolo da universidade ficavam tão próximos que poderíamos ter ido a pé. O Centro Regional de Ciência Forense situava-se do outro lado da rua, na frente de uma loja de pneus e do Centro de Doação de Sangue. Marino estacionou nos fundos, perto da entrada pública para a sala do legista. O departamento era mantido pela prefeitura e tinha mais ou menos o tamanho da sede distrital do meu departamento, em Richmond. Havia três patologistas forenses e também dois antropologistas forenses, o que era inusitado e invejável. Eu adoraria poder contar com alguém como o dr. David Canter em minha equipe. Memphis também se distinguia por outro fato, não tão louvável. O legista chefe estivera envolvido em dois dos casos que poderíamos incluir entre os mais infames do país. Ele fizera a autópsia de Martin Luther King e testemunhara a de Elvis. "Se você não se importar", Marino disse quando saímos do carro, "acho que prefiro dar uns telefonemas enquanto você trata dos ossos." "Por mim, tudo bem. Aposto que eles conseguem uma sala vazia para você usar, sem dificuldade." Ele semicerrou os olhos ao erguê-los em direção ao céu azul outonal, e quando começamos a andar, virava a cabeça de um lado para outro. "Não acredito que estou aqui", disse. "Foi aqui que eles fizeram a autópsia dele." "Não", falei, pois sabia

exatamente do que ele falava. "O exame do corpo de Elvis Presley foi realizado no hospital Baptist Memorial. Ele nunca passou por aqui, mas deveria ter passado." "Como assim?" "O caso foi tratado como morte natural", respondi.

"E foi isso mesmo. Ele morreu de ataque do coração." "A bem da verdade, o coração dele estava em condições terríveis", falei. "Mas não foi isso que o matou. Sua morte ocorreu em consequência da ingestão de drogas em excesso." "A morte dele foi consequência do coronel Parker", Marino resmungou, como se quisesse matar o sujeito.

Olhei para ele de esquelha, ao entrarmos. "Elvis havia ingerido dez tipos diferentes de droga. A causa da morte deveria ter sido atribuída a elas. Isso é triste." "E temos certeza de que era mesmo Elvis?" "Marino, não me venha com essa agora!" "Por que não? Você viu as fotos? É capaz de provar que ele morreu?", Marino insistiu.

"Sim, eu vi as fotos. Sim, sou capaz de provar que ele morreu." Paramos na mesa da recepção.

"Então, por que tanto mistério com as fotos?" Ele não pretendia desistir.

Uma moça chamada Shirley, que já me recebera em ocasiões anteriores, esperou o final de minha discussão com Marino.

"Isso não é da sua conta", falei em tom de brincadeira, com carinho.

"Olá, Shirley, tudo bem?" "Tudo. Já de novo aqui?" Ela sorriu.

"E não trago boas novas, lamento informar", respondi.

Marino começou a cutucar as unhas com um canivete, olhando em torno como se Elvis estivesse para entrar ali andando a qualquer momento. "O doutor Canter a espera", ela disse. "Venha, eu acompanho a senhora."

Enquanto Marino ocupava uma das salas no corredor para telefonar, fui conduzida a um escritório modesto que pertencia ao cientista que eu conhecia desde sua época de residente na Universidade do Tennessee. Canter era tão jovem quanto Lucy

quando o vi pela primeira vez. Era discípulo do doutor Bass, antropólogo forense fundador do instituto de pesquisa de decomposição conhecido como Lavoura de Corpos, em Knoxville. Além disso, estudara com outras sumidades e era considerado atualmente a maior autoridade mundial em marcas de serra. Eu não entendia direito o que havia de especial naquele estado, famoso por ser recordista no fornecimento de voluntários para guerras e por Daniel Boone. O Tennessee reunia os maiores especialistas em análise de ossos humanos e determinação do momento da morte.

"Kay." Canter ergueu-se, estendendo a mão.

"Dave, obrigada por me receber assim de repente, de uma hora para outra." Sentei-me na poltrona que havia do lado oposto da escrivaninha. "Eu lamento muito tudo que você está enfrentando." Ele usava o cabelo escuro todo penteado para trás, mas sempre que olhava para baixo o topete caía, obstruindo sua visão. Vivia tirando o cabelo da frente, mas não parecia se dar conta do gesto. Seu rosto jovem era curiosamente anguloso, os olhos próximos um do outro, queixo e nariz de linhas fortes.

"Tudo bem com Jill e as crianças?", perguntei.

"Ótimo. Ela está grávida de novo." "Meus parabéns. Com esse serão três filhos?" "Quatro." Seu sorriso se abriu mais ainda.

"Não sei como você consegue fazer isso", falei com sinceridade.

"Fazer é a parte mais fácil. E você, o que trouxe para mim?" Coloquei a maleta rígida sobre a mesa e a abri, tirando os sacos plásticos com os pedaços de ossos. Entreguei o material e ele pegou primeiro o fêmur esquerdo. Estudou o osso sob a lâmpada, com uma lupa, virando-o lentamente de um lado para outro.

"Hummm", disse. "Então, você não marcou o lado que cortou." Ele olhou para mim.

Não me censurava, apenas confirmava o fato, e fiquei novamente furiosa comigo. Normalmente, eu era muito cuidadosa. No mínimo, me chamavam de obsessiva, de tão meticulosa que eu era.

"Parti de um pressuposto errado", falei. "Não esperava descobrir que o assassino usara uma serra com características muito semelhantes às da minha." "Eles não costumam usar serras de autópsia." Ele empurrou a poltrona para trás e se levantou. "Na verdade, jamais tive um caso assim. Só estudei este tipo de marca de serra em testes, aqui no laboratório." "Então isso confirma a origem." Eu já esperava. "Não posso afirmar sem sombra de dúvida antes de examinar as marcas no microscópio. Mas pelo jeito as duas extremidades foram cortadas com uma serra Stryker." Ele juntou os sacos de ossos e eu o segui pelo corredor, cada vez mais apreensiva. Não saberia o que fazer caso ele não conseguisse distinguir as marcas de serra umas das outras. Um equívoco do gênero poderia arruinar o caso, num julgamento.

"Bem, sei que provavelmente você não poderá me dizer muita coisa a respeito do osso da vértebra", falei, pois era trabecular, menos denso que o outro osso e portanto possuía uma superfície ruim para reter marcas de ferramentas.

"Não custa nada levá-lo também. Quem sabe a gente dá sorte?", ele disse, entrando no laboratório.

Não havia um centímetro de espaço livre. Latões de duzentos litros de desengordurante e verniz poliuretânico ocupavam boa parte do espaço. Havia prateleiras do teto até o chão, cheias de pacotes com ossos, e pelas caixas e carrinhos espalhavam-se todos os tipos de serra utilizados pela humanidade. Esquartejamentos eram raros, e eu só conhecia três motivos óbvios para partir uma vítima em pedaços. Transportar o corpo tornava-se mais fácil. Dificultava a identificação, quando não a impossibilitava. Ou, simplesmente, o homicida era um maníaco.

Canter aproximou a banquetta do potente microscópio equipado com câmera fotográfica. Afastou uma bandeja com costelas fraturadas e uma cartilagem tireóide, nas quais devia estar trabalhando antes de minha chegada.

"Este sujeito levou um chute na altura da garganta, entre outras coisas", ele disse distraidamente enquanto calçava a luva cirúrgica.

"Vivemos num mundo admirável", comentei.

Canter abriu o fecho Zip do saco que continha o segmento do fêmur direito. Uma vez que não poderia colocar o pedaço de osso na plataforma de observação do microscópio, a não ser cortando uma parte fina o suficiente para permitir a instalação, pediu-me que segurasse o pedaço de osso de cinco centímetros na beirada da plataforma. Em seguida, aproximou um foco de luz de fibra óptica de potência vinte e cinco de uma das superfícies serradas.

"Indubitavelmente, uma serra Stryker", ele disse, olhando pelo visor. "É preciso haver um movimento rápido e sincronizado para produzir um efeito de polimento como este. Fica parecido com pedra polida. Veja." Ele se moveu para o lado e eu olhei. O osso estava ligeiramente chanfrado, como água congelada em cristas suaves. Brilhava. Diferentemente de outras serras potentes, a Stryker usava uma lâmina oscilante que não cortava muito fundo. Não cortava pele, apenas uma superfície dura, quando era pressionada contra ela, como osso ou o gesso que o ortopedista cortava para remover, após a consolidação de um osso fraturado.

"Obviamente", falei, "os cortes transversais na área média são de minha autoria. Para remoção de medula para exame de DNA."

"Mas as marcas de faca não são." "Não. Com absoluta certeza, não." "Bem, provavelmente não teremos muita sorte com elas." As facas em geral cobriam seus próprios rastros, a não ser que o osso ou a cartilagem da vítima fossem perfurados ou golpeados.

"Mas a boa notícia é que vejo várias tentativas frustradas, um talho inicial fundo e o número de dentes por polegada", ele disse, ajustando o foco do microscópio enquanto eu continuava a segurar o osso.

\ Eu nada sabia a respeito de serras antes de iniciar as frequentes visitas a Canter, com quem passava bastante tempo. Ossos são excelentes superfícies para marcas de instrumentos, e quando os dentes de uma serra o cortam, formam sulcos e saliências. Pelo exame microscópico das paredes e do fundo de um sulco, podem-se determinar as lascas de saída, no lado onde a serra

sai>' Jo osso. A determinação das características individuais dos dentes, do número de dentes por polegada (TPI), do espaço entre eles e do estriamento, pode revelar o formato da lâmina.

Canter angulou o feixe de luz para ressaltar as estrias e os defeitos.

"Dá para ver a curvatura da lâmina." Ele apontou para os inícios frustrados na haste, onde alguém tentara forçar a serra contra o osso, antes de realizar nova tentativa em outro ponto.

"Não fui eu", falei. "Espero pelo menos ser mais competente do que isso." "Uma vez que este também é o lado onde vimos a maioria dos cortes de faca, concordo que não tenha sido você. Quem fez isso precisou cortar primeiro com outro instrumento, já que uma lâmina oscilante não corta carne." "E quanto à lâmina da serra?", perguntei, pois sabia qual era o tipo usado no meu necrotério.

"Dentes largos, dezessete por polegada. Temos portanto uma lâmina de serra de autópsia circular. Vamos virá-lo."

Fiz isso, e ele posicionou a luz na outra extremidade, onde não havia tentativas frustradas. A superfície era lisa e ondulada como a outra, mas bem distinta aos olhos experientes de Canter.

"Serra de autópsia potente, com lâmina larga, para seccionar", disse. "Corte multidirecional, uma vez que o raio da lâmina é pequeno demais para cortar o osso num único golpe. Portanto, quem fez isso mudou a serra de direção, usando-a em ângulos diferentes, com muita habilidade. Temos apenas uma ligeira curvatura nos cortes. Um mínimo de lascas na saída. Novamente, prova de muita habilidade no manejo da serra. Vamos aumentar um pouco a potência e ver se conseguimos acentuar os harmônicos." Ele se referia à distância entre os dentes da serra.

"A distância entre os dentes é zero vírgula seis. Dezesseis dentes por polegada", contou. "A direção, para a frente e para trás, dentes tipo cinzel. Aposto que é a sua." "Você me pegou", retruquei, aliviada. "Confesso a culpa." "Era o que eu pensava", ele ainda estava olhando. "Duvido que você use serra circular para alguma coisa." As lâminas circulares, maiores, eram pesadas e usavam

movimento contínuo, destruindo mais o osso. Em geral, era o tipo de serra empregado em laboratórios e consultórios, para remover botas de gesso.

"Só uso serras circulares em raras ocasiões, em animais." "De duas ou quatro patas?" "Já removi projéteis de cachorros, pássaros, gatos e, numa ocasião especial, de uma píton atingida durante um flagrante de drogas", respondi.

Canter examinava outro osso. "E eu achava que me divertia à beça por aqui." "Você acha normal que alguém use uma serra de açougueiro em quatro desmembramentos e de repente passe para uma serra elétrica de autópsia?", perguntei.

"Se a sua teoria a respeito dos casos da Irlanda for correta, então já temos nove casos com serra de açougueiro", ele disse. "Por favor, segure isto aqui, para que eu possa bater a foto." Segurei a parte do fêmur esquerdo com a ponta dos dedos e ele pressionou o botão da câmera.

"E, respondendo melhor a sua pergunta", ele disse, "acho que seria bem anormal. Você está descrevendo dois tipos diferentes. A serra de açougueiro é manual, física, normalmente possui dez dentes por polegada. Rasga o tecido e destrói uma certa quantidade de osso a cada passada, deixando marcas grosseiras de serra que costumam indicar uma pessoa habilidosa e fisicamente dotada. Além disso, é importante ressaltar que em todos os casos anteriores o assassino fez o corte pelas juntas, e não na haste do osso, o que constitui uma prática extremamente rara." "Não poderia ser a mesma pessoa", repeti minha crença, agora reforçada.

Canter pegou o osso de minha mão e me olhou sério. "Também penso assim." Quando retornei ao saguão do prédio Marino ainda estava telefonando, no final do corredor. Aguardei um pouco mais e saí, pois precisava de ar fresco. Queria sentir o calor do sol e ver cenas que não fossem selvagens. Cerca de vinte minutos transcorreram até que ele finalmente saiu. Fomos para o carro.

"Não sabia que você estava aqui", ele disse. "Se alguém tivesse avisado, eu não ficaria lá telefonando." "Tudo bem. Está um dia

magnífico." Ele destrancou o carro.

"Como foi?", perguntou, instalando-se no banco do motorista.

Resumi rapidamente o caso, enquanto ainda estávamos no estacionamento, parados.

"Quer voltar ao Peabody?", ele perguntou, tamborilando no volante com o polegar.

Eu sabia exatamente o que ele desejava fazer.

"Não", falei. "Graceland estaria mais de acordo com a recomendação do médico." Ele engatou a marcha e foi incapaz de reprimir um sorriso amplo.

"Vamos pela via expressa Fowler", avisei, pois havia estudado o mapa da cidade.

"Eu gostaria de obter uma cópia do relatório da autópsia dele", disse Marino, retomando o assunto. "Queria saber o que aconteceu com ele. Se soubesse, isso deixaria de me atormentar tanto." "O que você deseja saber?" Olhei para ele.

"Se foi como eles disseram. Ele morreu no banheiro? Isso sempre me incomodou pra caramba. Sabe quantos casos parecidos já testemunhei?" Ele olhou para mim. "Não interessa se é um pilantra qualquer ou o presidente dos Estados Unidos. Você morre e fica com a marca da privada na bunda. Espero que nunca aconteça comigo." "Elvis foi encontrado no chão do banheiro. Estava nu e acredito que tenha caído da privada de porcelana preta." "Quem o encontrou?" A obsessão de Marino não era saudável.

"A namorada que estava no quarto conjugado. Pelo menos essa é a versão oficial", falei.

"Ou seja, ele entrou no banheiro, estava tudo bem, sentou na privada e pimba? Nenhum grito de alerta nem nada?" "Só sei que ele havia jogado frescobol de manhã e que parecia estar bem", falei.

"Você está brincando!" A curiosidade de Marino era insaciável. "Eu nunca ouvi falar disso. Não sabia que ele jogava frescobol." Seguimos por uma área industrial, onde havia estações de trem e muitos caminhões, depois por terrenos à venda. Graceland erguia-se

no meio de um monte de motéis e lojas ordinárias, e não transmitia imponência naquele cenário. A mansão colunada de pedra cinzenta clara parecia completamente fora de lugar, como se fosse uma brincadeira ou um cenário de filme. "Putá merda", Marino disse, entrando no estacionamento. "Veja só que coisa. Minha nossa!" Ele prosseguiu com as exclamações enquanto estacionava ao lado de um ônibus, como se estivesse vendo o palácio de Buckingham.

"Sabe, eu queria muito tê-lo conhecido", disse, melancólico.

"Talvez tivesse conhecido, se ele tivesse cuidado melhor da saúde." Abri a porta quando ele acendeu o cigarro.

Durante as duas horas seguintes passeamos por entre espelhos e dourados, carpetes gastos e vitrais de pavões, enquanto a voz de Elvis nos seguia por seus domínios. Centenas de fãs chegavam nos ônibus, a paixão pelo cantor estampada na cara quando perambulavam ouvindo a fita cassete que guiava o passeio. Muitos deixavam flores, cartões e cartas no túmulo. Alguns choravam como se o tivessem conhecido intimamente.

Passeamos pelos Cadillacs, um roxo e outro rosa, pelo Stutz Blackhawk e mais um museu de outros automóveis. Havia aviões e estande de tiro, além do Hall da Fama, com prêmios Grammy em vitrines e discos de ouro e platina, tantos troféus que cheguei a ficar impressionada. O salão tinha pelo menos vinte e cinco metros de comprimento. Não consegui tirar os olhos dos trajes esplêndidos, bordados com ouro e lantejoulas. As fotos mostravam um ser humano extraordinariamente belo e sensual. O queixo de Marino caiu, sua fisionomia sugeria uma adoração quase sofrida, como a de um cachorrinho, conforme percorríamos os salões.

"Sabe, eles não queriam que ele mudasse para cá quando comprou a mansão", ele anunciou quando já estávamos do lado de fora, sentindo o frio e a luz da tarde outonal. "Alguns esnobes da cidade não o aceitavam. Creio que isso o magoou, talvez tenha sido muito doloroso. Por isso tomava analgésicos."

"Ele tomava outras coisas também", ressalttei, enquanto caminhávamos.

"Se você fosse o legista, teria feito uma autópsia nele?" Marino pegou outro cigarro.

"Com toda certeza." "E não teria coberto o rosto dele?" Ele se mostrou indignado, ao pegar o isqueiro.

"Claro que não." "Eu não teria coragem." Ele balançou a cabeça, sorvendo a fumaça. "Por nada deste mundo permaneceria na sala de autópsia." "Gostaria que o caso tivesse sido meu", falei. "Não teria assinado um atestado de óbito indicando causas naturais. O mundo saberia a verdade, para que as pessoas pensassem duas vezes antes de se entupirem de Percodan." Chegamos à frente de uma das lojas de lembranças, e as pessoas estavam reunidas em torno da televisão que havia lá dentro, vendo um vídeo de Elvis. Pelas caixas acústicas externas sabíamos que cantava "Kentucky rain" com sua voz poderosa e bem-humorada, diferente de qualquer outra que já escutei na vida. Comecei a andar de novo e disse a verdade.

"Sou fã dele e tenho uma coleção bem grande de seus CDs, se quer mesmo saber", falei a Marino.

Ele mal acreditava. Ficou animadíssimo.

"E gostaria de lhe pedir o favor de não espalhar isso por aí." "Conheço você há tantos anos, e você nunca me contou isso?", ele gritou. "Não está me gozando, não é? Eu jamais poderia imaginar uma coisa dessas. Nem em um milhão de anos. Ei, então agora você pode admitir que eu tenho bom gosto." Ele prosseguiu no mesmo tom até a chegada da perua que nos levou de volta ao estacionamento, e continuou falando quando já estávamos no carro.

"Eu me lembro que o vi na tevê uma vez, quando era menino, em Nova Jersey", Marino disse. "Meu pai chegou em casa bêbado como sempre e começou a gritar comigo para mudar de canal. Nunca vou me esquecer." Ele reduziu a velocidade e entrou no hotel Peabody.

"Elvis cantava 'Hound dog', julho de 1956. Lembro-me que era meu aniversário. Meu pai entrou xingando, desligou a tevê e eu me levantei e a liguei de novo. Ele me deu um tapa na cabeça e desligou a tevê outra vez. Eu liguei a tevê e avancei para cima dele.

Pela primeira vez na vida bati nele. Empurrei-o contra a parede, dei-lhe um tapa na cara e disse ao filho da puta que se encostasse a mão na minha mãe ou em mim de novo eu matava ele." "E ele?", perguntei, quando o porteiro abriu a porta.

"Nunca mais, claro." "Então agradeça a Elvis", falei.

7

Dois dias depois, na quinta-feira seis de novembro, saí cedo para viajar noventa minutos de Richmond até a Academia do FBI em Quântico, na Virgínia. Marino e eu fomos em dois carros, pois precisávamos estar preparados para ocorrências inesperadas que nos despachassem a locais diferentes. No meu caso, poderia ser uma queda de avião ou um descarrilamento de trem, enquanto ele era obrigado a lidar com questões de segurança municipal e obedecer a ordens dos inúmeros escalões superiores. Não me surpreendi quando o telefone do carro tocou perto de Fredericksburg. O sol surgia e sumia por trás das nuvens; o frio intenso prenunciava neve.

"Scarpetta", falei no viva-voz.

A voz de Marino trovejou dentro do carro. "A câmara de vereadores está em polvorosa", anunciou. "Primeiro a filha do vereador McKuen foi atropelada, agora surgem mais notícias sobre seu caso na tevê, nos jornais e no rádio." Novos vazamentos de informações haviam ocorrido nos últimos dois dias. Segundo uma fonte, a polícia teria um suspeito para a série de homicídios que incluía cinco casos em Dublin. Sua prisão era iminente.

"Dá para acreditar nisso? Que merda!", Marino exclamou. "De quem estão falando? De um sujeito de vinte e tantos anos que andou passeando por Dublin nos últimos anos? O pior é que a câmara resolveu realizar uma audiência pública sobre a situação, provavelmente porque os vereadores acreditam que será solucionada logo. Querem ficar com o crédito, levar os eleitores a pensar que talvez tenham feito alguma coisa pelo menos desta vez." Ele dosava as palavras, mas não ocultava o ressentimento. "Resultado, tenho de dar meia-volta e comparecer à câmara às dez horas. Além disso, o chefe de polícia quer falar comigo." Ele ia à frente, deu seta e pegou a primeira saída da 1-95. A estrada estava movimentada naquela manhã, cheia de caminhões e carros de quem

morava longe e trabalhava em Washington. Por mais cedo que eu saísse, sempre que me dirigia para o norte pegava um trânsito terrível.

"Na verdade, sua presença lá será positiva. Assim, poderá me defender também", consolei-o. "Depois entro em contato com você e o ponho a par da situação." "Tá bom. Quando encontrar Ring, dê um tiro nele", falou.

Ao chegar à Academia o guarda na guarita sinalizou para que eu passasse direto, pois àquela altura já conhecia meu carro e a placa. O estacionamento estava tão cheio que parei quase no meio do mato. O treinamento com armas de fogo já se iniciara nos estandes do outro lado da pista. Agentes do esquadrão antidrogas em fardas com camuflagem avançavam portando fuzis de assalto, com ar compenetrado. Havia muito orvalho na grama, e eu molhei o sapato ao pegar um atalho para a entrada principal do prédio de tijolo marrom conhecido como Jefferson.

No saguão havia bagagem ao lado dos sofás e encostada nas paredes, pois os policiais da Academia Nacional, ou na, estavam sempre indo para algum lugar, pelo jeito. O aviso na tela da recepção desejava a todos um bom dia e lembrava a necessidade de usar o crachá em lugar visível. O meu ainda estava na bolsa; tirei-o e prendi-o à correntinha do pescoço. Inseri o cartão magnético e destranquei a porta de vidro com o selo do Departamento de Justiça gravado, avançando depois pelo longo corredor envidraçado.

Mergulhada em meus pensamentos, mal notava os novos agentes de azul-marinho e caqui, ou os estudantes da na de verde. Eles me cumprimentavam e sorriam ao passar. Fui cordial também, mas seguia distraída. Pensava no torso, nas enfermidades e na idade da vítima, lamentavelmente guardada numa gaveta na geladeira do necrotério, onde ficaria até que descobríssemos seu nome, o que poderia levar anos. Pensei em Keith Pleasants, em Deadoc, em serras e lâminas afiadas.

Senti cheiro de solvente Hoppes ao passar pela sala de limpeza de armas, com fileiras de balcões pretos e compressores soprando o

ar no interior dos armamentos. Não conseguia ouvir esses sons e sentir esses cheiros sem pensar em Wesley e em Mark. Os sentimentos me apertavam o coração quando uma voz familiar chamou meu nome.

"Parece que vamos para o mesmo lugar", disse o investigador Ring.

Impecavelmente vestido de azul-marinho, ele esperava o elevador que nos levaria a vinte metros abaixo do chão, onde Hoover construía seu abrigo antibombas. Passei a pesada valise para a outra mão e posicionei a caixa de slides com firmeza debaixo do braço.

"Bom dia", respondi com neutralidade.

"Pode deixar que eu a ajudo com isso." Ele estendeu a mão quando a porta do elevador se abriu, e notei que tinha as unhas manicuradas.

"Obrigada, não é preciso", respondi, pois não precisava da ajuda dele.

Entramos, os dois olhando para a frente enquanto descíamos a um nível sem janelas, sob o estande interno de tiro. Ring participara de reuniões de consultoria antes, tomava notas copiosas, mas nenhuma delas até agora encontrara o caminho para os jornais. Ele era esperto demais para fazer isso. Se uma informação divulgada durante uma reunião de consultoria no FBI vazasse, o autor seguramente seria identificado entre os poucos participantes.

"Fiquei muito contrariada com o acesso da imprensa a certas informações", falei ao sairmos.

"Compreendo sua situação", Ring disse, com o ar mais sincero do mundo.

Ele abriu a porta que dava para o labirinto de corredores onde se instalara a unidade inicialmente batizada de Ciência do Comportamento, depois Apoio à Investigação e agora CASKU. Os nomes mudavam, os casos não. Homens e mulheres frequentemente chegavam para trabalhar quando ainda estava

escuro e saíam quando já era noite, dedicando dias seguidos ao estudo dos pequenos detalhes dos monstros, como marcas de dentes, pegadas na lama, cheiro, seu modo de pensar e odiar.

"Quanto mais dados vazam, pior a coisa fica", Ring disse quando nos aproximávamos de outra porta, a que conduzia à sala de reuniões na qual eu passava vários dias por mês. "Uma coisa é divulgar detalhes que ajudam o público a nos ajudar, e outra..." Ele continuou falando, mas eu não o escutava. Lá dentro, Wesley já ocupava a cabeceira da mesa de madeira envernizada, usando óculos de leitura. Examinava ampliações de fotos que ostentavam no verso o carimbo do Departamento de Polícia de Sussex. O detetive Grigg, a várias poltronas de distância, estava diante de uma pilha de papéis e estudava um desenho qualquer. Na sua frente vi Frankel, do Programa de Detenção de Criminosos Violentos, ou viCAP, e na outra extremidade da mesa, minha sobrinha. Teclava num laptop e levantou os olhos quando entrei, mas não me deu nem oi.

Ocupei meu lugar costumeiro, à direita de Wesley, abri a maleta e comecei a organizar as pastas. Ring sentou-se à minha frente e continuou a conversa.

"Precisamos aceitar o fato de que o sujeito está acompanhando o noticiário", ele disse. "Faz parte da brincadeira, para ele." Capturou com isso a atenção de todos. Os olhos dos presentes fixaram-se em seu rosto, a sala ficou em silêncio, exceto pelo som de sua voz. Ele se comportava de modo razoável e discreto, como se sua única missão fosse revelar a verdade sem atrair atenção indevida para sua pessoa. Ring era um vigarista talentoso, e as coisas que disse na frente de meus colegas me deixaram incrivelmente revoltada.

"Por exemplo, precisamos ser sinceros em relação a um detalhe", ele disse para mim. "Não concordo que tenha sido uma boa ideia divulgar a raça, a idade e outros dados sobre a vítima. Pode ser que eu me engane." Seu olhar girou entre os presentes. "Mas quanto menos falarmos, melhor." "Não tive escolha", falei, sem conseguir evitar um certo tom agressivo na voz, "uma vez que alguém andou vazando informações deturpadas." "Mas isso vai acontecer sempre, e

não acho que nos obrigue a divulgar detalhes antes da hora", prosseguiu no mesmo tom sincero e cordial.

"Não nos ajudaria em nada se o público se concentrasse numa adolescente de origem asiática desaparecida", falei ao encará-lo, olho no olho, enquanto todos prestavam atenção. "Concordo com a doutora", disse Frankel, da viCAP. "Estamos recebendo fichas de pessoas desaparecidas do país inteiro. Um erro como esse precisa ser corrigido imediatamente." "Para início de conversa, um erro como esse jamais poderia ter ocorrido", Wesley disse, examinando os presentes por cima dos óculos, como fazia quando não estava para brincadeiras. "Temos conosco esta manhã o detetive Grigg, da comarca de Sussex, e a agente especial Farinelli." Olhou para Lucy. "Ela é analista técnica do hrt e gerencia a Rede de Inteligência Artificial Criminal conhecida por todos nós como CAIN. Veio para nos auxiliar nos aspectos relacionados a computadores." Minha sobrinha nem levantou a vista, continuou tecendo, concentrada. Ring a colocou na mira, encarando-a como se quisesse comer sua carne.

"Que aspectos relacionados a computadores?", perguntou, sem parar de devorá-la com os olhos.

"Chegaremos lá", Wesley disse, prossequindo bruscamente. "Vamos resumir o caso e depois estudar pontos específicos. A vitimologia no caso mais recente do aterro sanitário é tão diferente das quatro anteriores - ou nove, se incluirmos a Irlanda - que sou forçado a concluir que estamos lidando com um assassino diferente. A doutora Scarpetta transmitirá as descobertas dos aspectos médicos, o que em minha opinião demonstrará com muita clareza que o modus operandi deste caso é profundamente atípico." Ele prosseguiu, e ficamos até o meio-dia estudando meus relatórios, diagramas e fotografias. Respondi a uma grande quantidade de perguntas, principalmente de Grigg, que queria muito entender as facetas e nuances dos esquartejamentos, para compreender o motivo de o caso ocorrido em sua jurisdição ser distinto dos outros.

"Qual é a diferença de se cortar alguém pelas juntas e cortar na haste do osso?", ele me perguntou.

"Cortar pelas juntas é mais difícil", falei. "Exige conhecimentos de anatomia e provavelmente experiência prévia." "Como um sujeito que trabalhou em açougue ou frigorífico." "Certo", confirmei.

"Bem, isso combina direitinho com a serra de açougueiro", ele acrescentou.

"Sim. Um instrumento muito diferente de uma serra de autópsia." "Como, exatamente?", Ring quis saber.

"Uma serra de açougueiro é do tipo destinado a cortar carne, cartilagem e ossos", expliquei, olhando para todos. "Normalmente, tem uns quarenta centímetros de comprimento, lâmina fina, dez dentes tipo cinzel por polegada. Funciona por pressão, exigindo uma certa força por parte do usuário. A serra de autópsia, por sua vez, não rompe o tecido humano, que deve ser antes cortado e afastado com uma faca." "E foi o instrumento usado neste caso", Wesley disse para mim.

"Existem cortes nos ossos que se encaixam nas características dos golpes a faca. Uma serra de autópsia", expliquei, "foi projetada para funcionar apenas em superfícies rígidas, por meio de um mecanismo de reciprocidade, ou seja, em termos simples, de vaivém. Corta só um pouquinho de cada vez. Sei que todos aqui estão familiarizados com elas, mas de todo modo trouxe as fotos." Abrindo o envelope, mostrei as fotos vinte por vinte e cinco das marcas de serra deixadas pelo assassino nas extremidades dos ossos que eu levava a Memphis. Passei uma para cada pessoa.

"Como podem ver, o padrão do corte é multidirecional, com alto polimento." "Vamos esclarecer isso melhor", Grigg disse. "Trata-se exatamente da mesma serra que você usa na morgue?" "Não. O tipo não é exatamente o mesmo", falei. "Geralmente utilizo uma lâmina de seccionamento maior do que a usada neste caso." "Mas essas marcas foram feitas por uma serra médica." Ele mostrou a foto.

"Correto." "Onde uma pessoa qualquer poderia obter equipamento assim?" "Consultórios médicos, hospitais, necrotérios, lojas de artigos médicos e assim por diante", respondi. "Em inúmeros locais. A venda não é controlada." "Então ele pode ter

encomendado a serra mesmo não sendo profissional de saúde?" "Facilmente", confirmei.

Ring disse: "Ou pode ter roubado o equipamento. Pode ter resolvido usar algo diferente desta vez, para nos confundir".

Lucy olhava para ele, e eu já vira aquela expressão em seus olhos. Ela considerava Ring um idiota.

"Se estivermos lidando com o mesmo assassino", ela disse, "então por que ele começou repentinamente a mandar arquivos pela internet, coisa que também jamais havia feito antes?"

"Bem lembrado", Frankel disse, balançando a cabeça.

"Que arquivos?", Ring perguntou.

"Já vamos chegar lá", Wesley interferiu para restaurar a ordem. "Temos um modus operandi diferente. Temos um instrumento diferente." "Suspeitamos que ela sofreu um golpe na cabeça", falei, passando os diagramas da autópsia e as fotos recebidas por e-mail pela mesa. "Por causa do sangue nas vias respiratórias. Este caso pode ser diferente dos outros ou não, uma vez que não conhecemos as causas das mortes. Entretanto, análises radiológicas e antropológicas indicam que esta vítima era bem mais idosa do que as outras. Ademais, recolhemos fibras que indicam que ela foi coberta com uma espécie de pano forrado ao ser desmembrada, mais um aspecto diferente dos outros casos." Expliquei em detalhes a questão das fibras e da tinta, sem deixar de acompanhar de perto o modo como Ring observava minha sobrinha e tomava notas.

"Então ela provavelmente foi cortada numa garagem ou numa oficina", Grigg disse.

"Não sei", falei. "E, pelo que vocês podem ver nas fotos que recebi por e-mail, só dá para saber que se trata de um cômodo com paredes de cor creme, onde há uma mesa." "Gostaria de ressaltar novamente que Keith Pleasants usa uma área atrás de sua casa como oficina", Ring lembrou. "Lá há uma bancada enorme e as paredes são de madeira clara, sem pintura." Ele olhou para mim. "Poderiam ser consideradas de cor creme." "Para mim parece que ia

ser muito difícil ele se livrar completamente do sangue", Grigg comentou, irônico.

"Um pano com forro emborrachado poderia explicar a ausência de sangue", Ring disse. "Era esta a ideia. Não deixar que o sangue escorresse." Todos olharam para mim, esperando a reação.

"Seria muito difícil não espalhar sangue num caso como este", retruquei. "Principalmente porque ela ainda apresentava alguma pressão sanguínea quando foi decapitada. No mínimo, seria de se esperar que encontrássemos vestígios de sangue entranhados nos veios da madeira, nas frestas da mesa." "Podemos realizar testes químicos desses materiais", Ring falou como cientista forense. "Como luminol. Se houver algum sinal de sangue ocorrerá uma reação luminosa no escuro." "O problema do luminol é ser destrutivo", repliquei. "E precisaríamos realizar teste de DNA para ver se é da mesma pessoa. Portanto, não quereríamos arruinar as poucas amostras de sangue eventualmente disponíveis." "Além disso, não temos indícios suficientes para entrar na oficina de Pleasants e começar a fazer um monte de testes", Grigg lembrou, encarando Ring do outro lado da mesa com hostilidade.

"Creio que temos", disse Ring. E devolveu o olhar agressivo.

"Só se andaram mudando a lei sem me avisar", falou Grigg, pronunciando as palavras lentamente.

Wesley acompanhava tudo, avaliando cada um e cada palavra, como de costume. Tinha a própria opinião, e muito provavelmente estava certo. Mas permaneceu em silêncio durante a discussão.

"Acho que..." Lucy tentou falar.

"Uma possibilidade muito viável é um clone", Ring disse. "Ah, mas isso eu também acho", Grigg disse. "Só não engulo essa sua teoria a respeito de Pleasants." "Permitam que eu exponha uma questão." Lucy perscrutou os rostos masculinos com seu olhar penetrante. "Acho que está na hora de contar como os dois arquivos foram enviados via America Online para o endereço eletrônico da doutora Scarpetta." Sempre soava estranho quando ela usava o título e o sobrenome para se referir a mim.

"Eu estou muito curioso para saber." Ring apoiava o queixo nas mãos, estudando Lucy.

"Em primeiro lugar", ela prosseguiu, "é preciso usar um scanner. Isso não é difícil. Pode ser qualquer equipamento colorido com resolução razoável, ou seja, a partir de setenta e dois pontos por polegada. Mas, em minha opinião, o material apresenta uma resolução bem melhor, coisa de trezentos dpi. Estamos falando de algo simples, como um scanner manual de trezentos e noventa e nove dólares, ou de um scanner de slide trinta e cinco milímetros que custa milhares de dólares..." "E que tipo de computador suporta esses equipamentos?", Ring disse.

"Eu já ia chegar lá." Lucy se cansara das interrupções do sujeito. "O mínimo necessário seria um sistema com oito mega de memória ram, monitor colorido, um software do tipo FotoTouch ou ScanMan e modern. Poderia ser um Macintosh, modelo Performa 6116cd ou mesmo uma máquina mais antiga. O importante é que escanear arquivos, guardá-los no computador e enviá-los a alguém pela internet é acessível à maioria das pessoas, por isso os crimes ligados à informática tomam tanto do nosso tempo ultimamente." "Como pornografia infantil, no caso de pedofilia que você desvendou recentemente", Grigg disse.

"Sim. As fotos foram enviadas como arquivos pela rede, e desconhecidos podiam escolher crianças e aborígenes", ela disse. "Mas o aspecto interessante da situação atual é que escanear em preto-e-branco não apresenta dificuldade alguma. No entanto, quando se passa ao sistema colorido, a sofisticação é maior. Além disso as bordas e os contornos das fotos enviadas à doutora Scarpetta são relativamente bem definidos, e não há quase ruído de fundo." "Para mim parece serviço de alguém que sabia o que estava fazendo", Grigg comentou.

"Isso mesmo", ela concordou. "Mas não necessariamente um analista de sistemas ou especialista em editoração eletrônica. De jeito nenhum." "Nos dias de hoje, tendo acesso ao equipamento e ao livreto de instruções, qualquer um pode fazer isso", Frankel disse,* pois também trabalhava com computadores.

"Muito bem, as fotografias foram escaneadas e entraram no sistema", falei a Lucy. "E depois? Que caminho percorreram até chegar a mim?" "Primeiro, você carrega o arquivo, que no caso é do tipo gráfico, como um gif", ela respondeu. "Em geral, para enviá-lo sem problemas, você precisa determinar o número de de informação, o número de bits de parada, a paridade e a configuração adequada, qualquer que seja. Nada disso é fácil para leigos. Mas a AOL faz tudo para o usuário. No caso, enviar o arquivo foi simples. Bastou anexá-lo à mensagem e adeus." Ela olhou para mim.

"E isso é feito pelas linhas telefônicas, basicamente", Wesley disse.

"Sim." "E pode ser localizado?" "O grupo Dezenove já está trabalhando nisso", Lucy disse, referindo-se à unidade do FBI que investigava o uso ilegal da internet.

"Não sei bem qual seria o crime, no caso", Wesley ponderou. "Temos apenas obscenidade, se as fotos forem falsas. Infelizmente, não é ilegal." "As fotos não são falsas", falei.

"Difícil de provar." Ele sustentou meu olhar.

"E se não forem falsas?", Ring indagou.

"Então são provas de um crime", Wesley afirmou, acrescentando após uma pausa: "Violação do Artigo Dezoito, Seção Oitenta e Sete. Ameaças enviadas por meios de comunicação".

"Ameaças contra quem?", Ring quis saber.

Os olhos de Wesley permaneciam fixos em mim. "Claramente, contra o destinatário." "Não houve ameaça explícita", argumentei.

"Só queremos o suficiente para solicitar um mandado." "Precisamos achar a pessoa primeiro", Ring disse, espreguiçando-se e bocejando na poltrona, como se fosse um gato.

"Estamos esperando que ele entre na rede outra vez", Lucy respondeu. "Monitoramento vinte e quatro horas por dia." Ela continuou teclando no laptop, conferindo o fluxo ininterrupto de mensagens. "Mas, se vocês imaginarem um sistema telefônico

global, com cerca de quarenta milhões de usuários, sem lista, sem telefonistas, sem auxílio à lista, terão uma vaga ideia da internet. Não existe uma relação de participantes, nem mesmo a AOL possui uma, exceto quando a pessoa voluntariamente cria uma página ou registra seu perfil. Neste caso, o que temos é só um nome de fantasia, Deadoc." "Como ele descobriu o e-mail da doutora Scarpetta?" Grigg olhou para mim.

Expliquei, e ele perguntou a Lucy: "Isso tudo é feito por cartão?".

Ela fez que sim. "Foi por onde começamos. Usaram um cartão de crédito da American Express, em nome de Ken L. Perley. Trata-se de um professor do colegial, já aposentado. Reside em Norfolk, sozinho. Tem setenta anos." "Temos alguma ideia de como alguém conseguiu usar o cartão dele?", Wesley indagou.

"Pelo jeito, Perley não utiliza quase nunca seu cartão de crédito. A última vez foi num restaurante em Norfolk, da rede Red Lobster. No dia dois de outubro, quando saiu para jantar com o filho. A conta deu vinte e sete dólares e trinta centavos, incluindo a gorjeta, e foi paga com o AmEx. Nem ele nem o filho se recordam de nenhum fato inusitado naquela noite. Mas, na hora de pagar a conta, o cartão de crédito ficou em cima da mesa, à vista de todos, por um bom tempo, pois o restaurante estava lotado. A certa altura, enquanto estava sem o cartão, Perley foi ao toalete masculino e o filho saiu para fumar um cigarro." "Puxa vida. Essa foi boa. Algum funcionário do restaurante notou se alguma pessoa se aproximou da mesa?", Wesley perguntou a Lucy.

"Como eu disse, a casa estava lotada. Já começamos a investigar todas as contas daquela noite para montar uma lista de clientes. O problema será identificar quem pagou em dinheiro." "E calculo que seja cedo demais para a conta da AOL ter caído no American Express de Perley", disse Wesley.

"Certo. Segundo a AOL, a conta foi aberta recentemente. Uma semana após o jantar no Red Lobster, para ser exata. Perley cooperou plenamente conosco", Lucy acrescentou. "E a AOL deixou a conta aberta, sem cobrar nada, caso o elemento queira enviar

mais alguma mensagem." Wesley meneou a cabeça. "Embora não possamos afirmar, devemos levar em consideração a possibilidade de o assassino, pelo menos no caso do aterro sanitário mais recente, ter estado em Norfolk recentemente, ou seja, há cerca de um mês." "Este caso definitivamente me parece local", insisti em meu argumento.

"Existe a possibilidade de que algum cadáver tenha sido refrigerado?", Ring perguntou.

"Neste caso, não", Wesley respondeu instantaneamente. "De jeito nenhum. O sujeito não aguentava olhar para a vítima. Teve de cobri-la, cortar através do pano, e na minha opinião não foi muito longe para se livrar dela." "Lembra 'The tell-tale heart'",* Ring disse.

Lucy lia algo na tela do laptop, teclando silenciosa e ininterruptamente, com o rosto tenso. "Acabamos de receber uma mensagem do grupo Dezenove", ela disse, continuando a ler. "Deadoc entrou na rede faz cinquenta e seis minutos." Ela ergueu os olhos para nós. "Ele mandou uma mensagem para o presidente." O e-mail foi enviado diretamente para a Casa Branca, o que não chegava a ser um feito excepcional, pois o endereço era público e notório, disponível a qualquer usuário da internet. Novamente, a mensagem foi escrita em caixa baixa, sem pontuação, apenas com espaços entre as palavras. Dizia: peçam desculpas senão eu vou atacar na França. (*) "The tell-tale heart" é um conto do escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809-49). Na tradução de José Paulo Paes leva o nome de "O coração revelador". (N. T.)

"Há uma série de implicações", Wesley me dizia enquanto os disparos no estande de tiro do andar superior soavam abafados, como numa guerra sendo travada ao longe. "E todas elas me deixam muito preocupado em relação a você." Ele parou no bebedouro.

"Não creio que isso tenha algo a ver comigo", falei. "A questão é com o presidente dos Estados Unidos." "Trata-se de um gesto simbólico, se você quer saber minha opinião. Não é literal." Ele começou a andar. "Creio que o assassino está ressentido, furioso, acha que uma determinada pessoa poderosa ou talvez todas as

peças poderosas sejam responsáveis pelos problemas de sua vida."

"Como o Unabomber", falei enquanto subíamos pelo elevador.

"Algo muito semelhante. Talvez até inspirado por ele", disse, consultando o relógio. "Posso convidá-la para uma cerveja antes de você ir embora?" "Só se outra pessoa dirigir." Sorri. "Mas aceito um café." Passamos pela sala de armas, onde dúzias de agentes do FBI e do DEA desmontavam seus armamentos para lubrificá-los e limpá-los com jatos de ar comprimido. Eles nos olharam curiosos, imaginei que deviam ter ouvido os mexericos. Meu relacionamento com Wesley fora tema de comentários por um longo período na Academia, e isso me incomodava mais do que eu deixava transparecer. A maioria das pessoas, pelo jeito, continuava acreditando que a esposa o abandonara por minha causa, quando na verdade ela o trocara por outro homem.

Lá em cima, a fila na lanchonete e loja era grande, um manequim exibia os mais recentes modelos de blusões e calças tipo militar, e abóboras e perus enfeitavam as janelas, por causa do Dia de Ação de Graças. Adiante, na sala de estar, a tevê estava no máximo e algumas pessoas já tomavam cerveja comendo pipoca. Sentamo-nos para tomar café o mais longe possível delas.

"Qual é sua interpretação da alusão à França?", perguntei.

"Obviamente, o indivíduo é inteligente e acompanha o noticiário. Nossas relações com a França andaram muito tensas durante os testes de artefatos nucleares. Você deve se lembrar da violência, do vandalismo, do boicote ao vinho e outros produtos franceses. Ocorreram diversas manifestações na frente das embaixadas francesas, e os Estados Unidos estavam envolvidos." "Mas isso ocorreu há uns dois anos." "Não importa. Certas feridas demoram a cicatrizar." Ele olhou pela janela, vendo que escurecia. "E o que interessa mais é que a França não ia gostar nada se exportássemos um assassino serial para lá. Sou levado a deduzir que Deadoc está insinuando isso. A polícia francesa e de outros países teme há anos que nosso problema acabe se tornando problema deles também."

Como se a violência fosse uma doença contagiosa." "E é." Ele concordou com um gesto de cabeça, estendendo o braço para pegar o café.

"Talvez tudo isso faça mais sentido se acreditarmos que o mesmo assassino matou dez pessoas aqui e na Irlanda", falei.

"Kay, não podemos descartar nenhuma hipótese." Ele parecia cansado ao repetir a frase.

Balancei a cabeça. "Ele está querendo levar o crédito pelos crimes de outro, e agora vem nos ameaçar. Provavelmente, não faz ideia de quanto seu modus operandi é diferente do que vimos anteriormente. Claro, não podemos descartar nenhuma hipótese, Benton. Mas sei o que significam as descobertas que fizemos, e creio que a identificação da última vítima será a chave para o caso."

"Você sempre pensa assim." Ele sorriu, brincando com a colherinha do café.

"Sei para quem trabalho. Neste exato minuto, trabalho para aquela pobre mulher cujo torso está no meu freezer." Escurecera completamente, o salão estava cheio de homens e mulheres vigorosos, sadios, usando uniformes de cores diferentes. O ruído tornava a conversa difícil, e eu precisava ver Lucy antes de ir embora.

"Você não gosta de Ring." Wesley deu a volta e apanhou o paletó nas costas da cadeira. "Ele é brilhante e me parece sinceramente motivado." "Seu perfil está definitivamente incorreto quanto à última parte", falei ao me levantar. "Mas começou acertando. Não gosto dele." "Isso ficou claro pelo seu comportamento." Passamos pelas pessoas que procuravam lugares portando canecas de cerveja.

"Creio que ele é perigoso." "Talvez um tanto vaidoso. Quer conquistar a fama logo", Wesley disse.

"E você não acha isso perigoso?" Olhei para ele.

"Essa descrição serve para praticamente todos com quem eu já trabalhei." "Menos eu, espero." "Você, doutora Scarpetta, é uma exceção a praticamente tudo que consigo imaginar." Percorríamos

um corredor comprido que levava ao saguão, e eu não queria deixá-lo ainda. Sentia-me solitária, sem saber direito a razão.

"Seria maravilhoso se pudéssemos jantar juntos", falei, "mas Lucy quer me mostrar uma coisa." "O que a faz achar que eu não tenho nenhum compromisso?" Ele abriu a porta para mim.

A ideia me incomodou, embora soubesse que estava brincando.

"Vamos esperar até eu conseguir sair daqui", ele disse quando já estávamos a caminho do estacionamento. "Talvez no fim de semana, quando poderemos relaxar melhor. Desta vez, preparo a comida. Onde você estacionou?" "Ali." Apontei com a chave de controle remoto.

As portas se destrancaram e a luz interna do carro acendeu. Como era de costume, não nos tocamos. Nunca fazíamos isso quando corríamos o risco de alguém nos ver.

"Às vezes eu odeio tudo isto", falei ao entrar no carro. "Tudo bem a gente falar a respeito de partes de cadáveres, estupro e homicídio o dia inteiro, mas não dar um abraço nem segurar a mão um do outro. Já imaginou se alguém visse uma coisa dessas?" Dei a partida no motor. "Mas, me diga, não seria normal? Tudo mudou, não é mais como se estivéssemos tendo um caso ou cometendo um crime." Prendi o cinto de segurança. "Existe alguma regra no FBI do tipo não fale e não pergunte que ninguém me contou?" "Sim." Ele me beijou na boca enquanto um grupo de agentes passava por ali. "Portanto, não conte nada a ninguém", disse.

Momentos mais tarde eu estacionava na frente da ERF, a Unidade de Pesquisa de Engenharia, um edifício enorme em estilo era espacial, onde o FBI realizava pesquisas e desenvolvimento de artefatos secretos de alta tecnologia. Se Lucy sabia tudo que acontecia naqueles laboratórios, não contava a ninguém, e eu só podia circular por áreas restritas do prédio, mesmo escoltada por ela. Lucy me esperava na porta da frente enquanto eu tentava sem êxito fechar o carro com a chave de controle remoto.

"Aqui não vai funcionar", ela avisou.

Olhei para o teto tenebroso, cheio de antenas e parabólicas, suspirando ao trancar manualmente as portas.

"E você acha que eu ia me lembrar disso, depois de tanto tempo?", comentei.

"Seu amigo investigador Ring tentou me acompanhar até aqui depois da reunião", ela disse, inserindo o polegar no scanner biométrico da fechadura da porta.

"Ele não é meu amigo", retruquei.

O saguão tinha pé-direito alto e era decorado com vitrines que exibiam equipamentos eletrônicos avantajados e ineficientes, usados pelas forças de segurança antes que o erf fosse fundado.

"Ele me convidou para sair novamente", ela contou.

Os corredores monocromáticos pareciam infinitos, e o que mais me impressionava era o silêncio e a sensação de que não havia ninguém lá dentro. Os cientistas e engenheiros trabalhavam atrás de portas trancadas e em salões grandes o bastante para acomodar automóveis, helicópteros e aviões pequenos. Centenas de funcionários do FBI trabalhavam para o ERF, entretanto, não mantinham praticamente nenhum contato com nossa turma, do outro lado da rua. Nem sequer sabíamos seus nomes.

"Aposto que um milhão de rapazes gostariam de convidá-la para sair", falei quando entrávamos no elevador e Lucy escaneava o polegar novamente.

"Difícilmente, depois que me conhecem um pouco melhor", ela disse.

"Não sei. Eu, por exemplo, ainda não consegui me livrar de você." Mas ela estava falando sério. "Assim que eu começo a falar sobre o trabalho, os homens perdem o interesse. Mas ele gosta de um desafio, você conhece bem o tipinho." "Até demais." "Ele quer alguma coisa de mim, tia Kay." "Fico imaginando o que poderia ser. E para onde você está me levando, afinal?" "Não sei. Mas tenho uma intuição ruim." Ela abriu a porta do laboratório de realidade virtual e disse: "Tenho uma ideia bem interessante".

As ideias de Lucy eram muito mais do que interessantes. Normalmente, eram assustadoras. Segui-a até uma sala com processadores do sistema virtual e centros de computação gráfica empilhados, além de balcões cheios de equipamentos e instrumentos, placas de computador, microprocessadores e periféricos na forma de luvas virtuais conhecidas como DataGloves, e monitores montados em capacetes. Os cabos eram presos em grossas meadas e afastados da área livre onde o piso de linóleo servia como palco para as viagens rotineiras de Lucy pelo ciberespaço.

Ela apanhou um controle remoto e duas telas de vídeo piscaram; reconheci as fotografias que Deadoc me enviara. Naqueles monitores enormes de cores nítidas elas me deixaram nervosa.

"O que você está fazendo?", perguntei a minha sobrinha.

"A questão básica sempre foi saber se a imersão num ambiente melhora de verdade a performance de um operador", ela disse, teclando comandos de computador. "Você ainda não teve a chance de entrar nesse ambiente. Na cena do crime." Nós duas olhamos para os tocos ensanguentados e partes do corpo alinhados nas telas, e senti um arrepio de pavor.

"Vamos supor que você tenha essa oportunidade agora", Lucy prosseguiu. "E se pudesse entrar na casa de Deadoc?" Tentei interrompê-la, mas ela não permitiu.

"O que mais conseguiria ver? O que mais poderia fazer?", disse, e quando começava assim, tornava-se quase maníaca. "O que mais aprenderia a respeito da vítima e do assassino?" "Não sei se consigo usar uma coisa dessas", contestei.

"Claro que consegue. Só não tive tempo de acrescentar sons sintetizados. Só os ruídos típicos de programas de auditório. Um guincho significa que uma porta se abriu, um clic que o interruptor foi acionado, um ding que você chutou alguma coisa."

"Lucy", falei, quando ela me pegou pelo braço esquerdo, "de que diabo você está falando, afinal?" Ela enfiou cuidadosamente a DataGlove em minha mão esquerda, prendendo-a com

firmeza."Usamos gestos para a comunicação humana. E podemos usar gestos, ou posições, como costumamos chamá-los, para nos comunicarmos com o computador também", explicou.

A luva era de Lycra preta, com sensores de fibra óptica montados nas costas. Eles se conectavam a um cabo que ia até o computador no qual Lucy estava teclando. Em seguida, ela pegou um capacete equipado com visor, ligado a outro cabo, e o medo encheu meu peito. Ela avançou em minha direção.

"Um Eyephone VPL HRX", disse, animada. "Estão usando equipamento do gênero no Centro de Pesquisas Ames, da NASA. Foi lá que o consegui." Ela ajustou cabos e tiras. "Trezentas e cinquenta mil cores. Alta resolução e campo de visão expandido." Quando enfiou o capacete em minha cabeça, senti um peso forte e os olhos tapados.

"Você está olhando para visores de cristal líquido, ou lcd, que são nosso meio básico de exibição de imagens. Pedacinhos de vidro, eletrodos e moléculas que fazem um monte de coisas interessantes. Como se sente?" "Como se eu fosse cair e sufocar." Eu começava a entrar em pânico, como ocorrera em meu primeiro mergulho com cilindro.

"Não vai ocorrer nada." Ela foi muito paciente, dando a mão para me apoiar. "Relaxe. No início, a fobia é normal. Darei as instruções. Permaneça imóvel e respire fundo. Vou conectá-la." Lucy fez os ajustes necessários, prendendo o capacete na minha cabeça com força. Depois voltou ao computador. Eu fiquei cega e desequilibrada, com uma tela de tevê minúscula na frente de cada olho.

"Muito bem, lá vamos nós", ela disse. "Não sei se vai adiantar alguma coisa, mas não custa nada tentar." Ouvei o ruído do teclado e fui jogada dentro daquele lugar. Ela me ensinou a mexer com a mão para ir para a frente ou mais depressa, e a reverter o processo. Disse como eu deveria proceder para pegar e soltar. Movi o indicador, como se clicasse, aproximei o polegar da palma e movi o braço por cima do peito enquanto suava profusamente. Passei bem uns cinco minutos no teto e andando pelas paredes. A certa altura,

fiquei em cima da mesa onde o torso estava posicionado, sobre o forro de tecido emborrachado, pisando nas provas e no defunto.

"Acho que vou vomitar", falei.

"Não se mexa, por um minuto", Lucy instruiu. "Tome fôlego." Fiz um gesto ao tentar dizer algo, e fui parar instantaneamente no chão virtual, como se tivesse caído lá de cima.

"Foi por isso que eu pedi que você permanecesse imóvel por um momento", ela disse, observando o que eu fazia pelos monitores. "Agora mexa a mão e aponte com os dois primeiros dedos para a direção de onde vem minha voz. Sente-se melhor?" "Bem melhor", respondi.

Pelo menos consegui ficar de pé naquela sala, e parecia que a fotografia adquirira vida, tridimensional e enorme. Olhei em volta e não vi nada que já não tivesse observado quando Vander melhorou a definição da imagem. Foi o que senti que mudou o que vi.

As paredes eram de cor creme, com descoloração em alguns trechos, algo que até o momento eu atribuíra a danos provocados por água, o que era de se esperar num porão ou numa garagem. Todavia, pareciam diferentes agora, distribuídos com mais uniformidade, alguns tão fracos que eu mal conseguia distingui-los. Aquela tinta de cor creme já fora coberta por papel de parede. Ele fora removido, mas não haviam posto outro no lugar, e o mesmo ocorrera com a sanefa e o varão da cortina. Acima da janela de venezianas fechadas havia furos pequenos, onde antes se prendiam os suportes.

"O crime não foi cometido neste local", falei, sentindo o coração bater mais forte.

Lucy continuou em silêncio.

"Ela foi trazida para cá, após o assassinato, para ser fotografada. O homicídio e o desmembramento não ocorreram neste local." "O que você está vendo?", ela perguntou.

Movi a mão e me aproximei da mesa virtual. Apontei para as paredes virtuais, para mostrar a Lucy o que estava vendo. "Onde ele

ligou a serra de autópsia?", indaguei.

Só consegui achar uma tomada, que ficava perto do chão.

"E o pano, será que é daí?", continuei. "Não combina com o restante. Não há tinta nem ferramentas." Segui olhando em volta. "Veja a madeira do piso. Ela está mais clara nas bordas, como se antes houvesse um tapete. Quem coloca tapetes numa oficina? Quem tem papel de parede e cortinas numa garagem? Onde estão as tomadas para ferramentas?" "O que você sente?", ela quis saber.

"Sinto que se trata de uma sala na casa de outra pessoa, na qual a mobília foi retirada, exceto por uma espécie de mesa, que foi coberta com um material plástico. Pode ser uma cortina de chuveiro. Não sei. Parece a sala de uma casa." Estendi a mão e tentei tocar a beira da cobertura da mesa, como se pudesse erguê-la e revelar o que havia por baixo, e enquanto olhava em volta os detalhes se esclareceram com nitidez para mim. Não compreendia como podia ter deixado que passassem despercebidos antes. A fiação do teto estava exposta, diretamente acima da mesa, como se um lustre ou uma luminária tivesse sido removido.

"E quanto a minha percepção das cores, agora?", perguntei.

"Deveria ser a mesma." "Então há algo mais. Essas paredes." Toquei-as. "A cor vai clareando nesta direção. Há uma abertura. Talvez uma porta, pela qual entra alguma luz." "Não há porta na foto", Lucy me alertou. "Você só pode ver o que está nela." Era estranho, mas por um momento imaginei que sentia o cheiro do sangue, a pungência da carne velha morta havia vários dias. Lembrei-me da textura mole da pele, das erupções peculiares que me levaram a imaginar que ela sofria de herpes-zoster.

"Ela não foi escolhida aleatoriamente", falei. ^ "E as outras vítimas sim." "Os outros casos não têm nada a ver com este. Estou vendo a imagem duplicada. Pode ajustar isso?" "Disparidade de imagem vertical na retina." Senti a mão dela em meu ombro.

"Normalmente, passa depois de quinze ou vinte minutos", ela disse. "Está na hora de fazer uma pausa." "Não me sinto muito bem." "Desalinhamento de rotação de imagem. Fadiga visual, enjoo

de simulação, cibernáusea, chame como quiser", ela disse. "Provoca visão embaçada, lágrimas e até tontura." Não pude esperar a remoção do capacete, estava na mesa outra vez, com o rosto no sangue antes que conseguisse afastar os lcds da frente dos olhos.

Minhas mãos tremiam enquanto Lucy me ajudava a tirar a luva. Sentei-me no chão.

"Você está bem?", ela perguntou, gentil.

"Foi horrível", respondi.

"Então foi bom." Ela devolveu o capacete e a luva ao balcão. "Você conseguiu imersão no ambiente. A ideia era essa." Lucy me passou alguns lenços de papel, com os quais enxuguei o rosto.

"E quanto à outra foto? Quer repetir tudo com ela também?", perguntou. "A que mostra as mãos e os pés?" "Acho que para mim já chega. Eu não aguentaria aquele lugar de novo", falei.

8

Voltei para casa assombrada. Visitara cenas de crimes praticamente durante minha vida profissional inteira. Mas nunca uma delas viera ter comigo. A sensação de entrar naquela fotografia, de imaginar que podia sentir e cheirar o que restara do corpo, me abalara profundamente. Entrei na garagem quase à meia-noite, destranquei a porta o mais depressa que pude. Dentro de casa, desativei o alarme e corri para fechar e trancar a porta. Olhei em volta para verificar se tudo estava no devido lugar.

Acendi a lareira, peguei uma bebida e voltei a sentir falta de um cigarro. Liguei o som para que a música me fizesse companhia e fui ao escritório ver o que poderia estar lá à minha espera. Recebera diversas mensagens por fax e telefone, além de um e-mail. Desta vez, a única coisa que Deadoc fez foi repetir você se acha tão esperta. Quando eu estava imprimindo o texto e pensava se o grupo Dezenove a vira também o telefone tocou, assustando-me.

"Oi", Wesley disse. "Só liguei para saber se você chegou bem." "Recebi outro e-mail", falei, explicando do que se tratava.

"Salve a mensagem e vá dormir." "É difícil não pensar nisso." "Ele deseja que você passe a noite inteira acordada, pensando. É o jogo dele. É seu poder." "Por que eu?" Ainda me sentia nauseada, fora do eixo.

"Porque você é um desafio, Kay. Até mesmo para pessoas boas como eu. Vá para a cama. Conversaremos amanhã. Eu te amo." Mas não consegui dormir muito. O telefone tocou novamente pouco depois das quatro da madrugada. Desta vez era o dr. Hoyt, um clínico geral de Norfolk que fazia o papel de legista oficial para mim havia vinte anos. Beirava os setenta mas era ativo e lúcido como um menino. Jamais o vira alarmado, fosse pelo que fosse, e seu tom instantaneamente me preocupou.

"Doutora Scarpetta, lamento incomodá-la", disse, falando rapidamente. "Estou na ilha Tangier." A única coisa em que consegui

pensar, curiosamente, foi em bolinho de caranguejo. "E o que você foi fazer aí?" Ajeitei os travesseiros nas costas, peguei um bloco de ocorrência e a caneta.

"Recebi um chamado ontem à noite e vim para cá. A Guarda Costeira me trouxe de barco, odeio viajar de barco com este tempo horrível, sendo jogado de um lado para outro. Além disso, faz um frio do cão." Eu não tinha ideia do que ele estava dizendo.

"A única vez em que vi algo do gênero foi no Texas, em 1949", ele prosseguiu, com sua fala rápida, "quando era residente, pouco antes de me casar.." Tive de cortá-lo. "Calma, Fred", falei. "Diga o que está havendo." "Uma senhora de cinquenta e dois anos, aqui de Tangier. Provavelmente está morta há mais de vinte e quatro horas, no quarto. Apresenta erupções na pele, agrupadas. Está coberta de pústulas, inclusive na palma das mãos e na sola dos pés. Pode parecer loucura, mas parece varíola." "Você tem razão, isso é loucura", falei, sentindo a boca secar. "E quanto a varicela? Essa senhora não poderia sofrer de deficiência imunológica?" "Não sei nada sobre ela, mas nunca vi varicela assim. As erupções seguem o padrão da varíola. Formam grupos, como já falei, da mesma época. E quanto mais distantes do centro do corpo, mais densos se tornam. Portanto, confluem no rosto e nas extremidades." Pensei logo no torso, na pequena área de erupções que presumi serem de herpes-zoster, e meu coração se encheu de apreensão. Desconhecia o local da morte da vítima, mas acreditava que fosse em algum lugar da Virgínia. A ilha de Tangier situava-se na Virgínia, era uma ilha minúscula na baía de Chesapeake, cuja economia se baseava na pesca do caranguejo.

"Há muitos vírus esquisitos hoje em dia", ele estava dizendo.

"Isso mesmo", concordei. "Mas Hanta, Ebola, hiv, dengue e outros não provocam os sintomas descritos por você. Isso quer dizer que pode haver outros, desconhecidos." "Eu conheço a varíola. Sou velho o bastante para ter visto com meus próprios olhos. Mas não me considero especialista em doenças infecciosas, Kay. Com toda a certeza não sei essas coisas que você sabe. Mas, seja lá qual for o caso, o fato é que essa senhora morreu e um vírus semelhante ao

da varíola a matou." "Obviamente, ela morava só." "Sim." "E quando foi vista com vida pela última vez?" "O chefe de polícia está investigando isso." "Que chefe de polícia?", perguntei.

"O departamento de polícia de Tangier tem um policial. Ele é o chefe. Estou no trailer dele agora, usando o telefone." "Ele não está ouvindo nossa conversa, espero." "Não, não. Saiu para interrogar os vizinhos. Fiz o máximo que pude para obter informações, mas não dei muita sorte. Você já esteve aqui?" "Nunca." "Vamos dizer que eles vivem meio isolados. Há uns três sobrenomes na ilha inteira. A maioria nasce e cresce aqui mesmo, nunca sai. Quase não dá para entender o que eles falam. Usam um dialeto que não existe em nenhum outro lugar do mundo." "Ninguém pode tocar no corpo até que eu tenha uma noção do que vamos enfrentar", falei, desabotoando o pijama.

"O que você quer que eu faça?", ele perguntou.

"Mande o chefe de polícia montar guarda na casa. Ninguém chega perto até eu permitir. Volte para casa. Telefonarei para você mais tarde, durante o dia." Os laboratórios ainda não haviam terminado os exames microbiológicos no torso, mas eu não podia mais esperar. Vesti-me às pressas, atrapalhando-me com todas as peças, como se toda a coordenação motora tivesse me abandonado de repente. Peguei o carro e segui para o centro por ruas desertas, e pouco antes das cinco estacionei atrás do necrotério. Ao entrar assustei o segurança da noite, que me pregou um susto também.

"Minha nossa, doutora Scarpetta", Evans disse. Ele tomava conta do prédio desde que eu começara a trabalhar lá.

"Desculpe", falei, sentindo o coração bater depressa. "Não queria assustá-lo." "Estava fazendo a ronda. Tudo bem?" "Espero que sim." Passei por ele.

"Vamos receber um corpo?" Ele me seguiu rampa acima. Abri a porta que dava para a parte interna e olhei para ele.

"Não que eu saiba", respondi.

Isso o confundiu completamente, pois não entendia o motivo de minha presença ali àquela hora se não havia caso nenhum.

Balançava a cabeça, seguindo novamente no rumo da porta que conduzia ao estacionamento. De lá, iria até a porta seguinte, para o saguão dos laboratórios anexos, onde assistia televisão num aparelho pequeno até o momento de fazer nova ronda. Evans não punha os pés no necrotério. Ele não entendia como alguém era capaz de fazer isso, e eu sabia que morria de medo de mim.

"Não vou demorar muito aqui embaixo", avisei. "Daqui a pouco eu subo." "Sim, senhora", ele disse, ainda a balançar a cabeça. "Se precisar de mim, a senhora sabe onde me encontrar." No meio do corredor, na área de autópsia, havia uma sala na qual raramente alguém entrava, e parei lá primeiro. Destranquei a porta e me aproximei dos três freezers diferentes dos normais. Eram de aço inoxidável, imensos, e exibiam a temperatura interna em mostradores digitais instalados nas portas. Em cada um deles havia uma lista de números de casos, indicando os corpos sem identificação que estavam dentro.

Abri uma porta e uma névoa densa de ar gelado atingiu meu rosto. Ela estava dentro de um saco, na gaveta. Pus luvas, traje completo, protetor de rosto e tudo que pude encontrar. Sabia que já poderia ter problemas, e pensei em Wingo; sua vulnerabilidade me apavorava. Tirei o saco do freezer e o levei até a mesa de aço inoxidável no meio da sala. Abri o zíper de vinil preto e expus o torso à atmosfera ambiente. Saí e destranquei a sala de autópsia.

Peguei um bisturi e lâminas de vidro limpas para coleta de amostras. Protegi nariz e boca com a máscara cirúrgica e retornei à sala do freezer, fechando a porta. A camada externa da pele do torso estava úmida, pois o descongelamento já se iniciara. Usei toalhas quentes molhadas para acelerar o processo nas vesículas abertas e nas erupções concentradas nos quadris e nas margens irregulares das amputações.

Com o bisturi, abri as vesículas e colhi material para as lâminas de vidro. Fechei o saco e o marquei com as tarjas cor de laranja berrantes indicativas de contaminação biológica e quase não consegui devolver o corpo à gaveta gelada, de tanto que meus braços tremiam devido ao esforço. Não podia contar com a ajuda de

ninguém, pois Evans sentia medo, e fui obrigada a me virar sozinha. Coloquei avisos de risco de contaminação biológica também na porta.

Subi para o terceiro andar e destranquei o pequeno laboratório, que seria semelhante a qualquer outro não fosse pelos diversos instrumentos usados no estudo microscópico dos tecidos, ou histologia. Sobre um balcão havia um processador de tecidos, que estabilizava e secava amostras de fígado, rim e baço, por exemplo, para depois saturá-las com parafina. Dali os blocos seguiam para o aparelho de fixação, e depois no micrótomo eram reduzidos a fitas finas. O produto final seguiria para meu microscópio, no andar de baixo, e nele eu concentraria toda a atenção.

Enquanto as lâminas secavam eu pesquisava nas prateleiras, tirando da frente amostras cor de laranja, azuis e rosadas, em frascos de coplin, afastando a tintura de iodo para bactérias, resina para gordura no fígado, Escarlata Biebrach e Laranja Acridine, enquanto pensava na ilha Tangier, onde nunca tivera um caso. Lá não aconteciam muitos crimes, pelo que eu sabia, só brigas por bebedeira, comuns entre homens sozinhos no meio do mar. Pensei no caranguejo azul outra vez, e irracionalmente desejei que Bev tivesse sugerido atum ou outro peixe.

Encontrei a garrafa de tintura de Nicolaou, mergulhei o contagotas e cuidadosamente pinguei uma gotinha do líquido avermelhado em cada lâmina, cobrindo-as em seguida. Guardei-as em uma pasta de papelão grosso e desci para meu andar. Aquela altura, as pessoas já começavam a chegar para trabalhar e olhavam surpresas ao me verem de macacão, luva e máscara. Rose recolhia as xícaras de café sujas da minha mesa. Parou ao me ver.

"Doutora Scarpetta?", disse. "Mas o que está havendo, afinal?" "Não sei bem, mas espero que não seja nada", respondi ao me sentar à mesa e remover a cobertura do microscópio.

Ela ficou parada na soleira da porta, observando enquanto eu posicionava a lâmina no equipamento. Sabia, no mínimo por meu péssimo humor, que se tratava de um caso muito grave.

"Se eu puder ajudar, avise", disse em voz baixa, séria.

A mancha da lâmina entrou em foco, aumentada quatrocentas e cinquenta vezes. Em seguida, pinguei uma gota de óleo. Observei as ondas de inclusões eosinófilas vermelho-vivas dentro das células epiteliais infectadas, ou corpos citoplásmicos de Guarnieri, que indicavam a presença de um vírus variolar. Acoplei a microcâmera Polaroid ao microscópio e tirei fotografias instantâneas de alta resolução do que poderia ter sido a causa do falecimento daquela velha senhora cruelmente assassinada. A morte não lhe deu opção, mas se eu pudesse escolher teria preferido arma de fogo ou faca.

"Ligue para a Faculdade de Medicina da Virgínia. Veja se Phyllis já chegou", pedi a Rose. "E avise que a amostra enviada no sábado não pode esperar." Em menos de uma hora Rose me levou até a esquina das ruas Marshall e Eleventh, onde se situava a Faculdade de Medicina. Ali eu havia feito residência em patologia forense quando não era muito mais velha que os estudantes hoje sob minha orientação, para os quais dava conferências durante o ano letivo. Sanger Hall era um prédio dos anos 60, com fachada de azulejos reluzentes que podiam ser vistos a quilômetros. Entrei no elevador, cheio de médicos que eu conhecia bem e de estudantes que os temiam.

"Bom dia." "Bom dia. Vai dar aula hoje?" Fiz que não com a cabeça, rodeada de jalecos brancos. "Preciso usar o microscópio eletrônico." "Você soube da autópsia que fizemos aqui outro dia?", perguntou um especialista em pulmão quando as portas se abriram. "Pneumoconiose por inalação de poeira mineral. Berilo, principalmente. Com que frequência vemos isso por aqui?" Desci no quinto andar e segui rapidamente para o Laboratório de Microscopia Eletrônica da Patologia, onde se encontrava o único tem da cidade, ou microscópio eletrônico de transmissão. Como de hábito, nos balcões e nos carrinhos não havia um milímetro de espaço disponível. Estavam lotados de microscópios com câmeras e sistemas de iluminação, além de outros instrumentos sofisticados para analisar células ou banhá-las com carbono para microanálise em raios X.

Em geral o tem se destinava apenas aos vivos, sendo com frequência empregado nas biópsias renais e em tumores específicos. Raramente o usavam em vírus e quase nunca em amostras de autópsias. Eu cuidava das necessidades de pacientes já falecidos, sendo difícil despertar o entusiasmo de cientistas e médicos que trabalhavam em hospitais lotados de pessoas à espera do diagnóstico que poderia evitar um desfecho trágico. Por isso eu jamais exigira atendimento imediato da microbiologista responsável, a doutora Phyllis Crowder. Ela percebeu que o caso era diferente dos outros.

Reconheci seu sotaque britânico ainda no corredor. Ela falava ao telefone.

"Sei. Entendo perfeitamente", ela dizia quando bati na porta entreaberta, "mas você terá de adiar ou prosseguir sem a minha presença. Temos uma emergência aqui." Ela sorriu e fez um gesto para que eu entrasse.

Eu a conhecera quando era residente, e sempre acreditei que palavrinhas elogiosas de professores como ela tiveram tudo a ver com a lembrança de meu nome quando vagou a chefia do Departamento de Medicina Legal da Virgínia. Tinha mais ou menos a minha idade e nunca se casara. O cabelo grisalho, cinzento como seus olhos escuros, contrastava com a corrente de ouro com pingente em cruz que parecia muito antiga. Seus pais eram americanos, mas ela havia nascido na Inglaterra, onde se formara, iniciando a carreira em um laboratório de lá.

"Reuniões inúteis", reclamou ao desligar o telefone. "Não há nada que eu odeie mais. Um monte de gente sentada, falando, em vez de fazer alguma coisa." Ela apanhou luvas numa caixa e passou um par a mim. Em seguida, pusemos as máscaras.

"Há um jaleco extra atrás da porta", acrescentou.

Segui-a pela sala pequena e escura onde estivera trabalhando antes de o telefone tocar. Vesti o jaleco e me acomodei numa cadeira enquanto ela olhava para uma tela verde fosforescente situada dentro da enorme câmara de observação. O tem mais

parecia um instrumento de oceanografia ou astronomia, não tinha nada a ver com o microscópio normal. A câmara sempre me fazia lembrar do capacete de mergulho de um escafandro, através do qual eu podia ver imagens fantasmagóricas e assombrosas do mar iridescente.

Através de um cilindro grosso de metal chamado escopo, que ia da câmara até o teto, um fecho de cem mil volts atingia minha amostra, que no caso era uma fatia do fígado de espessura inferior a sete centésimos de micron. Amostras como as que vi no meu microscópio eram grossas demais, impediriam a passagem do feixe de elétrons.

Sabendo disso, na autópsia separei cortes do fígado e baço e fixei as amostras com glutaraldeído, que penetrava nos tecidos rapidamente. Destinavam-se a Crowder, pois eu sabia que assim ela poderia engastá-las em plástico e seccioná-las no ultramicrótomo e novamente na lâmina de diamante. O material seria então montado numa pequena grade de cobre e banhado com íons de chumbo e urânio.

Entretanto, nenhuma de nós esperava ver o que surgia na nossa frente quando olhávamos para dentro da câmara e examinávamos a imagem esverdeada de uma amostra aumentada quase cem mil vezes. Ouvíamos os cliques dos controles, conforme ela ajustava intensidade, contraste e magnitude. Observei as partículas do DNA do vírus, filamentos duplos em forma de paralelepípedo, medindo de duzentos a duzentos e cinquenta nanômetros. Fixei a vista arregalada no vírus da varíola.

"O que você acha?", falei, esperando que ela provasse que eu estava errada.

"Sem sombra de dúvida trata-se de algum tipo de vírus que provoca erupções", ela disse, evitando uma definição precisa. "A questão é qual deles. Temos alguns fatos a ponderar. As erupções não seguem nenhum padrão nervoso. Catapora é incomum em pessoas idosas. Talvez você tenha outro caso com as mesmas manifestações, e isso, principalmente, me preocupa bastante.

Precisamos fazer outros testes, mas eu já começaria a tratar isso como questão de saúde pública." Ela olhou para mim. "Uma emergência epidemiológica de nível internacional. Acho melhor chamar o cdc, Centro de Controle e Prevenção de Doenças." "E exatamente isso que pretendo fazer", respondi, engolindo em seco.

"Faz sentido para você isso estar associado a um corpo desmembrado?", ela perguntou ao fazer novos ajustes e observar a câmara.

"Para mim não faz o menor sentido", eu disse ao me levantar. Senti as pernas bambas.

"Assassinatos em série, aqui e na Irlanda. Homicidas que esquartejam as vítimas." Olhei para ela.

Ela suspirou. "Já desejou algum dia ter permanecido no setor de patologia do hospital?" "Os assassinos com os quais você lida são só mais difíceis de ver", retruquei.

As únicas maneiras de chegar à ilha Tangier eram por mar ou pelo ar. Uma vez que não havia um movimento turístico enorme no local, poucos barcos faziam aquela linha, e não navegavam depois de outubro. Para pegá-los era preciso ir de carro até Crisfield, em Maryland. Eu teria de viajar quase cento e quarenta quilômetros até Reedville, onde seria apanhada pela Guarda Costeira. Saí do serviço quando a maioria das pessoas pensava no almoço. A tarde começava tenebrosa, soprava um vento forte e gelado. O céu estava carregado de nuvens.

Instruí Rose a ligar para o Centro de Controle e Prevenção de Doenças de Atlanta, o cdc, pois nas primeiras tentativas que fiz para falar com eles me deixaram esperando na linha. Ela também precisava contatar Marino e Wesley para comunicar meu destino e dizer que eu telefonaria assim que pudesse. Peguei a 64 East até a 360 e em pouco tempo viajava pela zona rural.

Os campos tinham a cor da palha escura das tigueras, e gaviões sobrevoavam aquela parte do mundo onde as igrejas batistas se chamavam Fé, Vitória e Sião. Os kudzus que cobriam as árvores pareciam cotas de malha, e depois da travessia do rio

Rappahannock, no Northern Neck, as sedes das fazendas eram amplos casarões antigos que os proprietários da geração atual não tinham mais condições de manter. Atravessei campos e murteiros, passando pela Northumberland Courthouse, construída antes da Guerra de Secessão.

Em Heathsville vi cemitérios com flores de plástico e túmulos bem cuidados, além de âncoras coloridas em alguns gramados. Atravessei densos pinheirais, cruzei milharais que chegavam tão perto da beira da pista estreita que eu poderia esticar o braço pela janela e tocar as folhas secas amareladas. Na Marina de Buzzard's Point havia veleiros atracados, e o barco turístico vermelho, branco e azul chamado Chesapeake Breeze não iria a lugar nenhum até a primavera chegar. Não encontrei dificuldade para estacionar e não havia ninguém na guarita para me cobrar.

O barco branco da Guarda Costeira me aguardava no cais. Os guardas usavam abrigos impermeáveis berrantes, cor de laranja e azul, apelidados de mustangs. Um deles saltou para terra firme. Era mais velho que os outros, tinha cabelos escuros, olhos escuros e uma Beretta nove milímetros na cinta.

"Doutora Scarpetta?" Transmitia sua autoridade com descontração, mas inequivocamente.

"Isso mesmo", falei. Carregava muita bagagem, inclusive uma caixa rígida pesada contendo meu microscópio e a MicroCam.

"Deixe-me ajudá-la com as malas." Ele estendeu a mão. "Sou Ron Martinez, chefe da estação de Crisfield." "Obrigada. Sou imensamente grata a vocês." "Digo o mesmo." O vão entre o píer e o barco-patrolha de quarenta pés diminuía e aumentava conforme o movimento das ondas empurrava a embarcação contra o cais. Agarrei a grade de proteção e subi a bordo. Martinez desceu uma escada íngreme e eu o acompanhei até um compartimento cheio de equipamentos para resgate, mangueiras e rolos de corda imensos. A atmosfera era pesada por causa da fumaça do óleo diesel. Ele colocou meus pertences num lugar seguro e os prendeu. Depois me passou um abrigo mustang, colete salva-vidas e luvas.

"Você vai ter de usar tudo isso, caso caia no mar. Sei que soa horrível, mas às vezes acontece. E a temperatura da água está abaixo de dez graus." Ele cravou os olhos em mim. "Talvez você prefira ficar aqui embaixo", acrescentou, enquanto o barco batia no píer.

"Não sinto enjoo no mar, mas sou claustrofóbica", expliquei ao me sentar numa plataforma estreita para tirar a bota.

"Como quiser. Mas o mar está bravo." Ele subiu enquanto eu vestia o abrigo com dificuldade, pois ele tinha inúmeros fechos de velcro e zíperes e era forrado com pvc, para me manter viva por mais tempo, caso o barco virasse. Calcei a bota novamente, depois o colete salva-vidas, que continha faca, apito, espelho e foguete sinalizador. Subi novamente para a cabine, pois não queria continuar ali de jeito nenhum. A tripulação fechou a proteção do motor no convés e Martinez prendeu o cinto de segurança no assento do piloto.

"O vento sopra de noroeste e chega a vinte e dois nós", disse um dos guardas. "Ondas de quatro pés." Martinez iniciou a manobra para se afastar do cais.

"O problema desta baía são as ondas próximas demais, a gente nunca consegue manter um ritmo bom, como em mar aberto. Acho que você sabe que pode ser necessário mudar o rumo. Não há nenhum outro barco-patrolha no mar, se alguém tiver problemas por aqui só pode contar conosco." Passamos lentamente por casas antigas, com canchas de bocha na grama e plataformas de observação no telhado.

"Se alguém precisar de resgate, somos obrigados a atender ao chamado", ele explicou enquanto um membro da tripulação checava os instrumentos.

Observei um barco de pesca que passava. Um senhor idoso de botas altas de borracha segurava o leme do motor de popa. Olhou para nós como se fôssemos venenosos.

"Ou seja, a gente pode ir parar em qualquer lugar." Martinez parecia gostar de insistir nesse ponto.

"Não seria novidade para mim", falei, começando a sentir um cheiro revoltante.

"De um modo ou de outro, você chegará lá, como o outro médico. Não me lembro do nome dele. Há quanto tempo você trabalha para ele?" "O doutor Hoyt e eu nos conhecemos há muito tempo", falei, sem corrigi-lo.

Adiante havia indústrias de pescado de onde saía fumaça, e conforme nos aproximávamos pude distinguir correias de transporte subindo abruptas em direção ao céu, carregando milhões de savelhas que seriam processadas para retirada de óleo e fabricação de adubo. As gaivotas sobrevoavam a área ou aguardavam ansiosas nas estacas, observando os peixinhos fedorentos. Passamos por outras fábricas que mais pareciam ruínas de tijolos desabando na enseada. O fedor tornou-se insuportável, e seguramente eu era mais estóica do que a maioria.

"Comida de gato", explicou um guarda, fazendo careta.

"Daí o bafo deles."

"Eu não moraria por aqui."

"O óleo de peixe vale uma nota. Os índios algonquinos usavam saboga nos milharais, como fertilizante." "O que é saboga, hem?", Martinez perguntou.

"Um outro nome que a gente usa para esse peixe nojento. Em que escola você estudou?" "Não interessa. Pelo menos não tenho de aturar esse cheiro para ganhar a vida. Só quando navego com sorongos como você."

"E que diacho quer dizer sorongo?" O bate-boca bem-humorado continuou enquanto Martinez acelerava mais a embarcação; os motores roncaram e a proa embicou mais fundo. Varamos ondas e passamos por boias que marcavam armadilhas para pegar caranguejo, enquanto um arco-íris nos seguia, formado nos borrifos das nossas marolas. Ele aumentou a velocidade até vinte e três nós e navegamos pelas águas escuras azuis da baía, onde não havia barcos de lazer nesse dia. Só avistamos um transatlântico, como uma negra montanha a avolumar-se no horizonte.

"Quanto falta?", perguntei a Martinez, agarrada às costas de sua cadeira, grata por estar usando o abrigo.

"Dezoito milhas marítimas." Ele ergueu a voz acima das ondas que pegava como se surfasse, descendo as paredes transversalmente, sempre com os olhos atentos ao mar. "Normalmente, não demoraríamos tanto tempo. Mas o tempo hoje está pior do que de costume. Bem pior, na verdade." A tripulação conferia continuamente os detectores de profundidade e direção, enquanto o sistema de orientação por satélite, ou gps, nos dava a posição. Eu não via nada além da água no momento, vagas imensas a se erguer na proa e na popa, ondas que batiam no barco com o ruído de mãos a aplaudir. A baía nos atacava por todos os lados.

"O que você sabe a respeito do local para onde vamos?", gritei, para ser escutada.

"População, cerca de setecentos habitantes. Há vinte anos eles ainda dependiam de geradores e só contavam com uma pista de pouso improvisada com material dragado. Uau!" O barco bateu com força ao pegar a depressão entre duas ondas. "Quase nos ferramos. Numa dessas a gente pode virar de repente." Seu rosto revelava a profunda concentração com que ele navegava pela baía, como se montasse um cavalo selvagem. Os marujos imperturbáveis mas alertas, sempre agarrados a algum lugar.

"A economia se baseia na pesca de caranguejo azul e siri-mole. São vendidos para todas as partes do país", Martinez prosseguiu. "E sempre tem algum milionário descendo lá em seu avião particular, só para comprar caranguejo." "Pelo menos é o que eles dizem que vão comprar", alguém comentou.

"Temos problemas com bebedeira, contrabando de bebidas e drogas", Martinez explicou. "Abordamos as embarcações dos locais para inspeção de salva-vidas, fazemos alguns flagrantes de drogas. Eles dizem que damos batidas." Ele sorriu para mim.

"Sim, e nos chamam de guardas", um tripulante comentou, sarcástico. "Olha, lá vêm os guardai" "Eles deturpam o idioma sem o menor pudor", Martinez disse, passando mais uma onda. "Talvez

você tenha dificuldade para entender o que eles dizem." "Quando a temporada do caranguejo termina?", perguntei, mais preocupada com o que era transportado para fora da ilha do que com o modo de falar dos habitantes de Tangier.

"Nesta época do ano eles estão passando um tipo de rede de fundo, para pegar os caranguejos. Fazem isso durante o inverno todo, trabalhando catorze, quinze horas por dia; chegam a passar uma semana inteira no mar." Ao longe, a estibordo, um casco negro se projetava acima da superfície como uma baleia. Um dos marujos percebeu que eu estava olhando.

"É um navio da Segunda Guerra Mundial que encalhou", disse. "A Marinha o usa para praticar tiro ao alvo." Reduzimos finalmente a velocidade quando nos aproximamos da costa oeste, onde fora construída uma barreira de rochas, barcos velhos, geladeiras enferrujadas, carros e outros tipos de sucata para impedir que a erosão continuasse a avançar, devorando a ilha. O solo ficava quase ao nível do mar, chegando a uns poucos metros de altura na parte mais elevada. Casas, o campanário da igreja e uma caixa-d'água azul numa torre eram os únicos destaques no horizonte daquela ilha minúscula e desolada, onde os moradores enfrentavam os piores temporais.

Seguimos lentamente por mangues e bancos de areia. Nos atracadouros antigos havia pilhas enormes de armadilhas para caranguejo, feitas de tela de arame, presas a boias coloridas. Barcos de madeira de popa redonda ou quadrada estavam atracados, mas não vazios. Martinez fez soar a sirene e o som agudo cortou o ar frio enquanto nos aproximávamos. Os moradores de Tangier, usando aventais, viraram seus rostos inescrutáveis e fustigados pelas intempéries em nossa direção, com a expressão de quem tem opiniões pessoais por vezes hostis. Eles circulavam pelos ranchos de pesca e consertavam redes quando atracamos no cais próximo às bombas de combustível.

"Como a maioria das pessoas daqui, o nome do chefe de polícia é Crockett", Martinez disse quando a tripulação terminou de atracar o barco. "Davy Crockett. Não ria." Seus olhos perscrutaram o cais e

uma lanchonete que não parecia abrir naquela época do ano. "Vamos lá." Segui-o para terra firme; o vento gelado vindo do mar dava a impressão de estarmos em janeiro. Mal tínhamos começado a caminhar quando uma picape pequena dobrou a esquina em alta velocidade. Os pneus cantaram no cascalho. Parou; um jovem tenso desceu. Seu uniforme era composto de jeans azul, casaco escuro e boné com os dizeres Polícia de Tangier. Olhava alternadamente para Martinez e para mim. Quando viu minha bagagem, arregalou os olhos. "Tudo certo, então", Martinez me disse. "Vou deixá-la aos cuidados de Davy." A Crockett, acrescentou: "Esta é a doutora Scarpetta".

Crockett fez um cumprimento com a cabeça. "Vamos lá, então." "Só a doutora vai com você." "Eu levo a senhora até lá de carro." Eu já conhecia sotaques semelhantes, de povoados nas montanhas nos quais as pessoas não pareciam pertencer ao nosso século.

"Vamos esperá-la aqui", Martinez prometeu, dando meia-volta na direção de seu barco.

Segui Crockett até a picape. Dava para perceber que ele a limpava por dentro e por fora pelo menos uma vez por dia, e apreciava Armor Ali mais do que o próprio Marino.

"Calculo que tenha estado dentro da casa", falei ao rapaz quando ele ligou o motor.

"Eu não. Foi o vizinho. Quando me contaram, liguei para Norfolk." Ele deu marcha à ré; uma cruz de estanho pendia do chaveiro. Espiei pela janela e vi pequenos restaurantes de madeira com placas pintadas à mão e gaivotas de plástico penduradas nas janelas. Um caminhão lotado de latões para carregar caranguejos vinha em sentido contrário e precisou sair da pista para nos deixar passar. As pessoas andavam em bicicletas que não tinham freio nem marchas, mas o meio de transporte favorito pelo jeito eram os scooters.

"Como se chamava a falecida?" Comecei a tomar notas.

"Lila Pruitt", ele disse, sem se importar com o fato de a porta do meu lado estar quase raspando na cerca alambrada de uma casa. "Viúva, não sei a idade. Vendia receitas para os turistas. De bolinhos

de caranguejo e outras coisas assim." Anotei tudo, sem entender direito do que ele estava falando. Passamos pela escola e pelo cemitério de Tangier. Havia lápides inclinadas para todos os lados, como se tivessem sido entortadas por uma tempestade.

"E quando ela foi vista com vida pela última vez?", perguntei.

"Na Daby." Ele balançou a cabeça. "Em junho, acho." Fiquei completamente perdida. "Vamos esclarecer isso", falei. "Ela foi vista pela última vez num lugar chamado Daby, no mês de junho passado?" "Sim, senhora." Ele fez que sim com a cabeça, como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo.

"O que é Daby e quem a viu lá?" "A loja. Daby e Filho. Se quiser, eu a levo até lá." Ele me olhou e eu fiz que não com a cabeça. "Entrei lá para fazer compras e a vi. Em junho, acho." O ritmo estranho e o modo arrastado de falar pareciam refletir o movimento das ondas de seu mundo marítimo. Engolia letras, cortava palavras ao meio, prolongava vogais.

"E quanto aos vizinhos? Algum deles a viu?" "Não nos últimos dias." "E quem a encontrou?", perguntei.

"Ninguém encontrou." Olhei para ele, desanimada.

"A senhora Bradshaw foi lá pegar uma receita, entrou e sentiu o cheiro." "A senhora Bradshaw subiu até o andar de cima?" "Ela disse que não." Ele balançou a cabeça. "Foi me procurar direto." "E onde residia a falecida?" "Aqui." Ele reduziu a marcha. "School Street." Situado na esquina diagonal oposta à igreja metodista Swain Memorial, o sobrado branco de madeira ainda exibia roupas no varal e uma casa para andorinhas no alto de um poste enferrujado no quintal, onde também vi um barco a remo velho e armadilhas para caranguejo entre montes de conchas de ostra. Pés de hortênsia acompanhavam a cerca, ao longo da qual havia uma curiosa série de caixas pintadas de branco, voltadas para a rua de terra.

"O que é aquilo?", perguntei a Crockett.

"É por onde são vendidas as receitas. Um quarto de dólar cada. É só enfiar a moeda naquela fenda." Ele apontou. "A senhora Pruitt

não se dava com quase ninguém." Finalmente eu me dei conta de que ele se referia a receitas culinárias. Abri a porta da picape.

"Vou esperar aqui", ele disse.

Sua fisionomia implorava que eu não solicitasse sua entrada na casa.

"Não deixe que ninguém se aproxime", falei ao descer.

"Não precisa se preocupar nadinha com isso." Olhei em volta, para as casas pequenas e os trailers em terrenos arenosos. Alguns possuíam cemitérios familiares, os mortos eram enterrados onde houvesse uma elevação. As lápides eram lisas como giz e tortas ou caídas. Subi os degraus da escada frontal de Lila Pruitt, notando mais lápides sob a sombra dos pés de zimbro no fundo do quintal, num canto.

A porta de tela enferrujara em vários pontos e a mola rangeu alto quando entrei no jardim-de-inverno voltado para a rua. Havia um balanço estofado em plástico florido e a seu lado uma mesinha de plástico, onde a imaginei se balançando e tomando chá gelado enquanto observava os turistas que compravam receitas. Calculei que os vigiava atentamente, para ver se todos pagavam.

A porta de proteção contra tempestades estava destrancada e Hoyt tivera a presença de espírito de colar nela um aviso no qual escrevera doença: não entre!!. Supus que ele duvidava da capacidade dos moradores de Tangier para compreender o que significava risco de contaminação. De todo modo, dera o alerta. Entrei no vestíbulo escuro, onde um retrato de Jesus orando ao Pai pendurado na parede era a única decoração. Senti a fedentina da carne humana decomposta.

Na sala vi sinais de que alguém passara bastante tempo doente. Travesseiros e cobertores espalhados sobre o sofá; lenços de papel, termômetro, um frasco de aspirina, linimento, xícaras e pratos sujos sobre a mesinha de centro. Ela sofrera com a febre e sentira dores. Instalara-se ali para ficar mais confortável e poder assistir televisão.

No final, não conseguia mais sair da cama. Encontrei-a lá, num dos quartos de cima, com papel de parede estampado com botões

de rosa e uma cadeira de balanço perto da janela que dava para a rua. O espelho de corpo inteiro fora coberto com um lençol, como se ela não suportasse mais ver seu reflexo. Hoyt, um médico da velhaguarda, respeitosamente cobrira o corpo com uma colcha, sem tocar em mais nada. Sabia que não devia mexer no local, principalmente ao perceber que sua visita seria seguida pela minha. Parei no meio do quarto, pensativa. O mau cheiro parecia tornar as paredes menores e o ar escuro.

Meus olhos percorreram o pente e a escova baratos sobre a penteadeira, as pantufas cor-de-rosa desbotadas sob a cadeira coberta de roupas que ela não tivera forças para lavar ou guardar. Na mesa de cabeceira havia uma Bíblia cuja capa de couro ressecada começava a rachar e uma amostra grátis do spray facial de aromaterapia Vita. Provavelmente ela o utilizara para tentar se refrescar nos momentos de febre mais intensa, sem sucesso. Empilhados no chão, vi catálogos de produtos vendidos por reembolso postal, com páginas dobradas no canto superior para marcar suas preferências.

No banheiro, o espelho acima da pia fora coberto com uma toalha. Sobre o piso de linóleo havia toalhas sujas de sangue. O papel higiênico acabara e a caixa de bicarbonato de sódio ao lado da banheira indicava que ela tentara seu próprio remédio na hora do banho, para aliviar o sofrimento. No armário não encontrei remédios, só fio dental, Jergens, pomada para hemorroidas, creme antisséptico. As dentaduras estavam numa caixa de plástico sobre a pia.

Pruitt era uma senhora idosa e solitária, tinha pouquíssimo dinheiro e provavelmente saíra da ilha poucas vezes durante sua vida. Calculei que não tivesse pedido ajuda aos vizinhos por falta de telefone. Além disso, temia que fugissem horrorizados quando a vissem. Nem eu estava preparada para o espetáculo macabro que vi ao erguer a coberta.

Ela estava coberta de pústulas, cinzentas e duras como pérolas. A boca desdentada afundara, os cabelos pintados de vermelho estavam desgrenhados. Puxei a coberta até o final, desabotoei a

camisola e notei que a densidade das erupções aumentava nas extremidades dos membros e no rosto, sendo menos frequentes no tronco, exatamente como Hoyt descrevera. A coceira a fizera arranhar pernas e braços, que sangraram provocando infecções secundárias. Os ferimentos incharam e formaram crostas.

"Que Deus a ajude", murmurei, consternada.

Eu a via sentindo dores e coceiras, ardendo em febre, apavorada com sua própria imagem macabra no espelho.

"Que horror", falei, e a lembrança de minha mãe relampejou em minha mente.

Lancetei uma pústula, colhi o material com a lâmina e fui para a cozinha, montar o microscópio em cima da mesa. Já me convencera do que havia ali. Não era varicela nem herpes-zoster. Todos os indícios apontavam para uma doença devastadora, mortífera, cientificamente varíola major, mais conhecida como varíola ou bexiga. Liguei a luz do microscópio, posicionei a lâmina na base, acertei o grau de aumento para quatrocentas vezes e ajustei o foco. A concentração central e os corpos citoplásmicos de Guarnieri se tornaram visíveis. Tirei mais fotos Polaroid de algo que não poderia ser verdadeiro.

Empurrei a cadeira para trás e comecei a andar de um lado para outro enquanto o relógio tiquetaqueava ruidosamente na parede.

"Como você pegou essa doença? Como?", falei com ela em voz alta.

Saí novamente e fui até onde Crockett estacionara a picape. Fiquei na rua, sem me aproximar do veículo.

"Temos um problema sério", informei a ele. "E não tenho absoluta certeza do que farei a respeito." Minha dificuldade imediata era conseguir acesso a um telefone seguro, mas acabei concluindo que isso seria impossível. Não poderia ligar de nenhuma loja, muito menos das casas vizinhas ou do trailer do chefe de polícia. Só restou meu telefone celular, que normalmente eu não usaria para fazer uma ligação do gênero. Entretanto, eu não via alternativa. Uma voz feminina atendeu às três e quinze o telefone do Instituto de Estudos

de Doenças Infecciosas do Exército dos Estados Unidos, ou USAMRIID, em Fort Detrick, em Frederick, no estado de Maryland.

"Quero falar com o coronel Fujitsubo", eu disse.

"Ele está em reunião. Sinto muito." "Mas é muito importante." "Por favor, senhora, ligue amanhã novamente." "Pelo menos me passe para o assistente dele, para uma secretária..." "Caso não saiba, todos os funcionários públicos federais que não desempenham funções essenciais estão em férias coletivas ou licença..."

"Pelo amor de Deus!", exclamei, desesperada. "Estou retida numa ilha com uma morte por doença infecciosa. Pode começar uma epidemia aqui. Não me venha com essa história de férias!"

"Perdão?" Ouvi telefones tocando sem parar ao fundo. "Estou falando de um telefone celular. A bateria pode acabar a qualquer momento. Pelo amor de Deus, interrompa a reunião! Preciso falar com ele imediatamente!"

Fujitsubo estava no edifício Russell, no Capitólio, para onde meu chamado foi transferido. Eu sabia que ele se encontrava na sala de algum senador, mas não me importava com isso. Resumi rapidamente o problema, tentando controlar meu pânico.

"Isso é impossível", ele disse. "Tem certeza de que não se trata de varicela, sarampo..."

"Não. Independentemente do que seja, precisamos conter a doença. John, não posso mandar o corpo para meu necrotério. Você terá de assumir o caso."

O USAMRIID era o mais importante laboratório de pesquisa médica do Programa de Pesquisa para Defesa Biológica dos Estados Unidos. Seu objetivo era proteger as pessoas contra eventuais ameaças de armas biológicas. Mais importante ainda, o USAMRIID possuía o maior laboratório de isolamento biológico nível quatro do país.

"Não podemos fazer nada, exceto se for terrorismo", Fujitsubo argumentou. "Epidemias vão para o CDC. Acho melhor você falar

com o pessoal de lá."

"Claro que vou fazer isso, mais tarde", falei. "E tenho certeza de que a maioria da equipe está de licença também. Por isso não consegui contato antes. Mas eles ficam em Atlanta, e você em Maryland. Não é longe daqui, e preciso tirar o corpo do local quanto antes..." Ele passou um tempo em silêncio. "Ninguém mais do que eu espera que seja tudo um engano", falei, suando frio. "Mas se eu tiver razão e não tomarmos as precauções adequadas..."

"Já entendi, já entendi", ele respondeu, irritado. "No momento, estamos trabalhando com uma equipe mínima. Preciso de algumas horas. Acionarei o Centro de Controle e Prevenção de Doenças. Vamos montar uma equipe mista com o CDC. Quando você foi vacinada contra varíola pela última vez?"

"Quando era pequena demais para me lembrar."

"Você vem junto com o corpo."

"Ela é um caso meu." Mas eu entendera o que ele estava querendo dizer. Pretendiam me pôr em quarentena.

"Vamos dar um jeito de tirar o corpo da ilha, depois pensaremos no resto", acrescentei.

"Onde você estará?"

"Na casa dela, no centro da cidade, perto da escola."

"Minha nossa, que azar. Tem ideia de quantas pessoas possam ter sido expostas ao vírus?"

"Nenhuma ideia. Há um riacho aqui perto, que pode servir de referência. Procure também a igreja metodista. Tem um campanário alto. De acordo com o mapa há outra igreja, mas não tem campanário. Há uma pista de pouso, mas o melhor é tentar descer o mais perto possível da casa, para evitar carregá-la por onde as pessoas possam vê-la."

"Certo. Com certeza, precisamos evitar o pânico." Ele fez uma pausa e sua voz tornou-se mais suave. "Você está bem?"

"Espero que sim." Sentia as mãos trêmulas e os olhos cheios de lágrimas.

"Você precisa manter a calma, tentar relaxar um pouco e parar de se preocupar. Vamos cuidar de tudo", disse ao desligar o telefone.

Sempre existira em tese a possibilidade de que, em minha carreira rodeada de crimes e loucuras, uma doença qualquer acabasse comigo no final, discretamente. Nunca sabia a que perigos me expunha ao abrir um corpo, mexer com o sangue, respirar o ar do mesmo local. Tomava cuidado com cortes e picadas de agulhas, mas havia outras ameaças além de hepatite e HIV. Descobriam novos vírus a todo momento, e com frequência eu pensava que um dia dominariam o mundo, vencendo finalmente a guerra que vinha do início dos tempos.

Fiquei algum tempo na cozinha, ouvindo o tique-taque do relógio, enquanto do outro lado da janela a luz mudava conforme o dia transcorria. Estava a ponto de sofrer um ataque de ansiedade quando ouvi o sotaque peculiar de Crockett, que me chamava do lado de fora.

"Doutora! Doutora!"

Quando cheguei à porta e olhei para fora, vi no primeiro degrau um saco de papel pardo e uma bebida com tampa e canudo. Levei-os para dentro e Crockett voltou para a picape. Afastara-se por algum tempo para buscar meu almoço, o que não tinha sido uma boa ideia, mas mostrava sua gentileza. Acenei para ele como se fosse meu anjo da guarda e me senti um pouco melhor. Sentei no balanço e me balancei um pouco. Tomei o chá gelado com açúcar do Fisherman's Corner. Comi o sanduíche de linguado frito no pão branco, acompanhado de vieiras empanadas. Duvido que tenha experimentado algo tão fresco e saboroso na vida.

Balancei e bebi chá, observando a rua pela tela enferrujada enquanto o sol se punha atrás da igreja, uma bola vermelha flamejante, e os gansos passavam no céu em bandos escuros com formação em V. Crockett acendeu os faróis quando as luzes se acenderam nas janelas das casas, duas meninas passaram de bicicleta, pedalando energicamente, os rostos voltados para mim

enquanto corriam. Com certeza, já sabiam. A ilha inteira já sabia. Comentavam que médicos e a Guarda Costeira estavam ali por causa da morte de Pruitt.

Voltei para dentro, pus luvas novas, posicionei a máscara novamente sobre a boca e o nariz e retornei à cozinha para ver o que havia no lixo. A lixeira plástica estava debaixo da pia, forrada com um saco de papel. Sentei no chão para examinar um item por vez, tentando descobrir quanto tempo Pruitt permanecera doente. Certamente não esvaziava o lixo fazia algum tempo. Latas vazias e embalagens de comida congelada estavam ressequidas, a casca dos nabos e cenouras escurecera e endurecera como couro.

Percorri todos os cômodos da casa, examinando todos os cestos de papéis existentes. Mas o lixo da sala foi o mais triste. Havia neles várias receitas manuscritas em folhas de papel. Linguado Surpresa, Bolinho de Caranguejo e Ensopado de Mariscos da Lila. Ela cometera erros, rasurara palavras em cada uma delas, creio que por isso as jogara fora. No fundo da lata encontrei um pequeno tubo de papelão, a embalagem de uma amostra grátis que recebera pelo correio.

Tirei a lanterna da mala, saí e parei nos degraus, esperando até que Crockett descesse da perua e se aproximasse.

"Vai haver muito movimento por aqui em breve", avisei.

Ele me olhou como se eu fosse louca, e do outro lado das janelas iluminadas pude distinguir os rostos das pessoas que nos observavam. Desci os degraus, seguindo até a cerca do quintal, dei a volta pela frente e comecei a procurar com a lanterna dentro das caixinhas onde Pruitt vendia as receitas. Crockett aproximou-se.

"Estou tentando descobrir quanto tempo ela passou doente", expliquei.

Havia muitas receitas nas caixas, e só três moedas no cofrinho de madeira.

"Quando foi que o último barco com turistas esteve aqui?" Focalizei a lanterna em outro nicho, encontrando uma meia dúzia de receitas para Siri-Mole da Lila.

"Faz uma semana. Antes, mais nenhum, por várias semanas."
"Os vizinhos compram receitas dela?" Ele franziu o cenho, como se a pergunta fosse esquisita. "Eles já têm as deles." As pessoas agora estavam saindo para as varandas, descendo silenciosamente até os quintais já escuros para ver a mulher maluca de avental cirúrgico e máscara, com a lanterna na mão enluvada iluminando as caixas de receitas da vizinha enquanto conversava com o chefe de polícia.

"Vai haver muito movimento por aqui em breve", repeti. "O exército enviará uma equipe médica a qualquer momento, e vamos precisar de sua ajuda para garantir que a população permaneça calma e fique dentro de casa. No momento, preciso que você chame a Guarda Costeira e diga que vai precisar de ajuda, está bem?" Davy Crockett partiu tão depressa que os pneus derraparam.

9

Eles desceram com estrondo na noite enluarada, por volta das nove. O Blackhawk do exército sobrevoou a igreja metodista, agitando as árvores com a terrível turbulência das pás enquanto o holofote lançava um fecho poderoso sobre o solo, procurando um local para descer. Vi o helicóptero pousar como um pássaro num quintal vizinho, enquanto centenas de moradores de Tangier, assombrados, saíram para a rua.

No jardim de inverno, espiei pela tela e vi a equipe médica de evacuação saltar do helicóptero. Crianças se escondiam atrás das saias das mães e arregalavam os olhos em silêncio. Os cinco cientistas do USAMRIID e do cdc não pareciam ser deste planeta, em seus trajes inflados de plástico alaranjado e capuzes, equipados com tanques de filtragem de ar a bateria. Andaram pela rua carregando uma maca dentro de uma bolha plástica.

"Graças a Deus vocês chegaram", falei quando se aproximaram.

Seus pés produziam um som de plástico roçando no piso de madeira da entrada, e eles não se deram ao trabalho de fazer as apresentações. A única mulher da equipe me entregou um traje alaranjado dobrado.

"Provavelmente, já é tarde demais", falei.

"Não custa." Seus olhos se fixaram nos meus; não era muito mais velha do que Lucy. "Vista o traje imediatamente." Tinha consistência de cortina de chuveiro. Sentei no balanço e o vesti por cima das roupas e sapatos. O capuz era transparente, com um peitilho que preendi no peito, com força. Liguei o aparelho que ficava nas costas, na altura da cintura.

"Ela está lá em cima", eu disse em voz alta, perturbada com o ruído do ar nos ouvidos.

Mostrei o caminho e eles subiram com a maca. Por um momento calaram-se, ao ver o que havia na cama.

Um cientista disse: "Meu Deus. Nunca vi nada assim".

Todos começaram a falar ao mesmo tempo.

"Vamos enrolá-la nas cobertas." "Encapsular e lacrar." "Tudo que está na cama, como lençóis e cobertores, vai para a autoclave." "Merda. O que vamos fazer? Queimar a casa?" Entrei no banheiro e recolhi as toalhas do chão, enquanto eles punham o cadáver enrolado nas cobertas sobre a maca. Ela escorregava e dificultava o serviço, a equipe se esforçava para tirá-la da cama e instalá-la no isolador portátil projetado para pessoas vivas. Conseguiram prendê-la com as correias plásticas e lacrar tudo. A visão de um corpo dentro do que parecia ser uma tenda de oxigênio era assustadora, mesmo para mim. Eles ergueram a maca e descemos a escada. Chegamos à rua.

"E depois de nossa partida?", perguntei.

"Três membros da equipe permanecem no local", um deles respondeu. "Outro helicóptero chegará amanhã." Fomos interceptados por outro cientista, que portava um equipamento semelhante ao usado para dedetização. Ele descontaminou as pessoas e a maca, pulverizando-nos enquanto a população nos observava, atônita. O pessoal da Guarda Costeira estava ao lado da picape de Crockett. Martinez e Crockett conversavam. Aproximei-me para falar com eles, que se assustaram com meu traje protetor e recuaram um passo, sem ocultar o medo.

"A casa precisa ser isolada", falei a Crockett. "Até sabermos exatamente com o que estamos lidando, ninguém se aproxima de lá, nem pode entrar."

Ele piscava sem parar, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco.

"Devo ser imediatamente avisada se mais alguém ficar doente", falei.

"Nesta época do ano muita gente fica doente", ele disse. "Pegam gripe ou resfriado." "Se alguém ficar com febre, sentir dor nas costas e tiver erupções na pele", expliquei, "telefone para meu

departamento imediatamente. Aquele pessoal está aqui para ajudar vocês." Apontei para a equipe.

A expressão de seu rosto revelava claramente que ele não queria ninguém na sua ilha.

"Por favor, tente entender", falei. "Isso é muito importante. Muito mesmo." Crockett balançou a cabeça enquanto um menino surgia atrás dele, saindo da escuridão, e segurava em sua mão. Teria sete anos, no máximo, e fixou os olhos claros arregalados sob cabelos louros desalinhados em mim como se eu fosse a aparição mais terrível do mundo.

"Papai, astronautas." O menino apontou para mim.

"Darryl, vá para casa", Crockett ordenou ao filho. "Vá logo." Segui no rumo do ruído das pás do helicóptero. O vento me refrescou o rosto, mas eu sentia o resto do corpo melado, pois o traje era impermeável. Avancei pelo descampado próximo da igreja enquanto os motores rugiam, dobrando moitas e pinheiros retorcidos com o ar deslocado pelas pás.

O Blackhawk estava aberto e iluminado internamente. A equipe prendia a maca adotando o mesmo procedimento usado com os pacientes vivos. Subi a bordo, ocupei um assento lateral e prendi o cinto de segurança enquanto um dos cientistas fechava a porta. O helicóptero subiu ao céu fazendo barulho e balançando muito. Era impossível ouvir alguém sem usar os fones, que não funcionavam direito quando se usava capuz.

Aquilo me intrigou, no início. Nossos trajes haviam sido descontaminados, mas a equipe não os tirou. Depois, entendi. Eu estivera exposta a Lila Pruitt e, antes disso, ao torso. Ninguém queria respirar o mesmo ar que eu, a não ser que fosse purificado no filtro de ar de eficiência máxima, ou hepa. Trocamos olhares e observamos o paciente em silêncio. Fechei os olhos durante a viagem até Maryland.

Pensei em Wesley, Lucy e Marino. Eles não tinham a menor ideia do que estava ocorrendo, e certamente ficariam furiosos. Preocupava-me por não saber quando os veria novamente, nem em

que condição estaria. Sentia as pernas bambas, o pés doloridos e inchados, enfim, um mal-estar generalizado. Temia o primeiro sinal terrível; poderia ser arrepio, dor, vista turva ou sede provocada pela febre. Eu havia tomado vacina contra varíola na infância. Lila Pruitt também. Assim como a mulher cujo torso continuava guardado no freezer do necrotério. Ao examinar os corpos eu vira as marcas de vacina, do tamanho de uma moeda, nas quais a pele desbotara. Mesmo assim, elas pegaram a doença.

Aterrissamos num local que não pude ver qual era por volta das onze da noite. Eu dormira apenas o bastante para me sentir desorientada, e quando abri os olhos o retorno à realidade foi ruidoso e abrupto. A porta se abriu novamente, luzes brancas e azuis brilharam no heliponto situado do lado oposto da rua onde havia um prédio grande, anguloso. Havia muitas janelas acesas para uma hora tão tardia, como se muita gente aguardasse nossa chegada. Os cientistas soltaram as amarras da maca e apressados a puseram na traseira de um caminhão. A única mulher da equipe ficou e me conduziu pelo braço, segurando-o com a mão enluvada.

Não vi para onde levaram a maca; fui guiada para o outro lado da rua, até uma rampa na face norte do prédio. Seguimos por um corredor e logo cheguei à ducha, onde fui lavada com Envirochem. Tirei a roupa e fui pulverizada com água quente e sabão. Havia prateleiras com roupas e calçados. Seguindo as instruções, deixei a roupa no chão, junto com todos os meus outros pertences.

A enfermeira que aguardava no corredor guiou-me ríspidamente pela sala de cirurgia, depois por salas com autoclaves que mais pareciam sinos de mergulho. O ar estava empestado pelo cheiro dos animais de laboratório escaldados. Eu ia ficar na Enfermaria 200, onde uma fita vermelha na soleira da porta do meu quarto proibia a entrada de outros pacientes em isolamento. Olhei em torno, para a pequena cama hospitalar com cobertor grosso, o ventilador e a televisão pequena suspensa no alto, num canto. Notei os tubos de ar amarelos presos ao encanamento na parede, a caixa de aço na porta pela qual as refeições seriam entregues e submetidas na saída à radiação ultravioleta.

Sentei na cama, solitária e deprimida, sem disposição para pensar na encrenca em que estava metida. Passaram-se alguns minutos. A porta externa se fechou com estrondo e a minha foi aberta.

"Seja bem-vinda ao Xadrez", disse o coronel Fujitsubo ao entrar.

Ele usava capuz Racal e traje pesado de vinil azul, que ligou a um dos dutos de ar.

"John", falei, "eu não estou pronta para isso." "Kay, seja compreensiva." Seu rosto forte transmitia seriedade e algum receio por trás do plástico. Eu me sentia frágil e solitária.

"Preciso avisar as pessoas, dizer onde estou", falei.

Ele se aproximou da cama, abrindo com a mão enluvada um pacote embrulhado com papel, no qual havia um pequeno frasco e o equipamento para vacinação.

"Descubra o ombro. Está na hora de revaciná-la. E vamos tratá-la também com um pouco de imunoglobulina da varíola bovina, por via das dúvidas." "Meu dia de sorte", comentei.

Ele esfregou meu ombro direito com um algodão embebido em álcool. Permaneci imóvel enquanto ele fazia pequenas incisões na pele com o escarificador para inocular a vacina.

"Tomara que nem seja necessário", acrescentou.

"Ninguém deseja isso mais do que eu", retruquei.

"Mas tenho uma boa notícia, você terá uma reação anamnésica positiva, com um nível mais alto de anticorpos do que antes. A vacinação nas vinte e quatro a quarenta e oito horas seguintes à exposição ao vírus em geral garante a imunidade." Não falei nada. Ele sabia, tanto quanto eu, que talvez já fosse tarde demais.

"Vamos realizar a autópsia nela às nove horas e manter você aqui por alguns dias, só por via das dúvidas", ele disse, jogando as embalagens no lixo. "Sente algum sintoma?"

"Dor de cabeça. E estou irritada." Ele sorriu, fixando os olhos nos meus. Fujitsubo era um médico brilhante que fizera sua carreira no Instituto de Patologia das Forças Armadas, o AFIP, antes de assumir

o comando do USAMRIID. Era divorciado e poucos anos mais velho que eu. Apanhou o cobertor dobrado ao pé da cama e o estendeu sobre meus ombros. Puxou a cadeira e sentou-se ao contrário, apoiando o braço no encosto.

"John, faz quase duas semanas que eu fui exposta ao vírus", falei. "Naquele caso de homicídio. Eu deveria estar sofrendo de varíola, a esta altura."

"Ainda não sabemos exatamente que vírus é este. o último caso de varíola foi registrado em outubro de 1977, na Somália, Kay. Desde então, consideramos que a enfermidade foi erradicada da face da Terra."

"Sei muito bem o que vi no microscópio eletrônico. Pode ter ocorrido contaminação proposital."

"Você quer dizer deliberada?"

"Talvez." Mantinha os olhos abertos com dificuldade.

"Mas você não acha estranho que a pessoa infectada tenha sido também assassinada?"

"Acho tudo isso muito estranho." Ele se levantou. "Mas, além de oferecer hospedagem biologicamente segura para você e isolamento para o cadáver, não podemos fazer muita coisa." "Claro que podem. Não há nada que vocês não possam fazer." Eu não queria nem ouvir falar em conflitos de jurisdição.

"No momento, temos um problema de saúde pública, não uma questão militar de segurança nacional. Você sabe que não podemos simplesmente tirar o caso das mãos do Centro de Controle e Prevenção de Doenças. Na pior das hipóteses, temos uma epidemia em curso. E o cnc e a instituição mais indicada para lidar com algo do gênero." "A ilha de Tangier precisa ser posta em quarentena." "Vamos discutir isso após a autópsia." "Que eu pretendo realizar", acrescentei.

"Vamos ver como você se sente", ele disse quando a enfermeira chegou.

Ao sair ele conversou rapidamente com ela. Depois, ela entrou, também usando o traje azul. Jovem, irritantemente otimista, explicou que trabalhava no hospital Walter Reed, mas ajudava ali quando havia pacientes em isolamento especial, o que felizmente não ocorria com frequência. "Na última vez, dois funcionários do laboratório foram expostos a sangue de rato parcialmente descongelado contaminado com Hantavírus", disse. "As doenças hemorrágicas são terríveis. Ficaram internados uns vinte dias, acho. O doutor Fujitsubo disse que a senhora queria telefonar." Pôs um robe fino sobre a cama. "Arranjarei um telefone mais tarde. Tome o Advil com bastante água." Colocou o remédio e o copo sobre a mesa de cabeceira. "A senhora está com fome?" "Eu gostaria de queijo branco e biscoito cream cracker, ou algo leve, por favor." Meu estômago estava tão vazio que eu me sentia mal.

"Como a senhora se sente, fora a dor de cabeça?" "Bem, obrigada." "Então vamos torcer para que continue assim. Por que a senhora não vai ao banheiro, esvazia a bexiga, toma um bom banho e entra debaixo das cobertas? Temos televisão." Apontou para o aparelho, falando com simplicidade, como se eu fosse uma colegial.

"E quanto às minhas coisas?" "Serão esterilizadas, não se preocupe." Ela sorriu para mim.

Não consegui me aquecer, mesmo tomando outro banho. Nada poderia limpar aquele dia horrível, eu continuava vendo a boca franzida aberta, os olhos cegos semiabertos, o braço duro a pender da cama fétida. Quando saí do banheiro vi que havia um prato com queijo e biscoitos. A televisão estava ligada. Mas nada de telefone.

"Droga", resmunguei e fui para debaixo das cobertas.

Na manhã seguinte o café chegou pela caixa instalada na porta. Coloquei a bandeja no colo enquanto assistia ao programa Today, algo que nunca fazia. Martha Stewart batia uma espécie de merengue enquanto eu mordiscava o ovo mal cozido e morno. Não conseguia comer direito, não sabia se as costas doíam porque eu estava cansada ou por algum outro motivo que me escapava.

"Como se sente hoje?" A enfermeira surgiu, respirando o ar filtrado pelo hepa.

"Você não sente calor aí dentro?" Apontei com o garfo.

"Acho que sentiria, caso passasse muito tempo no traje." Ela trazia na mão um termômetro digital. "Não se preocupe. Isso vai durar só um minutinho." Ela enfiou o termômetro na minha boca enquanto eu olhava para a tevê. Um médico estava sendo entrevistado a respeito da epidemia de gripe deste ano. Fechei os olhos até ouvir o bip que indicava o momento de tirar o termômetro.

"Trinta e seis e seis. Na verdade, sua temperatura está ligeiramente baixa. O normal é trinta e sete." Ela prendeu a faixa em volta do meu braço.

"Vamos tirar a pressão." E apertou com força o aparelho, bombeando ar. "Dez por sete. Está quase morta." "Obrigada", murmurei. "Preciso de um telefone. Ninguém sabe onde estou." "Você precisa descansar, isso sim." Ela pegou o estetoscópio e o encostou em meu peito. "Respire fundo." Eu sentia frio nos locais onde o aparelho tocava. O rosto dela ficava sério enquanto auscultava. "De costas, agora." Ela seguiu a conduta.

"Por favor, peça ao coronel Fujitsubo que venha até aqui." "Mandarei um recado para ele, pode deixar. Agora cubra-se." Ela puxou o cobertor até meu queixo. "Hora de tomar mais água. A dor de cabeça melhorou?" "Sim", menti. "Preciso muito falar com ele." "Ele virá assim que puder. Eu sei que ele está muito ocupado." Seu jeito maternal estava me dando nos nervos. "Escute", falei em tom sério. "Eu solicitei um telefone várias vezes. Exijo que me atendam. Isso está parecendo uma prisão." "Você sabe como eles chamam este lugar", ela falou em tom leve. "E, normalmente, os pacientes não podem..." "Não me interessa o que os pacientes podem ou não podem fazer." Encarei-a, e sua atitude começou a mudar.

"Por favor, acalme-se." Seus olhos brilharam por trás da máscara, e a voz se elevou.

"Mas ela não é uma paciente terrível? Os médicos são os piores", disse o coronel Fujitsubo ao entrar no quarto.

A enfermeira virou-se para ele, surpresa. Seus olhos ressentidos fixaram-se em mim, como se não acreditasse que aquilo pudesse ser verdade.

"O telefone chegou", ele prosseguiu, colocando sobre a cama um traje cor de laranja. "Beth, creio que você já foi apresentada à doutora Scarpetta, chefe do Departamento de Medicina Legal da Virgínia e consultora de patologia forense do FBI." Para mim, disse: "Vista isso. Voltarei para buscá-la em dois minutos".

A enfermeira franziu a testa ao pegar a bandeja. Pigarreou, constrangida.

"Você não comeu o ovo inteiro", disse.

E deixou a bandeja na gaveta da caixa da porta. Eu vesti o traje.

"Normalmente, eles não deixam sair quem entra aqui." Ela fechou a gaveta.

"A situação não é normal." Prendi o capuz e liguei o filtro de ar. "O caso desta manhã é meu." Concluí que ela era daquelas enfermeiras hostis a médicas, pois preferia receber ordens de homens. Ou talvez seu sonho fosse ser médica e lhe tivessem dito que mulheres deviam estudar enfermagem para se casar com médicos. Suposições, apenas. Mas recordo-me de quando cursava medicina na Johns Hopkins; um dia a enfermeira-chefe me agarrou pelo braço no hospital. Nunca me esquecerei do ódio com que me disse que eu havia roubado a vaga do filho dela.

Fujitsubo retornou ao quarto, sorrindo ao me entregar o telefone ligado a uma extensão.

"Você pode fazer uma ligação." Ele ergueu o dedo indicador. "Em seguida, precisamos ir andando." Telefonei para Marino.

O BL-4, ou isolamento biológico nível 4, situava-se nos fundos de um laboratório normal, mas a diferença entre as duas áreas era crítica. O bl-4 abrigava cientistas em luta contra Ebola, Hantavírus e doenças desconhecidas para as quais não havia cura. A circulação de ar era controlada e a pressão negativa, para impedir que microorganismos altamente infecciosos passassem para outros

setores do prédio. O ar passava por filtros hepa antes de entrar em nossos corpos ou retornar à atmosfera, e tudo era esquentado no vapor das autoclaves.

Embora autópsias não fossem frequentes, aconteciam esporadicamente num local com suprimento de ar próprio apelidado de Sub, atrás de grossas portas duplas de aço inoxidável hermeticamente fechadas que pareciam pertencer a um submarino. Para entrar, usávamos outro caminho, passando por um labirinto de vestiários e duchas. Havia apenas luzes coloridas para indicar o uso por homens ou mulheres. A cor para os homens era verde, por isso acendi a luz vermelha e tirei a roupa. Calcei sapatilhas e vesti o traje cirúrgico.

As portas de aço se abriram automaticamente e se fecharam após minha passagem por mais um compartimento hermético. Cheguei à parte interna, ou vestiário, onde havia trajes de vinil grosso com pés e capuzes pontudos pendurados em ganchos na parede. Sentei num banco e vesti um deles, fechando o zíper e as abas de segurança, que pareciam lacres diagonais de Tupperware. Calcei botas de borracha e várias luvas grossas. A externa se prendia à manga. Já começava a sentir calor, as portas se fechavam atrás de mim conforme outras de aço ainda mais grosso se abriam para que eu penetrasse no ambiente mais claustrofóbico que já conhecera na vida.

Peguei o tubo amarelo e o encaixei no orifício na altura do quadril; o ar sibilou e me fez lembrar de uma piscina infantil ao desinflar. Fujitsubo e outro médico rotulavam tubos e lavavam o cadáver com uma mangueira. No corpo nu a doença era ainda mais apavorante. Durante a maior parte do tempo trabalhamos em silêncio, pois não possuíamos equipamento de comunicação e o único modo de ouvir era dobrar a mangueira de ar enquanto alguém falava.

Fizemos isso enquanto cortávamos e pesávamos; registrei as informações pertinentes num formulário. Ela sofrera a alteração degenerativa típica das placas e estrias gordurosas da aorta. Tinha o coração dilatado e os pulmões congestionados, indicando início de

pneumonia. Tinha ulcerações na boca e lesões no trato gastrointestinal.

Mas a história mais trágica de sua morte nos foi revelada pelo cérebro. Identificamos atrofia cortical, alargamento dos sulcos cerebrais e perda de parênquima, sinais do mal de Alzheimer.

Mal posso imaginar sua confusão mental quando ficou doente. Talvez nem se lembrasse de onde estava ou quem era, e em sua demência poderia ter acreditado que uma criatura maligna sairia dos espelhos. Os nódulos linfáticos estavam inchados, o baço e o fígado turvos e inchados, com necrose localizada; tudo isso combinava com a varíola.

Aparentemente tratava-se de morte natural, cuja causa ainda não podíamos provar, e duas horas depois encerramos o trabalho. Saí do mesmo modo como havia entrado, passando pela sala aquecida onde tomei um banho químico de cinco minutos ainda vestida, sobre um tapete de borracha. Esfreguei-me inteira com uma escova dura enquanto jatos de líquido quente me atingiam. Pingando, passei à sala externa, onde pendurei o traje para secar e tomei outra ducha, lavando o cabelo. Vesti o traje estéril alaranjado e retornei ao Xadrez.

A enfermeira estava no quarto quando retornei.

"Janet está aqui, escrevendo um recado", ela disse.

"Janet?", espantei-me.

"Lucy veio com ela?"

"Ela vai passar o recado pela caixa. Só sei que se trata de uma moça chamada Janet. Veio sozinha." "Onde ela está? Preciso vê-la." "Sabe que isso é impossível, no momento." "Até nas prisões há locais para visitantes", retruquei. "Não há um lugar em que eu possa conversar com ela, protegida por um vidro? Ela não pode usar um traje para entrar aqui, como você faz?" Claro, tudo isso exigia autorização, e mais uma vez do coronel, que decidiu ser mais fácil eu usar uma máscara com filtro hepa e ir até a sala dos visitantes, na Enfermaria de Pesquisa Clínica, onde se realizavam estudos sobre novas vacinas. Ela me conduziu através da sala BL-3 de recreação,

na qual voluntários jogavam pingue-pongue e bilhar, liam revistas e assistiam televisão.

"Não posso acreditar no que está acontecendo", foi a primeira coisa que ela disse. "Você está bem?" A enfermeira continuava atrás de mim, num espaço do tamanho de uma cabine telefônica. Virei-me e pedi que saísse. Ela não se mexeu.

"Com licença", falei, já incapaz de aturar seus modos. "Trata-se de uma conversa particular." Seus olhos faiscavam de raiva quando saiu e fechou a porta.

"Não sei como estou", falei pelo telefone. "Mas não me sinto mal." "Quanto tempo você precisa ficar aí?" Seus olhos revelavam receio.

"Em média, dez dias. Catorze, no máximo." "Bem, isso é bom, não acha?" "Não sei." Sentia-me deprimida. "Depende do que estamos enfrentando. Mas, se eu continuar bem nos próximos dias, espero que me deixem ir embora." Janet parecia mais adulta de conjunto azul-escuro e pistola discretamente oculta pelo casaco. Sabia que não viria sozinha se não houvesse algo errado.

"Onde está Lucy?", perguntei.

"Bem, na verdade, nós duas estamos aqui em Maryland, perto de Baltimore, com o grupo Dezenove." "Ela está bem?" "Sim", Janet respondeu. "Estamos trabalhando em seus arquivos, tentando rastreá-los através da AOL e do unix." "E então?" Ela hesitou. "Creio que o modo mais rápido de pegá-lo é on-line." Franzi a testa, perplexa. "Não sei se entendi bem..." "Esse negócio não é desconfortável?" Ela se referia a minha máscara.

"Muito." Minha aparência era lamentável. Metade do rosto coberto pelo bocal, que batia no fone quando eu falava.

"Como podem pegá-lo on-line a não ser que mande mensagens para mim?" Ela abriu uma pasta sobre a plataforma de fórmica. "Quer ouvi-las?" Senti um aperto no estômago.

" Vermes microscópicos, fermentos multiplicadores e miasma", leu.

"Como é?", falei.

"Isso mesmo. Chegou na manhã de hoje. O seguinte veio à tarde. Eles ainda vivem, mas ninguém mais sobreviverá. Uma hora depois, recebemos outra mensagem. Humanos que sugam os outros e os exploram são macroparasitas. Matam seus hospedeiros. Tudo em minúscula, sem pontuação, só com espaços." Ela olhou para mim através do vidro.

"Filosofia médica clássica", falei. "Vem desde Hipócrates e outros pesquisadores ocidentais; são teorias sobre as causas das doenças. A atmosfera. Partículas venenosas geradas pela decomposição da matéria orgânica que se reproduzem. Vermes microscópicos etc. E depois o historiador McNeill escreveu sobre a interação entre micro e macroparasitas como forma de entender a evolução da sociedade." "Então Deadoc conhece medicina", Janet disse. "E, pelo jeito, refere-se à doença com que lidamos, seja lá qual for." "Ele não poderia saber nada a respeito", falei, embora um novo temor se esboçasse no meu íntimo. "Não vejo como ele poderia." "Saiu algo no noticiário", ela disse.

Senti a raiva subir à cabeça. "Quem abriu a boca desta vez? Não me diga que Ring estava a par disso, também?" "A notícia dizia apenas que seu departamento investigava uma morte misteriosa na ilha Tangier. Vítima de uma doença perigosa, tanto que o corpo foi removido por via aérea pelas forças armadas." "Diacho." "A questão é que Deadoc poderia ter ouvido algo a respeito do caso, se tivesse acesso ao noticiário da Virgínia, antes de lhe mandar os e-mails." "Espero que tenha sido assim", falei.

"Por que não seria?" "Não sei. Não sei." Estava cansada e nauseada.

"Doutora Scarpetta." Ela se aproximou do vidro. "Ele quer falar com você. Por isso continua mandando mensagens." Senti novamente aquele arrepio de pavor.

"Bolamos um plano." Janet guardou os impressos na pasta. "Posso conseguir uma sala de bate-papo particular para vocês dois. Se ele ficar on-line tempo suficiente, rastreamos a ligação

telefônica até obter uma cidade ou um endereço." "Não creio nem por um instante que essa pessoa aceite participar", falei. "Ele é inteligente demais para cair numa armadilha dessas." "Benton Wesley acredita que seja possível." Fiquei quieta.

"Ele acha que Deadoc está suficientemente obcecado por sua figura para entrar na sala de bate-papo. Ele não deseja apenas saber o que você pensa, quer que você conheça as ideias dele, segundo a teoria de Wesley, pelo menos. Eu trouxe um laptop e tudo de que você precisa." "Não." Balancei a cabeça. "Não quero me meter nisso, Janet." "Você não tem mais nada a fazer nos próximos dias." Ser acusada de não ter o que fazer me irritava. "Não quero me comunicar com o monstro. O risco é grande demais. Posso dizer uma palavra errada e provocar mais mortes." Os olhos fervorosos de Janet se fixaram nos meus. "Elas já estão morrendo, independentemente do que você faça. E talvez outros venham a morrer logo, embora ainda não saibamos disso." Pensei em Lila Pruitt, sozinha naquele sobrado antigo, vagando doida e doente. Eu a vi olhando no espelho e gritando de pavor.

"Só precisamos fazer com que ele converse. Um pouquinho de cada vez", Janet insistiu. "Você reluta, como se tivesse sido apanhada de surpresa. Caso contrário, ele desconfiará. Vá de leve nos primeiros dias, prolongue o contato quando puder. Enquanto isso, tentaremos localizá-lo. Entre na AOL. Vá para as salas de bate-papo e procure uma chamada Medicina Legal, ou ML. E fique por lá, está bem?" "E depois?" "Contamos que ele esteja à sua procura, e que entrará pensando que você consulta outros médicos e cientistas. Ele será incapaz de resistir. Concordo com a teoria de Wesley, neste aspecto." "E ele sabe que estou aqui?" A questão parecia ambígua, mas ela sabia de quem eu estava falando.

"Sim", respondeu. "Marino pediu que eu telefonasse avisando." "E o que ele disse?", perguntei.

"Quis saber se você estava passando bem." Ela se mostrava evasiva. "Precisou cuidar de um caso na Geórgia. Algo a ver com o crime organizado. Duas pessoas esfaqueadas numa loja de bebidas, num lugarejo perto da ilha de St. Simons." "Ah, então ele viajou."

"Creio que sim." "E você, onde estará?" "Com o grupo. Instalei-me em Baltimore, perto do porto."

"E Lucy?", perguntei mais uma vez, e ela não tinha como evitar a resposta. "Quer me contar o que está realmente acontecendo, Janet?" Respirei fundo o ar filtrado, olhando pelo vidro para alguém que jamais mentiria para mim, tinha certeza.

"Então?", insisti.

"Doutora Scarpetta, vim aqui por duas razões", ela finalmente respondeu. "Primeiro, porque Lucy e eu tivemos uma briga séria a respeito da ideia de contato on-line com o assassino. Os responsáveis pelo caso decidiram que ela não seria a pessoa mais indicada para conversar com você." "Isso eu posso entender", falei. "E concordo." "A segunda razão é muito desagradável", prosseguiu. "Tem a ver com Carrie Grethen." A mera menção daquele nome me enchia de raiva e espanto. Havia alguns anos, quando Lucy estava desenvolvendo a CAIN, trabalhara com Carrie. Quando o ERF foi invadido por piratas cibernéticos, Carrie deu um jeito de botar a culpa em Lucy. Ocorreram vários assassinatos, também, crimes sádicos terríveis, nos quais Carrie foi cúmplice de um psicopata.

"Ela continua na prisão", falei.

"Sei disso. Mas o julgamento dela está marcado para a próxima primavera", Janet disse.

"Sei disso muito bem." Não entendia aonde ela queria chegar.

"Você é a testemunha-chave. Sem seu depoimento, a promotoria não tem um caso consistente. Pelo menos se houver um júri popular." "Janet, sinto-me um tanto confusa", falei, e a dor de cabeça voltou, lancinante.

Ela respirou fundo. "Suponho que você saiba que Lucy e Carrie foram muito amigas durante algum tempo." Ela hesitou. "Muito amigas." "Claro", respondi, impaciente. "Lucy não passava de uma adolescente e Carrie a seduziu. Sim, eu sei tudo a respeito do caso." "Percy Ring também." Olhei para ela, chocada.

"Ao que parece, Ring foi procurar o promotor encarregado do caso, Rob Schurmer. Ring disse que a acusação ia ter muito trabalho, pois a sobrinha da principal testemunha teve um caso amoroso com a ré." "Meu Deus do céu." Não dava para acreditar naquilo. "Aquele filho da puta." Eu era advogada. Sabia o que aquilo significava. Lucy teria de depor e responder sobre seu caso com outra mulher. O único modo de evitar isso era suspender meu depoimento, deixando que Carrie se livrasse da condenação por homicídio.

"O que ela fez nada teve a ver com os crimes de Carrie", falei, tão furiosa com Ring que me sentia capaz de atos violentos.

Janet passou o fone para a outra orelha, tentando ganhar tempo. Mas pude perceber seu medo.

"Não preciso lhe explicar como funciona, entre nós", ela disse. "Não pergunte, não conte. Essas coisas não são toleradas, não interessa o que digam. Lucy e eu tomamos muito cuidado. As pessoas talvez suspeitem, mas não podem provar nada. Não andamos por aí de roupa de couro e corrente." "Claro que não." "Acho que isso poderia arruinar a carreira de Lucy", ela disse, objetivamente. "A repercussão do caso tornaria seu retorno ao Grupo de Resgate de Reféns impossível. Como ela viveria no meio daqueles brutamontes do hrt? Ring está fazendo isso apenas para acabar com ela, e talvez com você também. E até comigo. Afinal, essa história não vai ajudar minha carreira." Ela não precisava dizer mais nada. Eu havia entendido direitinho.

"Alguém sabe qual foi a reação de Schurmer quando Ring lhe contou o caso?"

"Ele se apavorou. Chamou Marino e disse que não sabia como agir. Se a defesa descobrisse, ia ser o fim. Aí Marino ligou para mim."

"Marino não me contou nada."

"Ele não queria aborrecê-la logo agora", ela disse. "E achava melhor que você não soubesse por ele."

"Entendo. Lucy já sabe?" "Contei tudo a ela." "E aí?" "Ela chutou a parede do quarto", Janet respondeu. "Depois disse que

testemunharia, se fosse indispensável." Janet pressionou a palma da mão contra o vidro, abrindo os dedos, esperando que eu fizesse o mesmo. Era o mais próximo que poderíamos chegar de nos tocar, e meus olhos se encheram de lágrimas.

"Sinto-me como se tivesse cometido um crime", falei, limpando a garganta.

10

A enfermeira carregou o equipamento de computação até meu quarto e depois de entregá-lo a mim saiu sem dizer palavra. Por um momento, fiquei olhando para o laptop como se ele fosse capaz de me fazer algum mal. Sentada na cama, continuava a suar profusamente, embora sentisse frio.

Ignorava se o modo como me sentia era resultado da ação do micróbio ou se as recentes revelações de Janet haviam provocado uma reação emocional intensa. Lucy sonhava em ser agente do FBI desde criança e já se tornara uma das melhores da atualidade. A situação era muito injusta. Ela nada fizera, exceto cometer o erro de sentir atração por uma pessoa malvada quando tinha apenas dezenove anos. Eu estava desesperada para sair daquele quarto e encontrá-la. Queria voltar para casa. Estava a ponto de chamar a enfermeira quando ela entrou. Era outra pessoa.

"Poderia me conseguir um traje cirúrgico completo, por favor?", pedi-lhe.

"Posso arranjar uma camisola." "Traje cirúrgico, por favor." "Bem, trata-se de um pedido um tanto inusitado." Ela franziu o cenho.

"Sei disso." Pluguei o computador na linha telefônica e apertei o botão de ligar.

"Se não superarem o impasse orçamentário logo, não sobrarão ninguém para esterilizar os trajes em autoclave ou fazer qualquer outro serviço." A enfermeira seguiu falando de dentro de seu traje azulado, ajeitando as cobertas sobre minhas pernas. "O presidente declarou esta manhã no telejornal que o programa de merenda escolar sofrerá corte de verbas. O epa não está limpando os depósitos de lixo tóxico e os tribunais federais podem fechar. Excursão pela Casa Branca, nem pensar. Quer almoçar agora?" "Obrigada", falei enquanto ela continuava a lista de más notícias.

"Isso sem falar na rede pública de saúde, na poluição atmosférica e no controle da epidemia de gripe no próximo inverno, além dos testes na água para verificar a presença do parasita *Cryptosporidium*. Você tem sorte de estar aqui agora. Na próxima semana talvez já tenha fechado." Eu não pretendia nem sequer pensar em questões orçamentárias, uma vez que dedicava a maior parte do tempo a elas, apelando aos secretários de Saúde e contatando deputados estaduais na assembleia. Temia ver a crise federal chegando ao nível estadual, meu novo prédio não ficaria pronto nunca se isso ocorresse, as verbas já escassas sumiriam de vez. Não havia lobby a favor dos mortos. Meus pacientes não eram de nenhum partido nem votavam.

"Você tem duas opções", ela disse.

"Como assim?" Voltei a prestar atenção em suas palavras.

"Frango ou presunto." "Frango." Não sentia a mínima fome. "E chá quente." Ela soltou seu tubo de ar e me deixou em paz. Coloquei o laptop em cima da bandeja e entrei na America Online. Fui direto para a caixa de correio. Recebera muitas mensagens, mas nenhuma de Deadoc que ainda não tivesse sido aberta pelo grupo Dezenove. Cliquei no menu para chats. Acessei a lista de salas de bate-papo e verifiquei quantas pessoas estavam na sala chamada ml.

Não havia ninguém. Entrei sozinha e me recostei nos travesseiros, olhando para a tela vazia com uma lista de ícones na parte superior. Literalmente, não havia com quem conversar e eu pensei em quanto aquilo pareceria ridículo a Deadoc, se ele estivesse observando de algum modo. Não seria óbvio demais se eu ficasse sozinha na sala? Daria a impressão de que o aguardava. Mal havia pensado nisso e uma frase foi escrita na minha tela. Comecei a responder.

QUINCY: Olá. Qual será o tema de hoje?

SCARPETTA: O impasse orçamentário. Como vocês estão sendo afetados?

QUINCY: Trabalho no departamento da capital. Um inferno.

SCARPETTA: Você é médico-legista?

QUINCY: Correto. Já nos conhecemos num congresso. Temos alguns amigos em comum. Hoje não tem muita gente aqui. Mas vai melhorar, espero.

Compreendi que Quincy era um dos agentes do grupo Dezenove. Continuamos a sessão até a hora do almoço, depois a retomamos por quase uma hora. Quincy e eu relatamos nossos problemas, discutimos soluções, enfim, tudo que pudesse parecer com uma conversa entre legistas ou pessoas do ramo. Mas Deadoc não mordeu a isca.

Tirei uma soneca e acordei às quatro e meia. Por um momento, permaneci imóvel, esquecida de onde estava, mas logo tudo voltou, provocando depressão instantânea. Sentei-me, puxei a bandeja que ainda continha o laptop e entrei na AOL outra vez, retornando à sala de bate-papo. Desta vez alguém chamado medex apareceu e discutimos o banco de dados que eu usava na Virgínia para registrar as informações sobre os casos e montar resumos estatísticos.

Exatos cinco minutos depois das cinco ouvi um sinal sonoro do meu computador e a janela de Mensagem Instantânea se abriu, ocupando a tela. Olhei incrédula o contato de Deadoc, palavras dirigidas somente a mim, que ninguém mais do chat poderia ver.

Deadoc: você se acha tão esperta

SCARPETTA: Quem é você?

Deadoc: você sabe muito bem quem sou eu sou o que você faz

SCARPETTA: E o que eu faço?

Deadoc: morte doutor morte você é eu

SCARPETTA: Não SOU Você.

Deadoc: você se acha tão esperta

Abruptamente ele deixou de se comunicar, e quando cliquei no ícone dos presentes na sala vi que não estava mais. Meu coração disparou e mandei outra mensagem a medex, dizendo que estivera ocupada com um visitante. Não recebi resposta e me dei conta de que estava novamente sozinha no chat.

"Droga", exclamei em voz baixa.

Tentei novamente mais tarde, às dez da noite, mas ninguém apareceu além de Quincy, sugerindo novo encontro na manhã seguinte. Todos os outros médicos já tinham ido para casa, explicou. A nova enfermeira veio ver se eu estava bem, era um doce. Senti pena dela pelo longo plantão e pela obrigação de vestir o traje azul sempre que entrava em meu quarto.

"Cadê a enfermeira do turno?", perguntei quando media a temperatura.

"Sou eu mesma. Estamos nos virando da melhor maneira possível." Ela balançou a cabeça ao comentar as férias coletivas mais uma vez.

"A gente quase não vê técnicos nos laboratórios", prosseguiu. "Talvez você acorde amanhã e seja a única pessoa no prédio." "Agora terei pesadelos", brinquei enquanto ela prendia a faixa em meu braço, para medir a pressão.

"Você está se sentindo bem, isso é o mais importante. Desde que comecei a vir aqui passei a imaginar que ia pegar alguma doença. Qualquer dorzinha ou espirro já me apavorava. Você é médica, né? Qual a especialidade?" Contei-lhe.

"Eu queria ser pediatra. Mas me casei." "Teríamos muitos problemas se não contássemos com boas enfermeiras como você", falei sorrindo.

"A maioria dos médicos não nota nada. Assumem um ar de superioridade." "Alguns fazem isso, sem dúvida", concordei.

Tentei dormir, mas passei uma noite agitada. As luzes do estacionamento debaixo da janela vazavam pela persiana, e eu não conseguia achar uma posição confortável, por mais que me virasse. Finalmente desisti, às cinco da manhã, e acendi a luz. A enfermeira entrou no quarto em poucos minutos.

"Tudo bem?" Ela parecia exausta.

"Não consigo dormir."

"Quer tomar um remédio?" Fiz que não com a cabeça e liguei o computador. Entrei na AOL e voltei à sala de bate-papo, que encontrei vazia. Cliquei no botão de busca, para ver se Deadoc estava on-line, em alguma outra sala. Nenhum sinal dele. Passei por várias salas disponíveis para usuários e suas famílias.

Havia um pouco de tudo para todos, salas de namoro, solteiros, gays, lésbicas, americanos nativos, afrodescendentes e gente ruim. Pessoas que gostavam de tortura, sadomasoquismo, sexo grupal, bestialidade e incesto podiam se encontrar para trocar material pornográfico. O FBI não podia fazer nada a respeito. Era tudo legal.

Revoltada, recostei-me nos travesseiros e cochilei involuntariamente. Quando abri os olhos, uma hora depois, estava numa sala de bate-papo chamada Arte-Amor. Uma mensagem me aguardava na tela, calmamente. Deadoc me localizara.

Deadoc: uma imagem vale mais que mil palavras

Verifiquei rapidamente se ele ainda estava na rede, e o encontrei quietinho, oculto no espaço cibernético, esperando por mim. Digitei a resposta.

SCARPETTA: O que tem a oferecer? Ele não respondeu imediatamente. Passei três ou quatro minutos olhando para a tela. Então, ele voltou.

Deadoc: não trato com traidores eu dou de graça o que acha que acontece com gente assim

SCARPETTA: Por que não me conta? Silêncio, percebi que ele havia saído da sala. Voltou um minuto depois. Estava apagando os rastros. Sabia exatamente o que pretendíamos fazer.

Deadoc: creio que você já sabe

SCARPETTA: Não sei.

Deadoc: saberá

SCARPETTA: Vi as fotos que enviou. Não estavam muito nítidas. O que pretende? Mas não houve resposta, senti-me lenta, incompetente. Ele estava em minhas mãos e fui incapaz de segurá-

lo. Sentia frustração e desapontamento quando outra mensagem instantânea surgiu na tela, desta vez vinda do grupo.

QUINCY: tks, Scarpetta. Ainda preciso repassar aquele caso com você. A autoimolação.

Foi então que me dei conta. Quincy era Lucy. tks significava Tia Kay Sempre, ela usava essas iniciais nos emails que mandava para mim. Ela zelava por mim, como eu zelara por ela durante tantos anos, e mandava um recado cifrado, aconselhando-me a manter a calma. Teclei a resposta.

SCARPETTA: Concordo. Seu caso é problemático. Como está lidando com ele?

QUINCY: Acompanhe meu depoimento no tribunal. Depois aprofundaremos a questão.

Sorri ao desligar e deitar. Já não me sentia tão solitária e desesperada.

"Bom dia." A primeira enfermeira estava de volta.

"Para você também." Meu desânimo aumentou.

"Vamos fazer a checagem. Como se sente?"

"Bem."

"Pode escolher entre ovos e cereais matinais." "Frutas", falei.

"Não está no cardápio. Mas acho que dá para arranjar uma banana." O termômetro entrou em minha boca, a faixa foi passada em volta do braço. Ela não parava de tagarelar.

"Está tão frio lá fora, é bem capaz de nevar", dizia. "Quase zero, acredita? Havia geada no meu para-brisa. Os frutos do carvalho estão enormes, este ano. Isso quer dizer inverno gelado. Sua temperatura continua inferior a trinta e sete. Qual é o problema?"

"Por que o telefone não está mais aqui?"

"Vou verificar." Ela tirou a faixa. "Pressão baixa, também."

"Por favor, peça ao coronel Fujitsubo para vir até aqui ainda pela manhã." Ela voltou e me encarou.

"Vai reclamar de mim?"

"Claro que não, mas que ideia!", respondi. "Mas preciso ir embora."

"Bem, lamento informar, mas isso não depende de mim. Tem gente que passa duas semanas aqui." Eu ficaria louca, pensei.

O coronel não apareceu antes do almoço, que foi peito de frango, cenoura e arroz. Praticamente não comi, sentindo a tensão crescer. A televisão tremeluzia ao fundo, muda, pois eu havia desligado o som. A enfermeira voltou às duas da tarde, anunciando que eu tinha visita. Coloquei a máscara com filtro hepa novamente e a segui pelo corredor até a clínica.

Desta vez fui para a Cabine A; Wesley esperava por mim do outro lado. Sorriu quando trocamos o primeiro olhar, e nós dois pegamos os fones. De tão aliviada e surpresa ao vê-lo ali, gaguejei no começo.

"Espero que tenha vindo para me resgatar", falei.

"Não me meto com médicos. Aprendi isso com você."

"Pensei que você estivesse na Geórgia."

"Estava mesmo. Dei uma olhada na loja de bebidas onde duas pessoas foram apunhaladas, investiguei a situação. Agora estou aqui." "E então?" "E então o quê?" Ele ergueu a sobrancelha. "Crime organizado." "Eu não me referia à Geórgia." "Diga-me o que está pensando. Parece que perdi o dom da telepatia. Sabe que você está mais linda do que nunca, hoje?", ele disse para minha máscara.

"Enlouquecerei se não sair logo daqui. Preciso ir ao CDC." "Lucy contou que você andou se comunicando com Deadoc." O brilho alegre abandonou seus olhos.

"Não por muito tempo nem com muita sorte", respondi com raiva.

Os contatos com o assassino eram frustrantes pois era exatamente isso que ele desejava. E meu objetivo na vida era me opor a pessoas do gênero.

"Não desista", Wesley incentivou.

"Ele fez alusões a assuntos médicos, como doenças e germes. Isso não o preocupa, tendo em vista o que está ocorrendo?" "O sujeito acompanha o noticiário, com certeza." Ele adotou a mesma linha de raciocínio de Janet.

"E se for mais do que isso?", indaguei. "A mulher que ele desmembrou sofria da mesma doença que matou a senhora de Tangier, ao que tudo indica." "Não se pode afirmar categoricamente, ainda." "Sabe, não cheguei aonde estou pressupondo coisas e tirando conclusões precipitadas." Fiquei furiosa. "Confirmarei o diagnóstico assim que for possível, mas creio que nesse meio tempo devemos usar um pouco de bom senso." "Não sei se estou entendendo bem o que você está dizendo." Ele falava sem tirar os olhos de mim.

"Estou dizendo que talvez seja um caso de terrorismo biológico. Um Unabomber que usa uma doença." "Tomara que não." "Mas a ideia lhe passou pela cabeça, também. Não venha me dizer que uma doença fatal relacionada com o desmembramento só pode ser mera coincidência." Estudei sua fisionomia, percebendo que ele sentia dor de cabeça. A mesma veia na testa sempre saltava feito um filete azulado.

"E você está se sentindo bem", ele disse.

"Sim. E ando muito preocupada com você." "E quanto à tal doença? Qual o risco, no seu caso?" Wesley se irritava comigo, como sempre acontecia quando achava que eu corria perigo.

"Fui revacinada." "Você foi revacinada contra varíola. E se não for varíola?" "Então temos um problema gigantesco. Janet veio aqui." "Sei disso", ele resmungou pelo fone. "Lamento. A última coisa que você precisava agora era..." "Chega, Benton", interrompi. "Eu precisava ser informada. Não existe um momento apropriado para uma notícia desse tipo. O que você calcula que vá acontecer?" Mas ele não queria se abrir.

"Você também acha que vai liquidar a carreira de Lucy", falei, desesperada.

"Duvido que ela seja expulsa. Normalmente, o que acontece é esquecerem a pessoa nas promoções, mandá-la para missões insignificantes, nomeá-la para cargos burocráticos no fim do mundo. Ela e Janet ficarão a milhares de quilômetros uma da outra. Uma das duas, ou ambas, acabará saindo do FBI." "E você acredita que isso seja melhor do que a expulsão?" Eu sentia raiva e revolta.

"Vamos lidar com o caso como pudermos, Kay." Ele me encarou. "Estou dispensando Ring da CASKU." "Tome cuidado com o que faz por minha causa." "Isso eu já fiz", ele disse.

Fujitsubo só apareceu em meu quarto novamente na manhã seguinte, bem cedo. Sorrindo, abriu as venezianas para deixar entrar a luz do sol, tão forte que incomodou meus olhos.

"Bom dia. Tudo ótimo, até agora. Alegra-me muito saber que você pelo jeito não vai ficar doente, dando trabalho para nós, Kay." "Então posso ir embora?", falei, pronta para pular da cama.

"Não tão depressa." Ele examinava minha ficha médica. "Sei que é duro para você, mas não me sentiria seguro se lhe desse alta imediatamente. Fique mais um pouco. Poderá sair depois de amanhã, se tudo correr bem." Senti vontade de chorar após sua saída, pois não me considerava capaz de suportar mais uma hora que fosse de quarentena. Desanimada, sentei-me no leito e olhei para fora. Fazia mesmo um lindo dia, no céu azul-claro apenas alguns fiapos de nuvens passavam pela mancha clara da lua matinal. As árvores haviam perdido as folhas e balançavam com o vento suave. Pensei na minha casa em Richmond, nas mudas que pretendia plantar e no serviço acumulado sobre a escrivaninha do escritório. Queria dar uma volta a pé no frio, fazer brócolis e sopa caseira de cevada. Sentia desejo de espaguete com ricota e fritada, música e vinho.

Passei metade do dia morrendo de pena de mim, cochilando e vendo televisão. Então chegou a enfermeira do turno seguinte com o telefone e disse que havia uma chamada para mim. Esperei até que a transferissem e peguei o fone como se aquela fosse a coisa mais excitante que já me acontecera na vida.

"Sou eu", Lucy disse.

"Que bom." Fiquei muito contente ao ouvir sua voz.

"A vovó mandou lembranças. Dizem que você ganhou o troféu de pior paciente do ano." "Dizem a verdade. Estou lotada de serviço no departamento. Se pelo menos eu pudesse fazê-lo aqui." "Você precisa repousar", ela disse. "Para manter as defesas do organismo." Aquilo me fez pensar em Wingo novamente, com muito pesar.

"Por que você ainda não ligou o laptop hoje?", ela disse, revelando o motivo do telefonema.

Não respondi.

"Tia Kay, ele não vai falar conosco. Só com você."

"Um de vocês poderia usar meu nome", sugeri.

"Não adianta. Se ele desconfiar de alguma coisa, nós o perderemos para sempre. O sujeito é esperto e cauteloso." Meu silêncio foi o único comentário. Lucy insistiu.

"Está querendo que eu banque a patologista forense e advogada que já trabalhou em pelo menos um dos crimes do sujeito? Não ia dar certo."

"Não quero nenhum contato com ele, Lucy", falei. "Gente dessa laia se excita com isso, é o que eles desejam, atenção. Quanto mais eu entrar no jogo dele mais o encorajarei. Já pensou nisso?"

"Sim. Mas entenda o seguinte: quer tenha assassinado uma pessoa ou vinte, ele vai continuar cometendo maldades. Caras assim nunca desistem. E não temos a menor ideia de onde ele possa estar, nenhuma pista."

"Não temo pela minha segurança pessoal", tentei explicar.

"Você deveria se preocupar com isso, também", ela disse.

"Só não pretendo fazer nada que possa piorar a situação", insisti.

Claro, esse era sempre o risco quando se usava agressividade e criatividade numa investigação. Nunca conseguíamos prever qual seria exatamente o comportamento do criminoso. Talvez fosse apenas algo que eu sentia, uma vibração intuitiva lá no fundo da

minha alma. Sabia, porém, que o assassino em questão era diferente, sua motivação estava além do nosso alcance. Temia que ele soubesse o que estávamos fazendo e se divertisse com isso.

"Bem, fale um pouco de você. Janet passou aqui." "Não quero tocar nesse assunto." Seu tom de voz traía uma fúria fria de dar medo. "Tenho mais o que fazer na vida." "Estarei sempre a seu lado, Lucy, seja qual for sua decisão." "Disso eu já tinha certeza. E todos podem ficar tranquilos com uma coisa. Custe o que custar, Carrie vai apodrecer na cadeia até a hora de ir para o inferno." A enfermeira retornou ao quarto para levar o telefone embora.

"Não entendo", reclamei após desligar. "Tenho cartão telefônico, se o problema for a conta." Ela sorriu. "Ordens do coronel. Ele quer que você descanse e sabe que não fará isso se passar o dia inteiro ao telefone." "Estou descansando", falei, mas ela já havia partido.

Eu estranhava que ele me deixasse ficar com o laptop e desconfiei que Lucy ou alguém conversara com ele a respeito. Acessei a AOL desconfiando de uma conspiração contra mim. Mal chegara ao chat de ml e Deadoc apareceu, dessa vez sem mandar mensagem privada, mas como participante que poderia ser visto e ouvido por qualquer pessoa que entrasse na sala.

Deadoc: por onde andou

SCARPETTA: Quem é você?

Deadoc: já lhe disse isso

SCARPETTA: Você não é eu.

Deadoc: deu-lhes poder para expulsar os espíritos imundos para curarem toda a doença e toda a enfermidade manifestações patofisiológicas vírus como h i v nossa luta darwiniana contra eles eles são maus ou nós somos

SCARPETTA: Explique melhor o que está querendo dizer.

Deadoc: eles são doze

Mas o assassino não pretendia explicar nada, pelo menos no momento. O sistema avisou que ele deixara a sala. Aguardei um pouco para ver se voltava, enquanto pensava em que se referira ao

dizer doze. Apertei o interruptor na cabeceira da cama e chamei a enfermeira, que começava a fazer com que eu me sentisse culpada. Ignorava se ela esperava do lado de fora do quarto ou se punha e tirava o traje azul ao entrar e sair. Nada disso era agradável, incluindo-se aí meus modos.

"Por favor", pedi quando ela se aproximou, "você sabe se há uma Bíblia por aqui, em algum lugar?" Ela hesitou, como se nunca tivesse ouvido falar nisso. "Puxa vida, não faço a menor ideia." "Poderia verificar?" "Você está se sentindo bem?" Ela me olhou, desconfiada.

"Ótima." "Temos uma biblioteca. Talvez haja uma por lá. Desculpe, eu não sou muito religiosa." E, como sempre, continuou falando até ir embora.

Retornou em meia hora com uma Bíblia encadernada em couro preto, edição da Cambridge Red Letter, dizendo que a conseguira emprestada de alguém. Abri e vi * i o nome do proprietário manuscrito e uma data a indicar que a Bíblia era um presente ganho numa ocasião especial, havia quase dez anos. Ao folheá-la lembrei-me de que não ia à missa havia meses. Invejava quem tinha fé suficiente para levar a Bíblia ao trabalho.

"Tem certeza de que está se sentindo bem?", insistiu a enfermeira, já próxima da porta.

"Você não me disse seu nome", falei.

"Sally." "Você tem sido muito atenciosa, sou muito grata por isso. Sei que é duro trabalhar no Dia de Ação de Graças." O elogio a alegrou bastante, dando-lhe coragem suficiente para perguntar: "Por favor, não quero me meter onde não sou chamada, mas andei ouvindo os comentários do pessoal. Aquela ilha da Virgínia onde ocorreu o caso. Eles pescam caranguejo lá?".

"Não fazem mais nada além disso", respondi.

"Caranguejo azul." "E siri-mole." "Será que eles são perigosos?" Sabia aonde ela queria chegar, e me preocupava também. Aliás, tinha razões pessoais para ficar assustada em relação a Wesley e a mim.

"Eles vendem para o país inteiro, não é?" Fiz que sim.

"E se a doença daquela senhora for transmitida pela água, ou pela comida?" Seus olhos brilhavam por trás do capuz. "Não vi o corpo, mas ouvi dizer que ficou horrível." "Realmente. Mas saberemos a resposta para isso em breve." "Por falar nisso, teremos peru no almoço. Mas não espere grande coisa." Ela removeu o tubo de ar e parou de falar. Abrindo a porta, acenou de leve e foi embora. Retornei à Bíblia e precisei procurar mais um pouco até localizar a passagem que Deadoc citara. Era Mateus 10, primeiro versículo. Dizia, na íntegra: E, chamando a si os seus doze discípulos, deu-lhes poder para expulsar os espíritos imundos, e para curarem toda a doença e toda a enfermidade.

O versículo seguinte identificava os apóstolos por seus nomes. Em seguida, Jesus os instruía a procurar as ovelhas desgarradas e pregar que o reino dos céus estava próximo. Exortava os apóstolos a curar enfermos, limpar leprosos, ressuscitar mortos, expulsar demônios. Enquanto lia, eu não sabia se o assassino que usava o nome Deadoc queria transmitir uma mensagem na qual acreditava, se doze se referia aos apóstolos ou se estava simplesmente zombando de mim.

Levantei-me, andei de um lado para outro, olhei através da janela para a luz do dia que aos poucos diminuía. A noite chegava cedo, naquela época, e eu havia adquirido o costume de observar as pessoas saírem para pegar seus automóveis. Exalavam uma névoa branca ao respirar, e o estacionamento estava quase vazio por causa da licença. Duas mulheres conversavam enquanto uma delas abria a porta do Honda. Davam de ombros e gesticulavam animadamente, como se tentassem resolver os problemas mais graves da vida. Continuei olhando pela janela até desaparecerem.

Tentei dormir cedo para matar o tempo. Mas tive novamente uma noite agitada, acordando várias vezes para rearrumar as cobertas. Imagens flutuavam em minha mente, parecidas com cenas de filmes antigos, sem edição, sucedendo-se illogicamente. Vi duas mulheres conversando ao lado da caixa de correio. Uma delas tinha uma verruga na face que se transformou em erupções no rosto todo, e

cobria os olhos com as mãos. Em seguida as palmeiras se agitaram, quando o furacão veio do mar, arrancando as folhas, que voavam ao léu. Um torso nu, uma mesa ensanguentada cheia de mãos e pés amputados.

Sentei-me na cama, suando, esperei até que a tremedeira dos músculos cessasse. Tinha a impressão de que uma perturbação elétrica dominava meu sistema nervoso inteiro, que eu poderia sofrer um ataque do coração ou um derrame. Respirei fundo, lentamente, limpando a mente. Não me movi. Quando a visão terminou, chamei a enfermeira.

Quando ela viu a expressão em meu rosto, não discutiu a respeito do telefone. Trouxe-o imediatamente e eu liguei para Marino assim que ela saiu. "Ainda está em cana?", ele perguntou, do outro lado da linha.

"Acho que ele matou sua cobaia", falei.

"Uau. Que tal começar tudo de novo?" "Deadoc. A mulher que ele matou e desmembrou pode ter sido uma cobaia. Alguém conhecido, a quem tinha acesso fácil." "Devo confessar, doutora, que não faço a menor ideia do que você está dizendo." Por seu tom de voz, percebi que temia por minha condição mental.

"Isso faz sentido, já que ele não conseguia olhar para ela. O modo como agiu faz muito sentido." "Agora você me confundiu de vez." "Se alguém quiser matar pessoas usando um vírus", expliquei, "antes precisa encontrar um meio. A forma de transmissão, por exemplo. Comida, bebida ou ar? No caso da varíola, a transmissão é pela atmosfera, espalha-se pela tosse e também pelo líquido das lesões. A doença pode ser levada pela pessoa ou por suas roupas." "Vamos iniciar por aí", ele disse. "Onde a pessoa pegou o vírus, inicialmente? Ninguém pode mandar pelo correio." "Não sei. Que eu saiba, apenas dois lugares no mundo guardam vírus da varíola. O cdc e um laboratório de Moscou." "Então pode ser coisa de comunista", ele disse, ironicamente.

"Vamos imaginar a situação", falei. "O assassino tem algum ressentimento ou quem sabe sofre de delírios, acha que sua missão

religiosa é trazer de volta ao mundo uma das piores doenças que o planeta já conheceu. Ele precisa descobrir uma forma de infectar pessoas ao acaso, com eficácia indiscutível." "E primeiro precisa testar numa cobaia", Marino disse. "Exato. Vamos supor que tenha um vizinho ou parente alguém idoso e debilitado. Pode ser uma pessoa sob seus cuidados, inclusive. Quer uma maneira melhor de testar o vírus do que alguém nessas condições? Se tudo der certo, basta matá-la e disfarçar a morte. Afinal, não pode permitir que ela morra de varíola. Principalmente se houver uma ligação entre a cobaia e o assassino. Poderíamos descobrir o criminoso, neste caso. Então ele lhe dá um tiro na cabeça, amputa os membros e joga o torso fora para nos levar a pensar que temos mais uma vítima dos assassinatos em série." "E como você chega daí à senhora de Tangier?" "Ela sofreu exposição ao vírus", falei simplesmente.

"Como? Foi enviado para ela? Recebeu pelo correio? Chegou por v*a aérea? Aplicaram uma injeção nela enquanto dormia?" "Não sei." "Você acha que Deadoc mora em Tangier?", Marino perguntou.

"Creio que não. Na minha opinião, ele a escolheu porque a ilha é um lugar perfeito para iniciar a epidemia. Pequena isolada. Fácil de ser posta em quarentena. Isso significa que o assassino não pretende aniquilar a humanidade inteira de um só golpe. Vai agir aos poucos, quer nos atingir por partes." "Sim. Como fez com a velha, se seu raciocínio for correto." "Ele deseja algo", falei. "Tangier serviu para atrair nossa atenção." "Sem querer ofender, doutora, torço para que você esteja equivocada em relação ao caso." "Estou indo para Atlanta de manhã. Que tal verificar se Vander obteve algum resultado com a digital?" "Até agora, nada. Ao que parece, a vítima não tem nenhum registro das digitais. Se conseguir algo, entro em contato pelo pager." "Droga", murmurei, pois a enfermeira levara meu pager embora, também.

O resto do dia passou interminavelmente devagar, só depois do jantar Fujitsubo apareceu para se despedir. Embora o fato de me dar alta significasse que eu não estava contaminada e que não representava risco, ele usava o traje azul ligado ao duto de suprimento de ar.

"Eu deveria segurá-la aqui mais um pouco", disse ele logo ao entrar, enchendo meu coração de receio. "A incubação dura em média doze, treze dias. Mas pode chegar a vinte e um. Estou querendo dizer que você ainda corre o risco de contrair a doença." "Sei disso", falei ao me servir de água.

"A revacinação pode ajudar ou não, dependendo do estágio em que você se encontrava quando tomou a vacina." Balancei a cabeça. "E eu não teria tanta pressa de ir embora se você assumisse o comando, em vez do Centro de Controle e Prevenção de Doenças." "Kay, não posso." Sua voz saía abafada pelo plástico. "Sabe que isso não tem nada a ver com minha vontade. Mas eu não posso avançar na área do cdc, assim como você não pode assumir um caso fora de sua jurisdição. Já conversei com eles. Estão muito preocupados com a ameaça de uma epidemia e iniciarão os testes assim que você chegar lá com as amostras." "Receio que possa ser uma ação terrorista." Recusei-me a desistir.

"Até obtermos provas disso – que espero não haver – não há nada mais que possamos fazer por você." Lamentava isso com sinceridade. "Vá a Atlanta e veja o que eles pensam. Estão operando com uma equipe básica, também. O momento não poderia ser pior." "Nem, talvez, mais adequado. Se você pretendesse cometer uma série de crimes usando um vírus, o melhor momento não seria agora, quando os serviços federais de saúde passam por um período de licenças e férias coletivas? Esse período de contenção de gastos já dura bastante tempo, e não deve se encerrar logo." Ele ficou em silêncio.

"John", insisti, "você ajudou na autópsia. Já viu uma doença assim antes?" "Só nos livros de medicina", ele confessou em tom sombrio.

"Como a varíola poderia retornar de repente, assim, sem mais nem menos?" "Se for mesmo varíola." "Qualquer que seja o nome, é virulenta e mortífera", tentei argumentar.

Mas ele realmente tinha as mãos atadas. Passei o resto da noite nos chats da AOL, de sala em sala. A cada hora, checava o correio

eletrônico. Deadoc permaneceu em silêncio até seis horas da manhã seguinte, quando entrou na minha sala, ml. Meu coração disparou no instante em que li seu apelido na tela. A adrenalina começou a aumentar, como sempre ocorria quando ele estabelecia contato comigo. Estava on-line, agora tudo dependia de meu modo de agir. Poderia pegá-lo, preparar uma armadilha.

Deadoc: domingo fui à igreja aposto que você não foi

SCARPETTA: E qual foi o tema da homilia?

Deadoc: sermão

SCARPETTA: Você não é católico.

Deadoc: cuidado com os homens

SCARPETTA: Mateus, 10. Explique o que quis dizer com aquilo.

Deadoc: dizer que ele lamenta

SCARPETTA: Quem é ele? E o que foi que ele fez?

Deadoc: vós bebereis do cálice de que ora bebo eu

Antes que eu pudesse responder ele se foi. Consultei a Bíblia novamente. A referência desta vez era de Marcos, e de novo relatando a fala de Jesus, o que mostrava pelo menos que Deadoc não era judeu. Nem católico, a julgar por seus comentários sobre a igreja. Eu não era teóloga, mas beber do cálice parecia referir-se ao sofrimento na cruz. Então Deadoc fora crucificado, e eu também o seria? Sally, a enfermeira, mostrou-se mais liberal em relação ao telefone durante minhas últimas horas ali. Enviei uma mensagem ao pager de Lucy, que ligou de volta imediatamente.

"Conseguí conversar com ele", expliquei. "Vocês estão acompanhando?" "Sim. Mas ele precisa ficar mais um pouco", minha sobrinha disse. "Há muitos entroncamentos de linha. Precisamos vasculhar todas as companhias telefônicas para rastrear a ligação. Na última vez o contato foi feito em Dálias." "Está brincando", falei, desanimada.

"Não era a origem, só um dos pontos de passagem. Não consegui avançar, pois ele saiu da rede. Continue tentando. Parece que o sujeito é um fanático religioso."

11

Saí de táxi naquela mesma manhã, um pouco mais tarde. O sol lá no alto se escondera atrás das nuvens. Eu não tinha nada além das roupas do corpo, todas esterilizadas em autoclave ou fumigadas. Apressada, tinha sob meus cuidados uma caixa grande de papelão com os dizeres "PERECÍVEL – PRIORIDADE NO TRANSPORTE" E "IMPORTANTE – não vire", além de outros adesivos azuis.

Como um quebra-cabeça chinês, minha caixa continha outras caixas que continham BioPacks. Dentro dessas embalagens havia tubos com amostras do fígado, do baço e da medula espinhal de Lila Pruitt, protegidos por lacres de fibra e embrulhados com plástico bolha e papelão ondulado. Tudo isso ia dentro do gelo seco com adesivos contendo os alertas substância perigosa e perigo para desencorajar qualquer pessoa que passasse da primeira capa. Obviamente eu não podia perder minha carga de vista. Além de conter um vírus comprovadamente mortífero, poderia se transformar em prova de que Pruitt fora assassinada. No aeroporto internacional de Baltimore-Washington fui até um telefone público e liguei para Rose.

"Fujitsubo está com minha valise médica e o microscópio", falei, sem perder tempo. "Veja se consegue fazer com que sejam devolvidos logo. Estou no BWI, a caminho do CDC."

"Tentei contato por seu pager", ela disse.

"Seria uma boa ideia pedir para me devolverem o pager também." Tentei me lembrar do que mais faltava. "E o celular", acrescentei.

"Creio que um dos relatórios vai interessá-la. Os pelos de animais encontrados no torso. São pelos de coelho e macaco."

"Bizarro", foi a única coisa que consegui dizer.

"Lamento ter de dar as más notícias. O pessoal da imprensa liga sem parar, querem entrevistá-la sobre o caso Carrie Grethen. Tenho

certeza de que houve outro vazamento de informações."

"Diacho!", exclamei, pensando logo em Ring.

"O que você quer que eu faça?", Rose perguntou.

"Acho melhor avisar Benton. Não sei o que dizer. Estou um pouco atrapalhada por aqui."

"Dá para perceber por sua voz." Consultei o relógio. "Rose, preciso correr para pegar um avião. Eles não querem permitir que eu seja dispensada dos raios X. E nem sei o que acontecerá quando eu tentar embarcar com este negócio." Foi exatamente como eu esperava. Quando entrei no avião a comissária de bordo olhou para mim e sorriu.

"Por favor." Ela estendeu os braços. "Pode deixar que eu guardo isso no bagageiro para a senhora."

"Isto precisa ficar comigo", expliquei.

"Não cabe no compartimento superior nem debaixo do assento, senhora." O sorriso deu lugar a um ricto, a fila atrás de mim cresceu.

"Não poderíamos conversar sobre isso ali do lado?", falei, seguindo para a copa.

Ela me seguiu de perto, nos calcanhares. "Senhora, o voo está lotado. Não temos lugar para isso." "Olhe aqui", retruquei, mostrando a documentação.

Seus olhos examinaram as margens vermelhas e o texto da Declaração de Produtos Perigosos, parando na coluna onde dizia que eu transportava "substâncias perigosas capazes de contaminar seres humanos". Ela olhou nervosa para os lados da copa e me empurrou na direção do banheiro.

"Os regulamentos exigem que apenas pessoas especialmente treinadas conduzam substâncias perigosas como esta", expliquei, razoável. "Portanto, isto fica comigo." "E o que tem aí?"

"Espécimes de autópsia."

"Minha mãe do céu." Ela apanhou imediatamente o mapa dos lugares. Num minuto fui escoltada até uma fileira vazia na primeira classe, no canto.

"Deposite o material no assento a seu lado. Tem perigo de vazar ou algo assim?", ela perguntou.

"Nenhum. Tomarei conta dele direitinho", prometi.

"Haverá lugares vagos aqui, a não ser que muitos passageiros resolvam mudar suas reservas. Não se preocupe, porém. Darei um jeito de desviá-los." Ela ergueu os braços como se fosse um guarda de trânsito.

Ninguém se aproximou de mim ou da caixa. Bebi café durante a tranquila viagem até Atlanta e me sentia nua sem o pager e o celular. Viajar sozinha, no entanto, me divertia. Peguei uma esteira rolante no aeroporto de Atlanta e várias escadas rolantes, percorrendo quilômetros até conseguir sair e pegar um táxi.

Seguimos pela 85 Norte até Druid Hills Road e logo passávamos por lojas de penhores e locadoras de automóveis, depois por terrenos baldios cheios de mato. O CDC, Centro de Controle e Prevenção de Doenças, situava-se entre os estacionamentos da Universidade Emory. Do outro lado da rua havia a Sociedade Norte-Americana do Câncer. O prédio do cdc, seis andares de tijolo avermelhado emoldurados em cinza, tinha na entrada guardas e circuito fechado de televisão.

"Isso vai para o Isolamento Biológico Nível 4, onde me encontrarei com o doutor Bret Martin no saguão", expliquei.

"Senhora, precisará de escolta", disse um dos guardas.

"Ótimo", respondi enquanto ele pegava o telefone. "Eu vivo me perdendo." Segui-o até os fundos do edifício, onde tudo era novo e estritamente vigiado. Havia câmeras por todos os lados, vidro blindado e corredores com piso de tela de aço. Passamos pelos laboratórios de bactérias e gripe. Atravessamos as áreas de tijolo vermelho onde pesquisavam a raiva e a AIDS.

"Impressionante", comentei, pois passara vários anos sem visitar o local.

"Se é. Nível máximo de segurança. Câmeras e detectores de movimento em todas as entradas e saídas. O lixo é todo queimado e enterrado. Usam filtros para matar tudo que entra aqui. Menos os cientistas." Ele riu e usou um cartão magnético para abrir a porta. "Então, quais são as más notícias que você está trazendo?" "Ainda nem sei. Estou aqui para descobrir", falei, e chegamos ao saguão.

O BL-4 na verdade era uma capela imensa de vidro laminado, dotada de paredes grossas de aço e concreto. Um prédio dentro do prédio, com janelas protegidas por anteparos. Os laboratórios estavam montados atrás de paredes grossas de vidro, e os únicos cientistas de azul trabalhando naquele dia eram voluntários que se apresentavam apesar das férias coletivas por contenção de despesas.

"Esse negócio do governo...", o guarda dizia ao balançar a cabeça. "O que eles estão pensando? Que doenças como o Ebola vão esperar até a solução da crise orçamentária?" E meneou a cabeça novamente.

Ele me conduziu por salas de isolamento às escuras, laboratórios desertos e gaiolas vazias para coelhos num corredor. Passamos pela sala destinada aos primatas maiores. Um macaco olhou para mim por trás das grades e vidros, os olhos tão humanos que me enervaram. Pensei no que Rose relatara. Deadoc transferira pelos de macaco e coelho para uma vítima na qual comprovadamente havia tocado. Ele poderia trabalhar num lugar como aquele.

"Eles jogam sujeira na gente", o guarda disse quando entramos. "A mesma coisa que os ativistas dos direitos dos animais fazem. Combina, não acha?" Minha ansiedade só fazia crescer.

"Para onde vamos?", perguntei.

"Para o lugar aonde o doutor mandou levá-la, madame." E seguimos por outro corredor de aço, a caminho de uma outra ala do prédio.

Passamos por mais uma porta, lá dentro os freezers Revco para temperatura ultrabaixa mais pareciam computadores do tamanho de copiadoras. Estavam trancados e pareciam deslocados naquele corredor, onde um sujeito pesado de jaleco me aguardava. Seu cabelo louro fino parecia de bebê, e ele transpirava.

"Sou Bret Martin", disse, estendendo a mão. "Obrigado." Ele dispensou o guarda com um aceno.

Entreguei a caixa de papelão a Martin.

"Guardamos nosso estoque de varíola aqui", ele disse, apontando para os freezers ao colocar minha caixa em cima de um deles. "Trancados a setenta graus Celsius abaixo de zero. O que posso dizer?" Ele deu de ombros. "Os freezers ficam no corredor porque não temos lugar para eles em nenhuma sala da área de isolamento máximo. Foi mesmo uma coincidência você trazer isso para mim. Não que eu espere encontrar a mesma doença."

"Tudo isso é varíola?", perguntei, assombrada, olhando em torno.

"Não, e não por muito tempo. Pela primeira vez neste planeta tomamos uma decisão consciente de eliminar uma espécie."

"Uma ironia", falei. "A espécie da qual você fala eliminou milhões."

"Então você acha que devemos pegar esse material todo e jogar na autoclave?" Sua expressão revelava o que eu já me acostumara a ouvir. A vida era muito mais complexa do que indicava minha posição, e só pessoas como ele reconheciam as nuances mais sutis.

"Não defendo a destruição de nada", retruquei. "Não mesmo. Na verdade, provavelmente não seja uma boa ideia. Por causa disso." Olhei para a caixa que lhe entregara. "Mandar a nossa varíola para a autoclave não significa sua extinção. Creio que ela é igual a qualquer outro armamento."

"Concordamos nisso. Eu gostaria muito de saber onde os russos guardam o estoque de vírus de varíola deles atualmente, e se venderam um pouco para o Oriente Médio ou para a Coreia do Norte." "Você vai fazer o teste PCR com isso?", perguntei.

"Sim."

"Imediatamente?"

"O mais rápido possível."

"Por favor", falei. "Trata-se de uma emergência."

"É por isso que eu estou aqui agora", ele disse. "O governo não me considera essencial. Eu deveria estar em casa."

"Tenho fotografias que o USAMRIID fez a gentileza de revelar enquanto eu estava no xadrez", falei com uma ponta de ironia.

"Quero vê-las." Pegamos o elevador para cima, chegando ao quarto andar. Ele me conduziu até a sala de reuniões, onde sua equipe se encontrava para criar estratégias contra pragas terríveis que nem sempre conseguiam identificar. Normalmente, naquela sala reuniam-se bacteriologistas, epidemiologistas, responsáveis por quarentenas, comunicações, patógenos especiais e PCR. Mas agora ela estava silenciosa. Não havia ninguém exceto nós dois.

"No momento", Martin disse, "você só pode contar comigo." Tirei um envelope gordo da bolsa e ele começou a examinar as fotografias. Por um momento, olhou fixamente para as fotos coloridas do torso e de Lila Pruitt, como se estivesse hipnotizado.

"Meu Deus", disse. "Acho melhor explorar imediatamente as possibilidades de contaminação. Todos os que estiveram em contato. E depressa."

"Podemos fazer isso em Tangier", falei. "Creio."

"Definitivamente, não é varicela nem sarampo. De jeito nenhum. Sem dúvida, trata-se de um poxvírus." Seus olhos arregalados examinaram as fotografias dos pés e mãos amputados.

"Uau." Ele nem piscava, a luz se refletia em seus óculos.

"Mas que diabo é isso?"

"Ele se intitula Deadoc", expliquei. "Mandou as imagens pela rede. Apareceu na minha caixa de mensagens da AOL. Anonimamente, claro. O FBI está tentando rastreá-lo."

"E ele desmembrou a vítima?"

Fiz que sim.

"Ela apresenta manifestações similares às da paciente de Tangier", disse, concentrando-se nas vesicopústulas do torso.

"Realmente."

"Sabe, a varíola símia tem me preocupado há anos", disse. "Mantemos a África Ocidental sob vigilância constante, do Zaire até Serra Leoa, onde os casos ocorreram. Há também a varíola bovina. Até agora, porém, o vírus da varíola não ressurgiu. Temo, porém, que um dia desses um poxvírus que ataca o reino animal consiga dar um jeito de infectar pessoas."

Novamente, pensei em minha conversa telefônica com Rose a respeito dos pelos de animais na vítima.

"E o que precisa ocorrer é só o micro-organismo estar no ar e encontrar alguém suscetível."

Ele retornou a Lila Pruitt, ao corpo desfigurado e sofrido no leito fétido.

"Ela esteve exposta ao vírus, de modo mais do que suficiente para provocar uma enfermidade devastadora", comentou, tão distraído que parecia estar falando sozinho.

"Doutor Martin", perguntei, "macacos sofrem de varíola símia ou servem apenas como hospedeiros?"

"Eles contraem a doença e a espalham onde haja contato entre os animais, como nas florestas tropicais da África. Existem nove poxvírus virulentos conhecidos no planeta, e a transmissão a seres humanos acontece apenas em dois casos. O vírus da varíola, ou bexiga, que felizmente foi erradicado, e o *molluscum contagiosum*."

"Havia pelos grudados ao torso que foram identificados como pêlos de macaco."

Ele se virou para mim e franziu o cenho. "Como é?"

"Isso mesmo. E havia pelos de coelho, também. Portanto, andei pensando se alguém não resolveu fazer experiências por conta própria, em algum laboratório."

Levantando-se da mesa, ele disse: "Vamos começar a trabalhar nisso agora. Onde posso encontrá-la?"

"Em Richmond." Dei-lhe um cartão de visitas enquanto saíamos da sala de reuniões. "Alguém pode me conseguir um táxi?"

"Claro. Peça a um dos guardas, na entrada. Infelizmente, o pessoal administrativo está de licença." Ele chamou o elevador apertando o botão com o cotovelo, pois carregava a caixa. "Mas que pesadelo. Temos salmonela em Orlando, por causa de um suco de laranja que não foi pasteurizado. Outra intoxicação coletiva em potencial num navio de cruzeiro, *E. coli* O-um-cinco-seteH-sete, provavelmente carne moída malpassada outra vez. Botulismo em Rhode Island e uma doença respiratória infeccionando um asilo de idosos. Mesmo assim, o Congresso recusa verbas para nós."

"Eu que o diga", comentei.

Paramos em todos os andares, esperando enquanto as pessoas entravam. Martin continuou falando.

"Imagine só. Uma estância balneária em Iowa com suspeita de shigella, pois a chuva excessiva inundou poços domésticos. E não adianta chamar a EPA." "É a chamada missão impossível", alguém disse ironicamente, quando as portas se abriram mais uma vez.

"Se é que a instituição ainda existe", Martin zombou. "Recebemos catorze mil chamados por ano e temos apenas duas telefonistas. Na verdade, só uma, no momento. Qualquer pessoa atende as ligações. Inclusive eu."

"Por favor, não demore com isso", falei quando chegamos ao saguão.

"Não se preocupe." Ele percebera a gravidade do caso. "Vou chamar três colegas que estão em casa imediatamente."

Após eu ter ficado meia hora esperando no saguão, usando o telefone, o táxi apareceu. Segui em silêncio, vendo os conjuntos de edifícios de mármore ou granito e os complexos esportivos que me fizeram lembrar das Olimpíadas. Passei por arranha-céus de vidro e aço prateado. Atlanta era uma cidade onde tudo era pretensão, até

as fontes exuberantes transmitiam a ideia de generosidade intrépida. Eu sentia a cabeça leve, frio, e estava inusitadamente cansada para quem passara a maior parte da semana de cama. Quando cheguei ao terminal da Delta, as costas já doíam. Não conseguia me aquecer nem pensar com clareza. Sabia que tinha febre.

Cheguei doente a Richmond. Quando Marino me encontrou na saída do aeroporto, sua fisionomia traiu imediatamente um pavor imenso.

"Puxa vida, doutora", disse. "Você está com uma cara péssima."

"Sinto-me péssima."

"Trouxe bagagem?" "Não. Alguma novidade?"

"Positivo. Uma surpresa que a deixará furiosa. Ring prendeu Keith Pleasants na noite passada."

"Com base em quê?", exclamei, tossindo em seguida.

"Tentativa de fuga. Supostamente, Ring o seguiu após sua saída do serviço, no lixão, e tentou detê-lo por excesso de velocidade. Supostamente, Pleasants não parou. Foi parar na cadeia, a fiança é cinco mil, dá para acreditar? Ele não vai a lugar nenhum, por um tempo."

"Intimidação", falei, assoando o nariz. "Ring resolveu pressionar o rapaz. Pressionar Lucy. E me pressionar também."

"Sério mesmo, acho que teria sido melhor se você tivesse ficado em Maryland, internada", ele disse quando chegamos à escada rolante. "Não leve a mal, mas eu não corro o risco de pegar isso, corro?"

Marino sentia um medo terrível de tudo que não podia ver, fosse radiação ou vírus.

"Não sei o que eu tenho", respondi. "Acho que é só uma gripe."

"Da última vez em que fiquei gripado, passei duas semanas de cama." Ele diminuiu o passo, para não andar a meu lado. "Além disso, você esteve exposta a outras coisas."

"Então não se aproxime, não me toque e não me beije", respondi.

"Ei, não se preocupe." A conversa continuou no mesmo tom, quando saímos na tarde gelada.

"Vou tomar um táxi para casa", falei, com tanta raiva dele que estava a ponto de chorar.

"Eu preferia que você não fizesse isso." Marino parecia apavorado, assustado.

Acenei, engoli em seco e escondi o rosto quando o táxi Blue Bird veio em minha direção.

"Você não pode pegar gripe. Rose também não. Ninguém precisa de gripe", falei, furiosa. "Sabe, estou praticamente sem dinheiro. Isto tudo é horrível. Olhe para meu vestido. Você acha que uma autoclave passa a roupa e deixa um cheirinho gostoso? E a meia que se dane. Estou sem casaco e sem luva. Cheguei, e que tal a temperatura?" Abri a porta traseira do táxi azul. "Abaixo de zero?" Marino ficou olhando para mim enquanto eu entrava. Entregou-me uma nota de vinte dólares, com cautela, evitando que seus dedos roçassem nos meus.

"Quer alguma coisa do supermercado?", ele gritou enquanto eu me afastava.

Eu sentia os olhos e a garganta cheios de lágrimas. Tirei a caixa de lenço de papel da bolsa, assoei o nariz e chorei baixinho.

"Lamento incomodá-la", o motorista falou. Era um sujeito corpulento e paternal, já idoso. "Mas para onde vamos?" "Windsor Farms. Quando chegarmos lá eu mostro a rua." Engasguei ao falar.

"Ah, essas brigas." Ele balançou a cabeça. "Não são odiosas? Eu me lembro de uma vez quando minha mulher e eu discutimos num restaurante de frutos do mar, tipo coma à vontade. Ela foi embora com o carro. Eu tive de voltar andando. Oito quilômetros pela parte mais perigosa da cidade." Ele balançava a cabeça e me espiava pelo retrovisor, tendo deduzido que Marino e eu formávamos um casal que se desentendera.

"Então quer dizer que você é casada com um policial", ele falou. "Vi quando ele chegou. Esse aqui conhece um carro de polícia de longe, mesmo sem nenhuma marca. Prática." Ele bateu no peito.

Minha cabeça doía, o rosto queimava. Recostei a cabeça e fechei os olhos enquanto ele contava sua juventude na Filadélfia e torcia para que não nevasse muito no inverno deste ano. Dormi um sono febril. Ao acordar, não sabia onde estava.

"Senhora, senhora, chegamos", o motorista dizia em voz alta, para me acordar. "Qual é a rua?" Ele dobrara na Canterbury e estava parado no sinal.

"Por ali, entre à direita na Dover", indiquei.

Indiquei o caminho até minha casa. Seu rosto mostrava espanto crescente conforme passávamos por mansões em estilo georgiano e Tudor, num dos bairros mais ricos da cidade. Quando parou na frente da minha casa, arregalou os olhos para a fachada em pedra e o bosque que a contornava. Observou-me atentamente quando descii.

"Não se preocupe", ele disse, quando lhe dei os vinte dólares e mandei guardar o troco. "Já vi de tudo na vida, madame, e nunca disse nada." Ele passou os dedos pelos lábios, piscando para mim.

Eu só podia ser esposa de um milionário que tinha um caso tempestuoso com o tal policial.

"Muito sábio", falei, tossindo.

Fui recebida pelo alarme antirroubo, com seu bip de alerta, e nunca na vida sentira um alívio tão grande por estar em casa. Não demorei para me livrar das roupas escaldadas e entrar num banho quente, inalando o vapor para limpar um pouco os pulmões e expectorar. No momento em que vestia um roupão de banho felpudo e grosso o telefone tocou. O relógio marcava exatamente quatro horas da tarde.

"Doutora Scarpetta?" Era Fielding.

"Acabei de chegar em casa", falei.

"A julgar pela voz, não está passando bem." "Estou péssima." "Infelizmente, a notícia que tenho para lhe dar não vai ajudá-la a melhorar", ele disse. "Temos mais dois possíveis casos em Tangier." "Ah, não." "Mãe e filha. Febre de quarenta graus e erupções na pele. O cdc mandou uma equipe de isolamento, serviço completo." "E Wingo, como está?" Ele ficou quieto por um momento, intrigado. "Bem. Por quê?"

"Ele me ajudou com o torso", expliquei.

"Sim, claro. Está ótimo, como sempre." Aliviada, sentei-me e fechei os olhos.

"O que aconteceu com as amostras que você levou a Atlanta?", Fielding indagou.

"Reuniram uma equipe básica, e espero que já estejam realizando os testes." "Então ainda não sabemos do que se trata." "Jack, tudo indica que é varíola", falei. "Até agora, não temos outra explicação." "Nunca vi um caso. E você?" "Antes de agora, não. Talvez a hanseníase seja pior. Sempre é ruim morrer de doença, mas ser desfigurado durante a enfermidade é cruel." Tossi novamente. Sentia muita sede. "Eu o verei amanhã, e discutiremos as providências." "Tenho a impressão de que você não deveria ver ninguém amanhã." "Tem razão. Não me resta alternativa, porém." Desliguei e tentei falar com Bret Martin, no cdc, mas fui obrigada a deixar recado na secretária eletrônica, pois ninguém atendeu. E ele não ligou de volta. Deixei recado para Fujitsubo também, que tampouco respondeu. Calculei que estivesse em casa, como a maioria dos colegas. O conflito por causa do orçamento mais parecia uma guerra.

"Droga", resmunguei ao pôr a chaleira no fogo para ferver água e procurar o chá no armário. "Droga, droga, droga." Faltava um pouco para as cinco quando telefonei para Wesley. Em Quântico pelo menos as pessoas estavam trabalhando.

"Graças a Deus alguém atende o telefone aí", desabafei com a secretária dele.

"Eles ainda não descobriram que sou dispensável", ela disse.

"Wesley está?"

Ele atendeu o telefone tão cheio de energia e disposição que me irritou instantaneamente. "Você não tem o direito de se sentir bem", falei.

"Você está gripada."

"Não sei o que tenho."

"Pegou uma gripe, só isso, entendeu?" Ele ficou preocupado e rabugento.

"Não sei. Só podemos torcer para que seja apenas gripe."

"Eu não pretendia bancar o alarmista..."

"Então não banque", cortei-o.

"Kay", ele disse com voz firme, "você precisa enfrentar a situação. E se não for gripe?" Eu não disse nada, não aguentava pensar em outra possibilidade.

"Por favor", ele insistiu. "Não fuja. Pare de fingir que não está acontecendo nada, como faz com a maioria das coisas em sua vida." "Você está me provocando", revidei. "Cheguei ao aeroporto e Marino não me deixou entrar no carro dele. Peguei um táxi e o chofer pensou que eu tinha um caso, sem que meu marido milionário soubesse. O tempo inteiro eu estava com febre e dor de cabeça e só queria chegar em casa." "O motorista do táxi achou que você tinha um caso?" "Deixa isso para lá." "E como você sabe que está gripada? Que não é outra coisa?" "Não tenho erupções. Era isso que você queria ouvir?" Seguiu-se um longo período de silêncio. Depois, ele disse: "E se aparecer alguma erupção?"

"Então provavelmente eu vou morrer, Benton." Tossi novamente. "Provavelmente você nunca mais vai tocar em mim. E eu nunca mais vou querer que você me veja, se ficar deformada. É mais fácil se preocupar com maníacos, crimes em série, gente que você pode liquidar a tiros. Mas os invisíveis são os piores, sempre os temi muito mais. Eles entram em você num dia ensolarado, no meio da rua. Você os engole junto com a limonada. Fui vacinada contra hepatite B. Mas trata-se de um assassino solitário de uma imensa multidão. E

quanto a tuberculose, hiv, Hanta e Ebola? Como fica, hã? Ai, meu Deus." Respirei fundo. "Tudo começou com o torso, e eu não sabia." "Eu soube dos dois novos casos", ele disse, e sua voz tornou-se mansa e gentil. "Posso chegar aí em duas horas. Quer me ver?" "No momento, não quero ver ninguém." "Não importa. Vou assim mesmo." "Benton", falei, "não faça isso." Mas ele já havia tomado a decisão, e quando estacionou a BMW ruidosa na entrada de minha casa já era quase meia-noite. Recebi-o na porta, mas não nos tocamos.

"Vamos sentar na frente da lareira", ele disse.

Fomos para a sala e ele, muito gentil, preparou outra xícara de chá descafeinado para mim. Sentei no sofá, ele ficou na poltrona lateral. As chamas alimentadas pelo gás envolviam um tronco artificial. Diminuí as luzes.

"Não duvido de sua teoria", ele disse, bebericando o conhaque.

"Talvez amanhã surjam novas informações." Eu suava e tremia, olhando para o fogo.

"No momento, não ligo a mínima para tudo isso." Ele olhou para mim com intensidade.

"Você precisa ligar para tudo isso." Limpei a testa com a manga.

"Não." Permaneci em silêncio enquanto ele me encarava.

"Eu ligo mesmo é para você", disse.

Permaneci em silêncio.

"Kay." Ele segurou meu braço.

"Não toque em mim, Benton." Fechei os olhos. "Não faça isso. Eu não quero que você fique doente também." "Claro, isso é conveniente para você. Ficar doente. E não permitir que eu a toque. A nobre doutora se preocupa mais com meu bem-estar do que com o próprio." Continuei quieta, para não chorar.

"Muito oportuno. Você quer ficar doente agora para evitar que as pessoas se aproximem. Marino não quis trazer você para casa. Eu não posso tocar em você. Lucy não quer vê-la e Janet teve de ficar

do outro lado do vidro para conversar." "Aonde você quer chegar?" Olhei para ele.

"Doença psicossomática." "Claro. Aposto que você estudou isso na faculdade. Ou quando fez mestrado em psicologia." "Não zombe de mim." "Nunca fiz isso." Eu sentia sua mágoa, mesmo tendo virado o rosto para o fogo, com os olhos fechados.

"Kay. Eu não quero que você morra." Não falei.

"Não faça isso." Sua voz tremia. "Não faça isso!" "Você não vai se livrar de mim assim tão fácil", falei ao me levantar da poltrona. "Vamos dormir." Ele ficou no quarto onde Lucy normalmente dormia. Passei a maior parte da noite tossindo e procurando uma posição confortável, o que era simplesmente impossível. Na manhã seguinte, às seis e meia, ele já estava acordado passando café quando entrei na cozinha. A luz filtrava-se por entre as árvores, entrando através da janela. Pela maneira como as folhas de rododendro se curvavam concluí que esfriara muito.

"Estou preparando o café", Wesley anunciou. "O que você deseja comer?" "Não sinto a mínima fome." Eu estava fraca, tinha a impressão de que meus pulmões iam rasgar quando tossia.

"Obviamente, você piorou." Seu olhar traía receio. "Precisa ir ao médico." "Sou médica. Ainda é cedo para procurar outro." Tomei aspirina, descongestionante e um grama de vitamina C. Comi um pãozinho e começava a me sentir quase humana quando Rose ligou e acabou comigo.

"Doutora Scarpetta? A mãe de Tangier morreu hoje cedo."

"Ai, meu Deus." Sentada à mesa, na cozinha, passei os dedos pelo cabelo. "E quanto à filha?"

"Sua condição é grave. Ou era, há poucas horas." "E o corpo?" Wesley postou-se atrás de mim, massageando-me o ombro e o pescoço.

"Ninguém tocou nele ainda. Ninguém sabe direito como proceder, e o chefe do Departamento de Medicina Legal de Baltimore tentou entrar em contato com você. Assim como o Centro de Controle e

Prevenção de Doenças." "Quem, do cdc?" "O doutor Martin." "Preciso falar com ele primeiro, Rose. Enquanto isso, entre em contato com o pessoal de Baltimore e diga que o corpo não pode ir para o necrotério deles em hipótese alguma antes que eu entre em contato. Qual é o telefone do doutor Martin?" Ela me passou o número, liguei imediatamente. Ele respondeu ao primeiro toque e parecia muito ansioso.

"Fizemos o pcr nas amostras que você trouxe. Três testes. Dois indicam varíola, mas o outro não." "Então, é varíola ou não é?" "Verificamos a sequência genômica, não combina com nenhum poxvírus de nenhum laboratório de referência do mundo, doutora Scarpetta. Creio que temos um vírus mutante." "Isso significa que a vacina antivariólica não será eficaz." Senti que meu coração pulava tanto que podia sair pela boca.

"Só nos resta testar a eficácia em laboratório, nos animais. Precisamos de uma semana, no mínimo, antes de confirmar se a vacina atual funciona. E mais tempo se for necessário desenvolver outra. Em termos práticos, vamos considerar que temos casos de varíola, mas na verdade não sabemos exatamente de que se trata. Não custa lembrar que desde 1986 buscamos uma vacina contra a AIDS e até agora não fizemos progressos significativos." "A ilha de Tangier precisa ser posta imediatamente em quarentena. Precisamos evitar uma epidemia", exclamei, assustada, quase em pânico.

"Sabemos disso muito bem. Estamos montando um grupo neste exato momento e vamos mobilizar a Guarda Costeira." Desliguei e falei freneticamente a Wesley: "Preciso ir. Temos uma doença contagiosa da qual ninguém nunca ouviu falar. Já matou pelo menos duas pessoas. Ou três. Ou quatro".

Ele me seguiu pelo corredor enquanto eu falava.

"É varíola, mas não exatamente. Precisamos descobrir como está sendo transmitida. Lila Pruitt conhecia a mãe que morreu? Tiveram algum contato, ou a filha teve? Moravam perto uma da outra? E o suprimento de água? A caixa-d'água azul. Lembro-me de ter visto

uma assim por lá." Vesti-me depressa. Wesley ficou parado na soleira da porta, o rosto acinzentado parecia de pedra.

"Você pretende voltar para lá?", perguntou.

"Preciso passar primeiro no centro", falei.

"Pode deixar que eu dirijo", ele disse.

12

Wesley me levou até o centro e disse que ia ao escritório do FBI em Richmond. Entraria em contato comigo a seguir. O salto do sapato matraqueava no piso enquanto eu percorria o corredor dando bom-dia aos membros de minha equipe. Vi Rose ao telefone quando entrei em sua sala, e o espetáculo sobre minha mesa, do outro lado da porta que unia nossas salas, era devastador. Centenas de relatórios e atestados de óbito aguardavam minha rubrica e assinatura. Recados telefônicos e cartas transbordavam da caixa de entrada.

"O que é isso?", falei quando ela desligou. "Até parece que passei um ano fora." "Parece mesmo." Ela esfregava loção nas mãos, e notei que havia um pequeno frasco de spray facial de aromaterapia Vita sobre minha mesa, ao lado do tubo em que chegara pelo correio. Havia um também na mesa de Rose, ao lado de seu frasco de loção hidratante. Olhei para meu spray Vita e para o dela, processando no subconsciente o que via antes mesmo de compreender racionalmente. A realidade parecia ter virado do avesso. Apoiei-me no batente da porta. Rose levantou-se, sua cadeira girou sobre os rodízios e num segundo ela chegou para me amparar.

"Doutora Scarpetta!" "Onde arranhou isso?", perguntei, olhando para o spray.

"É só uma amostra grátis." Ela estava atônita. "Chegaram várias pelo correio." "Já usou?" Ela começou a ficar realmente preocupada e olhou para mim de esguelha. "Acabou de chegar. Ainda não experimentei." "Não toque nisso!", gritei, apavorada. "Quem mais recebeu amostras?" "Minha nossa, eu não sei. O que houve? Qual é o problema?" Ela ergueu a voz.

Pus primeiro a luva, para pegar o spray e guardá-lo em três sacos plásticos.

"A equipe inteira deve ir imediatamente para a sala de reuniões. Já!" Corri até o escritório principal, na frente, e dei o mesmo aviso. Em poucos minutos todos os funcionários, inclusive médicos de avental, estavam reunidos. Alguns chegaram ofegando, todos olhavam para mim, assustados, fragilizados.

Ergui o saco transparente destinado a provas que continha a amostra grátis do spray Vita.

"Quem recebeu uma amostra assim?", falei, olhando em volta da sala.

Quatro pessoas levantaram os braços.

"Alguém usou?", perguntei. "Preciso saber com absoluta certeza." Clea, funcionária administrativa, revelou seu pavor no olhar. "Por quê? Qual é o problema?" "Você usou o spray em seu rosto?", perguntei a ela.

"Não, só nas plantas." "Recolham as plantas, coloquem tudo em sacos herméticos e incinerem.", ordenei. "Onde está Wingo?" "MCV." "Não tenho absoluta certeza do que estou dizendo", expliquei a todos os presentes, "e torço para estar enganada. Mas há uma possibilidade razoável de ter ocorrido adulteração de produto. Por favor, não entrem em pânico. Mas em nenhuma hipótese vocês devem tocar nas amostras grátis de spray. Sabemos como elas foram entregues, exatamente?" Clea manifestou-se. "Fui a primeira a chegar, esta manhã. Encontrei vários relatórios policiais enfiados pelo buraco para correspondência da porta, como sempre. Junto com essas amostras. Vieram em tubinhos do tipo usado no correio. Onze amostras. Sei disso, pois contei para ver se havia o suficiente para todo mundo." "Então o carteiro não as entregou. Elas foram enfiadas pela abertura para correspondência na porta da frente." "Não sei quem as entregou. Pareciam ter vindo pelo correio." "Por favor, passem para mim todos os tubos que receberam." Fui informada de que ninguém havia usado o spray. Entregaram as amostras recolhidas na minha sala. Usando luva de algodão e óculos, estudei a embalagem destinada a mim. Tarifa de grandes usuários, obviamente uma amostra grátis do fabricante. Considerei

muito estranho um tipo de amostra assim ser destinada a um indivíduo específico. Olhei dentro do tubo, e havia um cupom para o spray. Examinei-o contra a luz, notando as bordas ligeiramente irregulares, como se o cupom tivesse sido cortado com tesoura, e não à máquina.

"Rose?", chamei.

Ela entrou em minha sala.

"O tubo que você recebeu estava endereçado a você?" "Não havia nome do destinatário", ela disse com o rosto tenso.

"Então a única amostra com nome era a minha." "Creio que sim. Que coisa horrível." "Sem dúvida." Peguei o tubo de embalagem. "Olhe aqui. As letras são do mesmo tamanho, a marca do correio está na mesma etiqueta do endereço. Nunca vi isso." "Parece ter sido feito em computador", ela disse, cada vez mais espantada.

"Vou para o laboratório de DNA do outro lado da rua." Levantei-me. "Ligue para o coronel Fujitsubo no USAMRIID e diga que precisamos marcar uma reunião com eles, o cdc e Quântico. Imediatamente." "Onde você quer fazer a reunião?", ela perguntou quando eu já estava de saída.

"Aqui, não. Veja isso com Benton." Lá fora, corri pela calçada, passei pelo estacionamento e atravessei a Fourteenth Street. Entrei no prédio Seaboard, para onde os laboratórios de DNA e outras pesquisas forenses haviam sido transferidos havia alguns anos. Na guarita da segurança pedi para falar com a chefe da seção, doutora Douglas Wheat, que apesar de mulher recebera um nome masculino.

"Preciso de um sistema fechado de ar e de uma capela para reações químicas", expliquei.

"Venha para a parte dos fundos." Um corredor comprido de ladrilhos reluzentes conduzia a uma série de laboratórios envidraçados. Lá dentro, cientistas se ocupavam com pipetas, coloides e exames radioativos, quebrando sequências de códigos genéticos para identificá-las. Wheat, que lutava quase tanto quanto

eu contra a burocracia, estava sentada à mesa digitando um texto no computador. Era uma quarentona atraente, enérgica e simpática.

"Em que confusão você se meteu desta vez?" Ela sorriu para mim, olhando para o saco. "Sinto até medo de perguntar." "Provável adulteração de produto", respondi. "Preciso pulverizar isso numa lâmina, mas o conteúdo não pode ir para a atmosfera nem chegar a mim nem a qualquer outra pessoa." "O que é?" Seu tom era sombrio e ela se levantou.

"Possivelmente um vírus." "Aquele existente em Tangier?" "Temo que sim." "Não acha que seria melhor levar isso ao cdc, e depois..."

"Douglas, sim, acho que seria melhor", expliquei pacientemente, tossindo sem parar. "Mas não dá tempo. Não temos ideia de quantas amostras podem ter chegado às mãos dos consumidores." O laboratório de DNA possuía algumas capelas de isolamento, com circuito fechado de ar, rodeadas de vidro à prova de contaminação biológica, pois testavam sangue ali. Ela me levou a uma das capelas, no fundo do salão. Pusemos máscaras e luvas. Ela me entregou um jaleco de laboratório. Acionou o exaustor que sugava o ar da capela e o passava pelos filtros. "Pronto?", perguntei, tirando o spray facial do saco plástico. "Vamos agir com rapidez." Segurei uma lâmina de coleta e o frasco sob a capela e pulverizei.

"Vamos mergulhar o frasco numa solução de dez por cento de descolorante", falei após a pulverização. "Depois protegeremos o material com três sacos e vamos levar tudo para Atlanta." "Pode deixar", Wheat disse, afastando-se.

A lâmina secou em pouco tempo, pinguei nela a solução de Nicolaou e a lacrei com o material adequado. Já a examinava no microscópio quando Wheat retornou com o frasco de solução alvejante. Ela mergulhou o frasco de spray Vita várias vezes, enquanto meus temores se confirmavam, fazendo com que minha cabeça latejasse com intensidade, doendo muito. Meu coração disparou quando observei os corpos de Guarnieri que tanto temia.

Quando olhei para Wheat, ela percebeu tudo pela expressão em meu rosto.

"Más notícias", disse.

"Péssimas." Desliguei o microscópio e joguei máscara e luvas na lata de lixo biológico tóxico.

Os frascos de spray Vita destinados ao meu departamento foram enviados a Atlanta por via aérea, e um alerta preliminar foi emitido em todo o país, para as pessoas que porventura tivessem recebido uma amostra grátis similar. O fabricante iniciou imediatamente o recolhimento do produto, empresas aéreas internacionais retiraram o spray das bolsas de viagem distribuídas na primeira classe e na classe executiva. O potencial de disseminação da doença, caso Deadoc tivesse infectado centenas ou milhares de frascos, era assustador. Enfrentávamos a ameaça de uma epidemia mundial.

A reunião foi realizada à uma da tarde, no escritório do FBI em Staples Mill Road. As bandeiras do Estado e da União tremulavam em mastros altos na frente do prédio, agitadas pelo vento forte que arrancava folhas secas das árvores e tornava a tarde ainda mais fria. O prédio de tijolo era novo, dotado de sala de reuniões de segurança máxima equipada com sistema de teleconferência. Assim, podíamos ver as pessoas que se encontravam em outros locais, mas participavam da reunião. Uma jovem agente ao teclado ocupava a cabeceira da mesa. Wesley e eu puxamos as poltronas e aproximamos os microfones. Acima de nossas cabeças, na parede, havia monitores de vídeo.

"Quem ainda esperamos?", Wesley perguntou quando o agente especial encarregado da operação, ou S.A.C., entrou com uma pasta lotada de documentos.

"Miles", explicou o agente S.A.C, referindo-se ao secretário Estadual de Saúde, meu superior imediato. "E a Guarda Costeira." Ele consultou a documentação. "E o chefe regional de Crisfield, em Maryland. Vem de helicóptero e não demorará mais que meia hora naqueles monstros que eles têm." Assim que ele disse isso ouvimos o ruído das pás ao longe. Minutos depois, o Jayhawk trovejava no céu e pousava no heliponto existente atrás do prédio. Eu não me lembrava de ter visto um helicóptero da Guarda Costeira descer em

nossa cidade, ou mesmo sobrevoá-la. A cena deve ter sido espetacular para as pessoas na rua. O chefe Martinez tirou o capote ao se juntar a nosso grupo. Notei que usava suéter azul-escuro de comando e calça militar. Trazia mapas enrolados dentro de tubos, e a situação parecia cada vez mais séria.

V,A agente ao teclado operava os equipamentos quando o secretário Miles entrou e ocupou uma poltrona a meu lado. Era um sujeito mais velho, com cabelos grisalhos abundantes e mais rebeldes do que a maioria de seus subordinados. Naquele dia, os tufos partiam em todas as direções, e a sobancelha grossa estava inflexível sob os óculos pesados de aro preto. "Você não me parece cem por cento", ele disse para mim enquanto anotava algumas observações.

"Peguei essa gripe que está derrubando todo mundo", respondi.

"Se eu soubesse disso, não teria sentado do seu lado." Ele falava a sério.

"Já passei do estágio contagioso", expliquei, mas ele não me escutou.

Os monitores foram ligados e reconheci o rosto do coronel Fujitsubo num deles. Em seguida, Bret Martin apareceu em outro, olhando direto para nós.

A agente que operava o equipamento disse: "Câmeras ligadas. Microfones ligados. Alguém, por favor, inicie a contagem para mim".

"Cinco-quatro-três-dois-um", disse o S.A.C, no microfone.

"O volume está bom?" "Aqui tudo bem", Fujitsubo disse de Frederick, em Maryland.

"Ótimo", falou Martin de Atlanta.

"Prontos para iniciar", disse a agente ao teclado, percorrendo os rostos com o olhar.

"Gostaria de assegurar que todos estão a par do caso", falei. "Temos um surto provocado por um vírus similar ao da varíola que até o momento parece restrito à ilha de Tangier, situada a dezoito milhas da costa da Virgínia. Duas mortes confirmadas até agora,

mais uma pessoa doente. Ao que tudo indica uma vítima de homicídio também estava contaminada pelo vírus. Suspeitamos que o contágio tenha ocorrido por contaminação deliberada de amostras grátis de spray facial Vita de aromaterapia." "Isso ainda não foi confirmado", Miles disse.

"As amostras devem chegar a qualquer momento", Martin disse de Atlanta. "Vamos iniciar os testes imediatamente, e esperamos ter a resposta até amanhã no final da tarde. Enquanto isso, estamos tirando o produto de circulação, pois não sabemos exatamente com o que lidamos." "Faça o teste pcr para confirmar se é o mesmo vírus", Miles disse, olhando para o monitor de vídeo.

Martin fez que sim. "É o que faremos." Miles dirigiu-se ao grupo reunido na sala. "Então, o que estamos querendo dizer com isso? Que temos um lunático solto por aí, um maníaco como o do Tylenol, que resolveu usar uma doença? Como podemos garantir que as amostras do spray não foram espalhadas pelo país inteiro?" "Creio que o assassino não tem pressa", Wesley disse, entrando na questão de sua especialidade. "Ele começou com uma vítima. Deu certo. Passou para uma ilhota. Obteve sucesso. Resolveu atacar um departamento da Secretaria de Saúde no centro." Ele olhou para mim. "Passará ao estágio seguinte se não for detido ou se não tivermos uma vacina. Outro motivo me leva a suspeitar que se trata de um caso local. As amostras foram entregues por um portador, com carimbo falsificado nos tubos que as embalavam para dar a impressão de que chegaram pelo correio." "Então você considera definitivamente que ocorreu adulteração do produto", o coronel Fujitsubo disse a ele.

"Considero definitivamente que ocorreu um atentado terrorista." "Com que objetivo?" "Isso ainda não sabemos", Wesley respondeu.

"Mas o caso é muito pior do que o assassino do Tylenol ou o Unabomber", resaltei. "A destruição que eles provocaram se limitou às pessoas que ingeriram o medicamento ou abriram os pacotes enviados pelo correio. No caso de um vírus, pode ocorrer contaminação de outras pessoas, além da vítima inicial." "Doutor

Martin, o que pode nos revelar sobre esse vírus específico?", Miles indagou.

"Temos quatro métodos tradicionais para testar a varíola." Ele nos encarava pela tela, tenso. "Microscópio eletrônico, pelo qual tivemos uma visualização direta da varíola." "Varíola?" Miles quase gritou. "Tem certeza absoluta disso?" "Um momento", Martin pediu. "Espere até que eu chegue ao final. Também temos a verificação da identidade do antígeno com uso de gel de ágar. No entanto, a hetcam e outras culturas de tecidos exigem dois a três dias. Portanto, ainda não chegamos aos resultados. Mas temos o pcr, que confirmou a presença de poxvírus. Só não sabemos qual é o tipo. Trata-se de algo muito diferente, não é varíola símia nem bovina. Não é a varíola clássica, embora aparentemente haja similaridades." "Doutora Scarpetta", Fujitsubo falou, "pode nos informar o que há no spray facial, pelo que sabe?" "Água destilada e uma fragrância. Não constava a lista de ingredientes, mas é o que costuma haver em sprays do gênero", falei.

Ele tomava notas. "Estéril?", perguntou, olhando pelo monitor.

"Espero que sim, pois as instruções são para pulverizar o produto no rosto e em lentes de contato", respondi.

"Então minha questão", Fujitsubo disse via satélite, "é quanto tempo de vida podemos prever para o vírus, no caso dos sprays contaminados. A varíola não é estável em condições de muita umidade." "Bem lembrado", Martin disse, ajustando o fone. "O vírus sobrevive bem em ambiente seco, pode durar meses ou mesmo um ano em temperatura ambiente. É sensível à luz solar, mas dentro de um frasco isso não chega a ser um problema. Não aguenta o calor, o que infelizmente torna a época do ano ideal para sua disseminação." "Então, dependendo do que as pessoas façam ao receberem as amostras, podemos ter uma grande quantidade de vítimas", falei.

"É possível", Martin disse.

Wesley se manifestou. "Obviamente, o criminoso que procuramos tem familiaridade com doenças infectocontagiosas." "Obrigatoriamente", Fujitsubo concordou. "Seria necessário fazer

uma cultura do vírus e garantir sua propagação. Se de fato se tratar de terrorismo, então o responsável tem muita familiaridade com técnicas básicas de laboratório. Ele sabe lidar com um vírus desses sem se contaminar. Estamos pressupondo que haja apenas uma pessoa envolvida?" "Sim, segundo minha teoria. Contudo, não temos como saber", Wesley disse.

"Ele usa o nome Deadoc", falei.

"Doutor Morte?" Fujitsubo franziu a testa. "Ele insinua que é médico?" Novamente, seria duro falar. A pergunta mais incômoda era a mais difícil de ser feita.

"Doutor Martin", falei enquanto Martinez silenciosamente recostava o corpo na poltrona, ouvindo tudo atentamente, "supostamente seu laboratório e outro na Rússia são as duas únicas fontes desses vírus. Você tem ideia de como alguém pode ter tido acesso ao material?" "Isso mesmo", Wesley disse. "Por mais desagradável que seja a ideia, precisamos investigar a lista de funcionários. Houve demissões recentes? Algum ressentimento? Quem saiu nos últimos meses, ou anos?" "Nosso suprimento de vírus de varíola é meticulosamente monitorado e controlado, como se fosse plutônio", Martin respondeu, confiante. "Já verifiquei essa possibilidade pessoalmente e posso afirmar com absoluta certeza que nada disso aconteceu aqui. Não demos por falta de nada. E não é possível chegar aos freezers dotados de fechadura de segurança sem autorização especial e conhecimento dos códigos de alarme." Ninguém falou por um momento.

Wesley então disse: "Creio que seria uma boa ideia obter uma lista das pessoas que tiveram tal autorização nos últimos cinco anos. Inicialmente, com base em experiências anteriores, considero que estamos lidando com um indivíduo do sexo masculino, branco, com cerca de quarenta anos. Provavelmente vive sozinho, mas caso não viva, ou tenha namorada, parte de sua residência ou laboratório é inacessível...".

"Então trata-se provavelmente de alguém que já trabalhou em laboratório", concluiu o S.A.C.

"Algo nessa linha", Wesley concordou. "Uma pessoa instruída, especializada. Trata-se de um sujeito introvertido, uma série de atitudes .aponta para isso, como escrever sempre em letras minúsculas. Sua recusa em usar pontuação revela a crença de que não é igual às outras pessoas, e de que as regras não se aplicam a ele. Não conversa quase, os colegas o consideram distante ou tímido. Tem tempo de sobra e, mais importante, pensa que foi injustiçado pelo sistema. Acha que a autoridade máxima do país lhe deve desculpas em nome do governo, e acredito que esta seja a chave para a motivação de seus atos."

"Então trata-se de vingança", falei. "Pura e simples."

"Nunca é pura e simples. Gostaria que fosse", Wesley disse. "Mas acho que o desejo de vingança é a chave para entender a questão, daí a importância de obter das instituições governamentais que lidam com doenças infectocontagiosas as listas e registros referentes a funcionários advertidos, despedidos, cortados ou rebaixados nos meses e anos recentes." Fujitsubo pigarreou. "Bem, então vamos tratar dos aspectos logísticos." Chegou a vez de a Guarda Costeira apresentar seu plano. Martinez levantou-se e abriu os mapas nos suportes enquanto os ângulos das câmeras eram ajustados para que os participantes à distância pudessem acompanhar tudo.

"Você pegou a imagem?", Martinez perguntou à agente que operava o equipamento.

"Positivo", ela respondeu. "E vocês?", perguntou, olhando para os monitores.

"Tudo bem."

"Acho que não. Dá para aumentar um pouco mais?" Ela aproximou a câmera enquanto Martinez abria a caneta a laser. Ele dirigiu o pontinho vermelho para a divisa entre Maryland e Virgínia, na baía de Chesapeake, que cortava a ilha de Smith, um pouco ao norte de Tangier.

"Existem diversas ilhas na região, no rumo da baía Fishing e do rio Nanticoke, em Maryland. Ilha Smith, ilha South Marsh, ilha Bloodsworth." Ele apontou para cada uma delas. "E o continente.

Crisfield fica aqui, a apenas quinze milhas náuticas de Tangier." Ele olhou para nós. "A maioria dos pescadores leva os caranguejos para Crisfield. E muitos moradores de Tangier têm parentes em Crisfield. Isso me preocupa muito."

"Receio a falta de cooperação dos moradores de Tangier", Miles disse. "Uma quarentena eliminará sua única fonte de renda."

"Isso mesmo." Martinez consultou o relógio. "Estamos fazendo isso desde já, aliás. Temos barcos e lanchas vindo de vários locais, até de Elizabeth City, para cercar a ilha."

"Por enquanto ninguém sai de lá, certo?", Fujitsubo disse. Seu rosto reinava sobre nós, na tela.

"Isso mesmo." "Ótimo." "E se o pessoal resistir?" Fiz a pergunta óbvia. "O que vocês pretendem fazer com os pescadores? Não podem prendê-los, correriam risco de contágio." Martinez hesitou. Olhou para Fujitsubo no monitor.

"Comandante, poderia detalhar o procedimento?", perguntou.

"Já discutimos a questão em profundidade", Fujitsubo explicou. "Conversei com o secretário do Departamento de Transporte, o vice-almirante Perry, e também com o secretário da Defesa, claro. Basicamente, o caso está a caminho da Casa Branca, e a autorização continua pendente." "Autorização para quê?", Miles indagou.

"Para uso de armas como último recurso", Martinez disse para todos nós.

"Deus do céu", Wesley murmurou.

Ouvi, incrédula, olhando para os deuses televisivos da carnificina.

"Não temos escolha", Fujitsubo falou calmamente. "Se as pessoas entrarem em pânico e tentarem fugir da ilha, ignorando os avisos da Guarda Costeira, elas levarão - não se trata de apenas uma hipótese - elas levarão o vírus da varíola para o continente. Estamos falando de uma população que não foi vacinada nos últimos trinta anos. Ou de uma imunização feita há tanto tempo que não tem mais eficácia. Ou de uma doença mutante que não é atingida pela vacina existente hoje. Em outras palavras, uma situação muito ruim." Eu não sabia se

o enjoo que sentia se devia ao meu estado de saúde ou ao que acabara de escutar. Pensei no vilarejo de pescadores fustigado pelas intempéries, nas lápides tortas, nas pessoas humildes e rudes que só queriam viver em paz. Eles não eram do tipo obediente, pois só reconheciam poderes supremos como Deus e a tempestade.

"Deve haver outro meio", falei.

Mas não havia.

"A varíola tem a reputação de ser uma moléstia altamente contagiosa. O surto precisa ser contido a qualquer custo", Fujitsubo declarou o óbvio. "Precisamos cuidar até das moscas que sobrevoam os pacientes e dos caranguejos destinados ao consumo no continente. Como ter certeza de que não haverá transmissão por mosquitos, como no caso de Tanapox? Nem mesmo sabemos a extensão do perigo, pois ainda não conseguimos nem diagnosticar a •doença com exatidão." Martin olhou para mim. "Já temos equipes no local. Médicos, enfermeiras e sanitaristas. Podemos manter as pessoas fora dos hospitais, deixá-las continuar em casa." "E quanto aos cadáveres e ao risco de contaminação?" "Segundo a legislação norte-americana, temos uma emergência de saúde pública Classe Um." "Sei disso muito bem", falei, impaciente com o tratamento burocrático da questão. "Vamos direto às providências." "Queimar todos os mortos. Os corpos devem ser cremados. A casa de Pruitt será incinerada." Fujitsubo tentou nos tranquilizar. "O usamriid tem uma equipe a caminho de lá. Vamos dialogar com a população, tentar fazer com que entendam a situação." Pensei em Davy Crockett e no filho, nas pessoas em pânico quando vissem cientistas em trajes espaciais invadindo a ilha para queimar suas casas.

"Sabemos de fato se a vacina contra varíola funciona ou não?", Wesley perguntou.

"Ainda não comprovamos a eficácia", Martin respondeu. "Os testes em animais de laboratório podem demorar alguns dias, até semanas. E mesmo que a vacina funcione num animal, isso não garante proteção a seres humanos." "Uma vez que o DNA do vírus foi alterado", Fujitsubo alertou, "não creio que uma vacina virótica

seja eficaz." "Não sou médico nem nada", Martinez interferiu, "mas estava pensando se não poderíamos vacinar todo mundo, por via das dúvidas." "O risco seria alto", Martin esclareceu. "Se não for varíola, por que expor deliberadamente a população à varíola, criando a possibilidade de alguém contrair a doença? E quando desenvolvermos a vacina será difícil revacinar todo mundo com uma vacina diferente." "Em outras palavras", Fujitsubo disse, "não podemos usar a população de Tangier como cobaia. Se eles ficarem na ilha e levarmos uma vacina para lá assim que for possível, poderemos evitar uma epidemia. A única coisa positiva da varíola é que se trata de um vírus estúpido, mata o hospedeiro tão depressa que se for feito o isolamento da área a doença não se espalha." "Certo. Então uma ilha inteira será destruída enquanto ficamos aqui olhando", Miles disse, furioso. "Não posso aceitar isso, diacho." Ele bateu com o punho na mesa. "Isso não pode estar acontecendo em plena Virgínia!" Ele se levantou da poltrona. "Senhores, gostaria de saber qual será o procedimento se surgirem pacientes em outras regiões do estado.? O governador me nomeou para cuidar da questão sanitária da Virgínia, afinal de contas." O suor escorria por seu rosto severo. "Vamos fazer como os ianques e queimar as casas e cidades?" "Se o problema se alastrar", Fujitsubo disse, "obviamente teremos de usar os hospitais, criar enfermarias de isolamento como se fazia antigamente. O cdc e o meu pessoal já estão alertando as equipes médicas locais e trabalharão em conjunto com elas." "Sabemos que os profissionais de saúde correm um risco enorme", Martin acrescentou. "Sem dúvida seria ótimo se o Congresso encerrasse logo essa história de licença para equilibrar o orçamento. Estamos de mãos e pés atados." "O presidente e o Congresso estão a par do caso." "O senador Nagle acha que as licenças serão suspensas amanhã de manhã." "Eles sempre dizem isso." O inchaço e a coceira no braço, onde eu havia sido vacinada, me faziam lembrar que fora inoculada com o vírus à toa. Queixei-me a Wesley durante todo o trajeto até o estacionamento.

"Fui exposta duas vezes ao vírus, estou doente sem saber direito o que é. Provavelmente tenho deficiência imunológica, para

completar."

"Como você sabe que não está contaminada?", ele perguntou, cauteloso.

"Não sei." "Então pode contaminar outras pessoas." "Não. Isso seria impossível. As erupções são o primeiro sinal da varíola, e examino meu corpo diariamente. Ao menor sinal eu voltaria para o isolamento. Não chegaria a cem metros de distância de você nem de mais ninguém, Benton", falei, sentindo a raiva crescer irracionalmente com a insinuação de que eu poderia contaminar alguém, nem que fosse com um resfriado vulgar.

Ele olhou para mim ao destrancar as portas. Eu sabia que estava mais magoado do que deixava transparecer. "O que você quer que eu faça, Kay?" "Leve-me para casa, preciso pegar meu carro." A noite caía depressa enquanto eu percorria quilômetros de pinheirais densos. Nos campos alqueivados ainda havia restos dos algodoeiros, com tufos de algodão presos aos galhos mortos na terra revirada. O ar estava úmido e frio como um bolo descongelado. Quando cheguei em casa, de volta da reunião, encontrei um recado de Rose. Keith Pleasants telefonara da cadeia às duas da tarde, implorando desesperadamente que eu fosse até lá, e Wingo fora para casa com gripe.

Eu já estivera no fórum da comarca de Sussex muitas vezes, nos últimos anos, e aprendera a apreciar seu desconforto e anacronismo. Construído em 1825 pelo mestre pedreiro de Thomas Jefferson, era vermelho com colunas e molduras brancas. Sobrevivera à Guerra de Secessão, embora os ianques tivessem destruído todos os registros. Pensei nos dias frios de inverno que passara do lado de fora com policiais, esperando ser convocada para testemunhar. Lembrava-me dos nomes dos casos que levava ao tribunal.

Agora as audiências aconteciam no amplo anexo vizinho, e senti tristeza ao passar pelo prédio antigo e me dirigir à parte dos fundos. Tais construções modernas eram monumentos ao aumento da criminalidade, e eu sentia falta dos tempos mais simples, quando me mudei para a Virgínia e o prédio de tijolo vermelho imponente me

impressionava, assim como sua guerra antiga que jamais terminaria. Naquela época eu fumava. Suponho que idealizava as lembranças, como a maioria das pessoas. Mas sentia falta do cigarro e da espera no frio miserável do lado de fora de um fórum que nem tinha aquecimento central. As mudanças faziam com que eu me sentisse muito velha.

A delegacia de polícia tinha a mesma fachada de tijolo vermelho emoldurado em branco. Um muro com arame farpado no alto cercava o estacionamento e a cadeia. Lá dentro, dois presos de uniforme alaranjado lustavam um carro de polícia que haviam lavado e encerado. Olharam para mim de soslaio quando estacionei na frente. Um chamou a atenção do outro com a flanela.

"Diz aí. Tudo bem?", um deles murmurou quando passei.

"Boa tarde." Olhei para os dois.

Deram as costas e me ignoraram, desinteressados por alguém a quem não conseguiam intimidar. Entrei pela porta da frente. Lá dentro, a delegacia era modesta, quase deprimente de tão simples. Como quase todas as repartições públicas do mundo, ocupava mais espaço do que o disponível. Encaixaram máquinas de Coca-Cola e salgadinhos, encheram as paredes com cartazes de criminosos procurados e o retrato de um policial morto durante uma ocorrência. Parei na recepção, onde uma moça mordiscava a caneta enquanto cuidava da papelada.

"Por favor", falei, "gostaria de falar com Keith Pleasants." "Você está na lista de visitas?" Ela franziu os olhos por causa da lente de contato, e usava aparelho rosado nos dentes.

"Ele me pediu que viesse, suponho que esteja." Ela folheou as páginas presas à prancheta, parando ao chegar à que procurava.

"Seu nome." Eu disse, e seu dedo percorreu a folha.

"Aqui está." Ela se levantou da cadeira. "Acompanhe-me." Ela deu a volta na mesa e destrancou a porta de janela gradeada. Havia uma saleta minúscula para triagem, impressões digitais e fotos de suspeitos, além de uma mesa de metal amassada ocupada por um

carcereiro corpulento. Do outro lado da pesada porta gradeada eu ouvia os ruídos do xadrez.

"Vai ter de deixar a bolsa aqui", o carcereiro avisou. E pegou o rádio. "Dá para vir até aqui?" "Positivo. Já vou", respondeu uma voz feminina.

Deixei minha bolsa sobre a mesa e enfiei a mão no bolso do casaco. Ia ser revistada e não gostava nada disso.

"Temos uma saleta ali, onde eles conversam com os advogados", o carcereiro falou, apontando com o polegar como se pedisse carona. "Mas alguns presos ficam escutando a conversa. Se tiver algum problema, pode ir lá para cima. Temos uma sala mais reservada." "Creio que lá em cima será mais apropriado", falei quando entrava uma policial feminina robusta de cabelos trigueiros com um detector de metais na mão.

"Abra os braços", ordenou. "Tem algum objeto metálico no bolso?" "Não", respondi enquanto o detector rosnava feito um gato mecânico.

Ela passou o aparelho de um lado e depois do outro. Ele emitia sinais de alerta.

"Melhor tirar o casaco." Deixei o casaco sobre a mesa e ela tentou de novo. O detector continuou a disparar. Ela franziu a testa e prosseguiu.

"Usa joias?" Lembrei-me subitamente de que estava usando um sutiã com armação metálica, mas não tinha a menor intenção de anunciar isso. Ela deixou o detector de lado e começou a me apalpar enquanto o carcereiro, sentado na mesa, olhava tudo com ar embasbacado, como se estivesse assistindo a um filme pornográfico.

"Tudo bem", ela disse, após constatar que eu não era perigosa. "Vamos lá." Para subir precisávamos passar pelo corredor do xadrez feminino. As chaves tilintaram quando ela destrancou a pesada porta de metal que se fechou ruidosamente após nossa passagem. As presas, de uniforme azul de brim, eram jovens e agressivas. As celas mal dariam para acomodar um animal e tinham privada branca, catre e pia. As mulheres jogavam paciência e ficavam encostadas

nas grades das celas. As roupas secavam em varais improvisados ou nas barras. Os latões de lixo estavam cheios de sobras do jantar. O odor de alimento fez meu estômago revirar.

"Oi, mama." "Olha lá quem chegou." "Uma senhora muito fina. Ummm-umm-umm." "Oba oba oba." Elas esticaram as mãos para além das grades, tentando tocar em mim enquanto eu passava. Alguém fazia ruídos que imitavam beijos enquanto outras mulheres emitiam sons guturais, agressivos, que supunham ser risadas.

"Deixem ela aqui. Só quinze minutos. Vem cá, gostosa." "Quero cigarro." "Cala a boca, Wanda. Você vive pedindo coisas." "Cala a boca todo mundo", disse a policial, repetindo a ladainha monótona até abrir outra porta.

Segui-a até o andar superior e me dei conta de que tremia. A sala para onde ela me levou era desorganizada e entulhada de coisas, como se tivesse servido a algum propósito num passado distante. Havia painéis de cortiça encostados numa das paredes, um carrinho no canto, panfletos e boletins espalhados pelo chão. Sentei numa cadeira dobrável, na frente de uma mesa rabiscada com nomes e mensagens rudes a esferográfica.

"Fique à vontade, ele já vai subir", disse a mulher antes de me deixar sozinha.

Lembrei-me de que as pastilhas contra tosse e os lenços de papel estavam no bolso do casaco e na bolsa. Não trouxera nenhum dos dois. Fungando, fechei os olhos até ouvir passos pesados. Quando um policial entrou escoltando Keith Pleasants, quase não reconheci o rapaz. Estava pálido, encovado, magro nas calças de brim folgadas, as mãos algemadas à frente. Seus olhos cheios de lágrimas me fitaram, e seus lábios tremeram quando tentou sorrir.

"Sente-se e permaneça sentado", ordenou o policial. "Não quero saber de problemas aqui, entendeu? Qualquer coisa eu volto e acabo com a visita." Pleasants pegou uma cadeira e sentou-se, quase caindo.

"Ele precisa permanecer algemado?", perguntei ao guarda. "Está preso por uma infração de trânsito." "Senhora, ele está no setor de

segurança máxima. Por isso foi algemado. Volto em vinte minutos." Dizendo isso, saiu.

"Nunca passei por algo assim na vida. Importa-se se eu fumar?" Pleasants riu de nervoso, estava à beira de um ataque histérico.

"Fique à vontade." Suas mãos tremiam tanto que precisei acender o cigarro para ele.

"Acho que não tem cinzeiro. Acho que a gente não pode fumar aqui." Estava assustado, seus olhos não se detinham em nada. "Eles me puseram numa cela com um cara que é traficante. Tem um monte de tatuagens e não me deixa em paz um minuto. Fica me provocando, me chamando de bicha." Ele inalou a fumaça e fechou os olhos por um instante. "Não fugi de ninguém", disse, fixando-se em mim.

Vi uma xícara de isopor no chão e peguei para que ele a usasse como cinzeiro.

"Obrigado", ele disse.

"Keith, conte-me o que aconteceu."

"Eu estava voltando do aterro sanitário para casa de carro, como faço todos os dias, quando de repente um carro que parecia comum acendeu o farol e ligou a sirene. Parei na hora. Era aquele investigador nojento que estava me pondo louco." "Ring." Eu latejava de raiva.

Pleasants fez que sim. "Ele disse que estava me seguindo por mais de um quilômetro e que eu não obedecia aos sinais de parar. Se quer saber, isso é uma tremenda mentira." Seus olhos brilhavam. "Ele tinha me deixado tão nervoso que seria impossível eu não perceber que estava atrás de mim." "Ele disse alguma coisa quando parou você?", perguntei.

"Sim, senhora. Disse que meus problemas estavam só começando. Foram essas suas palavras exatas." "Por que você pediu para me ver?" Eu já imaginava, mas queria ouvi-lo contar.

"Estou metido na maior encrenca, doutora Scarpetta." Ele chorou de novo. "Minha mãe é idosa, não tem ninguém para cuidar dela, só

eu. As pessoas acham que eu sou um assassino! Nunca matei ninguém na vida! Nem um passarinho! O pessoal no serviço não chega mais nem perto de mim." "Sua mãe está de cama?", perguntei.

"Não, senhora. Mas tem quase setenta anos e enfisema. De tanto fumar." Ele deu outra tragada. "Não pode mais dirigir." "Quem está cuidando dela, no momento?" Ele balançou a cabeça e enxugou os olhos. Cruzara as pernas, e um dos pés mexia tanto que parecia querer decolar.

"Não tem ninguém para levar comida para sua mãe?", insisti.

"Só eu." As palavras saíram entrecortadas.

Olhei para o lado novamente, desta vez procurando material para escrever. Encontrei um lápis de cera roxo e um pedaço de papel toalha pardo.

"Diga seu endereço e telefone", pedi. "Prometo que alguém passará lá para ver se ela está bem." Ele ficou profundamente aliviado ao me dar a informação, que anotei no papel.

"Liguei para a senhora porque não tinha a quem recorrer", ele começou a falar novamente. "Não pode fazer nada para me tirar daqui?" "Sabe que estabeleceram para você uma fiança de cinco mil dólares?" "Isso mesmo! Dez vezes mais do que costumam fixar para casos como o meu, de acordo com o sujeito que está na minha cela. Não tenho dinheiro, nem onde conseguir essa quantia. Quer dizer que terei de continuar aqui até a audiência, que pode demorar semanas. Meses." As lágrimas escorreram por seu rosto outra vez. O rapaz estava aterrorizado.

"Keith, você usa a internet?", perguntei.

"O quê?" "Computador." "Uso no depósito de lixo. Lembra-se de que eu falei sobre o sistema de satélite?" "Então você usa a internet." Ele não parecia entender o que eu estava dizendo.

"E-mail", tentei novamente.

"Usamos GPS." Parecia confuso. "E sabe aquele caminhão que levou o corpo? Agora tenho quase certeza de que era de Cole, o lixo

veio de uma obra. Eles recolhem um monte de caçambas nas obras na região Sul de Richmond. Lá seria o lugar perfeito para dispensar uma coisa daquelas, numa caçamba na frente de uma obra. É só parar o carro de noite e jogar lá dentro, ninguém vê nada." "Você contou isso ao investigador Ring?", perguntei.

Seu rosto se encheu de ódio. "Não digo nada a ele. Nunca mais. Ele está fazendo de tudo para botar a culpa em mim." "Por que você acha que ele pretende culpá-lo?"

"Ele precisa prender alguém pelo crime. Quer ser herói." De repente, ele se mostrou evasivo. "Disse que ninguém sabe trabalhar direito." Ele hesitou. "Inclusive a senhora." "E o que mais ele andou dizendo?" Senti que esfriava, tornava-me uma pedra de gelo, como sempre ocorria quando passava da raiva para a fúria arrasadora.

"Bem, quando mostrei a casa a ele, falou muito. Gosta de falar um bocado." Ele pegou a ponta do cigarro e a colocou desajeitadamente na beira da mesa, para que apagasse antes de jogá-la na xícara de isopor. Ajudei-o a acender outro.

"Ele me disse que você tinha uma sobrinha", Pleasants prosseguiu, "que era uma gracinha, mas não tinha nada a ver com o FBI, assim como você não devia ser chefe do Departamento de Medicina Legal. Por causa daquilo. Sabe." "Não sei. Prossiga", falei em tom contido.

"Porque ela não gosta de homem. Acho que ele pensa o mesmo da senhora também." "Isso é interessante." "Ele deu risada, disse que sabia por experiência própria que nenhuma de vocês gostava de homens porque deu em cima das duas. E disse que era só eu esperar para ver o que acontecia com pervertidos. E que a mesma coisa ia acontecer comigo." "Espere um pouco", interrompi. "Ring o ameaçou por você ser gay, ou por ele achar que você era?" "Minha mãe não sabe." Ele abaixou a cabeça. "Mas muita gente sabe. Vou aos bares, às vezes. Na verdade, eu já conhecia Wingo." Não intimamente, espero, pensei.

"Estou preocupado com minha mãe." Ele começou a chorar de novo. "Ela ficou arrasada por causa do que está acontecendo

comigo, e isso prejudica a saúde dela." "Pode ficar sossegado, vou lá pessoalmente ver se está tudo bem, antes de voltar para casa", falei, tossindo novamente. Uma lágrima escorreu pela face do rapaz, e ele a limpou com as costas da mão algemada.

"Vou fazer uma outra coisa", falei ao ouvir passos pesados na escada. "Vou ver o que posso fazer a seu respeito. Duvido que você tenha assassinado alguém, Keith. Vou dar um jeito na sua fiança e arranjar um bom advogado." Seus lábios se abriram de espanto no momento em que os guardas entravam na sala.

"Vai mesmo?", Pleasants perguntou ao se levantar, quase cambaleante, com os olhos arregalados fixos em mim.

"Se você me jurar que disse a verdade." "Mas eu disse mesmo. Juro." "Claro, claro", um guarda interferiu. "Você e todos os outros." "Vamos ter de esperar até amanhã", falei a Pleasants. "Infelizmente, o juiz já foi para casa." "Vamos. Descendo." O guarda o segurou pelo braço.

Pleasants disse mais uma coisa, antes de partir. "Minha mãe gosta de leite com achocolatado líquido Hershey. Não consegue segurar mais nada no estômago, atualmente." E se foi. Desci em seguida, passando pelo xadrez feminino novamente. As presas mantiveram-se em silêncio hostil, como se eu não tivesse mais graça. Passou por minha cabeça que alguém devia ter contado quem eu era. Viraram de costas e alguém cuspiu.

13

O delegado Rob Roy era uma lenda viva na comarca de Sussex e vencia as eleições todos os anos. Estivera no necrotério várias vezes, e eu o considerava um dos melhores policiais que conhecia. Encontrei-o no Virgínia Dinner às seis e meia, sentado na mesa onde o pessoal da cidade se reunia.

O restaurante era uma sala comprida com toalhas em xadrez vermelho e cadeiras brancas. Ele comia um sanduíche de presunto e tomava café preto. O rádio portátil em pé sobre a mesa transmitia as conversas entre os policiais e a central.

"Não posso fazer isso, não, senhor. O que aconteceria? Eles continuariam vendendo crack", dizia a um sujeito encovado e envelhecido de boné John Deere.

"Eles que vendam." "De jeito nenhum." Roy pegou a xícara de café. Era um sujeito esguio, mas enérgico. E calvo. "Você não está falando sério." "Claro que estou." "Posso interromper?", falei, puxando uma cadeira.

A boca de Roy se abriu, e por um instante ele não acreditou em quem via ali, na sua frente. "Puxa vida, que surpresa." Levantando-se, apertou minha mão. "Mas que diacho você está fazendo por aqui?" v "Procurando você." "Se me dão licença." O outro sujeito tocou o chapéu como cumprimento e levantou-se.

"Não me diga que veio aqui a serviço", o delegado disse.

"O que mais poderia ser?" Meus modos o alertaram. "Aconteceu alguma coisa que eu não saiba?" "Você já sabe", falei.

"Então, o que é? Está com fome? Recomendo um sanduíche de galinha", falou quando a garçonete se aproximou.

"Só um chá quente", pedi.

"Você não está com uma aparência muito boa." "Estou péssima." "Deve ser essa gripe que anda pegando todo mundo." "Você não faz nem ideia", falei.

"Em que posso ajudar?" Ele se aproximou de mim, concentrando totalmente a atenção no que eu dizia.

"Estou providenciando o pagamento da fiança de Keith Pleasants", informei. "Bem, isso obviamente não poderá ser feito hoje, só amanhã de manhã, infelizmente. Mas considero muito importante que você saiba, Rob, que ele é um pobre coitado, um sujeito inocente injustamente acusado. Está sendo vítima de uma perseguição por parte do investigador Ring, que deseja aparecer à custa do rapaz." Roy ficou atônito. "Desde quando você defende presos?" "Desde quando eles não são culpados", falei. "E o rapaz não é um assassino, trata-se de um indivíduo comum, como você e eu. Ele não tentou fugir da polícia e provavelmente nem desobedeceu ao limite de velocidade. Ring está mentindo e atormentando o rapaz. Já viu uma fiança tão alta para uma violação das leis de trânsito?" Em silêncio, ele só me ouvia.

"Pleasants cuida da mãe, uma senhora idosa e doente que não tem mais ninguém no mundo. Está a ponto de perder o emprego. Sei que o tio de Ring é secretário de Segurança Pública, e que já foi delegado. Sei como são essas coisas, Rob. Preciso de sua ajuda. Alguém precisa deter Ring." Roy empurrou o prato para o lado, para atender ao chamado do rádio. "Você tem certeza de tudo isso?" "Sim, tenho." "Fala cinco-um", ele disse pelo rádio, ajustando o cinturão com o revólver.

"Alguma novidade a respeito daquele assalto?", uma voz do outro lado perguntou.

"Ainda estamos esperando." Ele desligou e me disse: "Você não tem a menor dúvida de que o rapaz é inocente, de que ele não cometeu o crime?".

Fiz que sim. "Não tenho dúvida nenhuma. O assassino que desmembrou aquela senhora se comunica comigo pela internet. Pleasants nem sabe o que é isso. Temos uma situação muito complexa, não posso explicar os detalhes agora. No entanto, creia em mim, o que está ocorrendo não tem absolutamente nada a ver com o rapaz." "E você tem certeza também quanto a Ring. Eu

preciso de garantias para me meter nessa história." Seus olhos se fixaram nos meus.

"Tenho certeza. Quantas vezes terei de repetir?" Ele jogou o guardanapo sobre a mesa. "Esse tipo de coisa me deixa louco da vida." Afastou a cadeira. "Não gosto quando prendem um sujeito inocente no meu xadrez, nem quando um policial coloca a reputação da polícia em risco." "Conhece Kitchen, o responsável pelo aterro sanitário?", perguntei.

"Claro. Moramos na mesma pensão." Ele pegou a carteira.

"Alguém precisa falar com ele, para evitar que Keith seja despedido. Precisamos resolver isso também", falei.

"Confie em mim, cuidarei disso." Ele deixou o dinheiro sobre a mesa e saiu pisando duro. Permaneci ali o tempo suficiente para terminar o chá, olhando em volta para as prateleiras e balcões com doces, molho inglês e amendoins de diversos tipos. Sentia dor de cabeça e a pele quente quando finalmente encontrei um mercadinho na 460 e parei para comprar leite, achocolatado Hershey, legumes frescos e sopa.

Percorri os corredores e quando vi enchera o carrinho com um pouco de tudo, de papel higiênico a frios sortidos. Saí, peguei meu mapa e o endereço fornecido por Pleasants. Sua mãe não morava muito fora do meu caminho. Quando cheguei, ela dormia.

"Desculpe", falei do alpendre. "Não pretendia incomodá-la." "Quem está aí?" Ela olhou para a escuridão da noite, destrancando a porta.

"Doutora Kay Scarpetta. A senhora não precisa..." "Que tipo de doutora?" A sra. Pleasants era seca e enrugada, o rosto parecia de papel crepom. O cabelo longo esbranquiçado esvoaçava feito gaze. Pensei no aterro sanitário e na senhora idosa assassinada por Deadoc.

"Pode entrar." Ela abriu a porta, mas parecia atemorizada. "Keith está bem? Aconteceu alguma coisa com ele?" "Visitei-o há pouco, ele está bem", tranquilizei-a. "Trouxe algumas compras." Carregava as sacolas comigo.

"Aquele menino." Ela balançou a cabeça, convidando-me a entrar na casa minúscula e bem cuidada. "O que você faz? Sabe, ele é a única pessoa que tenho neste mundo. Quando nasceu, falei, Keith, é só você." Ela estava apavorada e preocupada, mas não queria mostrar isso.

"A senhora sabe onde ele está?", perguntei, com tato.

Entramos na cozinha, equipada com geladeira antiga, pesadona, e fogão a gás. Ela não respondeu. Começou a guardar as compras, atrapalhando-se com as latas, deixando cair no chão as cenouras e o salsão.

"Deixe-me ajudá-la", tentei.

"Ele não fez nada de errado." Ela começou a chorar. "Sei que não fez. Aquele policial não o deixava em paz, vinha sempre aqui, batia na porta com força." Ela parou no meio da cozinha, limpando o rosto com as mãos.

"Keith disse que a senhora gosta de achocolatado, vou preparar um pouco. Do jeito que o médico falou." Peguei um copo e uma colher no corredor de louça.

"Ele voltará para casa amanhã", assegurei. "E nunca mais vocês ouvirão falar no investigador Ring." Ela me olhou como se eu fosse um milagre.

"Só queria ter certeza de que não lhe faltaria nada até seu filho retornar", falei, entregando-lhe o copo de leite com achocolatado.

"Eu queria saber quem é a senhora", finalmente disse. "Tudo isso é muito bom. Não poderia ser melhor." Ela bebeu o leite sem pressa.

Expliquei rapidamente como conhecera Keith e qual era minha profissão, mas ela não entendeu. Concluiu que fui boa para seu filho e que dava atestados médicos. No caminho de volta para casa, pus o som bem alto para permanecer acordada enquanto enfrentava a escuridão noturna nos longos trechos onde a única luz vinha das estrelas. Peguei o telefone.

A mãe de Wingo atendeu e disse que ele estava doente. Mas chamou-o para atender o telefone.

"Wingo, estou preocupada com você", falei.

"Estou me sentindo mal", ele disse, e parecia mesmo péssimo. "Mas acho que não adianta fazer nada contra a gripe." "Você sofre de imunossupressão. Falei com o doutor Riley e ele disse que sua contagem de células cd4 não era boa." Precisava fazer com que ele enfrentasse a realidade.

"Descreva os sintomas para mim." "Minha cabeça dói, o pescoço e as costas estão me matando. Da última vez que medi a temperatura chegava a quarenta graus. Sinto sede direto."

Suas palavras fizeram disparar alarmes em minha mente, pois os sintomas combinavam com os estágios iniciais da varíola. Mas se ele havia sido contaminado quando esteve exposto ao torso, era surpreendente que não tivesse ficado doente antes, levando-se em conta sua condição.

"Você não tocou nos sprays que chegaram ao departamento, não é?" "Que sprays?" "Os sprays faciais Vita." Ele não entendeu direito, e eu me lembrei de que ele passara a maior parte do dia fora do departamento. Expliquei o que ocorrera.

"Meu Deus do céu", ele disse de repente, e o pavor tomou conta de nós dois. "Recebi um pelo correio. Minha mãe colocou em cima da mesa da cozinha." "Quando?", perguntei, alarmada.

"Não sei. Faz uns dias. Quando foi? Não sei. Nunca tinha visto uma ideia tão boa. Imagine, um negócio para refrescar o rosto da gente." Com aquele frasco somei doze amostras enviadas a meu departamento, e doze fora uma das mensagens de Deadoc para mim. Era o número de funcionários fixos na sede, se eu fosse incluída na lista. Como ele poderia saber o tamanho de minha equipe, e até seus nomes e endereços, se fosse alguém anônimo e distante? Fiz a pergunta seguinte com muito receio, pois sabia a resposta. "Wingo, você usou o spray?" "Pus um pouco. Só para ver como era." Sua voz trêmula transmitia todo o pavor que sentia. Wingo tossia sem parar. "Quando estava lá. Pus um pouquinho, só para sentir o cheiro. Tinha perfume de rosa." "Alguém mais em sua

casa o usou?" "Não sei." "Ninguém pode chegar nem perto daquele spray, entendeu bem?" "Sim." Ele soluçava.

"Vou mandar alguém até sua casa para recolher a amostra e cuidar de você e de sua família, está bem?" Ele chorava demais para responder.

Quando cheguei em casa já passava um pouco da meia-noite. Estava tão abalada e doente que não sabia o que fazer primeiro. Liguei para Marino, Wesley e Fujitsubo. Contei a eles o que ocorrera. Wingo e sua família precisavam de uma equipe médica com urgência. Eles também tinham más notícias. A menina doente de Tangier também falecera, e agora um pescador contraíra a moléstia. Deprimida, eu me sentia pior do que nunca ao abrir a caixa de correio para checar os e-mails. Encontrei uma mensagem de Deadoc, nas letras minúsculas malvadas. Fora enviada enquanto Keith Pleasants estava preso.

espelho espelho meu onde estiveste "Filho da mãe", gritei para a tela.

Aquele dia fora demais. Tudo passara da conta, eu sentia dores e tonturas. Estava esgotada. Não deveria ter entrado naquela sala de bate-papo, onde esperei por ele como se lá fosse o O. K. Corral. Deveria ter deixado para outra hora. Mas anunciei minha presença e tentei relaxar enquanto esperava o monstro aparecer. Ele chegou.

SCARPETTA: O que você quer?

Deadoc: tá bravinha hoje

SCARPETTA: EstOU, SÍm.

Deadoc: para que se preocupar com pescadores ignorantes e suas famílias ignorantes e a gente inepta que trabalha para você

SCARPETTA: Agora chega. Diga o que deseja para parar com tudo isso.

Deadoc: tarde demais o estrago já está feito foi feito muito antes disso

SCARPETTA: Foi feito a você?

Mas ele não respondeu. Surpreendentemente, não abandonou o chat, mas não respondeu mais a minhas perguntas. Pensei no grupo Dezenove, rezando para que estivessem acompanhando a conversa e rastreando o sujeito de tronco em tronco, em busca de seu esconderijo. Meia hora se passou. Finalmente saí da sala e meu telefone tocou.

"Você é um gênio!" Lucy estava tão excitada que gritava, machucando meu ouvido. "Como conseguiu mantê-lo na sala tanto tempo, caramba?"

"O que quer dizer?", perguntei, surpresa.

"Onze minutos, até agora. O máximo."

"Só dialoguei com ele por uns dois minutos." Tentei enxugar a testa com as costas da mão. "Não sei do que você está falando."

Mas ela nem me ouviu. "Conseguimos localizar o filho da mãe!" Estava excitada. "Um camping em Maryland. Os agentes de Salisbury já estão a caminho. Janet e eu vamos pegar um avião para lá." Antes que eu levantasse da cama no dia seguinte a Organização Mundial de Saúde divulgou o segundo alerta internacional a respeito do spray facial aromático Vita. A OMS garantiu às pessoas que o vírus seria eliminado, que estavam trabalhando vinte e quatro horas por dia e que em breve teriam a vacina. Mas o pânico se disseminou, apesar de tudo.

O vírus recebeu na imprensa o apelido de Mutantpox, saiu na capa da Newsweek e da Time. O Senado formou um subcomitê e a Casa Branca estudava medidas de emergência. A distribuição do Vita era feita a partir de Nova York, mas o fabricante era francês. A preocupação mais óbvia era Deadoc tornar realidade sua ameaça. Embora ainda não houvesse registro de casos na França, cresceu a tensão nas relações econômicas e diplomáticas com esse país. Afinal, uma empresa de grande porte foi obrigada a suspender a produção e os dois países acusavam um ao outro de ser a origem da sabotagem.

Alguns moradores tentaram fugir de Tangier em seus barcos de pesca. A Guarda Costeira convocou reforços de bases distantes ao

sul, até a Flórida. Eu desconhecia os detalhes, mas pelo que tinha ouvido falar ocorrera um impasse no estreito de Tangier. Barcos de pesca e das forças armadas estavam ancorados frente a frente, sem se mover, enquanto os ventos do inverno rugiam.

Nesse meio tempo, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças enviara uma equipe de médicos e enfermeiras para isolar a casa de Wingo e a notícia vazou. Os jornais deram manchetes enormes e as pessoas começaram a evacuar uma cidade que seria difícil, talvez impossível de pôr em quarentena. Eu me sentia tensa e tonta como jamais me sentira na vida, tomando chá quente de roupão de banho naquela manhã de sexta-feira.

A febre aumentara, chegando a trinta e nove. Robitussin dm não servia para nada, exceto para me fazer vomitar. Os músculos da nuca e das costas doíam como se eu tivesse jogado futebol americano contra um time que usava cassetete. Mesmo assim, eu não podia ir para a cama. Contatei um fiador profissional e recebi a má notícia de que o único jeito de tirar Keith Pleasants da cadeira era eu pegar o carro, ir até o centro e pagar pessoalmente. Peguei o carro e fui, sendo obrigada a voltar dez minutos depois de sair, pois havia esquecido o talão de cheque.

"Meu Deus, me ajude", murmurei ao partir novamente.

Os pneus cantavam nas curvas pois eu dirigia em velocidade máxima, derrapando nas esquinas de Windsor Farms. Tentava imaginar o que ocorrera em Maryland durante a noite, preocupava-me com a segurança de Lucy, para quem toda missão era uma aventura. Ela queria atirar e perseguir bandidos a pé, pilotar helicópteros e aviões. Eu temia que seu espírito aventureiro fosse castrado no auge, pois conhecia bem a vida e sabia que com sua atitude ela ia acabar se metendo em encrenca. Esperava que Deadoc tivesse sido capturado, mas sabia que teriam me avisado, se isso acontecesse.

Eu nunca precisara de um fiador profissional na vida, e o que me indicaram, Vince Peeler, trabalhava numa sapataria de Broad Street, no meio de lojas abandonadas em cujas vitrines só havia pichações

e pó. Era um sujeito baixo, débil, que usava brilhantina no cabelo preto e avental de couro. Sentado atrás de uma máquina Singer industrial, costurava a sola de um sapato. Quando fechei a porta ele me lançou o olhar penetrante de quem está acostumado a farejar encrenca.

"Você é a doutora Scarpetta?", perguntou, sem parar de costurar.

"Isso mesmo." Tirei o talão de cheque e a caneta, sem sentir a menor simpatia pelo sujeito, ao pensar em quantos elementos violentos ele ajudara a tirar da cadeia.

"Vai custar quinhentos e trinta dólares", ele disse. "Se quiser pagar com cartão de crédito, adicional de três por cento." Ele levantou e aproximou-se do balcão velho cheio de sapatos e latas de graxa. Eu sentia que ele me examinava da cabeça aos pés.

"Gozado, pensei que você fosse muito mais velha", comentou. "Sabe, a gente lê sobre as pessoas no jornal e muitas vezes guarda uma impressão totalmente errada." "Ele sai ainda hoje." Era uma ordem. Entreguei-lhe o cheque.

"Mas é claro." Seus olhos baixaram para consultar o relógio.

"A que horas?"

"A que horas?", ele repetiu, retoricamente.

"Isso mesmo. A que horas ele será libertado?" Ele estalou os dedos. "Num piscar de olhos." "Ótimo." Assoei o nariz. "Vou checar para ver se ele sai mesmo num piscar de olhos. "E se ele não sair? Adivinha só? Sou advogada também e estou de mau humor. Péssimo, aliás. E você vai se ver comigo, entendeu?" Ele tentou sorrir e engoliu em seco.

"Advogada? De que tipo?", ele perguntou.

"Do tipo que você não gosta", falei ao abrir a porta para sair.

Cheguei ao departamento uns quinze minutos depois. O pager vibrou e o telefone tocou quando sentei em minha sala. Rose surgiu de repente e parecia anormalmente tensa.

"Todo mundo está procurando você", falou.

"Como de hábito", respondi, franzindo o cenho ao ver o número no pager. "Afinal, quem é esse?" "Marino está a caminho", explicou. "Vão mandar um helicóptero para o heliponto da mcv. O pessoal do USAMRIID já decolou, vem para cá também. Avisaram o Departamento de Medicina Legal de Baltimore que uma equipe especial vai cuidar do caso. A autópsia do corpo será feita em Frederick." Ergui os olhos e senti o sangue gelar nas veias. "Corpo?" "Pelo que sei o FBI rastreou uma ligação num camping." "Sei disso." Perdi a paciência. "Em Maryland." "Eles acham que localizaram a base de operações do assassino. Não me passaram detalhes. Mas pelo jeito é uma espécie de laboratório. Encontraram um cadáver dentro do trailer." Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. "Cadáver de quem?" "Eles acreditam que seja do assassino. Possível suicídio. Tiro." Ela olhou por cima das lentes dos óculos, balançando a cabeça. "Você devia estar em casa, na cama, tomando uma canja." Marino me pegou na frente do prédio. O vento fustigava o centro da cidade, agitando as bandeiras no alto dos edifícios. Percebi instantaneamente que estava furioso quando saiu antes que eu terminasse de fechar a porta. Ele não abriu a boca.

"Obrigada", falei, desembulhando uma pastilha para a garganta.

"Você continua doente." Ele entrou na Franklin Street.

"Com certeza. Obrigada pela preocupação com minha saúde." "Não sei por que estou fazendo isso", ele disse. Estava à paisana. "A última coisa que eu queria no mundo era me aproximar de um laboratório onde alguém andou fazendo vírus." "Você terá proteção especial", retruquei.

"Já deveria ter desde agora, estando aqui do seu lado." "Estou com gripe e passei da fase de transmissão. Confie em mim. Conheço essas coisas. E não fique bravo comigo, porque eu não estou disposta a aguentar." "Tomara que você só esteja mesmo com gripe." "Se eu tivesse outra doença pior, a febre seria mais alta. E surgiriam erupções." "Sei. Mas se já está doente, isso não aumenta sua chance de pegar outra coisa? Eu não sei por que você inventou de fazer esta viagem. Eu não queria ir, porra. E não gosto de ser obrigado a fazer nada." "Então me deixe descer e vá embora", falei.

"Não quero saber de gente choramingando do meu lado agora. O mundo está desabando." "Como vai Wingo?", ele perguntou, em tom conciliatório.

"Se você quer mesmo saber, estou muito preocupada com ele." Seguimos até a faculdade de medicina, a mcv, passando pela cerca que protegia o heliponto onde os pacientes e órgãos chegavam quando eram levados de helicóptero até o hospital da faculdade. O do USAMRIID ainda não pousara, mas em instantes escutamos o ronco forte do Blackhawk e as pessoas nos carros e calçadas pararam e ergueram os olhos. Alguns motoristas estacionaram para ver a máquina magnífica escurecer o céu e aterrissar, espalhando grama e poeira para todos os lados. A porta se abriu, Marino e eu subimos a bordo. Alguns lugares já estavam ocupados por cientistas do USAMRIID. Estávamos rodeados de equipamentos de resgate e outro isolador portátil, que desinflado parecia um acordeão. Entregaram-me um capacete com microfone, que coloquei na cabeça antes de me sentar e prender o cinto de segurança de cinco pontos. Ajudei Marino a colocar o capacete e ele se encarapitou num assento escamoteável projetado para pessoas bem menores do que ele.

"Ainda bem que os repórteres não ficaram sabendo de nada disso", alguém disse quando a pesada porta foi fechada.

Liguei o plugue do microfone no orifício do teto. "Logo descobrirão. Se é que já não sabem." Deadoc gostava de atenção. Eu não acreditava que ele deixaria esse mundo discretamente, ou sem um pedido de desculpas do presidente. Nada disso, havia alguma surpresa reservada para nós, e eu nem queria imaginar o que poderia ser. A viagem até Janes Island State Park levou menos de uma hora, mas tivemos complicações ao chegar, pois o camping situava-se no meio de um denso pinheiral. Não havia onde pousar.

Os pilotos nos deixaram na estação da Guarda Costeira em Crisfield, numa marina chamada Somer's Cove, onde veleiros e lanchas cobertos para enfrentar o inverno balançavam na água agitada do rio Little Annemessex. Entramos no pequeno posto feito

de tijolo e vestimos os trajes de proteção e os coletes salva-vidas, enquanto o chefe Martinez dava as instruções.

"Temos diversos problemas simultâneos", dizia enquanto andava de um lado para outro na sala de comunicação onde nos reuníamos. "Para começar, o pessoal de Tangier tem muitos parentes por aqui, e precisamos montar barreiras com guardas armados nas saídas da cidade, pois agora o cdc tem medo de que o pessoal de Crisfield fuja." "Ninguém ficou doente aqui", Marino disse, tentando calçar a galocha por cima do sapato.

"Não, mas ando preocupado desde o início dessa história. Alguém pode ter driblado a vigilância, saído de Tangier e vindo para cá. Tenham em mente que não dá para esperar muita cooperação dos locais." "Quem está no tal camping?", alguém perguntou.

"No momento, os agentes do FBI que localizaram o corpo." "E os outros campistas?", Marino perguntou.

"Vou passar um resumo do que me foi dito", Martinez falou. "Quando os agentes chegaram havia meia dúzia de trailers e só um tinha linha telefônica. Era o trailer dezesseis, e eles bateram na porta. Ninguém atendeu. Olharam pela janela e viram o cadáver estendido no chão." "Os agentes entraram no trailer?", perguntei.

"Não. Deduziram que poderia ser o criminoso, temeram a possibilidade de contaminação e resolveram não entrar. Mas um dos guardas já tinha ido lá dentro, infelizmente." "Por quê?", perguntei.

"Você conhece o ditado, a curiosidade matou o gato. Pelo jeito um dos federais foi até o campo de pouso onde vocês desceram para encontrar mais dois agentes. Ou algo assim. Nesse meio tempo, quando ninguém estava olhando, o guarda entrou e saiu feito um louco. Disse que havia um monstro lá dentro, parecia coisa do Stephen King. Não sei de mais nada." Ele deu de ombros e ergueu os olhos para o céu.

Olhei para a equipe do USAMRIID.

"Vamos levar o guarda conosco", disse um rapaz cuja insígnia o identificava como capitão. "Meu nome é Clark e esta é minha equipe", disse para mim. "Eles tomarão conta do guarda, o

colocarão em quarentena e o vigiarão." "Trailer dezesseis", Marino disse. "Sabemos quem o alugou?" "Ainda não conseguimos os detalhes", Martinez disse. "Todo mundo já se vestiu?" Ele olhou em volta e disse que era hora de seguir em frente.

A Guarda Costeira nos levou em duas baleeiras tipo Boston, pois navegaríamos por águas rasas demais para uma lancha ou um barco-patrolha. Martinez pilotava a minha, de pé, calmo, como se correr a sessenta quilômetros por hora em águas revoltas fosse o ato mais normal do mundo. Sinceramente, eu pensei que ia ser jogada para fora do barco a qualquer momento, mesmo sentada na lateral e firmemente agarrada à amurada. Era o mesmo que montar um touro mecânico, o vento batia com tanta força no nariz e na boca que eu mal conseguia respirar.

Marino, à minha frente no barco, dava a impressão de quem ia enjoar. Tentei dizer algo para confortá-lo, mas ele me olhava sem ver, segurando-se com toda a força. Reduzimos a velocidade finalmente numa angra chamada Fiat Cat, coberta por amentilho e gramíneas, onde havia placas de proibido fazer marola nas proximidades do parque. Só vi um imenso pinheiral. Conforme nos aproximamos, distingui trilhas e banheiros, um posto de guarda e apenas um trailer estacionado. Martinez nos levou até o atracadouro e um dos tripulantes prendeu o barco no pilar antes de desligar o motor.

"Vou vomitar", Marino disse no meu ouvido, quando desembarcamos desajeitadamente.

"Vai nada." Segurei-o pelo braço.

"Recuso-me a entrar naquele trailer." Olhei em torno e depois para seu rosto lívido.

"Nem precisa", falei. "Isso é serviço meu. Mas precisamos localizar o guarda primeiro." Marino ficou esperando o segundo barco atracar e eu olhei para o trailer a partir do qual Deadoc agia. Velho, sem o veículo que o conduzira até lá, estava estacionado o mais longe possível do posto de guarda, à sombra dos pinheiros. Quando nos reunimos todos em terra firme, a equipe do USAMRIID

entregou os trajes alaranjados já familiares, filtros de ar e baterias extras para quatro horas.

"Vamos fazer o seguinte", explicou Clark, líder da equipe do USAMRIID. "Vestir os trajes e tirar o corpo de lá." "Gostaria de entrar primeiro", falei. "Sozinha." "Positivo." Ele balançou a cabeça. "Assim saberemos se há algum perigo de contaminação lá dentro. Espero que não. Removemos o corpo e o trailer será rebocado daqui." "Contém provas", falei, olhando para ele. "Não se pode simplesmente rebocá-lo." Percebi em que ele estava pensando quando olhou para mim. O assassino estava morto, o caso encerrado. O trailer representava risco de contaminação e precisava ser incinerado.

"Não", insisti. "Não podemos dar o caso por encerrado assim, precipitadamente. Não dá." Ele hesitou, suspirando de frustração ao olhar para o trailer.

"Entrarei lá", falei. "Depois discutiremos como proceder." "Concordo." Ele ergueu a voz novamente. "Pessoal? Vamos indo. Mas ninguém entra lá antes de a doutora liberar o local, entendido?" Eles nos seguiram pelo bosque, com o equipamento de isolamento portátil, um caixão macabro que não parecia deste mundo. Os espinhos estalavam sob meus pés, como palha de trigo, e o ar estava límpido e fresco nas proximidades do trailer. Era um trailer de viagem Dutchman, com cerca de seis metros de comprimento, com toldo retrátil com listras cor de laranja.

"Velho. Uns oito anos, calculo", Marino disse, pois conhecia bem essas coisas.

"Uma picape", ele disse. "Até uma perua poderia rebocá-lo. Não exige um motor muito potente. O que devemos fazer? Vestir isso por cima do resto?" "Sim", respondi, fechando o zíper. "O que eu gostaria de saber é o que aconteceu com o veículo que trouxe o trailer para cá." "Boa pergunta", ele disse, bufando enquanto vestia seu traje. "E cadê a placa do veículo?" Acionei o filtro de ar no momento em que um jovem surgiu no meio das árvores usando farda verde e chapéu cinzento. Pareceu confuso ao ver aquelas

peessoas usando trajes alaranjados com capuz, e percebi seu medo. Ele não se aproximou muito, apresentando-se como guarda do turno da noite.

Marino foi o primeiro a falar com ele. "Você conhecia a pessoa que morava lá?" "Não", o guarda-florestal respondeu.

"E o pessoal dos outros turnos?" "Ninguém se lembra de ter visto alguém. Só luzes acesas à noite, de vez em quando. É difícil dizer. Como você pode perceber, ele está bem longe do nosso posto. A pessoa pode ir até o banheiro ou outro lugar sem ser vista." "Não há outros trailers aqui?", perguntei através do filtro de ar do capuz.

"No momento, não. Havia uns três ou quatro quando encontrei o corpo, mas mandei todo mundo embora porque poderia ser alguma doença contagiosa." "Você conversou com eles primeiro?", Marino perguntou, e percebi sua irritação com o jovem guarda que afugentara nossas testemunhas.

"Ninguém sabia de nada, só uma pessoa pensava ter visto o sujeito." Ele apontou para o trailer. "Anteontem à noite. No banheiro. Um cara grandão de cabelo escuro e barba." "Tomando banho?", perguntei.

"Não, senhora." Ele hesitou. "Urinando."

"O trailer não possui banheiro?"

"Não sei dizer." Ele hesitou novamente. "Para ser sincero, não fiquei lá dentro. Na hora em que vi aquilo. Nem sei o que era, mas saí depressa." "E você não viu quem rebocou o trailer para cá?", Marino perguntou.

O guarda se mostrou muito constrangido. "Nesta época do ano as coisas ficam meio paradas por aqui. E é muito escuro. Eu não tinha nenhum motivo para prestar atenção no veículo que puxava o trailer, e na verdade não me lembro de nada."

"Mas você tem o número da placa." Marino o fuzilava com o olhar, através da parte transparente do capuz.

"Claro que sim." Aliviado, o guarda puxou um pedaço de papel dobrado do bolso. Está tudo anotado aqui. Ele abriu a folha. "Ken A.

Perley, de Norfolk, na Virgínia." Ele entregou o papel a Marino, que comentou, sarcástico: "Beleza. O nome do cretino que perdeu o cartão de crédito. Aposto que o número da placa é frio também. Ele pagou como".

"Ordem de pagamento." "Ele entregou a ordem a alguém, pessoalmente?", Marino indagou.

"Não. Fez reserva pelo correio. Ninguém viu nada, só temos o que consta aí no papel. Como já disse, ninguém o viu." "E o envelope no qual veio o papel?", Marino disse. "Você o guardou? Talvez tenha o carimbo da agência do correio." O guarda-florestal balançou a cabeça. Olhou nervoso para os cientistas em seus trajes estranhos, atentos a cada palavra. Virou-se para o trailer e molhou os lábios.

"Gostaria de saber o que há lá dentro. E o que vai acontecer comigo por ter entrado no trailer." Sua voz tremia e ele parecia a ponto de chorar.

"O local pode estar contaminado com um vírus", expliquei. "Mas não temos certeza. Nosso pessoal vai cuidar de você."

"Eles disseram que iam me trancar numa sala, em confinamento." O olhos arregalados e o tom agudo da voz traíam seu medo. "Quero saber exatamente o que tem lá dentro e o que pode ter me contaminado." "Você vai para o mesmo lugar onde estive na semana passada", falei para acalmá-lo. "Um belo quarto com ótimas enfermeiras. Passar uns dias em observação. Só isso." "Faz de conta que vai sair de férias. Não é nada sério. Não precisa ficar com medo só porque a gente está usando essas roupas", Marino falou, como se a situação não o afetasse em nada.

E prosseguiu falando como se fosse especialista em moléstias infectocontagiosas. Deixei os dois conversando e me aproximei sozinha do trailer. Quando faltavam alguns metros parei por um momento e olhei em torno. Do lado esquerdo estendia-se o bosque, depois o rio onde nossos barcos atracaram. Pela direita, mais árvores, e além delas uma estrada. Dava para ouvir o som dos carros passando. O trailer estava parado em cima da cobertura de

espinhos dos pinheiros, e a primeira coisa que notei foi uma área raspada na plaqueta branca.

Aproximei-me, abaixei-me e passei os dedos enluvados nos sulcos fundos e nos riscos feitos na área onde o Número de Identificação do Veículo deveria estar. Notei que um pedaço de plástico perto do teto fora queimado, como se alguém tivesse usado um maçarico para apagar o outro número. Dei a volta para examinar o outro lado.

A porta estava destrancada, quase entreaberta, pois fora arrombada com uma ferramenta qualquer. Senti que minha tensão crescia. Minha mente clareou e passou a funcionar plenamente, como ocorre quando os indícios apontam para uma história diferente da contada pelas testemunhas. Subi os degraus de metal e entrei. Parei e olhei em torno, para uma cena que poderia parecer normal a outros, mas que para mim confirmava um pesadelo. Aquele era o laboratório de Deadoc.

Em primeiro lugar, o aquecimento estava ligado no máximo, e eu o desliguei, assustada quando uma criatura branca passou por cima do meu pé. Dei um pulo, engasguei e ela correu desnorreada, batendo na parede antes de parar, ofegando e tremendo. O pobre coelho que servia de cobaia tivera seu pelo raspado em vários locais, para ser infectado. As erupções eram horríveis e escuras. Notei a gaiola de aramado, que parecia ter caído de cima da mesa. A portinhola estava aberta.

"Venha cá." Agachei-me e estendi a mão enquanto ele me olhava com seus olhos rosados e suas longas orelhas trêmulas.

Com cuidado, aproximei-me. Não podia permitir que ele saísse dali. Era um portador da doença e poderia contaminar pessoas.

"Venha cá, pobrezinho", falei ao monstro visto pelo guarda. "Não vou machucá-lo, prometo." Com delicadeza peguei o coelho no colo. Seu coração batia com força e ele tremia violentamente. Coloquei-o dentro da gaiola novamente e fui para os fundos do trailer. A porta que dava para a parte de trás era pequena, e o corpo no quartinho ocupava praticamente todo o espaço existente. O homem estava

com o rosto virado para baixo, sobre o carpete áspero amarelo manchado de sangue escuro. O cabelo era preto e encaracolado, e quando o virei percebi que o *rigor mortis* já havia terminado. Ele parecia um lenhador, usava calça e casaco verde-escuros sujos. As mãos eram imensas, as unhas, imundas; a barba e o bigode, desgrenhados.

Despi-o da cintura para cima para conferir o padrão da lividez cadavérica provocada pela ação da gravidade sobre o sangue após a morte. A cor do rosto e do tórax era vermelho-arroxeadado, com áreas mais claras onde o corpo tocava o piso. Não vi sinais de que ele tivesse sido movido após a morte. Levava um tiro no peito a curta distância, provavelmente com a espingarda Remington de cano duplo que estava ao lado da mão esquerda.

A distribuição dos grãos de chumbo era compacta e fizera um buraco grande no centro do peito, irregular nas bordas. O material plástico do cartucho grudara na pele e nas roupas, o que também descartava um tiro com o cano encostado no corpo. Medi seu braço e a arma, concluindo que seria impossível ele ter alcançado o gatilho. Não encontrei sinais de que houvesse preparado algum modo de fazer isso. Chequei os bolsos, não encontrei carteira nem documento, só uma faca com cabo de osso. A lâmina estava dentada e torta.

Não perdi mais tempo com ele; saí e percebi que a equipe do USAMRIID estava inquieta, como pessoas esperando para ir a algum lugar com medo de perder o avião. Olharam para mim enquanto eu descia os degraus, e Marino recuou. Estava quase no meio das árvores, com os braços alaranjados cruzados e o guarda a seu lado.

"Temos aqui uma cena de crime completamente contaminada", anunciei. "Um morto, branco, sexo masculino, identidade ignorada. Preciso de alguém para me ajudar a remover o cadáver. Ele precisa ficar no isolamento." Olhei para o capitão.

"Volta conosco", ele disse.

Concordei com um aceno. "Vocês podem fazer a autópsia e pedir a alguém do Departamento de Medicina Legal de Baltimore que a

testemunhe. O trailer é um problema sério. Precisa ir a um lugar onde se possa trabalhar nele em segurança. Será necessário coletar e descontaminar provas. Francamente, tudo isso está fora do meu alcance. Se não tiverem um local de isolamento capaz de receber algo desse tamanho, o melhor é levar o trailer para Utah." "Para Dugway?", ele perguntou, incrédulo.

"Sim", respondi. "O coronel Fujitsubo pode ajudar a conseguir isso." O Campo de Provas de Dugway era o maior centro de pesquisa e teste de armas químicas e biológicas do exército. Ao contrário do USAMRIID, situado no meio da região mais urbanizada dos Estados Unidos, Dugway tinha a imensidão do deserto de Great Salt Lake para testar lasers, bombas inteligentes, cortinas de fumaça e iluminação especial. No que mais nos dizia respeito, possuía o único galpão de testes dos Estados Unidos capaz de isolar um veículo do tamanho de um tanque de guerra.

O capitão ficou pensativo por um momento, observando o trailer enquanto sua mente formalizava um plano.

"Frank, pegue o telefone e cuide da logística imediatamente", ordenou a um dos cientistas. "O coronel precisará de ajuda da Força Aérea para o transporte, peça que mandem uma aeronave para cá depressa, não quero ver essa coisa aqui o resto da noite. E vamos precisar de um caminhão e uma picape com carroceria aberta." "Deve ser fácil arranjar um aqui, eles transportam frutos do mar direto", Marino disse. "Vou dar um jeito." "Ótimo", o capitão prosseguiu. "Alguém arranje três sacos e um isolador." E virou-se para mim: "Acho que você precisa de ajuda".

"Com certeza", falei, e nós dois seguimos em direção ao trailer.

Abri a porta de alumínio entortada e ele me seguiu até o interior do veículo. Não nos detivemos na parte traseira, mas pude perceber pelo olhar de Clark que ele jamais vira algo do gênero. Pelo menos, com o capuz e o filtro de ar, evitava o fedor de carne humana em decomposição. Ajoelhou-se numa ponta e eu na outra, para erguermos o corpo pesado naquele espaço diminuto e lotado.

"Faz calor aqui dentro ou é impressão minha?", ele disse em voz alta, tentando lidar com os membros escorregadios.

"Alguém ligou o aquecimento no máximo." Eu já sentia falta de ar. "Para apressar a contaminação virai e a decomposição. Um modo popular de estragar a cena do crime. Muito bem. Vamos fechar o saco. Ele mal cabe lá dentro, mas daremos um jeito." Começamos a trabalhar para colocá-lo no segundo saco com as mãos e trajés sujos de sangue. Levamos quase meia hora para colocar o corpo dentro do isolador, e meus músculos tremiam quando o carregamos para fora. Meu coração batia forte e eu suava muito. Lá fora tomamos uma ducha forte de desinfetante químico enquanto o isolador era transportado de caminhão para Crisfield. Em seguida, a equipe começou a preparar o trailer.

Tudo, menos as rodas, seria embrulhado com uma capa de vinil azul grossa dotada de uma camada de filtro hepa. Tirei o traje com profundo alívio e segui para o posto de guarda tépido e bem iluminado, onde lavei as mãos e o rosto. Meus nervos estavam abalados, eu daria qualquer coisa para deitar e dormir depois de tomar uma dose de NyQuil.

"Mas que rolo", Marino disse ao entrar junto com uma lufada de ar frio.

"Por favor, feche a porta", falei, tremendo.

"O que há com você?", ele disse, do outro lado da sala.

"Estou péssima." "Não acredito que você tenha vindo para cá doente. Acho que perdeu o juízo de vez." "Obrigada pelas palavras reconfortantes", retruquei.

"Ora, eu também não estou aqui a passeio, exatamente. Metido no meio do mato, interrogando um monte de gente, sem viatura." Ele parecia desamparado.

"E o que pretende fazer?" "Vou dar um jeito. Ouvi dizer que Lucy e Janet estão na região e têm carro." "Onde?" Levantei-me.

"Não se anime. Elas estão procurando testemunhas, como eu. Minha nossa, preciso fumar. Passei o dia inteiro sem um cigarro."

"Aqui dentro, não." Apontei para o aviso.

"Todo mundo está morrendo de varíola e você fica enchendo o saco por causa de um cigarro." Peguei três comprimidos de Motrin e os engoli sem água.

"Então, o que os astronautas farão agora?", ele quis saber.

"Alguns permanecerão no local, procurando pessoas que possam ter sido expostas ao vírus, aqui no camping ou em Tangier. Farão turnos com outros membros do grupo. Creio que você manterá contato com eles também, caso encontre alguém que tenha sido exposto à contaminação." "O quê? Você acha que eu vou passar a semana inteira andando por aí com essa roupa cor de laranja?" Ele se espreguiçou e mexeu o pescoço. "Cara, isso não é o fim da picada? É quente para danar, menos no capuz." Ele no fundo se sentia orgulhoso por ter usado o traje.

"Você não precisará usar um traje desses", falei.

"E o que acontecerá se eu interrogar alguém que foi exposto?" "Não beije." "Não acho graça nenhuma." Ele me encarou, bravo.

"Ninguém acha." "E o cara morto? Eles vão cremá-lo sem nem saber quem é?" "Farão a autópsia amanhã de manhã", falei. "Creio que guardarão o corpo enquanto for viável." "Essa história toda é muito maluca." Marino esfregou o rosto com as mãos. "E você viu um computador lá dentro." "Sim, um laptop. Mas nada de impressora ou scanner. Suspeito que este seja o esconderijo de alguém. A impressora e o scanner estão na casa dele." "E o telefone?" Refleti por um minuto. "Não me lembro de ter visto um." "Bem, a linha telefônica vai do trailer até a caixa de passagem. Vamos ver o que dá para descobrir a respeito. Em nome de quem está a conta, por exemplo. E preciso avisar a Wesley o que está acontecendo."

"Se a linha telefônica foi usada para entrar na AOL", Lucy disse ao entrar e fechar a porta, "então não haverá conta telefônica. A única conta será da AOL, o que nos levará de volta a Perley, o sujeito cujo número do cartão de crédito foi usado." De jeans e blusão de couro, ela parecia eficiente mas desarrumada. Sentada a

meu lado, examinava o branco dos meus olhos e sentia minhas glândulas do pescoço.

"Ponha a língua para fora", disse, a sério.

"Chega!" Empurrei-a, tossindo e rindo ao mesmo tempo.

"Como você está se sentindo?" "Melhor. Cadê a Janet?", falei.

"Está lá fora. Interrogando alguém. Que tipo de computador há lá dentro?" "Não tive tempo de reparar", respondi. "Não notei os detalhes." "Estava ligado?" "Não sei. Não verifiquei." "Eu preciso entrar lá." "O que você pretende fazer?", perguntei, olhando para ela.

"Acho melhor ir com você." "E eles vão deixar você fazer isso?", Marino perguntou.

"Eles quem?" "Os caras para quem você trabalha", ele respondeu.

"Eles me puseram no caso. Esperam que eu o resolva." Seus olhos não paravam de correr das janelas para a porta. Lucy fora contaminada e sucumbiria, vítima da exposição à atividade policial. Sob a jaqueta de couro ela usava uma pistola Sig Sauer nove milímetros em coldre de couro com pente extra. Provavelmente tinha um soco-inglês no bolso. Ficou tensa quando a porta se abriu e outro guarda entrou, com o cabelo ainda molhado do banho, olhos nervosos e excitados.

"Posso ajudar?", ele perguntou, tirando o casaco.

"Claro", Marino disse, levantando-se da cadeira. "Que carro você tem?"

14

O caminhão aberto aguardava quando chegamos, com o trailer embrulhado em vinil na traseira a brilhar num tom fantasmagórico de azul sob o luar e as estrelas, ainda preso à picape. Estávamos estacionados perto de uma estrada de terra, na beira de uma pista de pouso, quando um avião enorme deu um voo rasante sobre nós, assustando a todos com o ronco que superava o ruído de um jato de passageiros.

"Mas que diacho!", Marino exclamou, abrindo a porta do Jeep do guarda-florestal.

"Creio que é nosso transporte para Utah", Lucy disse da traseira, onde estávamos sentadas.

O guarda arregalara os olhos e espiava através do para-brisa, incrédulo, como se estivesse em êxtase profundo. "Minha nossa. Meus Deus. É uma invasão!" Um hmwv veio primeiro, embrulhado em papelão ondulado, com uma pesada plataforma sob ele. Provocou um ruído de explosão ao pousar no mato seco compactado e ser arrastado um pouco pelo paraquedas impulsionado pelo vento. Depois o náilon esverdeado murchou sobre o veículo militar e outros volumes desceram do céu como flores abertas e caíram com estrondo no chão. Em seguida vieram os paraquedistas, oscilando duas ou três vezes antes de descer habilmente, sem cair no chão, removendo o para-quedas na corrida. Recolheram o náilon enquanto o som do C-17 sumia na noite.

A equipe de combate da Força Aérea de Charleston, na Carolina do Sul, chegara exatamente treze minutos depois da meia-noite. Sentados no Jeep, observamos fascinados os militares verificarem a dureza do solo, pois a aeronave que estava a ponto de aterrissar ali pesava o suficiente para afundar uma pista de pouso normal ou asfaltada. Eles mediram a área, registraram detalhes e passaram a distribuir as dezesseis luzes acr de controle remoto de pouso. Enquanto isso uma mulher em farda camuflada desencapava o

hmmwv, acionava o barulhento motor a diesel e o manobrava para fora da plataforma, pondo-se a caminho. "Preciso arranjar um lugar para ficar por aqui", Marino disse, olhando deslumbrado para o espetáculo.

"Como eles vão descer com um avião militar enorme numa pistinha dessas?"

"Posso explicar o processo em parte", Lucy disse, pois nunca ignorava um aspecto técnico. "O C-17 foi projetado para descer carregado em pistas pequenas e improvisadas como esta. Ou mesmo no leito seco de um lago. Na Coreia, usaram até estradas."

"Logo vi", Marino comentou com o sarcasmo habitual.

"A única outra aeronave capaz de aterrissar num campo pequeno como esse é o C-130", ela prosseguiu. "E o C-17 pode apoiar. Não é o máximo?"

"Nenhum avião de carga consegue uma proeza assim", Marino teimou.

"Bem, esse aí consegue", disse Lucy, como se isso realmente fosse o máximo.

Ele olhou para baixo. "Sinto tanta fome que seria capaz de comer um pneu. E daria meu salário por uma cerveja. Vou abrir essa janela e fumar aqui mesmo." Percebi que o guarda não queria ver ninguém fumando em seu Jeep querido, mas sentia-se intimidado demais para se manifestar.

"Marino, vamos descer um pouco", falei. "O ar fresco vai nos fazer bem." Saímos do Jeep e ele acendeu um Marlboro, sugando a fumaça como se fosse o seio da mãe. Os membros da equipe do USAMRIID responsáveis pelo caminhão com sua carga maldita ainda estavam usando traje de proteção e se mantinham distantes de todos. Reuniram-se na beira da estrada, olhando o trabalho do pessoal da Força Aérea num campo que nos meses mais quentes poderia ser usado para jogos.

Um Plymouth escuro chegou por volta das duas da madrugada e Lucy aproximou-se do carro. Vi que conversava com Janet pela

janela aberta. Depois o automóvel se afastou.

"Já voltei", Lucy disse carinhosamente, tocando meu braço.

"Tudo bem?", perguntei, sabendo que a vida das duas não devia ser nada fácil.

"Por enquanto, tudo sob controle", ela disse.

"Zero Zero Sete, foi bom você ter vindo para nos ajudar hoje", Marino disse a Lucy, fumando como se aquela fosse sua última oportunidade na vida.

"Sabia que é crime federal o desacato a agentes do FBI?", ela disse. "Especialmente minorias de origem italiana." "Tomara que você seja mesmo minoria. Eu não ia querer um bando igual a você por aí." Ele bateu a cinza enquanto ouvíamos o ronco de um avião que se aproximava.

"Janet ficará aqui", Lucy disse a Marino. "Ou seja, vocês dois trabalharão juntos. É proibido fumar dentro do carro. E se você passar uma cantada nela, considere-se um homem morto." "Psiu", falei para os dois.

O ruidoso retorno do jato se deu pelo norte. Ficamos ali parados em silêncio, olhando para o céu, quando as luzes se acenderam repentinamente. Formaram uma linha pontilhada ofuscante, na qual o verde indicava área de aproximação, o branco, a zona segura e, finalmente, o vermelho, o final da pista de pouso. Imaginei como seria assustador se alguém desse o azar de passar ali perto de carro quando o avião estivesse aterrissando. Surgiu uma sombra escura, as luzes do avião piscavam enquanto o ruído se tornava ensurdecedor e as asas visíveis. O trem de pouso fora baixado e uma luz cor de esmeralda saía por ali quando o C-17 veio para cima de nós.

Tive a sensação paralisante de testemunhar uma queda, que a monstruosa máquina acinzentada com a beira das asas vertical e formato rombudo ia se chocar contra o solo. Ela soou como um vendaval ao passar rugindo sobre nossas cabeças, e nós protegemos os ouvidos com as mãos quando as rodas enormes tocaram o chão levantando uma nuvem de mato seco e pó, atirando para todos os

lados pedaços de terra prensados pelas cento e trinta toneladas de aço e alumínio que as rodas gigantes suportavam. Os flaps das asas viraram e a reversão dos motores fez com que o jato zunisse e conseguisse parar no final de uma pista que não daria nem para campo de futebol.

Os pilotos taxiaram e percorreram a pista gramada em nossa direção, de modo a haver pista suficiente para que decolassem novamente. Quando a cauda chegou à beira da estrada de terra o C-17 parou expelindo o ar pelas turbinas diretamente acima de nós. A traseira se abriu como a boca de um tubarão e a rampa metálica desceu, revelando a área de carga completamente desimpedida, iluminada e reluzente de metal polido.

Observamos por algum tempo as atividades do chefe de carga e de sua equipe. Usavam equipamento de proteção para guerra química, com capuzes pretos dotados de visor e luvas negras que os tornavam particularmente assustadores, principalmente à noite. Tiraram rapidamente a picape e o trailer da traseira do caminhão, separaram os dois e o hmwv rebocou o trailer para dentro do C-17.

"Vamos logo", Lucy disse, cutucando meu braço. "Senão vamos perder a carona." Seguimos pela pista até a aeronave, e eu mal podia acreditar na potência e no ruído que envolviam tudo enquanto subíamos pela rampa automática, desviando de buracos e saliências construídos no piso de metal plano, com quilômetros de fiação e material de isolamento acima da cabeça. O avião parecia grande o bastante para carregar vários helicópteros, ambulâncias da Cruz Vermelha e tanques de guerra. Havia pelo menos cinquenta assentos escamoteáveis, mas naquela noite a equipe era pequena, formada apenas pela turma responsável por carregar o avião, paraquedistas e uma primeira-tenente chamada Laurel, que fora encarregada de nós, pelo que entendi.

Era uma moça atraente de cabelo escuro e curto que nos cumprimentou sorrindo como se fosse a comissária de bordo.

"Tenho uma boa notícia, vocês não precisam sentar aqui", ela disse. "Vamos subir e ficar com os pilotos. E, melhor ainda,

trouxemos café." "Que maravilha", comentei em meio ao ruído metálico provocado pela equipe que prendia o trailer e o hmwv no piso com correntes e redes.

Os degraus que saíam da área de carga haviam sido pintados com o nome do avião, no caso apropriadamente apelidado de Heavy Metal. A cabine era imensa, dotada de sistema eletrônico de controle de voo e capacetes iguais aos dos pilotos de caça. Eles pilotavam com joystick em vez de manches, e o painel de instrumentos era de dar medo.

Acomodei-me num assento dobrável, atrás dos dois pilotos de uniforme verde, ocupados demais para nos dar qualquer atenção.

"Temos fones, para poder conversar, mas não falem quando os pilotos estiverem se comunicando", Laurel nos informou. "Não precisam usá-los, mas saibam que o barulho aqui dentro é infernal." Eu estava ocupada prendendo o cinto de cinco pontos, vendo a máscara de oxigênio ao lado de cada lugar.

"Preciso descer, mas virei aqui de vez em quando ver se está tudo bem", a tenente prosseguiu. "A viagem até Utah dura aproximadamente três horas e o pouso não será tão abrupto. Lá há uma pista comprida o suficiente para o ônibus espacial, pelo que dizem. Vocês sabem como o pessoal do exército exagera." Ela desceu enquanto os pilotos conversavam no seu jargão peculiar, cheio de códigos que para mim não faziam o menor sentido. Começamos a nos mover incríveis trinta minutos após o pouso do avião.

"Vamos para a pista agora", disse o piloto. "Carga?" Presumo que se referia ao responsável pela área inferior. "Tudo em segurança?" "Sim, senhor", respondeu a voz em meu fone.

"A listagem da carga confere?" "Sim." "Certo. Vamos decolar." O avião avançou pela pista, pulando nos buracos enquanto ganhava velocidade. Foi uma decolagem diferente de todas que eu já vira. A mais de cento e sessenta quilômetros por hora subimos num ângulo que me achatou as costas contra o encosto da poltrona. De repente,

as estrelas encheram o céu e as luzes de Maryland se transformaram numa tela iluminada.

"Vamos seguir a duzentos nós", o piloto disse. "Posto de Comando aeronave 30601. Flaps em posição. Executar." Olhei de relance para Lucy, que estava atrás do copiloto tentando acompanhar seus movimentos, atenta a cada palavra, provavelmente tentando guardar tudo na memória. Laurel voltou com o café, mas nada poderia me manter acordada. Cochilei a trinta e cinco mil pés de altura, enquanto o avião voava para o oeste a mais de mil quilômetros por hora. Acordei quando estabeleceram contato com a torre.

Sobrevoamos Salt Lake City e descemos, e Lucy não voltaria ao mundo real enquanto a conversa na cabine prosseguisse. Percebeu que eu a observava, mas não desviou a atenção. Nunca conhecera alguém como ela durante toda a minha vida. Ela tinha uma curiosidade voraz a respeito de tudo que pudesse ser montado, desmontado, programado e, no geral, fazer o que ela quisesse. As pessoas eram a única coisa que ela não entendia direito.

Clover Control nos mandou para Dugway Range Control e logo recebíamos instruções para aterrissar. Apesar do que fora dito a respeito do comprimento da pista, deu a impressão de que seríamos arrancados dos lugares quando o jato pousou na pista iluminada a perder de vista, rugindo e reduzindo a velocidade. A parada foi tão abrupta que eu não entendi como era fisicamente possível. Cheguei a imaginar que os pilotos estavam em treinamento.

"Pouso perfeito", um deles disse, sorridente.

15

Dugway era do tamanho de Rhode Island, e duas mil pessoas moravam na base. Mas não dava para ver nada quando chegamos, às cinco e meia da manhã. Laurel nos levou até um soldado que nos mandou entrar no caminhão e seguiu para um local onde poderíamos descansar um pouco e nos lavar. Não haveria tempo para dormir. O avião decolaria naquele mesmo dia, e nós precisávamos estar a bordo.

Lucy e eu fomos para o Antelope Inn, na frente do Community Club. Alojaram-nos num apartamento do primeiro andar, com duas camas de carvalho claro e carpete azul. Dava vista para o quartel, do outro lado da pista, onde as luzes começavam a se acender com a chegada da manhã.

"Sabe, nem adianta tomar uma ducha, teremos de vestir as mesmas roupas sujas", Lucy disse, deitando-se na cama.

"Tem razão", concordei, tirando o sapato. "Posso apagar a luz?" "Por favor." O quarto ficou escuro e de repente senti-me enternecida. "Parece a festa do pijama." "É, só que no inferno." "Você se lembra de quando ia para a minha cama, quando era pequena?", falei. "Quantas vezes passamos mais da metade da noite conversando. Você nunca queria saber de dormir, sempre pedia para eu ler mais uma história. Eu ficava exausta."

"Pelo que me lembro, era o oposto. Eu queria dormir e você não deixava."

"Imagine."

"Você me mimava." "Não mimava. Você era insuportável, muitas vezes. Mas eu sentia pena de você e queria ser gentil." Um travesseiro voou no escuro e me atingiu na cabeça. Joguei-o de volta. Então Lucy pulou da cama dela para a minha, mas quando chegou ficou sem saber o que fazer. Não tinha mais dez anos e eu

não era Janet. Levantou-se e voltou para sua cama, ajeitando o travesseiro.

"Pelo jeito, você já sarou", ela disse.

"Melhorei um pouco. Vou sobreviver." "Tia Kay, o que você pretende fazer a respeito de Benton? Até parece que você nem pensa mais nele, atualmente." "Ah, claro que penso", respondi. "Mas as coisas escaparam um pouco do nosso controle ultimamente, para dizer o mínimo." "As pessoas sempre dão a mesma desculpa. Eu já deveria ter imaginado. Ouvi isso da minha mãe a vida inteira." "Mas não de mim", falei.

"A questão é essa. O que você pretende fazer com ele? Vocês poderiam se casar." A mera ideia me enervou novamente. "Duvido que isso seja possível, Lucy." "Por que não?" "Acho que só sei viver do meu jeito, e não tenho mais como mudar. Seria pedir demais." "Você precisa viver, também." "Creio que sim", falei. "Mas não quero levar a vida que todo mundo acha melhor para mim." "Você sempre me aconselhou", ela disse. "Talvez tenha chegado minha vez, agora. Acho que não deveria se casar, mesmo." "Por que não?" Fiquei mais curiosa do que surpresa.

"Porque acredito que ainda não deixou Mark para trás. Até ser capaz disso, não deve se casar. Não seria capaz de se entregar totalmente, entende?" Senti tristeza e alívio por ela não poder me ver no escuro. Pela primeira vez em nossas vidas, falei a ela como amiga íntima, com toda a confiança.

"Nunca superei a perda dele e talvez nunca consiga superar", confessei. "Afinal, ele foi meu primeiro amor." "Sei de tudo a respeito disso", minha sobrinha disse. "Temo que não haja ninguém a meu lado, caso aconteça alguma coisa. E não quero passar o resto da vida sem o que tenho agora. Sem ter alguém com quem possa falar de tudo, alguém que se importe comigo e seja gentil." Ela hesitou, e o que disse a seguir foi terrivelmente doloroso. "Alguém que não sinta ciúme nem se aproveite dos outros." "Lucy", falei, "Ring nunca mais usará um distintivo de policial na vida. Mas só você mesma

pode tirar de Carrie o poder que ela tem sobre você." "Ela não tem poder nenhum sobre mim", Lucy respondeu, furiosa.

"Claro que tem. E eu posso entender isso. Também sinto muita raiva dela." Lucy permaneceu em silêncio por um momento, depois falou em voz baixa: "Tia Kay, o que vai acontecer comigo?"

"Não sei dizer, Lucy", respondi. "Desconheço a resposta. Mas prometo que estarei a seu lado em todos os momentos." O caminho tortuoso que a levava até Carrie acabou nos conduzindo de volta à mãe de Lucy, ou seja, a minha irmã. Conteí diversas passagens de minha infância e adolescência e fui honesta com Lucy a respeito de meu casamento com seu ex-tio Tony. Conteí como era chegar à minha idade sabendo que dificilmente teria filhos. Naquela altura o dia já clareava, aproximava-se a hora de agir. O motorista do comandante da base nos aguardava às nove, era um jovem soldado que nem barba direito tinha.

"Um sujeito chegou logo depois de vocês", ele disse, pondo os óculos Ray-Ban. "Do FBI, de Washington." Ele parecia muito impressionado com o fato, e obviamente não sabia quem era Lucy. A expressão no rosto dela não mudou quando perguntei: "E o que ele faz no FBI?"

"Acho que é um cientista ou algo parecido. Do alto escalão", ele disse, olhando para Lucy, que chamava a atenção mesmo depois de passar a noite em claro.

O cientista era Nick Gallwey, chefe da Equipe de Emergência do FBI, um especialista forense de considerável reputação. Conhecíamos-nos havia anos, e quando ele entrou no salão me abraçou antes de apertar a mão de Lucy.

"Mas que prazer encontrá-la aqui, agente especial Farinelli. Quer saber de uma coisa, andam falando de você um bocado", ele disse. "Pelo que entendi, Kay e eu ficamos com o serviço sujo enquanto você mexe no computador." "Sim, senhor", ela disse em tom de brincadeira.

"Dá para tomar café da manhã em algum lugar, por aqui?", Gallwey perguntou ao soldado, que estava confuso e embaraçado

com a situação.

Ele nos levou na Suburban do comandante, sob o céu infinito. Cadeias montanhosas erguiam-se a oeste, distantes. A flora do deserto era composta de sálvia, pinheiros e abetos pequenos e retorcidos, em razão da falta de chuva. A estrada mais próxima ficava a sessenta quilômetros daquela base, conhecida como Lar dos Mustangs, composta de bunkers que serviam de depósitos de munição, armamentos da Segunda Guerra Mundial e vasto espaço aéreo proibido. Havia sinais do sal das águas que secaram havia muito tempo. Vimos um antílope-cabra e uma águia.

Uma estrada precária nos levaria até a área de testes, situada a uns quinze quilômetros da parte residencial da base. O refeitório ficava no caminho, e nós paramos apenas para tomar café e comer sanduíche de ovo. Chegamos à área de testes, uma série de prédios modernos grandes, amontoados num terreno cercado por alambrado com arame farpado no alto.

Vi avisos por toda parte alertando que intrusos não eram bem-vindos e seriam abatidos a tiros. Códigos nos edifícios indicavam o que havia dentro deles, e reconheci os símbolos do gás mostarda e dos gases paralisantes, além dos indicativos dos vírus Ebola, Anthrax e Hanta. As paredes de concreto tinham sessenta centímetros de espessura, segundo o soldado. Havia refrigeradores à prova de explosão. A rotina não era diferente daquela que eu já conhecia. Os guardas nos levaram para o setor de descontaminação. Lucy e eu seguimos para o vestiário feminino e Gallwey, para o masculino.

Tiramos as roupas e pusemos a farda verde do exército. Por cima, os trajes de proteção com estampa de camuflagem, capuzes com visor, luvas e botas de borracha grossas. Assim como os trajes azuis do cnc e do usamriid, aqueles se ligavam ao suprimento de ar existente na câmara, no caso, de aço inoxidável do piso ao teto. Tínhamos um sistema completamente fechado, com filtros duplos de carbono, onde veículos contaminados, como tanques de guerra, podiam ser pulverizados com vapores e produtos químicos. O exército assegurava que poderíamos trabalhar ali o tempo necessário, sem que ninguém corresse riscos.

Seria até concebível que alguma prova pudesse ser descontaminada e salva. Mas era difícil dizer. Nenhum de nós jamais lidara com um caso semelhante. Começamos por abrir a porta do trailer e iluminar melhor a parte interna. A movimentação era difícil, o piso de aço zunia como uma lâmina de serrote quando andávamos sobre ele. Acima de nós, um especialista do exército ocupava a sala de controle, por trás do vidro, monitorando nossas atividades.

Entrei primeiro, novamente, pois queria examinar minuciosamente a cena do crime. Gallwey começou a fotografar as marcas de arrombamento da porta e a pulverizar a parte externa, em busca de impressões digitais. Lá dentro, eu olhava tudo como se nunca tivesse estado lá antes. A saleta que normalmente conteria um sofá e uma mesa fora transformada num laboratório cheio de equipamento sofisticado que não era nem novo nem barato.

O coelho ainda vivia, e eu lhe dei comida e pus a gaiola em cima de um balcão de madeira compensada pintada de preto. Havia uma geladeira sob o balcão, e dentro dela encontrei Vero e fibroblastos pulmonares de embriões humanos. Eram culturas de tecidos rotineiramente usadas para desenvolver poxvírus, assim como há fertilizantes especiais para certas plantas. Para manter tais culturas, o fazendeiro maluco daquele laboratório móvel contava com um bom suprimento de meio essencial mínimo Eagle, suplementado com dez por cento de soro fetal de vitela. Isso e o coelho provavam que Deadoc não queria apenas manter o vírus, ele estava em pleno processo de disseminá-lo quando ocorreu o desastre.

Ele mantivera o vírus num freezer de nitrogênio líquido que não precisava ser ligado na tomada, bastando trocar o conservante periodicamente, transcorridos alguns meses. Parecia uma garrafa térmica de aço de cinquenta litros, e quando desenrosquei a tampa puxei sete tubos que, de tão antigos, eram feitos de vidro e não de plástico. Os códigos que deveriam identificar a doença não guardavam a menor semelhança com os que eu conhecia, mas havia uma data, 1978, e a localização: Birmingham, Inglaterra, em letras minúsculas escritas com tinta preta. Devolvi os tubos de terror congelado a seu frio recipiente e prossegui minha busca. Achei vinte

frascos de spray facial Vita e seringas para tuberculina que o assassino indubitavelmente usara para inocular o vírus nos frascos.

Claro, havia pipetas e bombas de borracha, placas de Petri e frascos com tampas de rosca nos quais o vírus estava sendo cultivado. O meio interno era rosado. Se assumisse uma coloração amarelada mais clara, o equilíbrio do PH indicaria produção deteriorada, acidez, significando que as células contaminadas com o vírus não haviam recebido por algum tempo os banhos de tecidos ricos em nutrientes.

Eu me lembrava o suficiente das aulas da faculdade de medicina e dos cursos de especialização em patologia para saber que as células precisavam ser alimentadas para que houvesse a propagação de um vírus. Isso era feito na cultura rosada, que precisava ser aspirada com uma pipeta a intervalos de poucos dias, quando os nutrientes se esgotavam. A coloração rosada da cultura mostrava que isso fora feito recentemente, nos últimos quatro dias com certeza. Deadoc era meticuloso. Cultivava a morte com amor e carinho. Contudo, havia dois frascos quebrados no chão, talvez por causa do coelho infectado solto dentro do trailer, depois de ter escapado acidentalmente da gaiola. Não vi sinais de suicídio lá dentro, mas sim de uma catástrofe inesperada que obrigara Deadoc a fugir.

Lentamente, prossegui a investigação. Entrei na cozinha, onde uma tigela e um garfo solitários haviam sido lavados e deixados para secar na pia, sobre um pano de prato. Os armários estavam em ordem também, havia temperos básicos, caixas de cereais matinais e arroz, latas de sopa de vegetais. Na geladeira encontrei leite desnatado, suco de maçã, cebola e cenoura, mas nada de carne. Fechei a porta, cada vez mais intrigada. Quem era ele? O que fazia naquele trailer, dia após dia, além das bombas de vírus? Assistia televisão? Lia? Comecei a procurar roupas, abrindo as gavetas, mas não dei sorte. Se aquele sujeito passava muito tempo ali, por que não havia roupas, exceto as que tinha no corpo? Por que nada de fotografias, ou lembranças pessoais? E os livros, catálogos para aquisição de células, culturas de tecidos, material de referência para

doenças infecciosas? E, o mais óbvio de tudo, o que acontecera com o veículo que rebocava o trailer? Quem partira nele, e quando? Passei mais algum tempo no quarto, olhando para o carpete escurecido pelo sangue que manchara outros cômodos quando arrastamos o corpo para fora. Não sentia nenhum cheiro nem ouvia ruídos exceto o do ar circulando pelo traje, quando parei para trocar a bateria de quatro horas de duração. Aquele quarto, como o resto do trailer, era genérico, e eu puxei a colcha de estampa florida, descobrindo que o travesseiro e os lençóis estavam amarrotados de um lado. Alguém dormira ali. Encontrei um cabelo grisalho curto e o recolhi com a pinça, recordando que o cabelo do sujeito morto era preto e comprido.

A reprodução da paisagem marinha na parede era ordinária. Peguei-a para ver se encontrava alguma indicação de onde fora emoldurada. Tentei o sofazinho dobrável sob a janela, do outro lado da cama. Estava fechado, coberto de vinil verde-forte, e sobre ele havia um cacto, a única coisa viva no trailer além do que estava na gaiola, no incubador e no freezer. Escavei a terra com os dedos, não estava seca demais, depois a coloquei sobre o carpete e abri o sofá.

A julgar pelas teias de aranha e pela poeira, fazia muito tempo que ele não era aberto. Encontrei um gatinho de borracha, um boné azul desbotado e um cachimbo de sabugo de milho com a ponta mastigada. Aquilo não pertencia à pessoa que usara o trailer recentemente, ela nem notara os objetos. Imaginei que o trailer era usado ou pertencera a alguém da família. De quatro, vasculhei o piso até encontrar o cartucho e a bucha. Guardei os dois nos sacos para provas.

Lucy estava sentada no laptop quando voltei para a área do laboratório.

"Senha para a proteção de tela", ouvi quando ela disse no microfone ativado por voz.

"Eu já esperava que você fosse encontrar alguma dificuldade", falei.

Ela já estava religando a máquina e entrando no dos. Em poucos minutos resolveria a questão da senha, eu sabia, pois a vira fazer isso antes.

"Kay", ouvi a voz de Gallwey dentro do meu capuz. "Encontrei uma coisa aqui." Desci os degraus cautelosamente, para que o tubo de ar não enroscasse em nada. Gallwey estava na frente do trailer, agachado na área onde o número de identificação do veículo fora raspado da chapa. Ele lixara o metal com lixa d'água e estava aplicando uma solução de cloreto de cobre e ácido clorídrico para remover o metal danificado e restaurar o número de série que continuava ali embaixo, embora o assassino acreditasse tê-lo eliminado.

"As pessoas não fazem ideia de quanto é difícil remover a identificação de um veículo", sua voz surgiu em meu ouvido.

"A não ser ladrões de carros profissionais", falei.

"Bem, no caso temos um amador. Fez um serviço péssimo." Ele tirou fotografias. "Acho que consegui." "Vamos torcer para que o trailer esteja registrado", falei.

"Quem sabe? A gente pode dar sorte." "E as digitais?" A porta e o alumínio em torno estavam cobertos do pó preto usado para descobrir impressões digitais.

"Algumas, mas só Deus sabe de quem", ele disse ao se levantar e endireitar as costas. "Num minuto, vou cuidar da parte interna." Enquanto isso Lucy cuidava do computador e, como eu, não descobrira nada que ajudasse a revelar a identidade de Deadoc. Mas ela encontrou os arquivos de nossas conversas na sala de bate-papo, e foi horrível ver tudo aquilo na tela, imaginar quantas vezes ele relera os diálogos. Havia registros detalhados documentando a propagação do vírus nas células, o que era interessante. Pelo jeito o serviço fora iniciado no outono, menos de dois meses antes do surgimento do torso.

No final da tarde havíamos feito tudo que era possível, sem conseguir nenhuma revelação contundente. Tomamos duchas químicas e o trailer foi pulverizado com formalina. Continuei usando

a roupa verde do exército, pois não queria pôr minhas roupas depois do que elas haviam passado.

"Você ficou horrorosa com essa roupa", Lucy comentou quando saímos do vestiário. "Podia usar um colar de pérolas, pelo menos. Se arrumar um pouco." "Você às vezes parece o Marino falando", retruquei.

Os dias foram passando, chegamos ao final da semana sem resultados concretos. Era de enlouquecer. Eu esquecera o aniversário de minha mãe. Ele nem me passara pela cabeça.

"Como assim? Você está com Alzheimer, agora?", ela me disse pelo telefone, impiedosa. "Antes, você não vinha aqui. Agora, nem se dá ao trabalho de telefonar. Sabe, eu estou ficando velha." Ela começou a chorar, e me deu vontade também.

"No Natal", falei, como fazia todos os anos. "Vamos passar o Natal juntas. Darei um jeito. Levarei Lucy. Prometo. Não falta muito tempo." Segui para o centro, dirigindo distraída, exausta até a medula. Lucy tinha razão. O assassino só usava a linha telefônica do trailer para entrar na AOL, e no final caía tudo no número de cartão de crédito roubado de Perley. Deadoc não ligou mais. Tornou-se para mim uma obsessão conferir a caixa de correspondência eletrônica e por vezes, quando dava por mim, eu estava na sala de batepapo, sem ter certeza sequer de que o FBI continuava a vigiá-la.

A fonte do vírus encontrado no freezer de nitrogênio do trailer era ignorada. As tentativas de mapear seu DNA prosseguiram, e os cientistas do cdc sabiam que o vírus era uma mutação, mas não conheciam suas características. Até então, primatas vacinados contra varíola continuavam suscetíveis a ele. Mais quatro pessoas, inclusive dois pescadores em Crisfield, apresentaram sintomas atenuados da moléstia. Ninguém mais ficou doente na vila de pescadores, que seguia em quarentena, enquanto sua economia afundava. Em Richmond, apenas Wingo adoeceu, seu corpo esguio e seu rosto suave se cobriram de pústulas. Não permitiu que eu o visitasse, apesar da minha insistência.

Eu estava arrasada, sentia dificuldade para me concentrar em outros casos sem conhecer o desfecho deste. Sabíamos que o sujeito morto no trailer não podia ser Deadoc. As impressões digitais identificaram um mendigo com ficha extensa na polícia, condenado várias vezes por furto e drogas, além de duas agressões e uma tentativa de estupro. Quando forçou a porta do trailer com a faca, gozava de liberdade condicional, e ninguém mais duvidava que sua morte a bala havia sido um homicídio.

Cheguei ao departamento às oito e quinze. Quando Rose me ouviu, entrou na sala.

"Espero que você tenha descansado um pouco", disse, mais preocupada comigo do que nunca.

"Descansei bastante, obrigada por se preocupar." Sorri. Seus cuidados me faziam sentir culpa e vergonha, como se eu fosse uma pessoa ruim. "Novidades?" "Nada a respeito de Tangier." Notei a ansiedade em seus olhos. "Tente tirar isso da cabeça, doutora Scarpetta. Temos cinco casos esta manhã. Veja em cima de sua mesa. Se conseguir encontrar algo lá. A correspondência atrasou pelo menos duas semanas, e também os relatórios, pois você não deixou nada ditado." "Eu sei, eu sei, Rose", falei com jeito. "Vamos cuidar das prioridades. Tente ligar para Phyllis novamente. E se continuarem dizendo que ela tirou licença para tratamento de saúde, consiga o número de onde ela está. Telefonei para a casa dela várias vezes, mas ninguém atendeu." "Se eu conseguir falar com ela, quer que transfira para cá?" "Imediatamente", respondi.

Isso ocorreu quinze minutos depois, quando eu já ia sair para a reunião com a equipe. Rose avisou que Phyllis Crowder estava na linha.

"Onde foi que você se meteu? E como você está?", perguntei.

"Peguei uma gripe daquelas", ela disse. "Você nem imagina."

"Eu também peguei, ainda não me recuperei totalmente", falei. "Tentei ligar para sua casa em Richmond."

"Ah, mas eu estou na casa de minha mãe, em Newport News. Sabe, eu trabalho quatro dias por semana, e há anos passo os

outros três aqui." Eu não sabia. Nunca mantivemos contato fora do trabalho.

"Phyllis", falei, "lamento incomodá-la quando está doente, mas preciso de sua ajuda. Em 1978 houve um acidente num laboratório de Birmingham, na Inglaterra, onde você trabalhou. Consegui poucas informações a respeito, só que uma fotógrafa especializada em medicina estava no laboratório de varíola..." "Sim, isso mesmo", ela me interrompeu. "Conheço o caso. Supostamente a fotógrafa sofreu exposição ao vírus por um duto de ventilação e morreu. O virologista cometeu suicídio. O caso era citado sempre pelas pessoas que defendiam a destruição de todas as amostras congeladas de vírus." "Você trabalhava lá quando isso aconteceu?" "Não, graças a Deus. Aconteceu alguns anos depois da minha época. Eu já estava morando nos Estados Unidos." Fiquei decepcionada, e ela sofreu um ataque de tosse que praticamente a impedia de falar.

"Desculpe", ela disse, tossindo. "Nessas horas, a gente odeia morar sozinha." "Não tem ninguém cuidando de você?" "Não." "E como você tem feito para comer?" "Dou um jeito." "Posso levar alguma coisa", ofereci.

"Não precisa se incomodar." "Posso ajudá-la, se você me ajudar", acrescentei. "Você tem algum registro de Birmingham? A respeito das pesquisas que realizavam lá na época? Qualquer coisa que eu possa ver?"

"Sim, perdido em algum lugar desta casa, com certeza." "Ache e eu levarei uma sopa para você." Saí em cinco minutos, correndo para pegar o carro. Em casa tirei vários potes de sopa caseira do freezer, depois enchi o tanque de gasolina e peguei a rodovia 64 no rumo leste. Avisei Marino pelo telefone do carro o que eu estava fazendo.

"Você realmente pirou, desta vez", ele criticou. "Viajar quase duzentos quilômetros para levar sopa para alguém? Devia ter ligado para o Domino's." "O problema não é esse. Vá por mim, valerá a pena." Pus os óculos escuros. "Pode haver algo lá. Talvez ela saiba de algo que possa nos ajudar." "Tudo bem, avise-me se descobrir

algo", ele disse. "Mande um aviso pelo pager, tá?" "Combinado." O trânsito fluía bem naquela hora do dia, e programei o controle de velocidade em cento e dez por hora, para não ser multada. Em menos de uma hora eu passei por Williamsburg, vinte minutos mais tarde seguia as instruções dadas por Crowder e tentava localizar sua casa em Newport News. O bairro se chamava Brandon Heights e era uma mistura de classe média e alta. As casas aumentavam de tamanho conforme eu me aproximava do rio James. A dela era um sobrado modesto pintado recentemente de branco, com jardim e quintal bem cuidados.

Estacionei atrás de uma perua e peguei a sopa, a bolsa e a valise médica. Quando Phyllis Crowder abriu a porta percebi que sua condição era péssima. Rosto pálido, olhos vermelhos, ardia em febre. Usava um robe de flanela e chinelo de couro que pareciam ter pertencido antes a um homem.

"Mal posso crer em tanta gentileza", ela disse, convidando-me a entrar. "Você é um anjo, ou então doida." Entrei, parando para olhar as fotografias emolduradas no hall de entrada escuro revestido de madeira. A maioria era de pessoas caminhando nas montanhas ou pescando, e percebi que eram bem antigas. Meus olhos se fixaram numa delas, que mostrava um sujeito de chapéu azul-claro com um gato no colo e cachimbo de sabugo de milho na boca. Ele sorria.

"Meu pai", Crowder disse. "Meus pais moraram aqui, e antes deles meus avós. São aqueles ali." Ela apontou para a foto. "Quando os negócios de meu pai começaram a ir mal na Inglaterra ele resolveu se mudar para cá, e vieram morar com a família de minha mãe." "E você?" "Fiquei por lá, para terminar os estudos." Examinando-a, não acreditei que fosse tão velha quanto tentava me fazer crer.

"Você sempre insinua que é um dinossauro, comparada comigo", falei. "Mas não consigo me convencer disso." "Talvez o tempo tenha sido mais gentil com você." Seus olhos febris fixaram-se nos meus.

"Você ainda tem parentes vivos?", perguntei, ainda examinando as fotografias.

"Meus avós faleceram há uns dez anos, meu pai há cinco. Depois disso, passei a vir para cá todos os finais de semana, para cuidar de minha mãe. Ela viveu mais algum tempo." "Deve ter sido difícil conciliar isso com sua carreira", falei, olhando para uma foto antiga em que ela ria ao exibir uma truta, em cima do bote.

"Você não quer entrar e sentar um pouco?", ela perguntou. "Vou guardar isso na cozinha." "Não, mostre o caminho que eu mesma levo. Poupe suas forças", insisti.

Ela me levou através da sala de jantar que aparentemente não era usada havia muitos anos, no lugar do candelabro pendiam dois fios elétricos, acima da mesa empoeirada, as cortinas haviam sido trocadas por persianas. Quando entramos na cozinha, antiga e espaçosa, senti os pêlos da nuca se arrepiarem. Fiz o possível para manter a calma ao colocar as vasilhas de sopa sobre o balcão.

"Quer chá?", ela perguntou.

Tossia pouco, no momento, e embora estivesse gripada, não fora isso que a afastara do serviço, inicialmente.

"Não, obrigada", respondi.

Ela sorriu para mim, mas seus olhos eram penetrantes, e quando nos sentamos à mesa de café eu tentava freneticamente pensar no que devia fazer. Minhas suspeitas não podiam ter fundamento. Ou eu deveria ter concluído tudo antes? Éramos amigas havia mais de quinze anos. Trabalhamos juntas em diversos casos, trocamos informações e confidências femininas. Nos velhos tempos tomávamos café e fumávamos. Eu a considerava interessante, brilhante e seguramente nunca percebi nada de sinistro a seu respeito. Contudo, sabia que era isso que as pessoas diziam do vizinho assassino serial, violador de crianças, estuprador.

"Então, vamos conversar a respeito de Birmingham", sugeri.

"Isso mesmo." Ela não sorria mais.

"A fonte de vírus congelado foi localizada", falei. "Nos frascos há rótulos com a data de 1978 e o local, Birmingham. Imaginei que o laboratório andou pesquisando cepas de vírus da varíola mutantes

ou coisas do gênero. Você sabe de algo...?" "Eu não estava lá em 1978", ela me interrompeu.

"Acho que você estava lá, sim, Phyllis." "Não faz diferença." Ela se levantou para acender o fogo da chaleira.

Não falei nada, esperando até que se sentasse novamente.

"Estou doente, e a esta altura você também deve estar", ela disse, e eu sabia que não se referia à gripe.

"Fico surpresa ao ver que você não criou sua própria vacina antes de iniciar tudo isso", falei. "Parece um descuido incompatível com uma pessoa tão meticulosa." "Eu não ia precisar de vacina nenhuma se aquele filho da mãe não entrasse e estragasse tudo", respondeu, agressiva. "Aquele porco nojento." Enfurecida, ela engasgou.

"Enquanto você estava na AOL falando comigo", provoquei. "Por isso continuou on-line e não saiu da sala de bate-papo. Ele estava arrombando a porta do trailer. Você atirou no sujeito e fugiu na perua. Aposto que passava os finais de semana prolongados na ilha Janes, passando sua querida doença para novos recipientes, alimentando seus vírus." Senti que minha raiva crescia conforme eu falava. Ela não parecia se importar, mas estava gostando.

"Depois de tantos anos de prática médica, para você as pessoas não passam de lâminas no microscópio e placas de Petri? Vi as pessoas que você contaminou." Aproximei-me dela. "Uma senhora idosa faleceu solitária em seu leito pútrido, sem ter ninguém que ouvisse seus apelos e pedidos de água. Agora Wingo nem sequer permite que eu o visite. Um jovem adorável, decente, gentil. Está morrendo. Você o conhece! Já estive em seu laboratório! Que mal ele lhe fez?" Ela permaneceu imóvel, também tomada pela raiva.

"Você deixou o spray Vita para Lila Pruitt nas caixas onde ela vendia receitas por um quarto de dólar. Corrijame se eu estiver errada. Ela pensou ter recebido o frasco pelo correio e que o carteiro o deixara no lugar errado. Quanta gentileza mandarem uma amostra grátis de spray facial. Ela o usou logo. Mantinha o spray na penteadeira, e o usava sempre para aliviar a dor." Minha colega permaneceu em silêncio, mas seus olhos brilhavam.

"Você provavelmente despachou suas bombinhas biológicas para Tangier de uma vez só", falei. "Depois deixou as outras no departamento, para mim e minha equipe. Qual era seu plano, depois disso? Contaminar o mundo?" "Talvez", foi só o que ela disse.

"Por quê?" "As pessoas fizeram isso comigo primeiro. Olho por olho, dente por dente." "O que alguém pode ter feito a você que se aproxime de tamanha monstruosidade?" Controlei a voz com muito esforço.

"Tudo aconteceu em Birmingham. O acidente. Concluíram que eu era parcialmente responsável e me obrigaram a pedir demissão. Foi uma completa injustiça, um revés no início de minha carreira. Fiquei apavorada. Meus pais tinham se mudado para os Estados Unidos para morar aqui, nesta casa. Eles gostavam da vida ao ar livre. Acampar, pescar. Todos eles." Por um longo tempo, seus olhos se perderam no nada, como se contemplasse novamente aquela época.

"Não faz muita diferença, mas dei duro. Consegui outro emprego em Londres, muito inferior ao que tinha antes." Seus olhos se fixaram nos meus. "Não era justo. O acidente foi causado pelo virologista. Mas, como eu estava lá naquele dia e ele convenientemente se matou, ficou fácil pôr a culpa em mim. Além disso, eu era muito jovem, quase uma menina." "Então você roubou o vírus antes de ir embora", falei.

Ela sorriu friamente.

"E o guardou durante todos esses anos?" "Não é difícil quando em todos os lugares onde a gente trabalha há freezers de nitrogênio. Além disso, eu gostava de cuidar do material", ela disse com orgulho. "Salvei-o." "Por quê?" "Por quê?", ela gritou. "Eu estava pesquisando o vírus quando ocorreu o acidente. Era meu. Então peguei amostras dele e de outras experiências antes de partir. Por que deveria deixar tudo para eles? Não teriam a capacidade de fazer o que fiz." "Mas não se trata de varíola. Não do tipo que conhecemos." "Bem, então é ainda pior, não concorda?" Seus lábios tremiam de emoção enquanto recordava aquela época. "Eu introduzi o DNA do vírus da varíola símia no genoma do vírus da varíola."

Ela estava perdendo o controle, suas mãos tremiam enquanto limpava o nariz com um lenço.

"E depois, no início do ano acadêmico, fui preterida para a chefia do departamento", ela prosseguiu, com olhos inflamados, cheios de lágrimas ressentidas.

"Phyllis, isso não é justo..." "Cale a boca!", gritou. "Depois de tudo que fiz por aquela escola! Era a mais antiga, havia ensinado todo mundo, inclusive você. E eles deram a chefia a um homem, só porque eu não tinha doutorado. Tenho apenas mestrado", ela desabafou.

"Entregaram a chefia a um patologista formado por Harvard, cuja capacidade para assumir o cargo era indiscutível", afirmou objetivamente. "E isso não importa. Nada justifica o que você fez. Guardou um vírus todos esses anos, só para causar essa desgraça toda?" A chaleira silvava em tom agudo. Levantei-me e apaguei o fogo.

"Não era a única doença exótica que eu tinha em meus arquivos de pesquisa. Colecionei várias", ela disse. "Na verdade, imaginava um dia iniciar um projeto de pesquisa importante. Estudar os vírus mais temidos e descobrir algo importante sobre o sistema imunológico humano que poderia nos proteger de pragas como a aids. Achava que podia ganhar o Prêmio Nobel." Ela ficou surpreendentemente quieta, como se estivesse contente consigo. "Mas não, eu não posso dizer que minha intenção em Birmingham era um dia espalhar uma epidemia." "Bem, você falhou", apontei.

Seus olhos se estreitaram, malévolos, quando ela me encarou.

"Ninguém mais ficou doente, com exceção das pessoas que usaram o spray facial", falei. "Fui exposta a diversos pacientes e estou bem. O vírus que você criou não se reproduz, contamina apenas a primeira vítima, sem se multiplicar. Não há transmissão para outras pessoas. Nenhuma epidemia. Você só conseguiu provocar pânico, espalhar doença e morte para um punhado de vítimas inocentes. Arrasou a atividade econômica de uma ilha que vivia de pescar apenas, cheia de gente humilde que provavelmente

nunca ouviu falar no Prêmio Nobel." Recostei-me na cadeira e a observei, mas ela não parecia se importar.

"Por que você mandou fotografias e mensagens para mim?", indaguei. "As fotografias foram tiradas na sala de jantar, em cima da mesa. Quem foi sua cobaia? Sua própria mãe, idosa e enferma? Você pulverizou o vírus nela para ver se a ideia funcionava? E quando conseguiu seu intento, deu um tiro na cabeça dela? Depois a desmembrou com uma serra de autópsia para ninguém relacionar aquela morte com seu projeto de disseminar a doença nos frascos de spray?" "Você se acha tão esperta", ela disse, Deadoc disse.

"Assassinou sua própria mãe e a embrulhou num pano emborrachado porque não suportava olhar para ela enquanto a desmembrava." Ela desviou os olhos no momento em que meu pager soou. Peguei-o e vi o número de Marino. Puxei meu telefone celular, sem tirar os olhos dela.

"Sim?", falei quando ele atendeu.

"Temos uma pista do trailer", ele disse. "Conseguimos localizar o fabricante, e um endereço em Newport News. Achei que ia gostar de saber. Os agentes estão a caminho daí." "Preferia que o FBI tivesse descoberto isso um pouco antes", falei. "Estarei aqui para receber os agentes quando chegarem." "Como é que é?" Desliguei o telefone.

"Comuniquei-me com você por saber que me daria atenção." Crowder continuava falando alto. "E para fazer com que você fosse finalmente derrotada. A grande legista. A famosa chefe do Departamento de Medicina Legal." "Você era minha amiga e colega", falei. "E eu a invejava!" Ela ofegava e seu rosto estava afogueado. "Sempre guardei muito ressentimento. Todos a tratavam muito melhor, você recebia toda a atenção. A grande doutora Scarpetta. A lenda. E agora, viu quem ganhou? No final eu venci você, certo?" Não respondi.

"Obriguei-a a correr feito barata tonta." Ela estendeu o braço para pegar um vidro de aspirina e tirar dois comprimidos. "Conduzi-a até as portas da morte, deixei-a esperando no ciberespaço. Esperando por mim!", ela disse, triunfante.

Um objeto metálico bateu com força em sua porta. Afastei a cadeira.

"O que vão fazer? Atirar em mim? Por que você mesma não faz isso? Aposto que leva uma arma na bolsa." Ela estava ficando histérica. "A minha está no quarto, e vou pegá-la agora mesmo." Ela se levantou enquanto continuavam a bater na porta. Uma voz ordenou: "Abram, é o FBI".

Agarrei-a pelo braço. "Ninguém vai atirar em você, Phyllis." "Largue-me!" "Sua punição será morrer como os outros." Segurei-a com firmeza.

"Não!", ela gritou quando a porta se abriu, batendo na parede e fazendo com que as fotografias emolduradas balançassem.

Os agentes do FBI entraram com as pistolas em punho e vi que um deles era Janet. Eles algemaram a doutora Phyllis Crowder e ela caiu no chão. Uma ambulância a transportou para o hospital geral de Sentara Norfolk, onde veio a falecer, vinte e um dias depois, algemada ao leito com o corpo coberto de pústulas. Tinha quarenta e quatro anos.

Epílogo

Não consegui tomar a decisão de imediato, deixei-a para a véspera do Ano-Novo, quando as pessoas costumam programar mudanças e fazer promessas que jamais cumprirão, bem o sabem. A neve tamborilava de leve no telhado de placas de ardósia. Wesley e eu bebericávamos champanhe sentados no chão, na frente da lareira.

"Benton", falei, "preciso ir a um lugar." Ele ficou confuso, como se eu quisesse dizer naquele exato momento, e retrucou: "Mas não há nada aberto a esta hora".

"Não é isso. É uma viagem em fevereiro, talvez. Para Londres." Ele ficou quieto, sabendo em que eu estava pensando. Deixou a taça sobre a mesa lateral e segurou minha mão.

"Eu esperava que um dia você fizesse isso", ele disse. "Por mais duro que seja, é preciso. Só assim você porá um fim a essa história e poderá ter paz de espírito." "Não sei se é possível para mim ter paz de espírito." Puxei a mão para ajeitar o cabelo. A situação era dura para ele, também. Tinha de ser.

"Você deve sentir falta dele", falei. "Nunca falou nada, mas ele era como um irmão para você. Lembro-me de quantas vezes nos encontramos, nós três. Cozinhamos, fomos ao cinema, ficamos na sala discutindo casos em andamento e as últimas maldades que o governo cometia contra nós. Como férias coletivas para conter despesas, aumento de impostos e cortes no orçamento."

Ele sorriu de leve, olhando para as chamas. "E eu ficava pensando que ele era o sujeito mais sortudo do mundo por ter conhecido você. Imaginava como seria estar a seu lado. Puxa vida, agora sei, e tinha razão. Ele teve mesmo muita sorte. Provavelmente, foi a única pessoa com quem me abri, além de você. Isso é estranho, sob certos aspectos. Mark era um dos sujeitos mais autocentrados que eu conheci, uma criatura maravilhosa, apesar de seu narcisismo egoísta. De todo modo, era um sujeito bom.

Inteligente. Acho que a gente nunca vai deixar de sentir falta de alguém como ele." Wesley usava um suéter branco de lã e calça caqui. Chegava a ser quase deslumbrante, à luz da lareira.

"Saia esta noite e desaparecerá", falei.

Ele franziu a testa, intrigado.

"Vestido assim, na neve. Se cair num buraco, só será localizado na primavera. Você deveria usar uma roupa escura, numa noite como essa. Sabe, para contrastar." "Kay, vou passar um café." "É como aquelas pessoas que compram um veículo com tração nas quatro rodas para o inverno. Escolhem um carro branco. Me diga se isso faz sentido, para sair numa estrada branca debaixo de um céu branco cercado de neve branca por todos os lados." "Do que você está falando?" Seus olhos fixaram-se nos meus.

"Não sei." Apanhei a garrafa de champanhe no balde de gelo. A água pingou no chão enquanto eu enchia novamente as taças. Eu estava na dianteira, bebera quase o dobro do que ele bebera. Enchemos o aparelho de som com cos dos anos 70, no momento o Three Dog Night sacudia as caixas acústicas da parede. Era um dos raros momentos em que eu poderia me embriagar. Não conseguia parar de pensar naquilo e repassar a cena mentalmente. Eu não sabia de nada até entrar na sala e ver os fios pendurados no teto. Então lembrei-me das mãos amputadas cheias de sangue, dos pés enfileirados. Só naquele momento minha mente percebeu a verdade. Eu não conseguia me perdoar.

"Benton", falei em voz baixa, "eu deveria ter imaginado que era ela. Deveria saber, antes de ir à casa dela e entrar, ver as fotos e a sala. Quero dizer, lá no fundo eu sabia, mas não queria admitir." Ele não fez nenhum comentário, o que considerei um endosso adicional.

"Eu deveria ter imaginado que só podia ser ela", murmurei. "Teria evitado a morte de muita gente." "Deveria é uma palavra fácil de dizer depois dos acontecimentos." Seu tom era suave, mas firme. "Os vizinhos dos Gacys, dos Bundys, dos Dahmers deste mundo são os últimos a perceber que há algo errado, Kay." "Mas eles não

sabem o que eu sei, Benton", falei, tomando mais champanhe. "Ela matou Wingo." "Você fez o possível", ele tentou me consolar.

"Sinto falta dele", eu disse, suspirando de tanta tristeza. "Não fui ao enterro de Wingo." "Vamos fazer um café", Wesley insistiu.

"Por que eu não posso devanear um pouco?" Eu não queria estar ali, presente.

Ele começou a esfregar minha nuca. Fechei os olhos.

"Por que sempre preciso ser sensata?", murmurei. "Exata a respeito disso, precisa sobre aquilo. Compatível com e característico de. Palavras frias e afiadas como as lâminas de aço que utilizo. E de que me adiantarão, no julgamento? Quando Lucy arriscar a carreira e a vida? Tudo por causa de Ring, aquele filho da mãe. Eu, a testemunha especialista. A tia querida." Uma lágrima escorreu pela minha face. "Benton, estou tão cansada." Ele se aproximou e me abraçou. Descansei a cabeça em seu ombro.

"Irei com você", disse baixinho em meu ouvido.

Pegamos um táxi preto na estação Victoria de Londres no dia 18 de fevereiro, aniversário da explosão da bomba que arrebentou uma lata de lixo e destruiu o acesso da estação do metrô, uma taberna e uma lanchonete. Destroços voaram para todos os lados, o vidro partido caiu do alto como uma chuva de estilhaços e mísseis mortíferos. O ira não escolhera Mark como alvo. Sua morte não teve nada a ver com ele ser agente do FBI. Simplesmente estava no lugar errado na hora errada, como tantas outras vítimas inocentes.

A estação estava lotada de pessoas que queriam chegar logo em casa e quase me atropelaram enquanto seguíamos para a área central onde os vendedores de passagens trabalhavam rapidamente nas cabines. Os quadros na parede indicavam horários e rotas. Havia doces e flores à venda nos quiosques, e a gente podia tirar foto para passaporte e trocar dinheiro nas máquinas. As latas de lixo ficavam dentro do McDonald's e de locais semelhantes, não vi uma única lata em locais públicos.

"Deixou de ser um bom lugar para se pôr uma bomba", Wesley comentou, tendo observado a mesma coisa.

"Vivendo e aprendendo", falei. Por dentro, eu tremia toda.

Olhei silenciosamente para as pombas que voavam lá no alto ou disputavam migalhas no chão. A entrada que dava para o hotel Grosvenor ficava próxima da Victoria Tavern, e tudo acontecera ali. Ninguém tinha certeza do que Mark estava fazendo no local naquela hora, mas supõe-se que estivesse sentado numa das mesinhas altas na frente do bar, quando a bomba explodiu.

Sabíamos que ele esperava a chegada do trem de Birmingham para se encontrar com alguém. Até hoje eu não sabia quem, pois a identidade do indivíduo não podia ser revelada por questão de segurança. Pelo menos, foi o que me disseram. Nunca chegara a entender algumas coisas, tais como a coincidência de horários e se a figura misteriosa que se encontraria com Mark morreria também. Olhei para o teto de vidro e aço, para o relógio antigo na parede de granito, para os arcos. A bomba não deixara marcas permanentes, exceto nas pessoas.

"Brighton é um lugar esquisito para se visitar em fevereiro", falei a Wesley com voz trêmula. "Por que alguém estaria voltando da praia no inverno?" "Desconheço o motivo", ele disse, olhando em torno. "Tudo isso teve a ver com terrorismo. Como você sabe, Mark investigava organizações terroristas. Ninguém comenta nada." "Certo. Ele estava investigando terroristas e morreu num atentado", falei. "Mas ninguém parece pensar que poderia haver alguma relação. Que talvez não tenha sido apenas azar." Ele não respondeu. Olhei para ele e senti a alma pesada afundar num mar escuro profundo. Pessoas, pombas e avisos constantes pelos alto-falantes se misturavam num alarido estonteante. Por um momento, tudo ficou preto. Wesley me segurou quando cambaleei.

"Você está bem?" "Quero saber quem ele esperava", falei.

"Vamos embora, Kay", ele disse carinhosamente. "Vamos para algum lugar onde você possa sentar um pouco." "Quero saber se o atentado foi deliberado, pois um determinado trem chegaria a tal hora", insisti. "Quero saber se tudo isso não foi inventado." "Inventado?", ele perguntou.

Havia lágrimas em meus olhos. "Como posso saber se não se trata de uma cortina de fumaça, um truque? Ele pode estar vivo, agindo na clandestinidade. Fazer parte do programa de testemunhas, com outra identidade." "Ele não está vivo." O rosto de Wesley revelava sua tristeza, e ele segurou minha mão. "Vamos embora." Mas eu me recusei. "Preciso saber a verdade. Se tudo realmente aconteceu como disseram. Quem ele ia encontrar e onde está essa pessoa agora?" "Não faça isso." As pessoas desviavam de nós, sem prestar muita atenção. Os pés se arrastavam como uma onda ríspida, o metal tilintava quando os operários colocavam os trilhos novos.

"Duvido que ele fosse encontrar alguém." Minha voz tremia. Enxuguei os olhos. "Acho que tudo isso é mais uma grande mentira do FBI." Ele suspirou, desviando a vista. "Não é mentira, Kay." "Então quem era? Preciso saber", gritei.

Agora as pessoas olhavam para nós. Wesley me puxou para o canto, longe do movimento, na direção da plataforma oito, onde o trem das 11h46 ia sair com destino a Denmark Hill e Peckham Rye. Ele me conduziu por uma rampa revestida de ladrilhos brancos e azuis até uma sala com bancos e armários nos quais os viajantes podiam guardar a bagagem e buscá-la depois. Eu comecei a soluçar e não consegui mais me conter. Sentia-me confusa e furiosa quando ele me levou até um canto sossegado e me ajudou a sentar num banco.

"Conte tudo", pedi. "Por favor, Benton. Preciso saber. Não me obrigue a passar o resto da vida ignorando a verdade." Falava sem parar de chorar.

Ele segurou minhas mãos. "Você pode deixar tudo isso para trás, agora. Mark está morto. Acha realmente que eu poderia me envolver com você se soubesse que ele estava vivo, em algum lugar?", ele perguntou com veemência. "Meu Deus, como você é capaz de imaginar uma coisa dessas?" "O que aconteceu com a pessoa que ele ia encontrar?", insisti.

Ele hesitou. "Morreu, infelizmente. Estavam juntos quando a bomba explodiu." "Então por que tanto segredo a respeito de quem ele era?", perguntei. "Isso não faz sentido!" Ele hesitou novamente, por mais tempo, e por um instante seus olhos se encheram de pena de mim. Parecia até que ia chorar. "Kay, não era ele. Mark estava com uma mulher." "Outra agente." Não entendi.

"Não."

"O que você quer dizer?" Aos poucos me dei conta da situação. Lentamente, pois não queria aceitar o fato, e finalmente me calei ao compreender.

"Eu não queria que você soubesse", ele disse. "Achei que você não precisava descobrir que ele estava com outra mulher quando morreu. Eles saíram do hotel Grosvenor quando a bomba explodiu. Não teve nada a ver com ele. Por azar, estava ali no momento."

"Quem era ela?" Senti-me aliviada e nauseada ao mesmo tempo.

"Seu nome era Julie McFee. Uma advogada londrina de trinta e um anos. Conheceram-se durante um caso em que ele trabalhava. Ou foram apresentados por um agente. Não sei direito."

Encarei-o. "E você sabia do caso entre eles havia quanto tempo?"

"Pouco tempo. Mark ia contar a você, não cabia a mim dizer nada." Ele tocou meu rosto, enxugando as lágrimas. "Lamento muito. Você não faz ideia de como eu me sinto. Você já sofreu demais."

"De certo modo, isso torna tudo mais fácil", falei.

Um adolescente de piercing e cabelo moicano bateu a porta do armário. Esperamos até que ele se afastasse com sua namorada vestida de couro negro.

"Típico de meu relacionamento com ele, na verdade." Eu me sentia esgotada, mal conseguia raciocinar ao me levantar. "Ele não queria compromisso, não queria correr riscos. Nunca faria isso por ninguém. Perdeu muita coisa, o que me deixa ainda mais triste."

Lá fora o vento molhava e entorpecia a pele, a fila de táxis em volta da estação era interminável. Caminhamos de mãos dadas e

compramos garrafas de Hooper's Hooch, pois era permitido beber limonada alcoólica nas ruas da Inglaterra. Policiais a cavalo passaram trotando pelo palácio de Buckingham e em St. James's Park uma banda de guardas com chapéu de pele de urso marchava enquanto os turistas tiravam fotografias. As árvores balançavam e os tambores rufavam ao longe quando chegamos a pé ao hotel Athenaeum, em Piccadilly.

"Obrigada", falei, passando o braço em volta dele. "Amo você, Benton."

FIM

Fonte arquivo .rtf



Formatação .ePub

Clubinho

2013